FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921  UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA



ANO 104 ★ Nº 34.724 | DOMINGO, 28 DE ABRIL DE 2024 | R$ 9,90

População envelhecida piora futuro da Previdência

O envelhecimento dos brasileiros e a valorização permanente do salário mínimo devem piorar o cenário futuro da Previdência. O governo Lula (PT) projeta queda nos gastos até 2028. Já no médio prazo, a despesa salta de 7,92% do PIB (Produto Interno Bruto) neste ano para 8,45% em 2040, diz projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2025. Mercado p.1

Estados apontam falta de consenso na reforma fiscal

Os governadores apresentaram uma lista de nove pontos em que não há consenso com o projeto que foi enviado pelo governo ao Congresso e vão buscar mudanças na tramitação. Entre eles estão o desenho do cashback e os repasses do Simples. Mercado p.2

cerrado loteado



Lalo de Almeida/Folhapress

COMUNIDADES TRADICIONAIS DO CERRADO SÃO ENCURRALADAS PELO AGRONEGÓCIO

Agricultores fazem pausa no trabalho de reconstrução de rancho centenário em Correntina (BA), em região disputada por fazendeiros Ambiente B4

Das boates ao reinado do pop

Biografia que antecede show de Madonna em Copacabana mostra trajetória que moldou a estrela C1

ilustrada / ilustríssima

Reprodução

Congresso tem de respeitar legislação fiscal, diz Haddad

Ministro afirma que Legislativo deve ter as mesmas obrigações que Executivo

O ministro Fernando Haddad (Fazenda) diz em entrevista a **Mônica Bergamo** que o Congresso tem de respeitar a Lei de Responsabilidade Fiscal, uma vez que está autorizado pelo STF a criar despesas no Orçamento. "Se tem as mesmas prerrogativas do Executivo, deve ter as mesmas obrigações."

Por este motivo, aponta, o governo Lula (PT) foi ao STF contra a desoneração da folha de pagamentos. "Nós temos o Orçamento fechado, com meta estabelecida. Aí vamos dar benefícios para prefeituras, governos, entidades assistenciais, taxista. Tudo bem. Mas de onde vêm as receitas?", pergunta.

Questionado sobre a alteração das metas fiscais deste ano e de 2025, Haddad afirma que o "Executivo não consegue impor sua agenda ao Legislativo".

Por meio de nota enviada neste sábado (27), o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), rebateu as críticas do ministro.

"Uma coisa é ter responsabilidade fiscal, outra bem diferente é exigir do Parlamento adesão integral ao que pensa o Executivo sobre o desenvolvimento do Brasil", declarou. Mercado p.4

Bruno Boghossian

Governo testa efeitos da coalizão com o STF A2

Política A9

Exército compra maleta espiã que liga microfone de celular e intercepta ligações

Saúde B6

Apesar de proibido pela Anvisa, cigarro eletrônico é vendido no iFood e no Rappi

PCC tinha delivery de propina, diz Promotoria

O esquema em licitações liderado por dois acusados de integrar a facção PCC tinha entrega de propina em dinheiro a vereadores e agentes públicos no estado de São Paulo, diz Ministério Público. Cotidiano B3

EDITORIAIS A2

É preciso preservar a reforma dos impostos

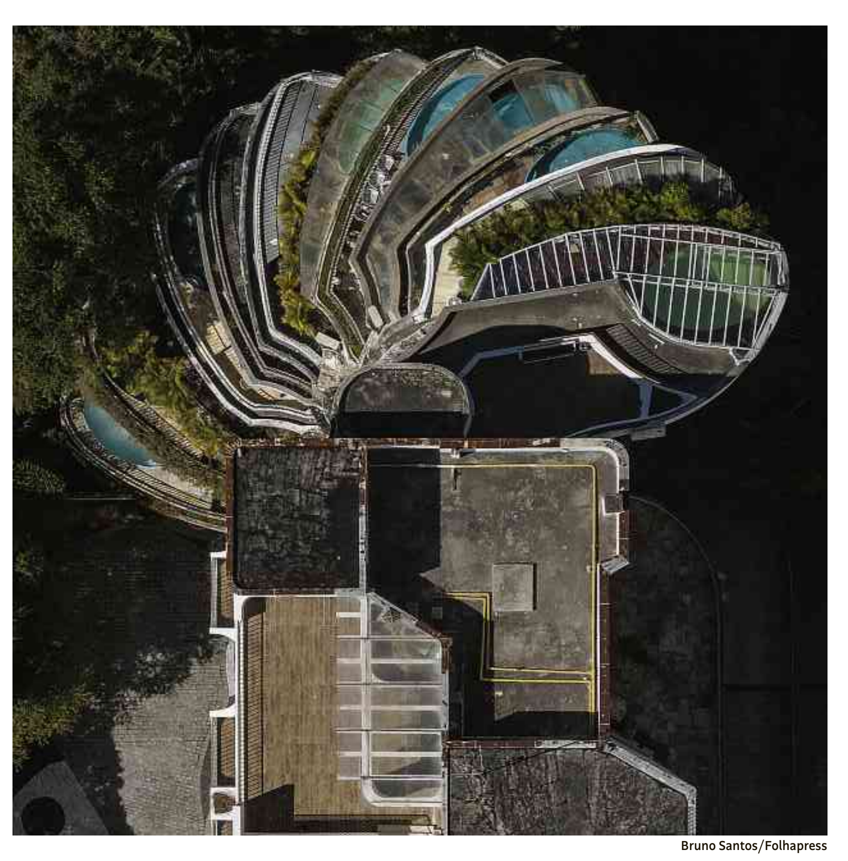
Sobre regulamentação do novo sistema tributário.

Dilema universitário

Acerca de protestos em instituições americanas.

ISSN 1414-5723





Bruno Santos/Folhapress

PRÉDIO REFLETE DESVALORIZAÇÃO DO MORUMBI

Edifício Penthouse, retrato da desigualdade do bairro da zona sul de São Paulo, em mau estado; região foi a segunda da capital com maior queda no valor do aluguel em 12 meses Cotidiano B1

Big techs e TSE embaralham cenário das redes na eleição

No centro de embates no Brasil, nos EUA e na União Europeia, as big techs devem entrar nas eleições municipais sob grande pressão. Enquanto os EUA enquadram o TikTok e os europeus regulam plataformas, no Brasil a Justiça Eleitoral aperta o cerco às empresas.

O TSE vem sendo alvo de críticas por avançar em relação ao que estabelece o Marco Civil da Internet. Da parte das big techs, que têm sido reativas a uma regulação no Congresso, não há evidências de que atuarão de modo mais efetivo no combate às fake news. Política A4

Pré-candidatos fazem vídeos e campanha vira encenação

Política A5

Ímola idolatra Senna 30 anos após acidente

Ímola, cidade do norte da Itália onde Ayrton Senna morreu há 30 anos, convive com a imagem do brasileiro como parte da paisagem e da memória coletiva, relata **Michele Oliveira**. Piloto virou estátua e ganhará mural de quatro metros de altura. Esporte B7

Eleição põe em risco partido de Nelson Mandela

Pela 1ª vez em 30 anos na África do Sul, o Congresso Nacional Africano, legenda do líder histórico, pode perder a hegemonia. O país vai às urnas em maio para formar a Assembleia Nacional. Cenário aponta para necessidade do CNA fazer alianças. Mundo A10

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Pérsio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)*, João Cestari *(tecnologia)* e Marcelo Benez *(comercial)*

Jean Galvão





EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

É preciso preservar a reforma dos impostos

Forças políticas no Congresso devem ter em mente que estão diante de uma oportunidade rara para o país e evitar que regulamentação seja desfigurada

Com o envio do primeiro projeto de lei complementar do Executivo para regulamentar a reforma dos impostos sobre o consumo, o país tem a chance de estabelecer um sistema moderno com amplo potencial para fortalecer o crescimento da economia.

A reforma cria uma tributação sobre bens e serviços dividida entre a CBS, de atribuição federal, e o IBS, a ser repartido entre estados e municípios. Haverá também um imposto seletivo sobre itens danosos à saúde e ao meio ambiente. Deixarão de existir os atuais PIS, Cofins, IPI, ICMS e ISS.

Segundo estimativa do governo, a alíquota conjunta de CBS e IBS deve ficar em torno de 26,5%, mas o patamar final dependerá das exceções que forem incluídas ao longo da tramitação, desde sempre o principal campo de batalha dos grupos de interesse.

Fora da regra geral há exceções para setores, com cobrança reduzida. No caso da cesta básica, propõe-se isenção para 15 itens, lista que certamente deve crescer nas negociações congressuais.

Críticos da reforma argumentam que a alíquota será uma das maiores do mundo —o que é verdade.

Qualquer análise isenta constatará, no entanto, que os brasileiros já figuram entre os maiores pagadores de impostos sobre consumo do planeta —apenas não sabem disso porque o regime atual é opaco.

Mais simples e transparente, o novo sistema a ser regulamentado também apresenta a vantagem da cobrança no destino dos produtos.

Não procedem os argumentos de perda de autonomia federativa, já que governadores poderão optar por elevar ou reduzir alíquotas gerais. Não poderão, porém, fazê-lo de modo seletivo, para dar fim à atual mixórdia de benefícios locais que alimenta a guerra fiscal por investimentos entre os estados.

A criação do regime de cashback, que devolve impostos pagos para famílias de baixa renda, mostra-se uma alternativa mais racional às isenções tributárias.

Agora terá início a fase mais complexa no Congresso, em que cada setor tentará classificar seu produto como prioritário e, portanto, mais favorecido. O desafio será evitar que tais interesses e pressões desfigurem a reforma.

Além do projeto principal, haverá outros textos a serem examinados, como a regulamentação dos fundos que direcionarão recursos para compensar entes regionais e do comitê gestor dos novos impostos, objeto de controvérsia entre governadores e a União.

As forças políticas devem ter em mente que estão diante de uma oportunidade rara para dar impulso ao desenvolvimento do país. Quanto mais cederem a lobbies empresariais e federativos, menor será a eficácia da reforma.

Dilema universitário

Instituições de ensino dos EUA precisam proteger a liberdade de expressão e enfrentar antissemitismo

Universidades de elite americanas estão num impasse desde o ataque do Hamas a Israel. De um lado, está a liberdade de expressão; do outro, o combate ao racismo.

Isso porque há relatos de que, nos protestos de apoio ao povo palestino realizados recentemente em algumas instituições de ensino, proliferam discursos antissemitas —apesar da presença de alunos judeus nas manifestações.

Na Universidade de Columbia (Nova York), por exemplo, as aulas presenciais foram suspensas para garantir segurança. Já militantes dizem que os ataques racistas são casos isolados perpetrados por pessoas externas ao movimento.

A lei americana, de fato, protege um conceito amplo de liberdade de expressão, que inclui até mesmo a permissão para passeatas nazistas. Mas universidades também seguem normas éticas de conduta.

Nos último anos, tais normas tornaram-se mais rígidas com a ascensão do identitarismo, que imputa discurso de ódio muitas vezes de modo indiscriminado.

Segundo a Fire (Foundation for Individual Rights and Expression), que monitora a liberdade de expressão no meio acadêmico dos EUA, entre 2000 e 2022, foram registradas 1.080 tentativas de punir professores a partir de suas falas, das quais 65% resultaram em penalidades. de 2020 a 2022, foram 509.

Ademais, as instituições têm sido pressionadas pelo Congresso e por investidores para coibir firmemente o preconceito contra judeus.

Assim, tornou-se inevitável que as universidades decidissem conter o antissemitismo, em detrimento da liberdade de expressão.

Estima-se em 250 o número de detenções, inclusive de professores, realizadas nos últimos dias em instituições de ensino pelo país.

É temerário que a força policial seja acionada para reprimir protestos em universidades, ambiente por excelência do pensamento crítico e livre. Do mesmo modo, a academia precisa rechaçar qualquer forma de racismo.

O ideal, claro, seria que as manifestações legítimas de apoio aos palestinos não fossem contaminadas pelo antissemitismo. Por ora, entretanto, as universidades vivem um dilema de difícil solução.

A geração ansiosa

Hélio Schwartsman

Sou fã do psicólogo Jonathan Haidt, cujas ideias e livros comento neste espaço já há vários anos. Sua obra mais recente, "The Anxious Generation", tem recebido grande atenção na imprensa. A razão principal é que ele pede a proibição de redes sociais para menores de 16 anos. Pode parecer extremo, mas ele constrói um bom caso.

Haidt mostra que, a partir de 2010, com a proliferação da internet rápida e das redes sociais, passamos a registrar muito mais casos de doença mental entre jovens, em especial as meninas. São quadros de ansiedade, depressão e tentativas de suicídio, que atingem a geração Z. O fenômeno é mais acentuado nos EUA, mas ocorre em diversos países. As evidências são majoritariamente correlacionais, mas Haidt as concatena de forma que soam convincentemente causais. Há quem ache que isso bastaria para justificar o veto das redes para crianças.

A história que Haidt conta, porém, é mais complexa. Para ele, a crise de saúde mental é resultado não só da superexposição da geração Z às redes mas também de uma mudança mais profunda na forma de socialização das crianças. Especialmente a partir dos anos 1990 nos EUA, consolidou-se uma cultura parental de segurança extrema. Pais pararam de deixar seus filhos saírem sozinhos e de brincarem com seus pares sem a supervisão de adultos.

Pode parecer um detalhe, mas há fartos indícios do mundo natural de que, para mamíferos como nós, brincadeiras são um elemento fundamental do aprendizado. São elas que nos preparam para lidar com riscos do mundo real e para resolver as arestas sociais que inevitavelmente surgem. O excesso de vigilância frustra esse aprendizado, deixando marcas profundas no desenvolvimento. Esse segundo ingrediente, mais libertário, do modelo proposto por Haidt não vem ganhando o mesmo destaque do primeiro, que é mais censório.

Qualquer que seja o peso de cada ingrediente, o novo livro de Haidt é importante.

helio@uol.com.br

Uma arma nada secreta

Bruno Boghossian

O pedido de Lula para acionar o STF no caso da desoneração dormia desde dezembro na gaveta do advogado-geral da União. O governo adiou por quatro meses a deflagração de mais uma briga na praça dos Três Poderes. Sem sucesso nas negociações políticas, o presidente deu as mãos ao tribunal para derrubar uma decisão do Congresso.

A aliança entre Lula e o Supremo é a arma menos secreta de Brasília. Ainda na transição, o petista deu indicações públicas de que buscaria uma aproximação com o tribunal. O acordo foi estimulado por uma convergência de propósitos que teve como base uma espécie de consenso pós-bolsonarista e uma desconfiança em relação ao Congresso.

A derrubada das emendas de relator, ainda em 2022, foi uma amostra inicial. A validação do decreto que restringe o acesso a armas, algumas matérias tributárias e a chamada revisão da vida toda seguiram o mesmo caminho. Agora, a suspensão da lei que prorrogou a desoneração da folha de pagamentos, com a reversão direta de um ato do Congresso, é a exibição mais vigorosa dessa coalizão e o primeiro grande teste de seus potenciais efeitos colaterais.

O episódio carrega duas sinalizações importantes. A primeira dá conta de uma desenvoltura do STF para agir em temas ligados às contas públicas. Quando o Congresso pendurar uma fatura que pese demais no cofre do governo, o tribunal deve atuar como ponto de controle.

A segunda pista é o desembaraço dos dois indicados de Lula neste terceiro mandato diante das críticas ao que é chamado de intromissão do tribunal na política. Cristiano Zanin, que deu a liminar, e Flávio Dino, primeiro a acompanhá-lo, seguem uma filosofia de que o tribunal não vai se omitir quando provocado.

O Congresso chiou alto para exibir uma certa insatisfação ameaçadora. Faz parte do jogo, assim como recorrer ao STF para questionar uma lei. O governo tem o direito de buscar apoio no tribunal —o que é bem diferente de transformar esse direito numa tabelinha permanente.

O fel venceu

Ruy Castro

Billy Wilder, quem diria, estourou na posteridade. Outro dia (7), dediquei uma coluna às suas frases, tão hilárias quanto mortais. Leitores se entusiasmaram pelo seu lado frasista, que não conheciam —achavam-no apenas um dos maiores diretores do cinema. Hoje, Billy é uma unanimidade, e é fascinante essa virada de chave a seu respeito. Em vida (1906-2002), não gozava, nem de longe, dessa unanimidade. Era respeitado pela indústria, que admirava a sua coragem e o cumulava de Oscars, mas esnobado pelos críticos.

A Paramount, durante 20 anos, bancou os seus filmes mais corajosos, como "Farrapo Humano" (1945), sobre alcoolismo, e "Crepúsculo dos Deuses" (1950), quase uma autópsia do cinema. Mas bastou um fracasso, com "A Montanha dos Sete Abutres" (1951), para botá-lo na geladeira. Billy se associou aos irmãos Mirish, independentes, que lhe deram controle total —roteiro, produção, elenco, direção e corte final. Para eles, fez "Quanto Mais Quente Melhor" (1959), "Se Meu Apartamento Falasse" (1960), "Cupido Não Tem Bandeira" (1961), "Irma la Douce" (1963) e muitos mais. Mas, como era inevitável, algo também azedou e, aos 75 anos, Billy se viu cruel e precocemente aposentado.

Os críticos americanos nunca lhe foram gentis. Manny Farber, Andrew Sarris, Dwight McDonald e Pauline Kael botavam defeito em tudo que fazia —"cínico", "oportunista", "desagradável", "metido a sociólogo". E, por Billy não levar a sério a nouvelle vague, a turma do "Cahiers du Cinema" sempre o odiou.

Mas Billy nunca precisou deles. Bastava-lhe o público, que sempre adorou o seu fel, e, para isso, tinha de ser um público especial. "Quanto Mais Quente Melhor", com Tony Curtis e Jack Lemmon vestidos de mulher, tinha tudo para ser ofensivo a todo mundo. Em vez disso, foi eleito há pouco a maior comédia do cinema.

E quem são hoje os maiores fãs de Billy? Os jovens críticos.

Brasil! Selva!

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

Pelo que se vê na mídia, toda a expertise e o dinheiro de Elon Musk não lhe valem uma fala com algum sentido. Ele padece da mesma afecção linguística da ultradireita brasileira, cujo vocabulário político ativo, fora as narrativas mentirosas, resume-se a "liberdade". Isolada, a palavra não significa nada.

O mesmo drama transparece nas investigações do ataque do 8 de janeiro: nos relatos quase etnográficos sobre o famigerado acampamento dos insurretos salta à vista a escassez de palavras de ordem coerentes.

Reconfortaram-se um dia ao saberem que a esposa de um general, ícone do golpismo, em visita ao local, faria um discurso. E ela fez: "Brasil! Selva!". Curto, não grosso, sem narinas dilatadas nem olhar de ódio. Mas enigmático: isoladas, essas duas palavras não explicam grande coisa. Não são "action-words", no sentido concreto de indução ao ato. Presume-se que faziam parte de um vocabulário próprio à movimentação. O nexo entre uma e outra estaria implícito na mente de cada um por sintaxe oculta, talvez por condensação, como no sonho.

Por mais disparatado que seja, o golpismo precisa de algum discurso. É o que se infere de pensadores do liberalismo americano para os quais um movimento desse calibre carece de novo jogo de linguagem, que faça o anterior parecer ruim. O golpe de 1964 manejava o vocabulário do anticomunismo (supremacia do mercado, silêncio civil, fervor cristão etc.), compartilhado com a matriz americana. Aos golpistas de agora, faltam consentimento (mídia, apoio externo) e linguagem.

Por outro lado, é considerável o desgaste do vocabulário político e moral. E se os valores se esvaziaram por anacronismo, perde força a linguagem da esquerda contra o reacionarismo, por falta de vigor histórico-social das palavras. Daí a insuficiência do arrazoado progressista frente à cacofonia insensata das redes sociais.

Insuficiente também frente ao código moral do Velho Testamento, com emoções de vingança, ódio e guerra aos supostos inimigos do Senhor. É a porta de entrada exitosa dos neopentecostais na vida política. É igualmente uma perspectiva de linguagem para a ultradireita, porque oferece uma linha bíblica de interpretação maleável para acolher chaves do autoritarismo antidemocrático como racismo religioso, homofobia, negacionismo científico e misoginia.

É fala com mais sintaxe do que semântica, isto é, mais conexão do que significado, num contexto delirante. Um discurso de apenas duas palavras não diz nada, mas pode ter poder injuntivo. Donde o segredo da ultradireita: se o ódio é surdo, a sua comunicação, semanticamente muda, faz economia de reflexão, diálogo e sentido. Afinal, como bem sabe Musk, o foguete do delírio não precisa desse combustível.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Vivemos uma crise de energia elétrica?

Melhorar o atendimento já resolveria muita coisa

José Goldemberg
Doutor em física e professor emérito da USP, é presidente do Conselho de Sustentabilidade da FecomercioSP (Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo); ex-presidente da Eletropaulo (1982-85)

Os últimos meses foram marcados por vários problemas envolvendo o setor elétrico. Preços altos, apagões frequentes e prolongados em grandes centros urbanos, morosidade no reestabelecimento etc.

Alguns dizem que eles foram causados pela privatização da Eletrobras e de outras diversas concessionárias de distribuição de eletricidade, como a italiana Enel São Paulo. Para outros, a culpa é da inoperância da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), responsável pela regulação do setor, ou da falta de agilidade dos órgãos de proteção do consumidor, como o Procon, para cobrar o ressarcimento de perdas econômicas —caso de estoques de supermercados, prejuízos com dias parados ou custos extras com gerador, por exemplo. Há quem ainda aponte para as variações climáticas agravadas nos últimos anos pelo aquecimento global —e, então, não teria mesmo muito o que fazer.

Esse cenário confuso dificulta a tomada de decisão para lidar com o problema. Mas há alguns fatos incontestáveis que podem ser utilizados para encontrar soluções.

O primeiro deles é que o Brasil produz eletricidade suficiente para atender todas as necessidades da população. Boa parte dessa produção é privada; aliás, sem que isso seja um problema para o fornecimento.

O segundo é que nós temos um excelente Sistema Integrado Nacional (SIN) de transmissão de longa distância que cobre praticamente todo o território nacional.

Em outras palavras, o setor não vive uma crise, embora os episódios recentes pareçam expressar.

Mas é um fato, também, que a eletricidade dos consumidores comerciais e residenciais é cara. Para se ter uma ideia, esse custo é maior do que em 34 países desenvolvidos, o que se explica pelos subsídios diretos (cerca de R$ 40 bilhões somente em 2023). Eles incluem a tarifa social para a população de baixa renda e para energias incentivadas —como as renováveis e termelétricas em regiões não conectadas ao SIN—, as perdas técnicas incluídas nas tarifas das distribuidoras, impostos e o valor da própria energia e da sua transmissão.

O resultado é que, do total arrecadado pelas empresas que fornecem eletricidade, apenas 20% ficam com elas de fato, tanto para cobrir as operações das redes de distribuição como em forma de lucro.

Essa situação tem se agravado por causa dos jabutis incluídos em diversas leis aprovadas no Congresso Nacional, privilegiando interesses dos lobbies que o Ministério de Minas e Energia (MME) não tem se esforçado tanto em barrar. Essa "fúria legislativa" resulta em alguns absurdos, como a instalação de usinas renováveis (eólicas e fotovoltaicas) sem nenhuma preocupação com a conexão delas com as linhas de transmissão do SIN ou de usinas térmicas a gás em locais onde não há esse combustível; ou, ainda, a renovação dos contratos de fornecimento emergencial com as termelétricas a carvão mineral.

É certo que distribuidoras bem geridas, sejam elas estatais ou privadas, podem enfrentar acidentes causados por temporais de forma muito melhor do que outras —como era a Light, em São Paulo, empresa privada com boa reputação pelo seu atendimento residencial e que foi substituída pela Eletropaulo (estatal), depois pela AES (privada) e, agora, pela atual Enel, que tem recebido muitas reclamações.

O problema, na verdade, está na tendência das empresas privadas em terceirizar serviços técnicos de manutenção sem a devida supervisão, como se fossem operações comuns. É então que a passividade do MME e da Aneel fica evidente, pois só depois dos graves problemas ocorridos em São Paulo no final de 2023, e há algumas semanas na região central da principal metrópole do país, que eles resolveram agir com severidade.

Ainda assim, estatizar o sistema de distribuição, como alguns têm defendido, não resolveria o problema. Talvez até o agrave, pela falta de recursos públicos para investimentos em infraestrutura. Indispensável mesmo é fazer as distribuidoras entenderem, sob pena de sérias penalidades e até da perda da concessão, que os consumidores residenciais e o setor do comércio (sobretudo pequenos e médios estabelecimentos) precisam ser mais bem atendidos —e que, no caso de acidentes ou imprevistos inevitáveis, como temporais, por exemplo, que eles sejam ressarcidos pelas perdas econômicas rapidamente, sem uma longa tramitação na esfera judicial.

Isso já resolveria muita coisa.



Carvall

Terrivelmente católicos?

Mais setores abraçam a pauta ultraconservadora

Ana Carolina Marsicano e Tabata Pastore Tesser
Doutoranda em sociologia (UFPE), integra o Laboratório de Estudos de Religião e Política (Laberp/Fundaj/UFPE) e o Grupo de Trabalho "Catolicismo e Conservadorismo" do Instituto de Estudos da Religião (Iser)
Doutoranda em sociologia (USP), integra o Grupo de Estudos de Gênero, Religião e Poder (Grepo/Unicamp) e o Grupo de Trabalho "Catolicismo e Conservadorismo" do Iser

Observamos nos últimos anos diversas análises sobre a presença de evangélicos conservadores na política, ainda que os católicos estivessem sempre presente nesses espaços de poder. A identidade católica, marca latente no Brasil, representa metade da população brasileira, segundo dados do Datafolha de 2020. No entanto, a desconfiança vem sendo direcionada exclusivamente para a presença conservadora-evangélica na política.

Na manifestação do último dia 25 de fevereiro em apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), na avenida Paulista, em São Paulo, apesar do palanque ter sido marcadamente evangélico, a maioria dos apoiadores era católica. Segundo o Monitor do Debate Político no Meio Digital da USP, 43% das pessoas presentes declararam ser católicas, enquanto 29% evangélicas. De acordo com o mesmo grupo de pesquisa, no último dia 21, no ato do Rio de Janeiro, foi identificado que 38% das pessoas presentes eram católicas, frente a 33% evangélicas.

A radiografia da Câmara dos Deputados mapeada pelo Instituto de Estudos da Religião (Iser) na eleição de 2022 sobre os deputados federais eleitos apontou que 235 se declaram católicos, totalizando pouco mais de 45%. Em segundo lugar ficaram os 86 deputados que se identificam apenas como cristãos. Somente na terceira colocação é que apareceram os 76 deputados que se declararam com identidade evangélica.

Para além da expressão católica no âmbito legislativo, observamos recentemente dois casos do envolvimento de setores do catolicismo em práticas antidemocráticas. Um desses casos é o papel clerical do padre José Eduardo de Oliveira e Silva, sacerdote da Diocese de Osasco (SP), que esteve envolvido nos atos golpistas de 8 de janeiro. Ideólogo antiaborto, foi alvo da Operação Tempus Veritatis ao ser considerado pelo Supremo Tribunal Federal parte doutrinal do esquema jurídico e informacional do golpe.

Outro polemista envolvido em caso recente foi o padre goiano Luiz Carlos Lodi, fundador e líder do centro antiaborto Pró-Vida de Anápolis (GO). O padre Lodi foi processado por danos morais e ato ilícito por impedir, mediante um habeas corpus, que uma mulher realizasse a interrupção de uma gestação legal em 2005, dada a condição do feto inviabilizar a vida extrauterina. Em março deste ano, o Tribunal de Justiça de Goiás precisou bloquear os bens da associação Pró-Vida, uma vez que o religioso não arcou com os custos legais da indenização.

A relação entre católicos conservadores, sua inserção jurídica e a promoção de uma agenda antidireitos é um dos aspectos apontados pela pesquisa "Cartografia dos Catolicismos Jurídicos Antigênero", produzido pelo Iser. O relatório mapeou a presença no país de uniões de juristas católicos como parte de uma estrutura associativa criada pelo Vaticano em 1986 e inspirada nos tribunais apostólicos de Roma.

Com participação ativa de leigos católicos e a partir de uma filosofia jusnaturalista, incidem para restringir o direito ao aborto no país. Mas não só isso. Atuam também em discussões sobre tributação, relações trabalhistas, liberdade religiosa e agronegócio para pôr em prática um ordenamento jurídico terrivelmente católico.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Dinheiro público

"Lira reajusta em 60% valores de diárias em viagens de deputados" (Política, 25/4). É um verdadeiro escárnio com o povo brasileiro, pois os parlamentares e os servidores já possuem salários astronômicos e ainda ganham esses valores absurdos de diárias. O mais triste é que o povo não se manifesta sobre esses absurdos com o dinheiro público. Às vezes tenho tristeza de ser brasileiro. Um país onde o salário mínimo é de R$ 1.412 e mais de 60% da população recebe...

Gelson Modesto Rodrigues
(Rio de Janeiro, RJ)

Escolhas

"Preferência de Lula por homens no Judiciário é maior em cargos estratégicos para governo" (Política, 26/4). Seria o momento de tomar coragem, rever a postura e ser coerente. É fundamental a indicação de mulheres e minorias raciais.

Rocia Oliveira
(Brasília, DF)

Conjunto residencial

"À espera de moradia, alunos da USP vivem debaixo de arquibancada de estádio" (Cotidiano, 25/4). A sociedade poderia se mobilizar também, já que não se pode deixar tudo a cargo do Estado. Vamos nos mobilizar. É terrível deixar nosso futuro assim na lama.

Elizabete Tukaze
(São Paulo, SP)

*

Se é assim na maior universidade do país, é terrível imaginar a situação nas outras. Isso jamais aconteceria nas Forças Armadas. Não é possível acreditar na construção de um país decente com essa política de investimento na educação.

Jonas Nunes dos Santos
(Juiz de Fora, MG)

Transição energética

"Acordos necessários para a transição energética" (Tendências/Debates, 25/4). O setor solar bem que poderia investir mais no refino do silício metálico para possibilitar a integração vertical da produção de painéis fotovoltaicos no país, da matéria-prima ao produto final. O silício metálico nacional, em grande parte, é exportado para refino ao grau solar na China ou alhures, para depois voltar ao Brasil, na forma de wafers ou painéis.

Fernando Versiani dos Anjos
(Belo Horizonte, MG)

Mercado de trabalho

"Geração Z busca flexibilidade e propósito no setor público, dizem especialistas" (Mercado, 22/4). Eu sou millenial e super apoio esse tipo de gestão. Sonho em trabalhar com metas e resultados, geração de valor para o cidadão, com flexibilidade de horário, de setor e com transversalidade. Espero que o MGI consiga implementar processos inovadores no serviço público.

Karina Martins (Belém, PA)

*

Buscam mais o setor público, que antes os menos jovens eram obrigados a integrar, porque não existem melhores e acessíveis oportunidades na iniciativa privada!

Aderval Rossetto (Catanduva, SP)

Recomendação

"'Ripley' me transportou de volta à exuberância da Roma dos anos 80" (Zeca Camargo, 24/4). A série é incrível e merece ser degustada como um bom vinho. A fotografia surpreende, o protagonista é cativante e o paralelo com o pintor Caravaggio enriqueceu muito o roteiro! Dois personagens atormentados e muito talentosos.

Antonio Idelvar Ponte (São Paulo, SP)

ASSUNTO QUAL É A SUA MELHOR LEMBRANÇA COM SUA SOGRA, LEITOR DA FOLHA?

Nossos Natais eram espetaculares. Caminhávamos por três dias, ríamos, conversávamos e cozinhávamos. Foi o ato de cozinhar o maior aprendizado. Tentávamos respeitar o espaço uma da outra.

Edna Rute Ribeiro Pinto (Belém, PA)

*

Minha sogra, dona Elza, tinha a doença de Alzheimer. Não se recordava das pessoas, mas, quando me via, lembrava do meu nome, conversava sobre o passado. Era muito emocionante ver aquela dinâmica. E o maior aprendizado foi o amor que sentíamos uma pela outra. Sentimento que nem a enfermidade apagou.

Rosa Maria dos Santos Vaz de Arruda
(São Paulo, SP)

*

A minha melhor lembrança é, tristemente, ouvir as histórias contadas pela minha esposa, pois, quando conheci minha esposa, minha sogra já havia falecido. Uma das minhas maiores tristeza é não tê-la conhecido.

Marcos Barbosa (Casa Branca, SP)

*

Ela sempre me incentivou a mudar meu jeito, ser mais paciente, ouvir mais e a cuidar de mim. Até hoje tenho ela como uma mãe, que até hoje me ajuda com minhas filhas. Um exemplo de esposa, mãe, uma avó exemplar (e já estou 11 anos separada do filho dela).

Cristiane da Silva Canellas
(Rio de Janeiro, RJ)

*

Minha sogra é uma das mulheres mais fantásticas e sábias que conheci na vida. Nesses 23 anos que a conheço, tive o privilégio de aprender muito com ela, de literatura à jardinagem. Ela diz frases maravilhosas como "nada mais permanente que o provisório", "não se preocupe tanto com isso que o tempo se encarrega sozinho de destruir." Nesse mundo doido em que vivemos, a opinião dela é uma das únicas com que me importo. Dona Elia, te adoro!

Heidi Oliveira (Irati, PR)

Há muitos anos, quando ainda namorava minha esposa, minha sogra foi cúmplice e compreensiva ao nos autorizar a viajarmos sozinhos. Éramos muito novos, porém, ali eu percebi um grau imenso de confiança. Meu relacionamento é bom, pois administro essa dinâmica com pouco contato e quase nada de convívio pessoal.

Cleo Borges
(Cuiabá, MT)

*

Minha melhor lembrança foi nosso primeiro naufrágio. Saímos de casa em barco para um passeio na praia da ilha do Cardoso, mas não percebi, durante a preparação da embarcação, que havia esquecido de colocar o tampão no dreno do viveiro do barco. Fomos a pique, felizmente, bem próximo à margem, sem maiores complicações. Ao chegarmos à margem, tapei o dreno corretamente, esgotei a água do barco e nos prontificamos a voltar à água. Mas minha sogra desistiu da viagem. Meu relacionamento com ela é ótimo nesses mais de 1.800 quilômetros que nos separam.

Jacques Gomes Filho
(Cananéia, SP)

*

Minha lembrança com minha sogra é que ela sempre me dava conselhos para ter cuidado com as pessoas, não confiar em qualquer um. Era uma pessoa do bem, nunca reclamava de nada, sempre com sorriso mesmo com dores.

Cinthia Faria (São Paulo, SP)

*

Quando eu estava extremamente magra por estar com uma doença autoimune não controlada, ela me olhou fixamente e disse: Deus me livre de eu ter esse fim.

Sarita Renata Lopes Rodrigues
(São Paulo, SP)

*

Nosso relacionamento é ótimo. Passamos todos os fins de semana juntos.

Antonio Fernando Rodarte Roriz
(Goiânia, GO)

política

PAINEL | *Fábio Zanini*

painel@grupofolha.com.br

Ventos do norte

Parlamentares de direita avaliam que a eleição de Donald Trump nos EUA seria um ponto de inflexão na pressão internacional sobre o STF e o governo brasileiro contra o que classificam como censura e autoritarismo. Os contatos com lideranças próximas ao republicano devem se intensificar nos próximos meses. Em entrevista recente ao Roda Viva, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) mencionou a possibilidade de sanções americanas contra o Brasil, como ocorre com relação à Venezuela.

G.I. JOE O deputado Marcel van Hattem (Novo-RS), um dos mais atuantes contra ações do STF, afirma que a vitória de Trump seria fundamental na atuação da direita. "Ter um presidente nos EUA, principal potência mundial, como aliado contra a censura, nos ajudaria muito". Ele diz ser contra sanções, no entanto. Bia Kicis (PL-DF) vai na mesma linha. "Com certeza a eleição de Trump ajuda. Mas nunca falamos sobre sanção. O que se pretende é que os ventos possam mudar."

ESPREME QUE SAI SANGUE O ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair disse em evento do Grupo Voto, em Londres, que a imprensa brasileira tem sobrevivido comercialmente da raiva das pessoas, numa referência aparente à polarização no país. "Você pega um grupo de pessoas e as mantêm sempre com raiva", disse na sexta (26), em evento fechado com participação de autoridades brasileiras, inclusive ministros do STF.

RANKING Relatório da Unesco indica que Brasil e Turquia tiveram o maior número de pedidos de acesso à informação dentre os 120 países que afirmaram ter políticas ou leis sobre isso. Segundo o documento, 113 locais têm algum tipo de restrição aos dados que podem ser disponibilizados.

EU QUERO A bancada do Progressistas na Câmara dos Deputados já discute qual nome irá indicar para integrar os grupos de trabalho que analisarão os projetos de regulamentação da reforma tributária.

LISTA Há uma preferência por três deputados: Aguinaldo Ribeiro (PB), que foi relator da PEC (proposta de emenda à Constituição) da tributária na Casa; Cláudio Cajado (BA), relator do arcabouço fiscal; e Tião Medeiros (PR), que presidiu a Comissão de Agricultura da Câmara em 2023.

CHAMA... Ex-diretor de operações do IDP, Hugo Teixeira foi contratado pela CBF para ser assessor do presidente da entidade, Ednaldo Rodrigues. A faculdade de direito é de propriedade do ministro Gilmar Mendes (STF), responsável por conceder liminar em janeiro que restituiu Ednaldo à presidência da confederação, da qual havia sido afastado pelo TJ do Rio. Ele não se declarou impedido.

...O VAR Teixeira era braço-direito de Francisco Mendes, filho do ministro e diretor-geral do IDP. Ele foi um dos responsáveis por viabilizar um contrato da CBF com o instituto em agosto do ano passado, para promoção de cursos ligados ao mercado do futebol, quando ainda estava ligado à instituição de ensino. Procurados, Gilmar, o IDP, Teixeira e a CBF não se manifestaram.

NÃO CABE Servidores do Judiciário e do Ministério Público manifestam contrariedade com o avanço no Senado da PEC do Quinquênio, que turbina salários de juízes e promotores. Eles planejam manifestação para maio. Os trabalhadores afirmam que a proposta criará dificuldades para reposição salarial e nomeações.

ABISMO O grupo liberal Livres e o Ranking dos Políticos publicaram nota contrária à aprovação da PEC do Quinquênio. Segundo as entidades, a medida aumentará a disparidade entre os ganhos da elite do funcionalismo e a média da população. Elas também iniciaram abaixo-assinado contra a emenda.

META O Ministério da Saúde publicou portaria que destina R$ 1,1 bilhão para a construção de 500 UBS (Unidades Básicas de Saúde) no âmbito do PAC. A pasta tem a intenção de aprovar e habilitar as 1.800 propostas de UBS selecionadas pelo programa até a última semana de maio.

Três Poderes

VENCEDOR DA SEMANA
O presidente da Petrobras, **Jean Paul Prates**, que sobreviveu no cargo (por enquanto), após o fim da crise causada pela distribuição de dividendos da estatal.

PERDEDOR DA SEMANA
O presidente da Câmara, **Arthur Lira** (PP-AL), que reconheceu erro no ataque a Alexandre Padilha, foi atropelado com o adiamento da votação de vetos e ainda xingado por Felipe Neto.

FIQUE DE OLHO
Lula participa de ato do **1º de maio**; tensão entre Poderes esquenta após suspensão da desoneração da folha de pagamento pelo STF.

Com Guilherme Seto, Danielle Brant e Victoria Azevedo

Big techs e cerco do TSE embaralham cenário das redes na eleição de 2024

Plataformas entram em um ambiente de maior pressão e com mudanças em regras internas, mas atuação ainda permanece incerta

Renata Galf e Angela Pinho



Material com apoio ao bilionário Elon Musk no Rio Mauro Pimentel - 21.abr.24/AFP

SÃO PAULO No centro de embates políticos no Brasil, EUA e União Europeia, as big techs devem entrar nas eleições municipais de 2024 em um cenário de maior pressão.

Enquanto os EUA pressionam o TikTok e os europeus têm atuado para regular as plataformas de modo amplo, no Brasil é a Justiça Eleitoral que aperta o cerco às empresas, sendo inclusive alvo de críticas por avançar em relação ao que estabelece o Marco Civil da Internet.

Da parte das empresas, que têm sido reativas a uma regulação no Congresso Nacional, não há evidências de que elas devam atuar de modo mais efetivo para combater desinformação nas eleições. Ao mesmo tempo, promovem mudanças internas que podem ter impacto negativo nessa tarefa.

Assim como a apropriação do discurso contra a censura pela direita, a movimentação das big techs reflete um cenário global de maior escrutínio público, no ano em que metade da população mundial passa por eleições.

A realização de pleitos nacionais em países como EUA e Índia amplia as expectativas em torno das empresas, afirma Bruna Martins dos Santos, gerente de campanhas global da organização Digital Action.

"Vivemos um ponto de inflexão, no qual parte da sociedade passou a enxergar as plataformas como corresponsáveis pela erosão democrática em boa parte do mundo", diz ela, que também integra a Coalizão Direitos na Rede.

Após regulamentação legislativa, como ocorrido na União Europeia, e medidas da Justiça Eleitoral, ela aponta que a dúvida é se as empresas vão cumprir tais regras.

Outra mudança de peças no tabuleiro é a saída do ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Alexandre de Moraes da presidência do TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

A principal mudança aprovada pela corte neste ano diz que as empresas podem ser responsabilizadas solidariamente em caso de não removerem conteúdos e contas imediatamente em caso de condutas antidemocráticas ilegais, fatos inverídicos ou gravemente descontextualizados que "atinjam a integridade do processo eleitoral", discurso de ódio, entre outros itens.

Até aqui, a não ser em caso de ordem judicial, a ação de moderação das plataformas sobre conteúdo eleitoral estava ancorada em suas próprias regras. Um cenário que leva também a críticas não só quanto a lacunas nas políticas globais das redes, mas também a se a sua aplicação seria consistente.

Em 2022, a dez dias do segundo turno, o TSE aprovou nova regra ampliando o poder de a corte determinar derrubada de conteúdos mesmo sem provocação dos partidos ou do Ministério Público —cuja atuação foi marcada pela inação, mesmo frente às amplas campanhas de desinformação contra as urnas.

A partir do alastramento de acampamentos golpistas, a regra foi usada para suspender perfis e grupos de conversa.

Em 2024, ao mesmo tempo em que se aponta para uma maior possibilidade de sanções, o escrutínio quanto à ação de moderação das redes também deverá ocorrer com menos ferramentas de monitoramento à disposição de pesquisadores, de entidades e da imprensa.

O X (antigo Twitter), por exemplo, deixou de oferecer acesso gratuito a sua API e a Meta, dona do Facebook e Instagram, anunciou o fim do Crowdtangle. As duas ferramentas permitiam o monitoramento externo de dados das redes. O TikTok já não oferecia esse tipo de recurso.

O professor de comunicação da Universidade Federal Fluminense Viktor Chagas faz críticas a esse movimento das plataformas, que ele vê também como uma reação a ações e tentativas de regulação. "Elas de alguma forma se encontraram vulneráveis na sua condição e por isso resolveram se tornar ainda mais opacas do que já eram", diz.

No contexto brasileiro para 2024, ele afirma que, por um lado, o fato de as eleições serem municipais tira em parte o peso das redes para campanha, já que em cidades pequenas o corpo a corpo tende a ser mais importante. De outro, vê o uso das plataformas este ano por lideranças já visando 2026.

"Estamos atravessando um período de ainda muita incerteza do que vai acontecer no segundo semestre", diz.

> “
> **Vivemos um ponto de inflexão, no qual parte da sociedade passou a enxergar as plataformas como corresponsáveis pela erosão democrática em boa parte do mundo**
>
> **Bruna Martins dos Santos**
> Gerente de campanhas global da organização Digital Action

Este ano também será o primeiro pleito no Brasil depois do lançamento das comunidades no WhatsApp, recurso que teve início postergado para depois da disputa eleitoral de 2022, o que chegou a ser recomendado à época pela Procuradoria da República em São Paulo.

Outra nova regra do TSE é a obrigatoriedade de bibliotecas de anúncios e posts impulsionados de caráter político eleitoral, com uma definição ampla do que deve ser disponibilizado.

Na última semana, o Google anunciou que deixaria de permitir anúncios políticos. Um dos motivos seria o alto custo e complexidade para moderação com base na determinação da corte. O X, por sua vez, que antes proibia impulsionamento político, passou a permitir depois de ser adquirido pelo empresário Elon Musk.

Outro fator apontado por especialistas como fundamental para o combate à desinformação é o investimento em equipes de moderação e segurança, especialmente com conhecimento da língua e contextos locais.

Desde a última eleição, no entanto, diversas empresas têm feito cortes expressivos em seus times, atingindo diferentes áreas.

Por vários motivos, recai sobre o X o maior grau de incerteza, avaliam especialistas da área.

No início do mês, Musk iniciou uma série de ataques a Alexandre de Moraes, a quem chamou de censor e ditador em razão de ordens de bloqueio de perfis na rede. O bilionário prometeu ainda desobedecer a Justiça e reabrir as contas.

Apesar de não ter concretizado essa ameaça, ordens do ministro enviadas ao X foram divulgadas por uma comissão no Congresso dos EUA. Junto com a retórica de Musk, isso tem influenciado o debate político ao dar combustível à narrativa do bolsonarismo de que há censura a seus porta-vozes.

Em sentido contrário, há a leitura de especialistas de que a decisão do Congresso americano que pode levar ao banimento do TikTok pode ter reflexo indireto no debate do Brasil ao legitimar o discurso em favor de bloqueios.

Apesar de alguns problemas serem gerais, Yasmin Curzi, professora da FGV Direito Rio, entende que nem todas as empresas devem ser colocadas "no mesmo arcabouço", adicionando que, no caso de Musk, estão envolvidos interesses político-ideológicos e não simplesmente comerciais.

Pouco otimista em relação a quanto se avançou no combate à desinformação até aqui, ela aponta que ao se olhar mais para a remoção de conteúdo, corre-se o risco de gerar mais atenção e apoio para grupos que se dizem censurados.

"A gente não está olhando para essa roda que está girando esse engajamento", diz, defendendo mais transparência sobre os algoritmos de recomendação das redes.

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado		Digital Premium
PLANO MENSAL	R$ 29,90		R$ 44,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa		Assinatura semestral*
	seg. a sáb.	dom.	Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6,90	R$ 9,90	R$ 1.085,90
DF, SC	R$ 8	R$ 11	R$ 1.374,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 8,50	R$ 12	R$ 1.729,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 13	R$ 15,50	R$ 1.868,90
Outros estados	R$ 13,50	R$ 16,50	R$ 2.315,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
794.195 exemplares (fevereiro de 2024)

Pré-candidatos tentam atrair eleitorado com encenações e esquetes

Estratégia para fisgar interesse do usuário em redes como TikTok e Instagram passa por aceitar pagar mico



Vídeo no TikTok do prefeito de Sorocaba, Rodrigo Manga (de camisa clara), em que ele anuncia bebedouros Reprodução



Ninguém aguenta mais ver um político falando que está asfaltando tantos quilômetros, construindo novo viaduto, creche

Rodrigo Manga
Prefeito de Sorocaba

Fábio Zanini

SÃO PAULO O fortão andando na rua ouve uma provocação: "Vai tomar a injeção, cadelinha?". Irritado, parte para cima do autor da ofensa, que se apressa em desfazer o mal-entendido. Ele se referia a um animal ali ao lado, que agora pode se vacinar numa clínica veterinária recém-inaugurada.

O curto vídeo tem como protagonista o prefeito de Sorocaba (SP), Rodrigo Manga (Republicanos), candidato à reeleição em outubro. Como ele, diversos gestores e candidatos estão investindo numa comunicação em formato de esquetes escrachados postados em redes como TikTok e Instagram, com pitadas de "Os Trapalhões" e "Casseta e Planeta Urgente".

Pagar mico, assumir o lado tiozão e entrar no modo "sem superego" são parte do script. O objetivo é prender a atenção do usuário em poucos segundos, antes que ele passe o dedo na tela do celular e vá embora. Vencida essa etapa, o político vende seu peixe sobre temas administrativos da cidade.

Manga, 43, é exemplar nessa estratégia. Em um vídeo recente, um balde de água chega a ser jogado nele. Tudo para dizer que a cidade do interior de São Paulo tem 100% de encanamento.

"Ninguém aguenta mais ver um político falando que está asfaltando tantos quilômetros, construindo novo viaduto, creche", afirma o prefeito. "Sorocaba teve o PIB que mais cresceu no Brasil, geração de empregos aumentou 170%, saneamento atingiu níveis históricos. Tivemos que achar uma forma de comunicar isso."

Ele diz que sempre usou muito as redes sociais desde que se tornou vereador, em 2012. Quando começou a gravar vídeos, em 2020, tinha 16 mil seguidores no Instagram. Hoje, são quase 300 mil.

O sucesso é inegável. O vídeo da "cadelinha" chegou a 5 milhões de visualizações. Muitas delas por jovens, que vêm falar com ele nas ruas.

A gravação é feita com celular, e as ideias vêm do próprio prefeito, no máximo após uma conversa com alguns assessores. "Faço na hora, sem altas produções", diz Manga, que é autodidata: nunca teve experiência prévia com humor ou atuação.

"É importante chamar a atenção, mas não apenas fazer por fazer, tem que mostrar o resultado do trabalho."

Em Florianópolis (SC), o prefeito Topázio Neto (PSD), 62, outro que disputará novo mandato em outubro, apareceu recentemente com a imagem multiplicada em diversos "clones" na praia de Jurerê, para mostrar que a obra de alargamento da faixa de areia, criticada por ambientalistas, fará o local acomodar mais pessoas.

Também já simulou sair da pista dirigindo um carro, para mostrar os perigos da desatenção ao volante. Em outro vídeo, aparece ao lado de um frasco de corote, bebida popular em botequins, ao falar que ela não pode ser culpada pelo alcoolismo de moradores de rua.

Topázio diz que começou a usar os vídeos inusitados como uma estratégia para ser mais conhecido, após assumir o cargo, em março de 2022. Ele era vice de Gean Loureiro (União Brasil), que renunciou para disputar o governo de Santa Catarina, e não foi eleito.

"A gente, quando assumiu, sentou e pensou: temos um prefeito novo, que as pessoas conhecem pouco", afirma. Assim como o colega de Sorocaba, ele diz que o mais importante é segurar o internauta logo de cara.

"A comunicação vem mudando muito. Construímos um trabalho com vídeos muito curtos, com conteúdo, narrativa bem estruturada. A comunicação do prefeito não precisa ser chata, embora seja séria e responsável", afirma.

Ele grava cinco vídeos aos sábados de manhã para ir soltando diariamente na semana seguinte. Costuma ainda fazer outros sobre temas mais quentes que apareçam.

"Tem muita gente que fica esperando o meu vídeo. Às vezes me encontram na rua e dizem: 'prefeito, o de hoje está atrasado'."

Para isso, conta com um pequena equipe com roteirista, captador de imagens (com celular) e editor. "É uma forma barata de prestar contas", diz.

Somando Instagram e TikTok, as duas redes que utiliza, Topázio tem cerca de 650 mil seguidores. Nunca fez nada que se assemelhasse a teatro ou coisa parecida. "Sou apenas um cara de pau."

Vereadores de oposição o acusam de ser um "prefeito tiktoker", termo que ele não recusa.

"O tiktoker de sucesso é o que tem conteúdo. Não vão me ver fazendo dancinha, cozinhando", diz. "Quando eu me comunico, a minha tia Marlene, de 85 anos, tem que entender, saber do que eu estou falando".

Aos 30 anos, o prefeito do Recife (PE), João Campos (PSB), é talvez quem melhor personifique o uso das redes sociais pelas novas gerações. Seus 2,4 milhões de seguidores no Instagram o transformaram em referência no tema.

No último Carnaval, seu engajamento explodiu com a decisão de platinar o cabelo. No dia a dia, usa os vídeos para promover ações de sua administração.

No começo de abril, gravou um vídeo correndo de roupa social debaixo de chuva para inaugurar obras de pavimentação de ruas e mostrar que a drenagem do local estava funcionando. No caso de Campos, uma agência da cidade, a Hermanos, paga pelo PSB, o ajuda em estratégias para as redes.

O sucesso dos prefeitos tiktokers tem inspirado candidatos que ainda almejam chegar ao cargo. Em São Paulo, a pré-campanha de Guilherme Boulos (PSOL) passou a adotar a estratégia de fisgar o eleitor com cenas inusitadas.

Num vídeo, uma mulher espirra, dando o gancho para Boulos dizer "saúde" e começar a falar sobre o tema.

Em outro, o deputado ameaça jogar um bolo na cara de um homem que não sabe dizer quantos projetos ele aprovou no Congresso. A cena lembra o programa "Passa ou Repassa", do SBT, em que tortas eram atiradas nos participantes que errassem perguntas.

Isso dá o mote para que ele diga que foram três projetos seus aprovados (e esclarecer que jamais desperdiçaria comida jogando-a em outra pessoa).

Marqueteiro do psolista, Lula Guimarães afirma que o tempo estimado para conseguir segurar a atenção do internauta é exíguo: para ser mais preciso, quatro segundos.

"A dinâmica das redes sociais tem sido pautada na busca da atenção do usuário nos primeiros quatro segundos, para que ele não pule para o conteúdo posterior e possa assistir os vídeos até o final", afirma.

"A diferença do Guilherme Boulos é que é, além desse primeiro momento, ele tem conteúdos muito atrativos para oferecer, apoiados pela sua reconhecida capacidade de comunicação", acrescenta.

Ombudsman
José Henrique Mariante está em férias



O deputado federal Guilherme Boulos, em vídeo no TikTok, imita programa de TV e ameaça jogar bolo Reprodução



A dinâmica das redes sociais tem sido pautada na busca da atenção do usuário nos primeiros quatro segundos, para que ele não pule para o conteúdo posterior

Lula Guimarães
Marqueteiro do pré-candidato Guilherme Boulos



Prefeito de Florianópolis 'clonado' no TikTok Reprodução



A comunicação do prefeito não precisa ser chata, embora seja séria e responsável

Topázio Neto
Prefeito de Florianópolis



O governador do Rio, Cláudio Castro, com o deputado Rodrigo Bacellar na campanha de 2022 rodrigobacellaroficial no Instagram

Deputado faz sombra a Castro e antecipa disputa com Paes

Presidente da Alerj, Rodrigo Bacellar se torna nome forte no Governo do Rio

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO Ao pegar o microfone para discursar na posse como chefe da União Brasil no Rio de Janeiro, em março, o presidente da Assembleia Legislativa (Alerj), Rodrigo Bacellar, 44, olhou para trás e disse estar "até inseguro sobre o que falar".

"Só tem cara pesado aqui", disse, se referindo ao governador Ronaldo Caiado (GO), aos ministros Celso Sabino (Turismo) e Juscelino Filho (Comunicações), e outros caciques da sigla.

A presença de lideranças nacionais ao evento selou a ascensão meteórica do deputado estadual, eleito para o primeiro mandato em 2018. Seis anos depois, ele é visto como a maior sombra sobre o governador Cláudio Castro (PL) e potencial adversário do prefeito Eduardo Paes (PSD) para disputar o Palácio Guanabara em 2026.

"Minha vida pública foi muito meteórica. [...] Uma coisa que aprendi com meu pai é ter palavra, ter lado. Cumprir o que combina. Essa receita tem dado certo", disse no evento.

Natural de Campos, onde trava uma disputa feroz com o ex-governador Anthony Garotinho (Republicanos), Bacellar é filho do sindicalista Marcos Bacellar, ex-presidente da Câmara da cidade. Ele conta ter tomado gosto da política ao acompanhar o pai em assembleias.

"A política sindical era tão viva quanto a política partidária. Mas ela é um pouco mais franca. Você sabe quem são seus opositores, cai na porrada ali, no bom sentido da palavra, mas todo mundo se respeita", disse ele à **Folha** na sexta-feira (26).

Ele diz ter carregado essa franqueza para sua forma de fazer política, buscando justificar a fama de brigão e truculento.

Bacellar é apontado como a voz mais influente sobre Castro — para alguns, com um poder de decisão maior do que o próprio governador. A ele é atribuída a queda e nomeação de secretários, bem como a recente crise entre o chefe do Executivo e seu vice, Thiago Pampolha (MDB).

O presidente da Alerj diz não ser o responsável por todas as nomeações que lhe são atribuídas. Afirma ser apenas um dos integrantes do núcleo duro do governador, formado também por Rodrigo Abel (chefe de gabinete) e Nicola Miccione (Casa Civil). Reconhece, contudo, sua força nas discussões.

> "A mosca azul de ser governador nunca me picou. Com todo o poder de decisão que Cláudio sempre me deu, de certa forma, me sinto até um pouquinho governador
>
> **Rodrigo Bacellar**
> presidente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro

"Por ter mandato, dá até mais conforto na minha palavra, tem mais peso. Apesar de ter esse estilo, falo para o bem dele. Cláudio é o irmão pacato e eu, o que entra na frente e dá porrada para ele. Então acaba dando essa fama de achar que mando por conta disso", disse ele.

Apesar da força política, Bacellar afirma que mantém para o futuro o plano original de quando se candidatou a deputado: uma vaga no TCE (Tribunal de Contas do Estado), onde já trabalhou.

"A mosca azul de ser governador nunca me picou. Com todo o poder de decisão que Cláudio sempre me deu, de certa forma, me sinto até um pouquinho governador."

No novo papel de líder partidário, porém, ele reconhece que as articulações para as eleições municipais têm antecipado a potencial disputa com Paes. O prefeito tem tentado atrair a União Brasil ao seu projeto de reeleição por meio do diretório nacional da sigla. Bacellar age contra para lançar pelo partido o deputado estadual Rodrigo Amorim.

O presidente da Alerj critica a resistência do prefeito em ceder a vice na chapa para reservá-la ao seu braço direito, Pedro Paulo (PSD). O posto é disputado pela possibilidade de assumir o cargo em 2026, em caso de saída de Paes para disputar a eleição estadual.

"Eu disse a ele [Paes]: 'Nunca falei abertamente que eu quero disputar 2026, mas o cara que mais me coloca hoje como candidato é você'. Ele falou: 'Por que isso?'. 'Porque grande parte dos teus vereadores que eu nunca sonhei conhecer às vezes pedem café comigo. Pedem pelo amor de Deus para eu não fechar com você, para você não ficar absoluto. Porque você não divide o pão com ninguém'", relatou.

"É porque eu atendo os caras. É porque eu brigo pelos caras. É porque na minha forma de fazer gestão, de olhar política, quem tem de ser o meu braço direito não é o meu irmão de vida. São meus aliados. Tem que estar todo mundo preenchido. Em política você faz assim."

Apesar do berço sindical, o deputado afirma que não teria problema em subir no palanque ao lado do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), caso daqui a dois anos dispute o cargo com Paes sendo aliado ao presidente Lula.

"Não sou bolsonarista raiz. Não gosto dos exageros. Tenho minhas críticas, mas também tenho minhas convergências. Então não vejo impedimento nenhum."

Antes da ascensão abrupta, Bacellar ocupou cargos no TCE e no terceiro escalão da gestão Sérgio Cabral, o que ampliou seus contatos políticos. Ele foi eleito em 2018 no vácuo político após a prisão das principais lideranças do estado nos desdobramentos da Operação Lava Jato.

O primeiro degrau foi ascendido em 2019 ao ser relator das contas da gestão Luiz Fernando Pezão (MDB), marcada pelo caos financeiro. O deputado conta ter aceitado o pedido do ex-presidente da Alerj André Ceciliano (PT), para fazer um parecer favorável em favor do amigo. Ele aceitou o ônus político de apoiar o ex-governador, naquele momento preso — posteriormente foi solto e absolvido.

"Quando passou [a aprovação], me deu já uma primeira graduação de militar. Saí de sargento para subtenente. Todo mundo já olhava: 'O bicho é técnico, é corajoso'", disse.

Ele ganhou nova "promoção política" ao apresentar relatório em favor da soltura de cinco deputados presos na Operação Furna da Onça, aprovada em plenário. "Foi a grande virada de página para mim."

Ganhou novo impulso ao relatar o impeachment do ex-governador Wilson Witzel, cassado em 2021. O prestígio na classe política atraiu Castro, que assumiu e lhe entregou a Secretaria de Governo.

Ele é apontado como o centro do escândalo das chamadas "folhas de pagamento secretas", revelado pelo portal UOL. O caso gerou uma ação que pede a cassação de mandato de Castro, Bacellar e outros dez políticos.

Um dos indícios da centralidade da atuação de Bacellar foi a concentração de saques em dinheiro vivo realizados em Campos dos Goytacazes, sua base eleitoral. O deputado, porém, nega ser o responsável pela movimentação. "Um monte de gente foi atendida. Só em Campos temos três deputados."

O presidente da Alerj afirma que os programas de sua pasta foram feitos "como manda o figurino" e que posteriormente, quando outras secretarias adotaram o seu modelo, "já não se tinha mais controle". "Falei: 'Vai dar problema.'"

Deltan diz que não está inelegível e articula se lançar a prefeito

Felipe Bächtold

SÃO PAULO Cassado pela Justiça Eleitoral em 2023, o ex-procurador Deltan Dallagnol se coloca como pré-candidato a prefeito de Curitiba pelo partido Novo nas eleições deste ano, mesmo sabendo que terá uma árdua disputa jurídica para manter a eventual candidatura.

Nas redes sociais, o ex-chefe da força-tarefa da Lava Jato comemora menções em pesquisas e diz que a "República de Curitiba" — apelido difundido na época da operação — precisa de pessoas íntegras.

Ele teve o mandato de deputado federal cassado em maio passado no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) por causa de alegada violação à Lei da Ficha Limpa. Os magistrados consideraram que houve fraude à legislação por ter se exonerado do Ministério Público antes do início de processos administrativos contra ele envolvendo a Lava Jato.

Deltan disse à **Folha** em março que não considera que esteja inelegível para as eleições seguintes a partir daquela decisão. Ele afirmou que, caso realmente se candidate, "alguém pode impugnar o registro, e isso vai ser discutido".

"Hoje, se eu me candidatar, os fatos e provas vão ser discutidos na primeira instância em Curitiba e no Tribunal Regional Eleitoral do Paraná, lugar em que se considerou que eu estou plenamente elegível. E um eventual recurso ao TSE não é passível de conduzir a um reexame de fatos e provas", disse ele à **Folha** na ocasião.

O ex-procurador afirmou ainda que o que foi debatido no processo que resultou em sua cassação no TSE era apenas "o registro de candidatura" de 2022. "A inelegibilidade foi um fundamento para decidir em cima de uma discussão de fatos e provas que nós nem fizemos ao longo do processo. Segundo o artigo 503 do Código de Processo Civil, quando não existe uma discussão exaustiva, isso não faz trânsito em julgado [esgotamento de recursos]."


O ex-procurador Deltan Dallagnol Marco Torelli - 30.set.23/Divulgação

O entendimento do político é criticado por especialistas em direito eleitoral ouvidos pela **Folha**. Thales Tácito Cerqueira, autor de obras jurídicas sobre direito eleitoral, diz que nenhum juiz do Paraná poderia "ir contra uma gravação do sistema de inelegibilidade da Justiça Eleitoral".

Também afirma que, em um caso de cassação como a sofrida pelo deputado, o afastamento das urnas ocorre por um período de oito anos. "Como a inelegibilidade é preexistente, não há como alegar que o juízo de primeiro grau eleitoral e o TRE 'rediscutirão' esse tema e que não cabe ao TSE reexaminar matéria fática."

O especialista, que faz a ressalva de que considera a cassação do ex-procurador no TSE "o maior erro judicial eleitoral" que testemunhou, diz também que eventual tentativa de lançar a candidatura e desistir para abrir caminho a um sucessor poderia resultar em um processo de fraude.

> Alguém pode impugnar o registro, e isso vai ser discutido
>
> **Deltan Dallagnol**
> ex-procurador, sobre a possibilidade de ser candidato

A professora de direito da Universidade Federal do Ceará Raquel Machado considera que Deltan dá uma interpretação para a decisão da Justiça Eleitoral que extrapola o que foi dito.

Machado também entende que nenhum magistrado poderia ignorar um julgamento do TSE "que existe e está fundamentado".

"Na decisão [do TSE em 2023], há vários trechos, seja na ementa ou seja o voto do ministro relator, em que é feita referência expressa à inelegibilidade dele. É reconhecida, considerando que ele teria realizado uma fraude [à Lei da Ficha Limpa]."

O caminho possível para salvar eventual candidatura, diz a professora, seria ele conseguir provar, com alguma nova documentação, que a sua exoneração não foi uma burla à Lei da Ficha Limpa, como considerado pelos ministros do TSE — cenário que parece muito distante.

Em março, um juiz eleitoral de Curitiba, Irineu Stein Junior, negou pedido da federação encabeçada pelo PT para retirar o nome de Deltan de uma pesquisa eleitoral realizada na capital paranaense sobre a disputa municipal.

O magistrado entendeu que não caberia antecipar agora juízo de mérito quanto a requisitos para registro de candidatura. Também disse que não viu no cadastro eleitoral do ex-procurador anotação de alguma ocorrência a ser examinada em registro de candidatura — o que dá esperanças a Deltan e seus apoiadores.

À **Folha**, em março, o ex-procurador disse que o cenário é favorável à consolidação de sua candidatura em Curitiba e que ainda estava refletindo sobre a possibilidade.

Deputado federal mais votado do estado em 2022, ele detém um cargo remunerado no Novo e tem feito acenos ao bolsonarismo, inclusive tendo comparecido a ato do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) na avenida Paulista em fevereiro.

Além de Deltan, a mulher dele, Fernanda Dallagnol, se filiou ao Novo, deu declarações em eventos políticos e foi especulada como possível candidata em Curitiba.

Colaborou Flávio Ferreira, de São Paulo

Ataque online contra mulheres se difunde em grupo não político

Estudo mapeia ofensas no Brasil contra jornalistas e parlamentares e vê elo com ações da extrema direita

Patrícia Campos Mello

SÃO PAULO Análise de mais de 1,15 milhão de publicações no X (ex-Twitter), no Facebook e comentários do YouTube entre 2019 e 2024 mostra que a maior parte dos ataques contra jornalistas e políticas mira a credibilidade, inteligência e reputação dessas mulheres.

Além disso, as ofensas são frequentemente compartilhadas em páginas de extrema direita mas também em grupos não relacionados à política.

O estudo "Ataques relacionados a gênero e desinformação", da organização #ShePersisted e da empresa de análise de dados The Nerve, analisou os tipos de ataques online contra políticas e jornalistas no Brasil e as estratégias de distribuição desse conteúdo. O relatório vai ser lançado na reunião paralela ao G20 sobre integridade da informação, em São Paulo, na quarta (1º), que terá a participação da vencedora do Nobel da Paz Maria Ressa —que é a fundadora da The Nerve.

Para o estudo, a empresa analisou publicações com menções a jornalistas e políticas que eram alvos constantes de ataques de cunho misógino. Foram observados posts com menções às jornalistas Daniela Lima, ex-CNN e atual GloboNews; Amanda Klein, da Rede TV! e Jovem Pan; Vera Magalhães, da TV Cultura e de O Globo, Miriam Leitão, da GloboNews, Mônica Bergamo, da **Folha**, e a antropóloga e acadêmica Debora Diniz.



Vencedora do prêmio Nobel, jornalista Maria Ressa vê falta de ação das plataformas Jam Sta Rosa - 12.ju.22/AFP

Entre as políticas, foram avaliados posts contra as deputadas federais Tabata Amaral (PSB-SP), Maria do Rosário (PT-RS), Erika Kokay (PT-DF), Carla Zambelli (PL-SP), Duda Salabert (PDT-MG), Erika Hilton (PSOL-SP), a senadora Eliziane Gama (PSD-MA), a ministra do Planejamento, Simone Tebet (MDB), e as ex-deputadas federais Manuela D'Ávila e Joice Hasselmann.

A partir de publicações ou comentários com menções a essas jornalistas e políticas, a The Nerve usou processamento de linguagem natural (detecção de padrões e insights a partir de conjuntos de dados em texto) para avaliar a agressividade das publicações. A partir daí, classificou as publicações mais tóxicas em diferentes categorias de ofensas e acusações falsas.

Segundo o levantamento, a maioria das postagens com conteúdo considerado tóxico era de reação a críticas ao ex-presidente Jair Bolsonaro, seus filhos e aliados.

A principal linha de ofensas às mulheres eram ataques à credibilidade, inteligência e reputação dos alvos, incluindo alusões a doenças mentais. Esse tipo de ofensa respondeu por 75% dos ataques ligados a gênero no YouTube, 41% no X e 24% no Facebook.

Nesses ataques, as jornalistas eram frequentemente tachadas de espalhar fake news, ligando as profissionais a grupos de esquerda e as descrevendo como tendenciosas.

Também havia tentativas de pôr em dúvida a qualificação das políticas e jornalistas ao atacar aptidões intelectuais. Entre as expressões mais usadas estavam "besta quadrada", "burra" e "louca".

Outra vertente eram tentativas de minar a confiança pública nas jornalistas ou políticas, com acusações de serem antipatrióticas —foram 60% dos ataques de gênero no Facebook, 31% no X, e 15% nos comentários no YouTube.

Outra linha de ofensas referia-se à aparência física —foram 10% dos posts agressivos ligados a gênero no X e 4,8% no Facebook. "Feia" e "bruxa" eram alguns dos insultos.

Uma vertente das publicações contra essas mulheres era ligada à defesa dos direitos das mulheres e evocava religião —8% no Facebook, 2,6% nos comentários do YouTube. Um dos focos eram críticas à Lei Maria da Penha e à defesa ao direito ao aborto.

Postagens com comentários de teor sexual ou insultos relacionados à sexualidade dos alvos, incluindo ataques transfóbicos, foram 18% dos ataques de gênero no X, 7,1% nos comentários do YouTube e 4% no Facebook. Parte dos posts afirmava que mulheres transgênero não são "mulheres de verdade" e chamava políticas de "prostitutas".

Segundo o estudo, as ofensas ou informações falsas mirando mulheres vêm, predominantemente, de figuras da direita ou extrema direita e se disseminam em grupos ligados a Bolsonaro, mas, também, naqueles que não são de conteúdo político.

A pesquisa aponta ainda que houve esforços para infiltrar e disseminar desinformação em comunidades não políticas, incluindo grupos sobre religião, cultura e estilo de vida, como um relacionado a edição de fotos e outro de fãs de um escritor.

Para Maria Ressa, fundadora da The Nerve, "é como se um vírus fosse introduzido em uma população, não se sabe quantos vão pegar a doença, até que começamos a perceber mais e mais pessoas com febre." A empresa vai conduzir essas análises digitais em diversos países.

Ressa aponta também que nos mesmos grupos hiperpartidários ou não políticos onde circulam esses ataques ligados a gênero se disseminava desinformação em relação à Covid, e as plataformas deveriam ter tomado providências.

O levantamento aponta ainda que grande parte das publicações com informações falsas sobre mulheres continuam online mesmo desmentidas por agências de checagem.

Tipos de ataques contra jornalistas mulheres e políticas

Contra credibilidade e reputação:
- 75% dos ataques ligados a gênero em comentários no YouTube
- 41% no X
- 24% no Facebook

Para minar a confiança ou indicar falta de patriotismo:
- 60% dos ataques de gênero no Facebook
- 31% no X
- 15% nos comentários do YouTube

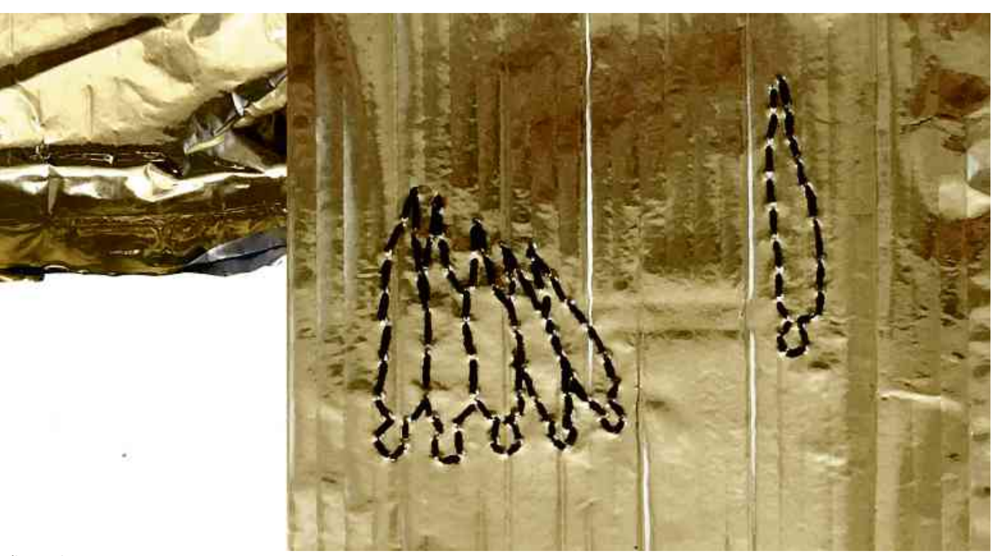
Críticas à aparência física:
- 10% dos posts agressivos ligados a gênero no X
- 4,8% no Facebook
- 0,26% dos comentários do YouTube

Ligados à defesa do direito ao aborto ou legislação contra violência doméstica:
- 8% no Facebook
- 2,6% nos comentários do YouTube
- Estatisticamente insignificante no X

De cunho sexual, incluindo transfóbicos:
- 18% no X
- 7,1% no YouTube
- 4% no Facebook

* Alguns posts se encaixam em mais de uma categoria

Fonte: The Nerve e #ShePersisted


Juliana Freire

Netanyahu no golpe do 'cachorro doido'

Quem tentou perdeu

Elio Gaspari
Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada".

Em 2007, quando estava na oposição, Binyamin Netanyahu ensinou: "Você não pode ter um primeiro-ministro num país como Israel se ele não tem algum tipo de habilidade para conceber um conceito de diplomacia e segurança".

Desde outubro, quando os terroristas do Hamas atacaram Israel, sabia-se que seus serviços de inteligência haviam fracassado. Só agora o general que os comandava deixou o cargo. Seis meses depois, enquanto o governo de Netanyahu atravessa um inédito processo de isolamento fora do mundo islâmico.

As manifestações de estudantes americanos acampando em universidades são um aviso de que algo está acontecendo. Eles não são contra Israel. Condenam o tipo de guerra que Netanyahu faz na Faixa de Gaza.

O primeiro-ministro de Israel entrou na tenebrosa galeria dos governantes que fazem o jogo do "cachorro doido". Acreditam que prevalecerão indicando aos outros que são capazes de fazer o impensável.

Quem primeiro expôs essa teoria foi o presidente americano Richard Nixon diante da guerra do Vietnã. Deu com os burros n'água. Antes dele, o primeiro-ministro soviético Nikita Khruschov armou o mesmo bote em 1962, botando ogivas nucleares em Cuba. Dançou.

Vinte anos depois, o ditador argentino Leopoldo Galtieri invadiu as ilhas Malvinas achando que a Inglaterra não reagiria. A primeira-ministra Margaret Thatcher desceu a frota e retomou as ilhas e Galtieri foi deposto.

No Brasil, o cachorro doido ladrou em 1961, mas acabou mordendo o próprio rabo. O presidente Jânio Quadros mandou pelo menos quatro bilhetes aos ministros militares tratando das Guianas.

No primeiro, de 31 de julho, denunciava a "presença de fortes correntes de esquerda, algumas, reconhecidamente, comunistas" e perguntava: "Haverá, ainda, a possibilidade da nossa penetração nesses três Estados e, eventualmente, a da integração respectiva, no todo ou em parte, a nosso país?"

No último, de 24 de agosto, Jânio havia abandonado a ideia da "integração" e programou uma reunião do ministério para tratar da Guiana Inglesa.

Segundo Jânio: "Com as recentes eleições da Guiana Britânica instalar-se-á, sem dúvida, ao Norte do Brasil, um país de estrutura soviética. Conheço o dirigente desse novo governo e considero-o da mais alta periculosidade".

No dia seguinte, Jânio tentou outro golpe. Com o vice-presidente terminando uma viagem à China, renunciou à Presidência e esperou que pedissem a sua volta.

Enganou-se.

Em geral, o "cachorro doido" perde.

Precisa-se de coordenador
Surgiu em Brasília a ideia de colocar o vice-presidente Geraldo Alckmin na coordenação política do governo. Não tem a menor possibilidade de dar certo.

Dilma Rousseff tentou essa manobra usando seu vice, Michel Temer. Deu no que deu.

Temer até tentou alguns passos e foi torpedeado pelo comissariado petista. Figurativamente, ele fazia os acertos usando o seu cartão de crédito e o Planalto não pagava as contas.

O marinheiro e o almirante
Tramita na Câmara um projeto aprovado pelo Senado que manda inscrever no livro dos Heróis da Pátria o marinheiro negro João Cândido, líder da Revolta da Chibata, de 1910.

Essa revolta começou no encouraçado Minas Gerais e espalhou-se por outros navios da frota da baía de Guanabara e durou quatro dias. Pediam: "que desapareçam a chibata, o bolo, e outros castigos", bem como o aumento do soldo. Bombardearam o Rio, com a morte de duas crianças. Terminado o motim, os rebeldes foram anistiados, com o apoio de Rui Barbosa.

O comandante da Marinha, almirante Marcos Olsen, escreveu à Comissão de Cultura da Câmara, desaconselhando a iniciativa: "Nos dias atuais, enaltecer passagens afamadas pela subversão, ruptura de preceitos constitucionais organizadores e basilares das Forças Armadas e pelo descomedido emprego da violência de militares contra a vida de civis brasileiros é exaltar atributos morais e profissionais, que nada contribuirá ao pleno estabelecimento e manutenção do verdadeiro Estado democrático de Direito".

Tudo bem. Revolta é revolta e revoltoso é revoltoso, mas a Marinha precisa equilibrar a equação.

Desde 1933 ela manteve na sua frota o navio-escola Saldanha da Gama. Desativou-o em 1990 e está construindo outro, com o mesmo nome, para apoio na Antártica.

Luís Filipe Saldanha da Gama (1846-1895) era um almirante de vitrine e se achava. Revoltou a Armada em 1893 contra o governo do marechal Floriano Peixoto, perdeu e foi combater no Rio Grande do Sul. Lá, foi batido e degolado.

Saldanha queria que Floriano convocasse eleições. Foi um rebelde do andar de cima. João Cândido, insurreto do andar de baixo, queria acabar com a chibata. Ambos se revoltaram, porém prevaleceram.

Um é nome de navio da Marinha, o outro é nome de um petroleiro da Transpetro.

Inteligência educacional
O governador Tarcísio de Freitas e seu secretário de Educação Renato Feder querem usar instrumentos de inteligência artificial para produzir as aulas digitais que são usadas pelos professores de todas as escolas da rede estadual paulista.

Saiba-se lá o que é isso, mas a dupla precisa recorrer à própria inteligência convencional para cuidar da quitanda que administra.

O município de Morungaba tem 3.000 habitantes. Há 12 anos lá funciona a escola privada Ratimbum com 72 alunos (seis bolsistas) que cursam até a 5ª série. Há mais de um ano a escola pediu aos educatecas autorização para ampliar suas matrículas, com aulas até a 9ª série.

A Ratimbum recebeu quatro visitas de inspetores com inúmeras exigências, algumas erradas. Atendeu várias. (Um pedido, verbal, exigia que a água dos bebedouros viesse da Sabesp, que não atende o local onde fica a escola.)

Algum programa de inteligência artificial poderia organizar a comemoração do segundo aniversário da espera da autorização.

Londres na primavera
A primavera londrina recebeu mais uma série de palestras enfeitadas por magistrados brasileiros. Foi o 1º Fórum Jurídico Brasil de Ideias. Juntou três ministros do Supremo Tribunal (Alexandre de Moraes, Dias Toffoli e Gilmar Mendes), mais cinco juízes do STJ.

Um dos painéis, abrilhantado pelos ministros, discutiu "Mecanismos de aprimoramento do processo eleitoral" brasileiro.

Faz tempo, um diplomata ia todo ano a Nova York para participar de uma reunião que discutia a independência da Namíbia e comentava: "Se essa comissão se reunisse na Namíbia, ela seria independente há muitos anos".

Se o aprimoramento do sistema eleitoral brasileiro tiver que ser discutido na Baixada Fluminense, seus problemas serão logo resolvidos.

O ministro Alexandre de Moraes não dá sorte com as sedes de suas palestras. Entre os patrocinadores da farofa de Londres, esteve o empresário Alberto Leite. Em 2022, ele recebeu na pista do condomínio onde vive o jatinho que trazia Elon Musk, para um encontro com o presidente Jair Bolsonaro.

Ausência
Nos próximos quatro domingos o signatário cultivará o ócio.

Governadores criticam invasão de terra durante evento em MG

Romeu Zema condena ações do MST e Ronaldo Caiado é saudado como presidenciável para 2026

Marcelo Toledo

UBERABA (MG) A abertura da Expozebu, principal evento da pecuária brasileira, em Uberaba, no Triângulo Mineiro, foi marcada neste sábado (27) por fortes críticas de pecuaristas e políticos às invasões de terras ocorridas neste mês.

Organizada pela ABCZ (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu), a exposição reuniu deputados, senadores, governadores, dirigentes de associações e pecuaristas, além dos ministros Carlos Fávaro (Agricultura) e Alexandre Silveira (Minas e Energia) e o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL).

O presidente da ABCZ, Gabriel Garcia Cid; a prefeita de Uberaba, Elisa Araújo (PSD); o presidente da FPA (Frente Parlamentar da Agropecuária), Pedro Lupion (PP-PR); o governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil); e o governador mineiro, Romeu Zema (Novo), fizeram críticas a áreas invadidas e foram aplaudidos pelo público, formado basicamente por produtores rurais.

Eles criticaram em seus discursos as invasões de terra e o Abril Vermelho, protagonizado pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), e cobraram do governo federal medidas para impedir que isso ocorra.


Romeu Zema na abertura da Expozebu Neto Oliveira/ Divulgação/ABCZ

Fávaro, em seu discurso de 12 minutos, não comentou o assunto. Ele disse que o governo do presidente Lula (PT) está trabalhando para apresentar um Plano Safra compatível com o momento vivido pelo setor.

O governador de Goiás foi recebido com honras pelos pecuaristas presentes no Parque Fernando Costa, que abriga a exposição.

Ele caminhou da sede da ABCZ ao palco principal cercado de produtores rurais e foi saudado como presidenciável para 2026.

Após a abertura oficial, Caiado disse que jamais negou que colocou seu nome como pré-candidato pelo seu partido, mas que, caso o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) esteja em condições legais de disputar a eleição, terá seu apoio.

"O presidente da República atual, ele é candidato à reeleição. Então, ele está em campanha todo dia desde que assumiu. A oposição precisa lançar os seus pré-candidatos. Lógico o que a gente vai trabalhar no Brasil todo e vai ver quem que se viabiliza", afirmou.

Esse trabalho que precede a disputa propriamente dita é importante, segundo o governador, pelo fato de o período eleitoral ser curto. E disse que, "de maneira alguma", manteria seu nome na disputa caso Bolsonaro possa estar na eleição.

Juíza manda derrubar redes e prender jornalista

RIO DE JANEIRO A juíza Andreia Caiado da Cruz, da 11ª Vara Criminal de Pernambuco, determinou a derrubada das redes sociais e a prisão do jornalista Ricardo Antunes por descumprimento de decisão para retirar do ar publicações contra um promotor.

A defesa fala em censura.

Processado por injúria e difamação, ele afirma ter cumprido as determinações. Antunes está na Espanha e espera um habeas corpus para retornar ao país.

O alvo da ação é reportagem sobre a aquisição de terreno em Fernando de Noronha por Flávio Falcão.

Em decisão desta sexta (26), a juíza diz ainda que, ao realizar busca com o nome do promotor, é possível encontrar links sobre a denúncia incluindo vídeo com a descrição "Imagens revelam relação promíscua entre juiz, promotor e empresários de Noronha".

Ela decidiu decretar a prisão preventiva de Antunes alegando que "o acusado possui histórico de ofensas à lei penal, e, em liberdade, encontraria os mesmos estímulos relacionados com a infração cometida".

Nicola Pamplona

Reforma tributária e desenvolvimento

Mudança pode resolver problemas do desenvolvimento brasileiro

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História".

O governo Lula apresentou ao Congresso sua proposta de regulamentação da reforma tributária. Se você pensou em parar de ler a coluna porque o assunto parece chato, não faça isso: hoje em dia, não se pode desperdiçar a chance de conversar sobre coisas que existem, ao contrário da ideologia de gênero ou da ditadura de Alexandre de Moraes.

O problema tributário brasileiro, indiscutivelmente, existe.

Segundo os especialistas, o sistema brasileiro atual é altamente cumulativo. A fábrica de roupas compra tecido e vende camisas. Recolhe imposto na venda de camisas, mas também paga, embutido no preço do tecido, parte do imposto que a tecelagem pagou. Esses restos de impostos que vão se acumulando pela cadeia produtiva são chamados de resíduos tributários.

Um dos principais objetivos da reforma proposta pelo governo é eliminar o resíduo tributário. Se a reforma for aprovada, a fábrica de roupas do exemplo acima receberá um crédito igual ao imposto já pago pelo plantador de algodão. Ele só pagará imposto sobre o valor que ele adicionou. Daí o nome: Imposto sobre Valor Adicionado (IVA).

Segundo estudo publicado no blog Que Imposto é Esse?, da **Folha**, *em 15 de março, o resíduo tributário brasileiro é 28 vezes maior no Brasil do que na União Europeia, que adota o IVA.*

Essa diferença prejudica o desenvolvimento brasileiro de várias maneiras.

Em primeiro lugar, as exportações brasileiras pagam esse resíduo de imposto vindo dos fornecedores da empresa exportadora. Ou seja, os produtos brasileiros chegam no comércio mundial mais caros por causa do sistema tributário atual.

Enquanto isso, os países que já usam o IVA —quase todos os países do mundo— colocam seus produtos no nosso mercado sem resíduo tributário. Na mesma reportagem do Que Imposto é Esse?, o auditor fiscal Rodrigo Frota da Silveira chamou o ICMS, um dos impostos que o governo propõe extinguir, de "imposto pró-China", pois ele reduz nossas chances de competir com gigantes exportadores como os chineses.

Finalmente, o resíduo tributário é maior para empresas que compram muitos insumos de muita gente, como as indústrias mais modernas. Isto é, o sistema tributário atual, que a reforma quer abolir, torna mais fácil para os brasileiros produzir e exportar produtos simples, com pouca elaboração tecnológica.

Não deve ser só isso que explica por que, nas últimas décadas, o Brasil se desindustrializou e se especializou em produtos primários. Mas duvido que a explicação "se o cara quiser produzir alguma coisa mais complicada, o Brasil cobra mais imposto dele" seja completamente irrelevante.

Para que a reforma tributária gere tantos efeitos positivos quanto se espera, é importante que a alíquota do IVA não seja grande demais. Para isso, é preciso que o Congresso aprove a regulamentação sem isentar setores poderosos. Nas próximas semanas, lembre-se: se o Congresso disser que está reduzindo imposto para alguém, é porque está aumentando o seu.

Soluções para problemas reais são difíceis, têm prós e contras, exigem negociações e podem precisar de aperfeiçoamentos. Batalhas ideológicas sobre nada são mais simples. Por outro lado, a reforma tributária pode melhorar a sua vida no mundo real, não só no Twitter.

| DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros | SEG. Deborah Bizarria, **Camila Rocha** | TER. Joel Pinheiro da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Marcos Augusto Gonçalves | SÁB. Demétrio Magnoli

Exército comprou maleta espiã que intercepta ligações

Equipamento foi vendido como complemento do FirstMile, mostra depoimento

Cézar Feitoza e Thaísa Oliveira



Soldados durante comemorações do Dia do Exército, em Brasília Ueslei Marcelino - 19.abr.24/Reuters

BRASÍLIA O Exército comprou uma maleta espiã que permite interceptar ligações, ativar remotamente o microfone de celulares e bloquear comunicações sem a necessidade de autorização judicial para executar as tarefas.

O sistema de inteligência é chamado de GI2 e é vendido pela Verint (atualmente conhecida como Cognyte) como um complemento ao FirstMile —software espião cujo uso ilegal por membros da Abin (Agência Brasileira de Inteligência) é investigado pela Polícia Federal.

Segundo documentos da Verint repassados por um ex-funcionário da empresa à **Folha**, a venda casada dos produtos é sugerida a clientes pelo menos desde 2013.

Na época, a empresa usava no lugar do FirstMile outro produto, chamado SkyLock, que possui o mesmo princípio do sistema investigado pela PF —obter acesso à localização aproximada de celulares por meio de brechas nos serviços de telecomunicações.

"Um exemplo disso (uso combinado dos sistemas) é utilizar o SkyLock em conjunto com o ENGAGE GI2 para primeiro identificar a localização de uma célula alvo e, em seguida, usar o GI2 da Verint para identificar a localização precisa desse alvo", diz trecho do material de divulgação do produto.

O GI2 foi comprado pelo Exército durante a intervenção federal no Rio, no final de 2018. A informação foi relatada pelo vendedor da Verint Caio Santos Cruz, em depoimento à PF obtido pela **Folha**.

Santos Cruz disse ainda que o Exército comprou, no mesmo pacote, os sistemas FirstMile, WebAlert e FaceDetect ao custo de cerca de US$ 10,8 milhões (R$ 56 milhões hoje).

O Exército disse, em nota, que a legislação brasileira a impede de comentar assuntos de inteligência. Procurada, a Abin afirmou que a informação é sigilosa para "preservar capacidades operacionais".

Em portfólio apresentado a clientes, a Verint detalha as funcionalidades do GI2. Entre elas, estão "localizar com precisão o alvo usando um dispositivo dedicado de busca sem desativar a capacidade de comunicação do alvo" e "extrair as coordenadas GPS do telefone móvel do alvo em redes GSM e UMTS".



Maleta com o equipamento para espionagem, conforme mostrado em catálogo Reprodução

Outras utilidades do equipamento são "ouvir, ler, editar e redirecionar chamadas e mensagens de texto de entrada e saída", "ativar remotamente o microfone de um telefone móvel", "identificar a presença de telefones móveis alvo" e "bloquear comunicações celulares para neutralizar IEDs (Dispositivos Explosivos Improvisados, em inglês)".

A maleta espiã possui um sistema intricado. Na prática, quando o GI2 é acionado, ele passa a funcionar como uma antena de telecomunicação, e todos os celulares em um raio próximo de 1 km se conectam a ela.

Dessa forma, o operador do GI2 consegue aplicar suas funções contra todos os celulares próximos à região em que se encontra.

Uma função do sistema, porém, permite que o operador da maleta espiã selecione um celular-alvo —e, assim, todos os demais telefones voltam a se conectar com a antena mais próxima.

Após definir o celular-alvo, a maleta consegue extrair os dados e acessar remotamente somente os dados do telefone monitorado, permitindo ao operador ouvir ligações e ativar o microfone do aparelho.

O Parlamento Europeu concluiu em 2023 uma investigação sobre a utilização de softwares espiões entre os países-membros da União Europeia. Parte do documento é destinado a relatar as negociações e suspeitas envolvendo as empresas Verint e Cognyte.

O relatório final do inquérito destaca que a empresa vendeu produtos espiões para governos repressivos, como Mianmar, Azerbaijão, Indonésia e Sudão do Sul. "Neste último caso, o Serviço de Segurança Nacional do Sudão do Sul utilizou equipamento de interceptação da Verint contra ativistas dos direitos humanos e jornalistas entre março de 2015 e fevereiro de 2017."

O documento ainda diz que a tecnologia GI2, da Verint, foi enviada a uma filial da empresa na Polônia para "fins de demonstração". "A tecnologia GI2 permite acessar um determinado dispositivo e fazer-se passar pelo proprietário e enviar mensagens falsas através desse dispositivo", completa.

A reportagem procurou a Verint por ligações, emails e mensagens a funcionários, mas não teve resposta.

A Verint Systems é uma empresa israelense que fornece mundialmente serviços e soluções de inteligência para governos e agências. Em 2021, o grupo decidiu desmembrar seu setor de inteligência para a Cognyte Software, que manteve os contratos firmados pela antecessora com diversos órgãos governamentais brasileiros.

Em documentos enviados aos seus clientes, a Verint oferecia a venda dos sistemas SkyLock (antecessor do FirstMile e que fornece o mesmo serviço) e GI2 em conjunto. Na prática, as funcionalidades dos dois produtos são complementares.

O FirstMile utiliza uma brecha no protocolo internacional das telecomunicações, chamado de SS7 (Sistema de Sinalização nº7), para obter acesso da localização aproximada de celulares.

O protocolo funciona da seguinte maneira: quando alguém liga para o celular de outra pessoa, a rede de telefonia precisa localizar em qual antena de celular cada um dos interlocutores está conectado.

A operadora da pessoa que faz a chamada solicita à operadora de quem recebe a ligação a localização da antena. O protocolo é quase instantâneo, e a conexão entre os dois celulares é estabelecida.

Empresas de inteligência encontraram uma brecha nesse protocolo internacional ao descobrir que nenhuma operadora bloqueava os pedidos de localização —já que são muitas as solicitações feitas a todo momento.

Esses grupos viram que seria possível criar empresas de telecomunicação de fachada para solicitar às operadoras reais a localização de celulares.

O FirstMile foi criado nesse contexto. O operador do sistema consegue incluir o telefone de qualquer pessoa na plataforma e, assim, pode realizar o monitoramento em tempo real do celular.

Toda vez que o telefone entra em contato com a antena de telecomunicação ao receber ligação, SMS, ou atualizar serviço, um registro da localização do celular é feito no sistema do FirstMile.

Segundo relatos de pessoas que conhecem o funcionamento do sistema, é possível ainda realizar outros tipos de consulta, como solicitar os números de telefone conectados a uma determinada antena ou estabelecer critérios para receber notificações sempre que algum celular passar por um local predefinido.

O GI2 se torna útil neste momento. Com a localização da pessoa monitorada, obtida pelo FirstMile, o investigador pode se locomover para perto da região e usar a maleta espiã para escutar as ligações feitas pelo alvo ou mesmo ligar o microfone do aparelho sem deixar rastros.

O produto ainda consegue dar a "localização exata do suspeito para detenção, tornando praticamente impossível para os alvos escaparem, não importa o local em que estejam no mundo" —segundo documento da Verint que sugere a venda conjunta dos sistemas.

Ministério dá parecer para recriar comissão de mortos políticos

Renato Machado

BRASÍLIA O Ministério da Justiça ratificou um parecer favorável para a recriação da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, que foi extinta nos últimos dias do mandato de Jair Bolsonaro (PL).

Na prática, a gestão agora comandada por Ricardo Lewandowski, reafirmou o parecer dado pela equipe de seu antecessor, Flávio Dino. A pasta havia sido acionada para dar nova posição pela Casa Civil, por causa da troca de ministros.

O novo parecer foi divulgado inicialmente pelo jornal O Estado de S. Paulo e confirmado pela **Folha**.

A recriação da comissão vem se arrastando no governo Lula (PT), sem previsão de um desfecho. O processo ficou meses parado na Casa Civil, após ter sido encaminhado pelo Ministério dos Direitos Humanos.

Criada no governo Fernando Henrique Cardoso como forma de reconhecer vítimas do regime, localizar corpos desaparecidos e indenizar suas famílias, a comissão foi extinta no final do ano passado, no apagar das luzes do governo Bolsonaro. No entanto, o processo começou a se arrastar no Palácio do Planalto. Segundo integrantes do governo, há preocupação em não criar uma nova crise com militares em torno de um tema que é considerado sensível por eles.



Sul-africanos celebram o Dia da Liberdade, aniversário das primeiras eleições livres pós-apartheid, em Pretória Zhang Yudong/Xinhua

Agremiação de Mandela pode perder hegemonia de 30 anos

África do Sul vai às urnas em 1 mês, com chance de CNA ter de fazer alianças

Vinicius Assis

CIDADE DO CABO Desde que a África do Sul realizou as primeiras eleições multirraciais, há 30 anos, e virou a página do apartheid, o poder sempre esteve nas mãos do Congresso Nacional Africano (CNA), o partido do histórico líder Nelson Mandela (1918-2013). Os sul-africanos vão às urnas daqui a um mês, em 29 de maio, e pela primeira vez esta hegemonia está em risco.

O eleitor vota no partido para formar as bancadas da Assembleia Nacional. Quem consegue mais de 50% dos votos controla a Casa e escolhe o presidente do país, que é chefe de Estado e de governo e tem mandato de cinco anos. O atual é Cyril Ramaphosa, que busca a reeleição.

Em todos os pleitos desde 1994, o CNA obteve a maioria da Casa. O cenário agora é incerto em uma votação facultativa, na qual 13 milhões dos cerca de 41 milhões de eleitores aptos ainda não se registraram para votar.

Segundo pesquisa divulgada pelo instituto Ipsos na sexta (26), a sigla tem 40,2% das intenções de voto. O principal partido de oposição, a liberal Aliança Democrática (AD), em sua origem ligada à minoria branca, aparece com 21,9%.

Caso o CNA não consiga mais da metade das 400 cadeiras da Assembleia, precisaria do inédito apoio de outros partidos para se manter no governo. Diante disso, algumas siglas opositoras, lideradas pela AD, já concordaram em formar uma coalizão, intitulada Carta Multipartidária, se amealharem juntas mais de 50% do eleitorado.

Há um quadro de desgaste do CNA agravado pelo desemprego e por escândalos de corrupção que nem mesmo o peso de Mandela parece ser capaz de atenuar. O maior ativista contra o apartheid, regime de segregação racial que vigorou na África do Sul por 46 anos, passou 27 anos na cadeia, foi eleito o primeiro presidente negro do país e se tornou uma figura global.

Esse legado, porém, ficou no passado para sul-africanos como Makabongwe Hkulani, 21. "Talvez isso tenha sido importante para as pessoas que viveram muito tempo atrás. Eu sinto orgulho do que leio nos livros, mas hoje em dia eles são gananciosos por dinheiro", diz, em referência a políticos do CNA.

Hkulani afirma não ter condições de realizar o sonho de estudar direito e ser advogado, como Mandela foi. Na África do Sul, até as universidades públicas são pagas. Ele é vendedor em uma loja de calçados no centro da Cidade do Cabo. A reportagem o entrevistou na praça onde, no dia 11 de fevereiro de 1990, Mandela fez seu primeiro discurso ao sair da prisão.

"Se olharmos para o próprio CNA, sabemos que há uma geração mais jovem que se apega a Mandela e invoca sua memória, mas não é necessariamente fiel ao legado do grande homem", diz Sanusha Naidu, analista de política externa. "O apoio ao CNA está caindo porque o partido está implodindo. Não tem mais uma grande confiança por parte da sociedade, e seu histórico de governança não tem sido bom."

A África do Sul tem hoje uma das mais altas taxas de desemprego do mundo (32%) e uma crise energética que por vezes deixa a população sem eletricidade por mais de dez horas por dia. O país, um dos maiores produtores mundiais de ouro e platina, recebe turistas do mundo inteiro em seus modernos aeroportos, mas, segundo o Banco Mundial, é um dos mais desiguais do planeta, com milhões de pessoas ainda vivendo abaixo da linha da pobreza.

Dos aproximadamente 28 milhões de eleitores cadastrados, quase 13 milhões têm de 30 a 49 anos, o que ainda pode garantir maioria ao CNA, mesmo que perca espaço. Em um país onde negros representam mais de 80% da população, principalmente quem viveu os anos do apartheid ainda tem uma sensação de gratidão pelo partido do Mandela. Como a questão racial persiste como um marcador político importante, a AD ainda é vista por parte da população como um "partido de branco", por mais que tenha negros entre seus membros.

Justamente das fileiras do CNA saíram outros dois atores que hoje estão na oposição e podem ser decisivos em uma eventual aliança no caso de não haver maioria na Assembleia. Líder do ultraesquerdista Combatentes da Liberdade Econômica (CLE), o controverso Julius Malema comandou a ala jovem do CNA e defende expropriar terras sem indenização e nacionalizar todo o setor de mineração. Com a terceira maior bancada legislativa, o CLE tenderia a se aliar à sigla governista, mas não se sabe a que custo político.

O outro personagem é o ex-presidente Jacob Zuma, um nome histórico do CNA, que renunciou à Presidência em 2018, pressionado por correligionários em meio a acusações de corrupção. Ele hoje é líder do novato Lança da Nação —do zulu uMkhonto weSizwe (MK)—, com 8,4% das intenções de voto.

No mês passado, Zuma havia sido proibido de ocupar qualquer cargo que viesse a ser conquistado pelo novo partido, por ter sido condenado a 15 meses de prisão em 2021. A decisão foi tomada pela Comissão Eleitoral com base na Constituição, mas um tribunal anulou a proibição da candidatura, e Zuma está livre para disputar as eleições mais imprevisíveis em 30 anos de democracia sul-africana.

As principais forças políticas da África do Sul



Congresso Nacional Africano

Líder: Cyril Ramaphosa (presidente da África do Sul)
Nascido de um movimento contra o apartheid, é o partido dominante e governa o país desde 1994 como principal representante da maioria negra; vive desgaste por cisões internas e denúncias de corrupção



Aliança Democrática

Líder: John Steenhuisen
Maior partido de oposição, tem plataforma liberal, e sua base é formada principalmente pela minoria branca; propõe uma coalizão com outras siglas para governar caso o CNA não consiga mais de 50% do Parlamento



Combatentes da Liberdade Econômica

Líder: Julius Malema
Partido de esquerda radical, cujas propostas incluem expropriação de terras sem indenização e estatização do setor de mineração; embora seja uma agremiação de oposição, poderia aliar-se ao CNA se este não vencer a eleição com maioria



Lança da Nação (MK)

Líder: Jacob Zuma
Criado no fim do ano passado, o partido populista de esquerda foi batizado com o nome do antigo braço armado do CNA à época do apartheid; o ex-presidente Zuma é o grande capital político da legenda em sua 1ª eleição geral

Eleições na África do Sul

Raio-X



Área: 1,22 milhão de km² (equivalente ao estado do Pará)

População: 58 milhões (Brasil tem 218 milhões)

PIB: US$ 405,3 bilhões (Brasil - US$ 1,92 tri)*

PIB per capita: US$ 6.700 (Brasil - US$ 8.900)*

IDH: 0,713 (109º lugar, Brasil é o 87º)*

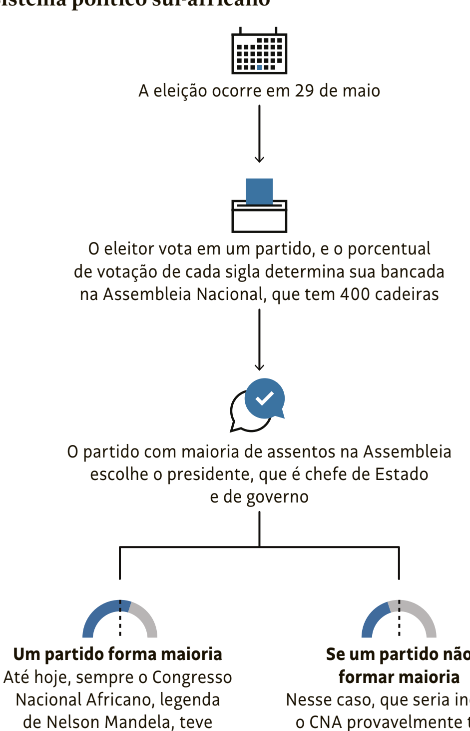
Religião

85% Cristãos
7,8% Cultos tradicionais africanos
1,6% Muçulmanos; 1,1% Hindu; 1,3% Outros; 2,9% Nenhuma

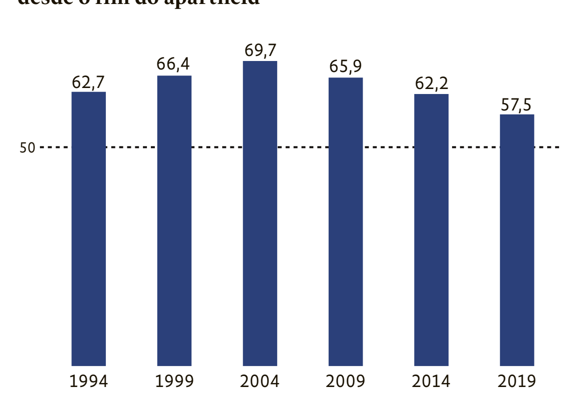
Composição racial

81,4% Negros
8,2% Mestiços
7,3% Brancos
Indianos/asiáticos **2,7%**
Outros **0,4%**

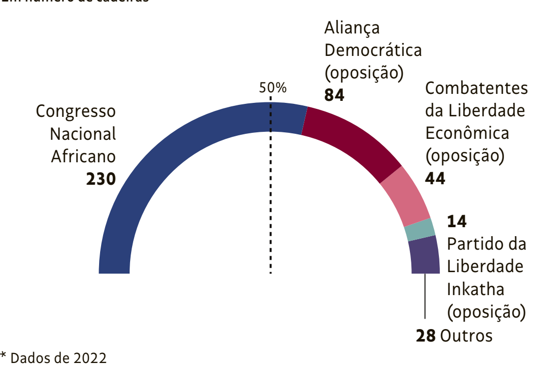
Sistema político sul-africano



Percentual de votos do Congresso Nacional Africano desde o fim do apartheid



Composição atual do Parlamento
Em número de cadeiras



* Dados de 2022
Fontes: CIA World Factbook, Banco Mundial e ONU

Protestos ao norte e ao sul

Atos de colombianos e argentinos expõem rápido desgaste de presidentes

Sylvia Colombo
Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da **Folha** em Buenos Aires. É autora de 'O Ano da Cólera'

Por motivos distintos, mas com um alvo em comum, argentinos e colombianos saíram às ruas na última semana para protestar contra seus governos, o do ultradireitista Javier Milei e o do esquerdista Gustavo Petro.

O rápido desgaste de lideranças tem sido algo comum na América Latina dos últimos tempos, como se pôde observar nos processos políticos recentes, por exemplo, do Chile e do Equador. As tréguas de começo de governo vêm sendo mais curtas em relação ao que ocorria num passado não muito distante, antes da pandemia de Covid-19 e do crescimento da polarização em vários países. Esse acelerado descrédito é mais um sinal da crise da democracia na região.

Na Argentina, Milei venceu, no último dia 23, a primeira grande manifestação popular contra suas medidas de ajuste na educação pública —apenas a UBA (Universidade de Buenos Aires) perdeu mais de 70% de seu orçamento.

São poucos os consensos nacionais na Argentina, mas a educação pública é um deles. Antes de mais nada, por uma questão histórica, impulsionada no século 19, quando Domingo Faustino Sarmiento, um dos principais intelectuais daquele tempo e presidente do país de 1868 a 1874, iniciou um amplo programa de alfabetização e de promoção da educação laica e pública. Algo que até hoje se respeita e se valoriza, dentro e fora do país.

A Argentina possui cinco prêmios Nobel, e três deles são da área científica. Não é por menos que jovens carregaram cartazes fazendo referência à clonagem que Milei realizou de seu cão Conan, morto em 2017, resultando nos animais que ele tanto ama e que mantém na residência de Olivos. "Sem ciência, não há Conan", diziam centenas de cartazes e bandeiras vistos nesse dia.

Milei meteu-se, aí, num vespeiro inédito. As imagens das ruas tomadas em Buenos Aires (500 mil pessoas) e no restante do país (mais de 250 mil) são uma demonstração clara de que há coisas que mesmo os que votaram em Milei não querem que sejam modificadas.

O governo argentino respondeu a esse protesto afirmando que este havia sido cooptado por políticos interesseiros, apoiando-se no fato de kirchneristas, sindicalistas, opositores em geral, as Mães da Praça de Maio e outros atores políticos terem tomado carona na questão da educação pública para defender suas próprias causas.

Já na Colômbia, milhares saíram às ruas, no último dia 21, para posicionar-se contra a reforma no sistema de saúde que Petro tenta implementar. A ideia é tirar o protagonismo dos planos de saúde privados para investir mais no sistema público.

Havia nas ruas centenas de médicos e enfermeiros com seus uniformes brancos. Como na Argentina, o protesto esteve tomado por opositores e outros setores da sociedade, que pediam a renúncia de Petro.

Perto de completar dois anos de mandato, ele enfrenta um forte desgaste de sua imagem. Além disso, anda isolado em relação ao Congresso, que tem maioria opositora, e ao seu próprio gabinete, com quem tem dificuldades de dialogar.

Infelizmente, o colombiano responde a essas manifestações, muito comuns nos últimos meses, de modo hostil, nada conciliador.

Para cada marcha opositora, ele convoca uma de defesa ao governo —a próxima será em 1º de maio. Com obstáculos para levar adiante as reformas —principal bandeira de sua campanha—, é possível que Petro passe os próximos dois anos de mandato defendendo-se, em vez de implementando a mudança que sonhou para a Colômbia.

| DOM. Sylvia Colombo | TER. **Mundo Leu** | QUI. Lúcia Guimarães | SÁB. Igor Patrick

Governo luso nega ter planos de reparação por escravidão

Comunicado é resposta a reiteradas falas do presidente do país, que tem defendido formas de compensação

PENÁPOLIS (SP) Instigado pelas pressões do presidente da República, o governo de Portugal quebrou o silêncio e negou qualquer intenção de avançar com um "processo ou programa de ações específicas" relacionados à reparação das ex-colônias, indo, assim, contra a posição de Marcelo Rebelo de Sousa. Mas afirmou que dará continuidade à atuação dos governos anteriores em matéria de cooperação com esses Estados.

Ainda assim, a questão pode não ficar encerrada, visto que o governo do Brasil pede "ações concretas" e partidos de esquerda querem levar o debate para discussão no Parlamento.

Em nota enviada divulgada no sábado (27), o Executivo da Aliança Democrática, do novo premiê Luís Montenegro, declara que "se pauta pela mesma linha dos governos anteriores" no que diz respeito às reparações aos países colonizados e que não há nenhum projeto relacionado à reparação.

A nota do governo afirma ainda que sua linha de atuação será sempre de "aprofundamento das relações mútuas, respeito pela verdade histórica e cooperação cada vez mais intensa e estreita, assente na reconciliação de povos irmãos".

O comunicado foi divulgado horas depois de o presidente ter voltado a defender que Portugal tem a "obrigação de pilotar, de liderar este processo", sob pena de perder a "capacidade de diálogo" com as ex-colônias.

"Não podemos meter isto debaixo do tapete ou dentro da gaveta. Temos a obrigação de pilotar, de liderar este processo. Senão vai-nos acontecer o que aconteceu a outros países que, tendo sido potências coloniais, perderam a capacidade de diálogo e entendimento com as ex-colônias e estão a ser convidados a sair, a bem ou a mal, dos países onde ainda têm alguma presença", afirmou Rebelo, durante cerimônia de inauguração do Museu Nacional da Resistência e da Liberdade, em Peniche.

Na última quarta-feira (24), ele defendeu que Portugal assuma "total responsabilidade" pelos crimes coloniais e pague os custos desses atos.

Neste sábado, Rebelo reiterou que é preciso saber que patrimônio foi trazido das ex-colônias e esclareceu que a reparação não tem de passar necessariamente por pagamento de indenizações. O presidente deu como exemplos reparações feitas no passado, como o perdão da dívida aos países colonizados e o estatuto de mobilidade aos cidadãos dos países de língua portuguesa.

O governo Montenegro agora se posiciona contra essa intenção, o que, a julgar pelo histórico de posições dos partidos que formam a aliança governista, não era difícil de adivinhar. Quando, há quatro anos, o Parlamento discutiu uma proposta de para restituir os bens patrimoniais roubados, os sociais-democratas votaram contra.

À época, Paulo Rios de Oliveira, então coordenador do Partido Social-Democrata (PSD), o mesmo de Montenegro, posicionou-se sobre o tema. "Quantos acertos do curso da história ao longo dos séculos terão que ser feitos para todos os países que se sentirem roubados ou espoliados serem ressarcidos?", questionou, argumentando que esse processo poderia se tornar uma "espiral que não tem fim".

O partido de ultradireita Chega prometeu apresentar uma moção de censura caso o governo avançasse com algum projeto de indenização dos países colonizados. O comunicado deste sábado esfria essa parte do tema, mas o governo Montenegro terá ainda de lidar com os pedidos das ex-colônias para que Portugal dê seguimento às declarações do presidente.

A ministra da Igualdade Racial do Brasil, Anielle Franco, pediu "ações concretas" e disse estar "em contato com o governo português para dialogar sobre como pensar essas ações e [decidir] quais passos serão tomados".

Com Público



Fortaleza do Peniche, antiga cadeia para presos políticos transformada em um museu sobre a ditadura Arlindo Homem

Museu interativo relembra cotidiano opressivo do salazarismo em Portugal

REVOLUÇÃO DOS CRAVOS, 50

João Gabriel de Lima

PENICHE (PORTUGAL) O fado "Abandono", interpretado por Amália Rodrigues, a maior cantora do gênero, começa com os seguintes versos: "Por teu livre pensamento/ Foram-te longe encerrar/ Tão longe que meu lamento/ Não te consegue alcançar". E termina: "Levaram-te a meio da noite/ A treva tudo cobria/ Foi de noite, foi de noite/ E nunca mais se fez dia."

Letra e música ecoaram na voz da cantora Sofia Lisboa durante a inauguração, neste sábado (27), do Museu Nacional Resistência e Liberdade, em Peniche, cidade litorânea portuguesa. O museu funciona no lugar onde se situava a maior prisão política da ditadura salazarista. Hoje abriga uma coleção de memórias da resistência ao autoritarismo. Composto em 1960, "Abandono" se tornou hino dessa resistência —recebendo o apelido de "Fado do Peniche".

Nos festejos dos 50 anos da Revolução dos Cravos, os portugueses não se limitam a celebrar a democracia. Livros, peças e museus se dedicam também a lembrar como era difícil viver sob uma ditadura. A ideia é preservar a memória não apenas de atos de heroísmo, mas também do cotidiano opressivo enfrentado pelos cidadãos no dia a dia.

"Um dos nossos objetivos principais é atingir as gerações mais jovens, que não têm ideia do que é viver num regime de repressão", diz Aida Rechena, diretora do museu. "Não vamos mostrar apenas os horrores da ditadura, mas também contar as histórias cotidianas dos que resistiram."

Depois de uma longa e ambiciosa reforma, o riquíssimo acervo do museu foi distribuído em salas de exposição e painéis interativos, que permitem a navegação em fatos da época e em histórias pessoais. Uma das sagas mais extraordinárias é a do casal Herculana e Luís Alves de Carvalho. Eles eram pais de Guilherme de Carvalho, militante do Partido Comunista Português.

Em uma de suas detenções, Guilherme foi levado ao Campo de Concentração do Tarrafal, uma espécie de presídio de segurança máxima da época. Localizava-se na ilha de São Vicente, em Cabo Verde, então uma colônia portuguesa na costa africana. O lugar era apelidado de "Campo da Morte Lenta", dadas as condições insalubres, que facilitavam a propagação de doenças. Longe dos olhos dos portugueses, os dissidentes políticos —e, a partir dos anos 1960, os prisioneiros da guerra colonial— sofriam também torturas e maus-tratos.



> Não vamos mostrar apenas os horrores da ditadura, mas também contar as histórias cotidianas dos que resistiram
>
> **Aida Rechena**
> diretora do Museu Nacional Resistência e Liberdade

Em 1949, Herculana e Luís foram autorizados a fazer uma visita ao filho Guilherme no Tarrafal. Lá, tiraram fotografias de vários presos e também dos túmulos dos detentos que haviam morrido em decorrência de doenças ou maus-tratos. De volta a Portugal, entregaram cerca de 200 fotografias a famílias de dissidentes políticos.

Poucas ditaduras interferiram tanto na vida cotidiana dos cidadãos comuns quanto a portuguesa. Algumas dessas interferências estão listadas no livro "Era Proibido", do jornalista António Costa Santos, cuja versão atualizada chegou às livrarias na esteira dos festejos de 25 de abril.

A obra mostra como um regime retrógrado institucionalizava, na forma de leis, comportamentos autoritários, xenófobos ou machistas. As mulheres precisavam de autorização dos maridos para viajar ao exterior ou para trabalhar. Homens não podiam ser punidos por violar a correspondência de suas esposas.

Não havia divórcio, e era comum que mulheres que quisessem se separar acabassem internadas em hospícios. Médicos amigos dos maridos forneciam laudos de doença mental, como mostrou uma exposição recente dedicada ao tema no Museu do Aljube, em Lisboa —outra instituição dedicada a relembrar os horrores da ditadura, também situada num prédio que serviu de prisão.

O reacionarismo salazarista tinha momentos de humor involuntário. Ficou famosa a portaria 69.035 da Câmara Municipal de Lisboa, de 1953. Em seu artigo 48 ela estabelecia multas para quem atentasse contra a moral e os bons costumes: "Mão na mão: 2$50 Escudos; Mão naquilo: 15$00; Aquilo na mão: 30$00; Aquilo naquilo: 50$00". Quem fosse apanhado "com a língua naquilo", além dos 150$00 de multa, poderia acabar preso. "Foi um tempo caricato, mas sem graça", afirma Costa Santos em seu livro.

Outras leis esdrúxulas proibiam a Coca-Cola e o uso de isqueiros na rua, com a justificativa de proteger as indústrias nacionais do vinho e dos fósforos.

O líder do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal, inimigo número um do regime, foi transferido para o presídio do Peniche em 1956. Descobriu-se muito mais tarde que o fado "Abandono" fora escrito em sua homenagem.


Vila de Kornidzor, na Armênia, a dois quilômetros da fronteira com o Azerbaijão; abaixo, idosa caminha nas ruas do vilarejo Fotos Vanush Melkonyan/Ugab Brasil

Expulsos de Nagorno-Karabakh lamentam vida deixada para trás

Armênios contam como têm vivido na fronteira, perto da antiga casa, após expulsão de enclave no Azerbaijão

Ivan Finotti

KORNIDZOR (ARMÊNIA) "Um pouco de trigo, um pouco de sal. Era o que havia. Quando aparecia uma garrafa de água com gás, fazíamos festa", conta Artur Bardasayan, 51, descrevendo como foram os últimos meses de sua vida no enclave armênio étnico de Nagorno-Karabakh, antes de uma invasão relâmpago do vizinho Azerbaijão, em setembro do ano passado.

Bardasayan e outros 120 mil armênios foram expulsos e tiveram cerca de 24 horas para deixar o território pela estrada que levava à Armênia. Foram obrigados a deixar tudo para trás, de documentos a utensílios de cozinha, de roupas a animais.

A região havia sido cercada pelo Azerbaijão em 2020, quando se chegou a um frágil cessar-fogo, e o ano de 2023 estava sendo o pior. A autocracia azeri havia imposto um bloqueio de comida e energia, e a população, que era formada por cerca de 95% de armênios, relatava passar fome havia nove meses.

Motorista de ônibus e mecânico, pai de três, Bardasayan se voluntariou para defender o enclave. Na hora da invasão, havia acabado de deixar o posto militar devido à troca de turno. Os cinco que chegaram para substituí-los foram mortos.

Na Armênia, a primeira parada do êxodo foi o vilarejo de Kornidzor, que a **Folha** visitou. A cerca de dois quilômetros da fronteira azeri e com apenas 800 moradores, foi ali que os expulsos receberam água e comida pela primeira vez.

Os 120 mil se espalharam pela Armênia, mas uma ou outra família, sem parentes a quem recorrer, acabou ficando no vilarejo. É o caso de Bardasayan e de Aran Hovsepyan, 29, que se casaria no fim do mês.

Hovsepyan hoje mora com sua mãe e irmão numa casa emprestada no vilarejo e vivia da agricultura de subsistência em Nagorno-Karabakh, plantando brócolis, vagens e batatas, entre outros legumes. "Tínhamos animais e plantações, por isso tivemos mais sorte do que quem morava na capital. Não passamos fome", diz ele.

Mas, ao fugir para o outro lado da fronteira, teve de deixar seus animais e recomeçar do zero. Conseguiu retomar a criação de galinhas e de porcos, que serão a base da comida servida em seu casamento.

Sua mãe, Susane, ainda pensa na expulsão 24 horas por dia. "Sofro e sinto o tempo todo", conta ela, que, além de deixar para trás três casas —uma delas recém-construída para o filho que iria se casar—, teve de abandonar seus mortos. "Todos os túmulos de nossa família estão lá."

Susane diz que seus parentes são de Nagorno-Karabakh "desde sempre, há centenas de anos" e que resolveu ficar na pequena Kornidzor "porque nessa vila falam o mesmo dialeto e há o mesmo ar. Aqui, respiro o ar que respirava lá".

É um ar perigoso, pois Kornidzor está cercada pelo Azerbaijão ao norte, ao leste e ao sul, e franco-atiradores azeris espreitam a região. A prefeita Lusine Karamyan, por exemplo, não deixa a reportagem se aproximar de um tanque abandonado ao lado de um parque infantil. No mais, idosos se sentam às portas de suas casas, meninos jogam bola nas ruas de terra, burricos passam, e a vida segue.


> Tínhamos animais e plantações, por isso tivemos mais sorte do que quem morava na capital. Não passamos fome
>
> **Aran Hovsepyan**
> agricultor

A 25 km de Kornidzor está Goris, uma cidade de 20 mil habitantes onde alguns dos expulsos também fincaram residência. Anush Hampartsumyan vendia pães e doces em Nagorno, mas não encontrou espaço nesse nicho quando chegou à Armênia.

Ela chora ao lembrar que não pegou nem roupas para os filhos quando saiu de casa, pensando que logo estaria de volta. Já perdeu a esperança de retornar, e seu marido hoje só fuma e bebe. Com a ajuda da organização feminina Sose, Anush aprendeu uma nova profissão: cabeleireira.

A reportagem aproveita a viagem e solicita seus serviços de tesoura, o que Anush executa com muita satisfação. "Tenho três ou quatro clientes por dia", afirma ela, que cobra mil drames (cerca de R$ 13) pelo corte e o dobro pelo serviço completo. O pagamento foi pelo completo, apesar de a escova ao final ter sido dispensada.

Armênios e azeris povoam a região caucasiana há milênios, e ambos se tornaram repúblicas no mesmo dia, 28 de maio de 1918, com o colapso dos impérios russo e otomano, no último ano da Primeira Guerra Mundial.

A liberdade durou pouco, e ambas foram incorporadas pela União Soviética em 1920. De forma arbitrária, o líder soviético Josef Stálin determinou que Nagorno-Karabakh ficasse com os azeris, apesar de 95% da população do enclave ser armênia.

Com o progressivo desmantelamento do poder soviético sob Mikhail Gorbatchov, de 1985 à frente, os armênios conseguiram sua independência em 1991. Seguiu-se uma guerra contra os azeris, vencida pela Armênia, que criou uma zona tampão de cidades desocupadas à força em torno de do território autônomo.

Quase três décadas depois, em 2020, o Azerbaijão invadiu Nagorno-Kabarakh e conquistou-o em 44 dias, além da zona tampão, deixando apenas a capital para os armênios. Até que, em 2023, tomaram-na de vez.

Vanush Melkonyan era um jogador de futebol que havia estreado no campeonato armênio pelo Locomotiv Yerevan em 2019. Ao fazer 18, no entanto, precisou prestar o serviço militar obrigatório, fazendo treinamento de defesa terra-ar no sul do país.

No dia 27 de setembro de 2020, quando o Azerbaijão invadiu a zona tampão, deram-lhe um fuzil AK-47 em suas mãos e o mandaram para a trincheira. Ele conta que passou cerca de 12 horas ali, encolhido para não levar tiros da infantaria azeri e tentando acertar aviões com seu lança-mísseis obsoleto.

Até que às 17h um míssil caiu ao seu lado e abriu buracos em suas duas pernas, destruindo as veias da coxa, mais tarde substituídas por tubos de plástico. Melkonyan perdeu dois amigos de seu vilarejo, mas sobreviveu ao ataque, apesar de sua carreira futebolística ter sido encerrada naquele momento.

Recuperado, fez aulas de fotografia e se tornou assistente de um dos fotógrafos mais importantes da Armênia. "Mas eu ainda penso muito em futebol. Talvez eu me torne treinador", conta. As fotos desta reportagem foram tiradas por ele.

Para especialistas da APRI (Applied Policy Research Institute), braço de estudos da Ugab (União Geral Armênia de Beneficência), é uma questão de tempo até que o Azerbaijão invada novamente o país.

Na visão do pesquisador Sergei Melkonian, nada acontecerá em 2024, pois o Azerbaijão será o anfitrião da COP 29, a conferência anual da ONU sobre o clima, no fim deste ano. "Mas, em 2025, acredito que haverá nova guerra", afirma.

Com um Exército de 45 mil a 50 mil soldados, a Armênia se prepara para a possibilidade de enfrentar de 80 mil a 90 mil azeris. O desequilíbrio de forças se mantém no equipamento militar das duas nações. A Armênia possui atualmente cerca de 100 tanques e 19 aviões de guerra, contra respectivos 400 e 50 do Azerbaijão.

O jornalista viajou a convite da União Geral Armênia de Beneficência (Ugab Brasil)



A região de Nagorno-Karabakh

Nagorno-Karabakh





1 Corredor de Lachin
2 Corredor Nakhchevan-Azerbaijão

Raio-X da Armênia
Área: 29.743 km²
População: 3.165.000 (98% de armênios)
Idioma: armênio
Primeiro-ministro: Nikol Pashinyan

Raio-X do Azerbaijão
Área: 86.600 km²
População: 10.353.000 (95% de azeris)
Idioma: azeri
Presidente: Ilham Aliyev

Raio-X de Nagorno-Karabakh
Capital: Stepanakert
Área: 4.400 km²
População em 1989: 150.000 armênios (77%) e 40.000 azeris (22%)
População em 2007: 140 mil armênios (95%)
População em 2024: militares azeris de forças de ocupação (sem número conhecido)

Ícone em SP, prédio com piscinas nas sacadas reflete declínio do Morumbi

Bairro com apartamentos amplos perdeu valor com elite optando viver do lado oposto do rio Pinheiros

Clayton Castelani



Bruno Santos/Folhapress

SÃO PAULO "Aqui ainda é bairro de rico, mas só tem pobre andando na rua", conta a recepcionista Maria Félix, 40, logo após sair do colégio particular de muros altos onde trabalha para atravessar a Giovanni Gronchi, avenida que separa condomínios de alto padrão no Morumbi da comunidade de Paraisópolis, na divisa entre as zonas oeste e sul da cidade de São Paulo.

Perto das 17h, a recepcionista engrossava a marcha de porteiros, empregadas domésticas e outros trabalhadores que tinham encerrado o expediente e seguiam a pé até a segunda maior favela da capital. A curta caminhada acontece à sombra do prédio cuja imagem das varandas com piscinas e vista para a comunidade é símbolo da desigualdade no país desde que foi publicada há duas décadas.

O edifício Penthouse está longe de ter o mesmo status de quando foi fotografado em 2004 pelo fotojornalista Tuca Vieira, que na ocasião estava a bordo de um helicóptero para fazer imagens para reportagem da **Folha** sobre os 450 anos de São Paulo. Em vez do contraste entre glamour e precariedade, nos dias atuais, a fachada com tinta descascada, marcas de infiltrações em paredes e piscinas com água esverdeada remetem à falência de um modelo urbano que buscava redutos para uma elite interessada em viver longe das tensões sociais da cidade.

Nos anos seguintes à inauguração do condomínio, na década de 1980, a vista das sacadas construídas em forma de leque —para que recebam mais luz solar— mudou radicalmente, conta Francisco Serino, há 35 anos zelador de um prédio vizinho. As plantações foram substituídas pela ocupação irregular de retirantes que chegavam à capital para trabalhar, muitos em atividades domésticas nas casas de famílias com mais renda do Morumbi. "Daqui para baixo só tinha chácara", aponta, perto do muro que separa o prédio da favela.

Outros edifícios também possuem aspecto decadente na margem esquerda do sentido bairro da avenida, embora a aparência do Penthouse esteja pior. É o reflexo da perda de interesse de locatários e compradores de imóveis dispostos a pagar para viver em apartamentos com mais de 300 metros quadrados naquela porção da cidade.

Em março deste ano, o Morumbi foi o segundo bairro da cidade de São Paulo com maior desvalorização acumulada no preço do aluguel em 12 meses. O recuo de 3,5% só não foi maior do que a queda de 5,1% da Vila Aricanduva, na zona leste, segundo dados da plataforma de locação imobiliária Quinto Andar. Na média geral do período, os aluguéis na capital paulista apresentaram valorização de 9,6%.

Além da fronteira com Paraisópolis, aquele trecho da Giovanni Gronchi tem do lado oposto da via outra comunidade fruto de ocupação irregular, a do Jardim Colombo. Perto dali, o único empreendimento imobiliário novo à venda não buscava compradores de alta renda.

Ao lado do edifício, um novo conjunto de apartamentos em duas torres ainda em construção tinha unidades de 37 metros quadrados a preço abaixo dos R$ 200 mil, para que coubessem no bolso de beneficiários do programa Minha Casa Minha Vida. No caso do vizinho famoso, o preço do apartamento ainda pode chegar a R$ 2 milhões, mas uma unidade foi colocada a leilão por um quarto desse valor (R$ 500 mil). Com apenas 13 apartamentos e taxa condominial perto de R$ 5.000, o caixa do prédio ficou desguarnecido devido a quatro condôminos inadimplentes.

Um deles passou cerca de duas décadas sem quitar as obrigações e, além disso, bombardeou o condomínio com ações judiciais que atrasaram a tomada de bens para pagamento da dívida. Ele chegou a manter 18 ações simultâneas contra a administração.

Quem vive no prédio há anos não gosta da alcunha de decadente. É o caso da síndica, que tem reclamado da forma como o imóvel tem sido retratado, segundo o funcionário que abriu o portão de ferro emperrado em uma das tentativas da **Folha** de falar com a gestora. Ela não atendeu nem respondeu aos telefonemas e mensagens.

Representante em ações judiciais envolvendo o Penthouse até o mês passado, a advogada Priscila Cortez de Carvalho diz que o condomínio contratou um administrador profissional para tentar resolver a questão e que atualmente a maior parte das pendências judiciais está resolvida. "Há um plano de recuperação financeira", afirma.

Para quem observa a dinâmica do bairro, é difícil imaginar que ele voltará a ser atraente aos muito endinheirados, pois há questões que vão além do contraste entre classes.

Em uma cidade repleta de gargalos ao tráfego de veículos, o rio Pinheiros é barreira geográfica com importante influência na decisão dos grupos de maior renda para que busquem moradia em bairros mais centrais, afirma o especialista em mercado imobiliário Daniel Sznelwar. "Houve uma mudança de comportamento, e o tempo de deslocamento passou a ser importante."

Pinheiros é exemplo dessa mudança de preferência. O bairro da zona oeste obteve valorização de 12,9% em 12 meses, segundo o índice de locação do Quinto Andar.

Com forte expansão imobiliária estimulada por incentivos públicos, Pinheiros tem infraestrutura de transporte público e está tanto perto da região central como da área da avenida Brigadeiro Faria Lima.

Deslocamentos podem ser desafiadores às margens de Paraisópolis. A tentativa da reportagem de chamar um Uber da porta do condomínio para voltar ao centro foi frustrada. Motoristas de aplicativos evitam o trecho, sobretudo num dia em que uma operação policial deixou uma criança ferida na comunidade. O trajeto de ônibus, lotado, levou 1h20.

Apesar da imagem emblemática, Penthouse e Paraisópolis não representam o verdadeiro abismo social brasileiro, diz Tuca Vieira, que além de autor da fotografia icônica é doutorando pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

"Os muito ricos não moram naquele prédio, assim como aquela favela tem um dinamismo econômico que dá aos seus moradores melhores condições em relação aos de outras regiões pobres", comenta.



Dados cartográficos ©2024 Google



Tuca Vieira - 20.jan.2004/Folhapress

No alto, imagem do edifício Penthouse nos dias atuais, em ângulo semelhante ao da foto que virou símbolo da desigualdade, ao lado

PPP para requalificar centro terá barreiras na inflação de imóveis e habitação popular

Clayton Castelani e Tulio Kruse

SÃO PAULO O novo projeto de requalificação do centro da cidade de São Paulo, lançado nesta sexta (26) pelo governo Tarcísio de Freitas (Republicanos), terá obstáculos que vão desde a inflação imobiliária que a proposta pode gerar na região até a dificuldade de encontrar empresas capacitadas para executar projetos extremamente diferentes na área de construção civil.

A intervenção prevê R$ 2,4 bilhões de investimentos por meio de PPP (Parceria Público Privada), sendo R$ 1,9 bilhão aplicado pelo setor privado e R$ 500 milhões pelo governo, em valores aproximados.

Para entrar no negócio, empresas participantes da concorrência disputarão áreas da cidade divididas em quatro lotes espalhados nos distritos Sé, República e Santa Cecília. Cada um desses lotes possui uma diversidade de obras a serem executadas pelos vencedores do certame.

Em números gerais, a oferta de residências responde por pelo menos 53% da área construída do projeto —dos 719 mil metros quadrados de edificações previstas, 382 mil serão habitações novas ou recuperadas. Isso se traduz em 6.135 unidades, sendo 5.046 novas e 1.089 retrofits (prédios antigos modernizados).

Outros 337,5 mil metros quadrados em construções serão distribuídos entre equipamentos públicos; calçadas e ciclovias; estacionamentos; serviço e comércio; e restauro de imóveis tombados.

É a junção de atividades tão distintas a serem executadas por uma única empresa ou consórcio —ou quatro, cada uma com um lote— que torna a execução desafiadora, segundo Bianca Tavolari, professora de direito especialista em urbanismo da FGV e do Cebrap. "Empreendedores que atuam com retrofit não são os mesmos que fazem prédios novos, tampouco restaurações de bens tombados."



Região do centro de São Paulo próxima da rua Boa Vista Eduardo Knapp - 25.abr.24/Folhapress

Técnicos do governo que conversaram com a **Folha** ainda mostram preocupação com a inflação que uma proposta tão ampla pode gerar. Ao escolher o sistema de PPP, a gestão Tarcísio mira a facilidade que o setor privado tem para negociar e pagar rapidamente pelos imóveis desapropriados. Diante dessa possibilidade, proprietários podem tentar valorizar imóveis hoje subutilizados ou abandonados ao colocá-los à venda ou empreenderem de outras formas.

Fabrício Cobra Arbex, secretário da Casa Civil da gestão Ricardo Nunes (MDB), afirma que a união de diferentes programas é benéfica. "A soma desses esforços tende a acelerar a requalificação." Nunes disputará a reeleição neste ano e conta com apoio de Tarcísio e do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

A dificuldade que medidas de estímulos ao setor privado enfrentam para gerar habitação para famílias com renda de até um salário mínimo é outro ponto que poderá enfrentar críticas. Principal oponente de Nunes na disputa pela prefeitura, o deputado federal Guilherme Boulos (PSOL-SP) tem forte relação com movimentos de habitação.

Na parte da PPP destinada a moradias, 6.135 apartamentos deverão ser distribuídos entre diferentes grupos, sendo 55% destinados a famílias que se enquadram nas categorias de HIS (Habitação de Interesse Social) 1 e 2, com renda familiar mensal de até três mínimos (até R$ 4.236 hoje) e de três a seis mínimos (até R$ 8.472), respectivamente.

Os 45% restantes serão enquadrados como HMP (Habitação de Mercado Popular), cuja renda familiar dos beneficiários varia de seis a dez salários mínimos (até R$ 14.120).

O presidente da CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano), Reinaldo Iapequino, disse nesta sexta-feira que o objetivo central da PPP é a requalificação do centro, e não a habitação, e que por isso o projeto é complementar a outros programas.


Adams Carvalho

Belo e Gracyanne

Sobre tão instáveis placas tectônicas, posso ao menos me agarrar às bistecas e às parmegianas das redondezas

Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Nestes tempos polarizados alguns verão, no fenômeno abaixo, a metástase do comunismo. Outros enxergarão, na mesma situação, o oligopólio massacrando as lúmpen quitandas do proletariado. Eu, nem tanto ao mar, nem tanto à terra —ou seja, rolando no rasinho espumoso da minha ignorância— apenas observo, com admiração, os bares e restaurantes que vão comprando o vizinho, a sobreloja, atravessam a rua, tomam as quatro esquinas, até se converterem em pequenos arquipélagos de comes e bebes, poderosas polinésias dos acepipes.

O primeiro imperialismo boteguero a que assisti foi o do Sujinho, na Consolação. Ia ali com meu pai e minha irmã, criança, comer bisteca. Lá pela adolescência eles expandiram pra casa ao lado. Quando entrei na faculdade abocanharam o andar de cima. Antes de eu terminar o TCC já estavam na esquina da frente, depois em cima da esquina da frente e assim seguiram, tomando toda a vizinhança.

Anos atrás, comecei a frequentar a Santa Cecília. Me perdia muito pelo bairro. Só após meses pedindo dezenas de informações a garotos de coque carregando ukuleles e moças de coturno mestrandas em marcenaria, entendi: existem inúmeros bares idênticos chamados Jhony´s. Eu achava que estava na Fortunato, mas estava na Canuto do Val. Acreditava estar indo em direção à Angélica, chegava no Minhocão. Eram os múltiplos Jhony's a me confundir, feito múltiplos Cruzeiros do Sul no céu de um navegante.

Não reclamo. Pelo contrário. Tanto o Sujinho quanto o Jhony's têm a virtude pouco habitual de subir na vida sem ficar besta. Os Sujinhos são iguais desde sempre, mesmos azulejos, mesma luz fria, mesma bisteca —que pode não ser a melhor carne de São Paulo, mas é das que mais gosto.

O Jhony's corria ainda mais risco de sofrer uma harmonização facial. Em pouco mais de dez anos, Santa Cecília passou pelo maior processo de "hipsterização" que a cidade já viu —e não vai aqui nenhuma crítica. Gosto dos hipsters. Eles fazem pão e defumam carnes, cuidam de plantas e andam de bicicleta. Muito melhor a "hipsterização" de Santa Cecília do que, digamos, a "moemização" de Perdizes —dezenas de casinhas geminadas dando lugar a neoclássicos Place des Vosges e pseudomodernos condomínios Orange County, quatro vagas por apartamento, "visite o decorado".

Tais virtudes hipsters de Santa Cecília, porém, poderiam ser por demais sedutoras aos Jhony's. Da noite pro dia, as mesas de fórmica poderiam ter sido trocadas por balcões de aço escovado, o filé à parmegiana do cardápio, quem sabe, daria lugar a saladas de "avocado" com "maca peruana", mas não. O arquipélago gaulês mantém suas características —o que só o faz mais atrativo aos invasores bárbaros. No meio de um monte de restaurantinho charmoso, bar de drinque autoral, sebos e demais empreendimentos cool, o império do desconhecido Joãozinho permanece incólume —e, ao contrário do filme, não precisa dizer "Meu nome não é Jhony's".

Não sei bem onde quero chegar com essa crônica. Não tenho qualquer tese. (Hoje se espera tese até para se chupar um Chicabon). Escrevo, talvez, por sentir certa segurança, num mundo em que tudo muda a cada instante, nessas sólidas mesas de fórmica, nessas luzes frias e azulejos a se reproduzir pelas calçadas. Talvez a inteligência artificial substitua a todos nós no trabalho. Talvez a Amazônia se transforme num deserto. Nem o casamento do Belo com a Gracyanne é sagrado. Sobre tão instáveis placas tectônicas, porém, posso ao menos me agarrar às bistecas e às parmegianas das redondezas. Às mãos sujinhas desses joãozinhos. #tamojunto.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, **Giovana Madalosso** | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

classificados

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse **folha.com/classificados**

11 3224-4000

FORMAS DE PAGAMENTO Cartão de crédito, débito em conta, boleto bancário ou pagamento à vista

EMPREGOS

P

PCD - ÀREAS DIVERSAS
M/F DEMOP PARTICIPAÇÕES contrata pessoas com deficiências para áreas diversas. enviar currículo para recrutamento@escritoriovotuporanga.com.br

CLASSIFICADOS FOLHA
11/3224-4000

EMPREGADOS PROCURADOS

PARA ANUNCIAR NOS
CLASSIFICADOS FOLHA
LIGUE AGORA
11/3224-4000



IMÓVEIS

INTERIOR, LITORAL OUTROS ESTADOS

APARTAMENTOS E CASAS VENDA

CAMPINAS - COND. V VERDE
5 stes, 6 vagas, Constr.600 m2, terr. 1.100 m2, finíssimo acab. R$ 3,5 milhões (19)99850-3388

PARA ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS FOLHA
LIGUE AGORA
11/3224-4000

NEGÓCIOS

EMPRESAS COMPRA/VENDA

LOTÉRICAS IMPERDÍVEIS INVESTIMENTO SEGURO
LUCRO de: 2,00% Nas Regiões: Águas de Lindóia, Americana, Aparecida, Araras, Batatais, Cajamar, Campinas, Cosmópolis, Dracena, Hortolândia, Itu, Jacareí, Jundiaí, Limeira, Mirassol, M. das Cruzes, M. Guaçu, M. Mirim, N. Odessa, Paulínia, Piracicaba, Rib. Preto, Rio Claro, Sta. B. D'Oeste, Sertãozinho, Sumaré, Taubaté, Tanabi, Tiete e Vinhedo MPUGA Negócios - A Maior Consultoria de Lotéricas do Interior SP! Ligue que dá Negócio!! Fone/Whats: (19)99653-2020

ANTIGUIDADES COLEÇÕES/JÓIAS

COMUNICADOS

COMUNICADO
Comunicamos que a empresa J Almeida Distribuidora LTDA inscrita no CNPJ Nº 15.440.585/0001-38, estabelecida a Rodovia Fernão Dias, s/n, KM 80 Bloco 3 - Parque Edu Chaves São Paulo - CEP: 02.283-000, comunica o extravio ou perda do livro: LIVRO REGISTRO DE UTILIZAÇÃO DE DOCUMENTOS FISCAIS E TERMOS DE OCORRÊNCIAS - MODELO 6

ESOTERISMO

LEILÕES

LEILÃO DE ARTE E ANTIGUIDADES
Dia 30 de abril , 20 h residencial. Rua Oscar Freire 246 - Somente on line. Leiloeiro José Roberto Bortoletto Junior. Tel: (11) 3062-7954

LEILÃO DE COLEÇÃO DE ARTE BRASILEIRA
Dia 29 de abril 20h residencial. Rua Oscar Freire 246 - Somente on line. Leiloeiro José Roberto Bortoletto Junior. Tel: (11) 3062-7954

ACOMPANHANTES

AMANDA
Equipe nova tx 40 Av Jabaquara 2604 MT.S.Judas ac cartões seg/sab. F:(11)2362-8122

BONECA GIGI 11983981091
Diferenciada p/ entretenimento .



Corredor do colégio Liceu Pasteur, na Vila Mariana, que completa 100 anos Eduardo Knapp/Folhapress

Aos 100 anos, Liceu Pasteur de São Paulo se une ao Anglo

Tradicional escola de ensino franco-brasileiro tem apenas 128 estudantes e tenta nova parceria para se recuperar

Laura Mattos

SÃO PAULO Embora houvesse muito a se comemorar, algo pouco festivo se passava nos bastidores da celebração dos 100 anos do Liceu Pasteur, um dos mais tradicionais colégios de São Paulo, muito conhecido pela lista de ex-alunos ilustres, como a cantora Rita Lee, o maestro João Carlos Martins e o médico Drauzio Varella.

O Liceu Pasteur foi fundado em 1923 por empresários e intelectuais brasileiros e franceses, com a cooperação do governo da França. E, em pleno ano do centenário dessa parceria cultural e educacional franco-brasileira, selou-se justamente a separação entre a parte "brasileira" e a "francesa" da instituição.

No lugar dos franceses, entrou o Anglo, famoso pelos cursinhos pré-vestibulares e pelo sistema de ensino. Ambos, Liceu e Anglo, preparam para 2025 uma nova escola. Já neste ano, a antiga unidade da rua Sergipe do Anglo, de Higienópolis, que tem cursinho e ensino médio, foi transferida para o prédio do Liceu.

Por ora, Anglo e Liceu, embora dividam o mesmo prédio, funcionam separadamente. Banners com o leão logotipo do Anglo marcam nos corredores as áreas dos novos ocupantes —são cerca de 250 alunos. Essa guinada tem deixado as famílias de alunos inseguras.

A sede do Liceu Pasteur é um casarão histórico com pátio, janelões de madeira e pé direito alto, projetado pelo arquiteto Ramos de Azevedo na rua Mairinque, na Vila Mariana. A escola, hoje cercada de prédios, ocupa terreno de 19 mil metros quadrados, com quadras, piscina e campo de futebol.

A partir da Segunda Guerra (1939-1945), muitas empresas da França se instalaram no Brasil, o que fez aumentar o número de famílias francesas que procuravam o Liceu. Com isso, uma nova unidade foi construída na rua Vergueiro, em terreno de 15 mil metros quadrados.

Na unidade antiga, ficou o ensino brasileiro com forte carga de francês. Na nova, inaugurada em 1964, o ensino francês, com matérias em português e diploma válido nos dois países. A relação entre as duas se complicou quando o número de estudantes da parte "brasileira" começou a cair, e os "franceses", ao final, é que pagavam as contas, inclusive com subsídio do governo da França.

A derrocada começou no início dos anos 2000. De mais de 1.500, chegou a aproximadamente 600 por volta de 2005. Hoje são 128. Já no caso dos franceses, a escola está atualmente com 1.250, perto de sua capacidade máxima.

Com uma unidade ociosa e a outra precisando de mais espaço, foi feita uma reunificação, com um currículo trilíngue (português, francês e inglês) para todos. Na Vergueiro ficariam os alunos do infantil ao 7º ano, e na Mairinque, os do 8º até o 3º do ensino médio.

O projeto, chamado Grand Lycée Pasteur, teve início em 2019. Na prática, contudo, no prédio da Mairinque funcionavam duas escolas, com as turmas "francesas" de um lado, e as poucas "brasileiras", de outro. Houve tensão entre professores, alunos e famílias. Além disso, foram encerradas matrículas do currículo brasileiro, e as turmas iam sendo fechadas.

Veio a pandemia, tudo piorou e, em 2023, selou-se a separação. Neste ano, os franceses voltaram para a Vergueiro, e a a fundação que geria ambas foi cindida.

A Fundação Liceu Pasteur —que antes geria as duas escolas e agora ficou com a parte "brasileira"— é presidida pelo ex-prefeito e atual secretário de governo do estado, Gilberto Kassab. Ex-aluno do colégio, ele assumiu o cargo em 2009, ano da morte de seu pai, o médico e escritor Pedro Kassab, diretor da fundação e do colégio por mais de 50 anos. Cláudio Kassab, irmão de Gilberto, é o diretor da escola.

Ele recebeu a reportagem no prédio da Mairinque e minimizou as mudanças. "Separamos as escolas para que cada uma tenha sua identidade", afirmou. Questionado sobre a situação financeira da fundação, fugiu dos números. "Está razoavelmente equilibrada. A fundação é auditada."

Sobre o Anglo, afirmou que o contrato não foi de venda, mas de parceria. "Há 15 anos usamos o sistema de ensino Anglo. Resolvemos convidá-los para fazermos juntos a nova escola trilíngue."

Um comitê, com representantes do Liceu e do Anglo, decidirá os rumos pedagógicos e de marca, por exemplo, se a nova escola se chamará Liceu Pasteur Anglo ou Anglo Liceu Pasteur.

Nenhum dos envolvidos dá detalhes sobre o acordo financeiro, mas é certo que não será uma divisão meio a meio. "Eles terão uma participação nos resultados", afirmou à **Folha** Guilherme Mélega, CEO da Somos Educação, da qual o Anglo faz parte.

Ele disse que a proposta do Liceu veio justamente quando o Anglo teve que entregar os imóveis, que eram alugados, de duas unidades. Além da Sergipe, que foi para o Liceu, também o da rua Tamandaré, na Liberdade (região central) —essa unidade foi para um prédio na rua Bela Cintra.

Segundo ele, a ideia é "revitalizar o currículo" do Liceu, "manter o francês, mas dar mais peso para o inglês". Será uma "flagship", disse, termo do mercado empresarial que significa produtos que são referência da marca, algo como um Anglo-conceito.

Enquanto isso, a parte "francesa", agora separada com sede na Vergueiro, foi rebatizada como Liceu Internacional Francês de São Paulo. "Foi um divórcio", afirmou à **Folha**, em tom bem-humorado, Bruno Martin, diretor da escola e representante da Aefe (Agência para o Ensino Francês no Exterior), entidade ligada ao governo da França. "Divórcio amigável. Estamos dividindo os bens, que são os terrenos e imóveis, e as dívidas. Os valores estão sendo negociados."

Segundo ele, a separação foi mediada por um representante do governo francês, que subsidiava o Liceu Pasteur e agora está com a escola francesa —uma sinalização importante foi o fato de o presidente da França, Emannuel Macron, em viagem ao Brasil em março, ter visitado o Liceu Francês.

Segundo Martin, o lado francês investiu R$ 20 milhões em reformas no prédio da Mairinque, à época da unificação das escolas. "Não deu certo, estamos nos divorciando e deixando a casa reformada para eles", afirmou, seguindo, em tom de brincadeira, com a metáfora.

"Agora cada um precisa recomeçar. Por aqui, acredito que em dois anos a gente consiga pagar a dívida e equilibrar as contas", afirmou. A mensalidade gira em torno de R$ 4.000 para o período semi-integral, valor semelhante ao integral do Liceu Pasteur.

Esquema do PCC tinha delivery de propina, diz Promotoria

Mariana Zylberkan e Paulo Eduardo Dias

SÃO PAULO O esquema de fraude em licitações liderado por dois acusados de integrar a facção criminosa PCC (Primeiro Comando da Capital) tinha um sistema de entrega de propina em pacotes de dinheiro a vereadores e agentes públicos de prefeituras e câmaras municipais no estado de São Paulo.

Em trecho da investigação do Ministério Público, o acusado Vagner Borges Dias, conhecido como Latrell Brito, dono da empresa Grupo Safe, explica em mensagens como deve ser feita a entrega de três pacotes a agentes públicos dos municípios integrantes do esquema. O quarto volume seria destinado ao próprio Latrell. Os valores variam de R$ 2.500 a R$ 5.000.

Análise dos repasses feitos por administrações municipais aponta que a empresa do acusado, Vagner Borges Dias ME, recebeu R$ 106,7 mil em 2014. O valor cresceu nos anos seguintes, até chegar a R$ 56,9 milhões em 2022.

O Gaeco (grupo do Ministério Público que investiga o crime organizado) afirmou em denúncia que ele está associado a dezenas de empresas formadas apenas para simular concorrências em certames do poder público.

As investigações fazem parte da denúncia que deflagrou operação do próprio Gaeco de Guarulhos no último dia 16. Foram presos os vereadores Flavio Batista de Souza (Podemos), de Ferraz de Vasconcelos; Luiz Carlos Alves Dias, o Luizão Arquiteto (MDB), de Santa Isabel; e Ricardo de Oliveira, o Ricardo Queixão (PSD), de Cubatão, além de agentes públicos, empresários e um advogado.

A **Folha** só conseguiu contato com a defesa de Luizão Arquiteto, que disse ter recorrido da prisão preventiva do político por ele não ser suspeito, mas averiguado.

Todo averiguado, porém, torna-se oficialmente suspeito, de acordo com a legislação.

A Câmara Municipal de Cubatão afirma que está colaborando com as equipes de investigação, fornecendo todos os documentos solicitados.

Já o Legislativo de Santa Isabel diz que colabora com as investigações, mas que ainda não foi notificado sobre a prisão. A Câmara de Ferraz de Vasconcelos disse estar à disposição da Promotoria. A reportagem não conseguiu contato com a defesa de Latrell.

Em troca de mensagens, Latrell escreveu, em agosto de 2022, sobre uma discussão: "Os caras acham que nóis é bobo, né, mano, os cara achou que nóis é bobo, e outro irmão falou: Não, mano, os caras falou que você falou que podia vir de fuzil e eu falei: como é que eu vou contestar o comando, se eu sempre fui comando".

Segundo o Ministério Público, o termo comando usado por ele se refere ao PCC.

Ele também aparece ostentando armas e munições em imagens anexadas à investigação. Latrell está foragido.

Há trocas de mensagens de negociações sobre um fuzil e relato de quando foi parado pela Polícia Militar e justificou a pistola no carro por trabalhar na área de segurança.

Além de Latrell, o esquema era comandado por outro acusado de integrar o PCC. Márcio Zeca da Silva, conhecido como Gordo, já foi condenado por tráfico de drogas. Ele está entre os presos durante operação no último dia 16. A defesa dele não foi localizada.



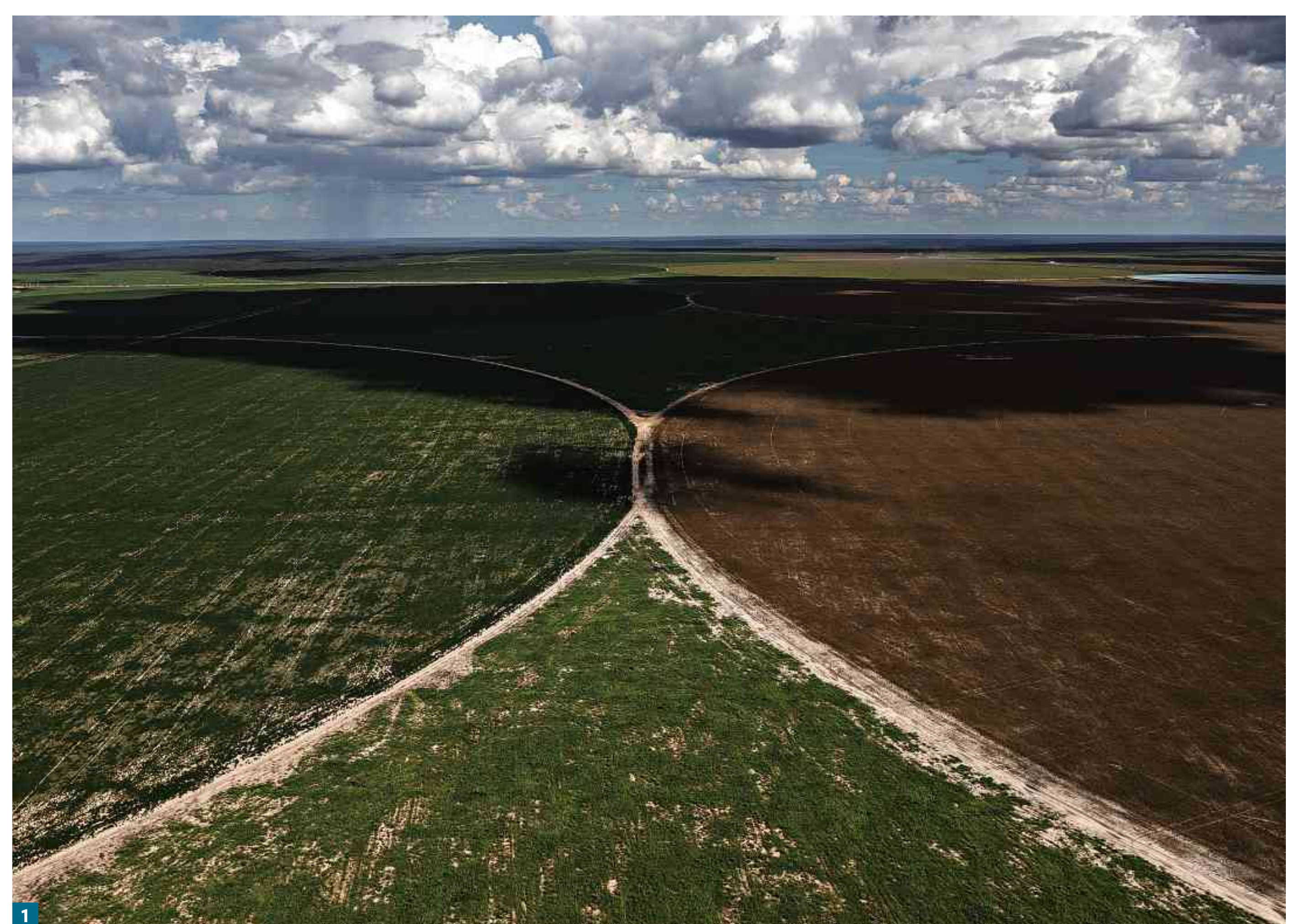


Pacotes de dinheiro eram entregues a políticos e agentes públicos Reprodução/Gaeco Guarulhos

+ Como funcionava o esquema para burlar a concorrência em SP

- Empresas eram formadas pelos mesmos funcionários que se revezavam entre si
- Essas empresas formavam uma espécie de cartel e combinavam quem venceria
- A escolhida oferecia o menor orçamento em acordo com as demais concorrentes
- Funcionários municipais recebiam propina para direcionar as licitações
- Contratos fechados serviam para lavar dinheiro do crime organizado

ambiente



1

Lalo de Almeida/Folhapress

Cerrado loteado

Comunidades tradicionais são encurraladas pelo agronegócio

Produtores ocupam territórios ancestrais na fronteira agrícola do Matopiba, praticam a chamada grilagem verde e geram desmatamento e conflitos

Jéssica Maes e Lalo de Almeida

CORRENTINA (BA) E GILBUÉS (PI) A manhã de sábado começa agitada no centro de Correntina (BA), a 918 km de Salvador, na divisa com Goiás. Munidos de martelos e serrotes, cerca de 50 homens se reúnem em uma praça enquanto aguardam a chegada da polícia e se protegem do sol forte do cerrado sob chapéus de palha e bonés.

Eles fazem parte de diferentes comunidades de fundo e fecho de pasto, prática tradicional em que animais são soltos para se alimentar em áreas públicas de uso coletivo, e serão escoltados para reconstruir um rancho centenário. A estrutura ficava em uma região disputada por fazendeiros dentro do território reivindicado pelo fecho da Vereda da Felicidade.

Historicamente, a construção servia de abrigo nos meses de seca, quando faltava água e capim nas pequenas propriedades dos fecheiros, como se identificam, e o gado era levado para pastar em áreas abertas do cerrado. Porém, em meio à presença crescente de pistoleiros na região, o rancho já foi derrubado diversas vezes e sua reconstrução se tornou arriscada.

Com a chegada de duas viaturas da Polícia Militar, os homens partem em paus-de-arara pela BR-249 na direção da zona rural, que compõe a maior parte do município de 11.504 km^2 (equivalente a sete vezes a cidade de São Paulo).

Correntina ocupa o sexto lugar no ranking das cidades que mais desmataram o cerrado em 2023, com quase 208 km^2 de vegetação nativa perdidos, segundo dados do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). Fica no epicentro do desmate no país, o Matopiba, como é conhecida a região onde Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia se encontram e que concentrou 72% dos 11 mil km^2 derrubados de cerrado em 2023.

O bioma, rico em biodiversidade e fundamental para a segurança hídrica brasileira, vem tendo números cada vez mais altos de desmate, que é impulsionado pelo agronegócio. E, com a busca pela expansão de terras, principalmente para cultivo de soja, milho e algodão, vem a escalada dos conflitos no campo.

No caminho até o fecho de pasto, o cenário se divide entre plantações, que ladeiam a estrada por quilômetros, e áreas de vegetação nativa, demarcadas por placas sinalizando que ali é uma reserva legal —área de preservação obrigatória em propriedades privadas.

De acordo com o Código Florestal, de 2012, imóveis no cerrado precisam manter em pé no mínimo 20% da vegetação nativa (ou 35%, em áreas de transição para a floresta amazônica). Porém, essa reserva pode ser compensada em outra propriedade do mesmo dono, desde que fique no mesmo bioma.

Assim, terras públicas não destinadas ou que fazem parte de territórios tradicionais e têm vegetação preservada acabam virando alvo da chamada "grilagem verde". Nessa modalidade, grileiros se apropriam dessas áreas para registrar ali sua reserva legal.

Na prática, ganham mais margem para desmatar nas suas propriedades e encurralam as comunidades.

"Agora vocês estão entrando no faroeste. Todos esses gerais aqui estão em disputa", conta Marcos Rogério Beltrão dos Santos, geraizeiro e ativista do Movimento Ambientalista Grande Sertão Veredas.

Gerais (sempre no plural) é o nome dado às grandes extensões de cerrado cobertas por vegetação nativa que, antes da chegada das imensas fazendas de monocultura e pecuária, dominavam a região. E geraizeiros é como são chamados os integrantes de diferentes grupos tradicionais que ali habitam, caso das comunidades de agricultura familiar de fecho e fundo de pasto.

"Até os anos 1970, tudo isso era o território das comunidades tradicionais", afirma Santos, apontando em um mapa o extremo oeste baiano. "Aí, as comunidades foram sendo tocadas para baixo [dos chapadões]. E o que a gente conseguiu segurar foi esse pedaço aqui."

Esse pedaço é onde ficam fechos de pasto como a Vereda da Felicidade, região usada há mais de 200 anos tanto para extrativismo como para pastagem, especialmente nos meses de estiagem.

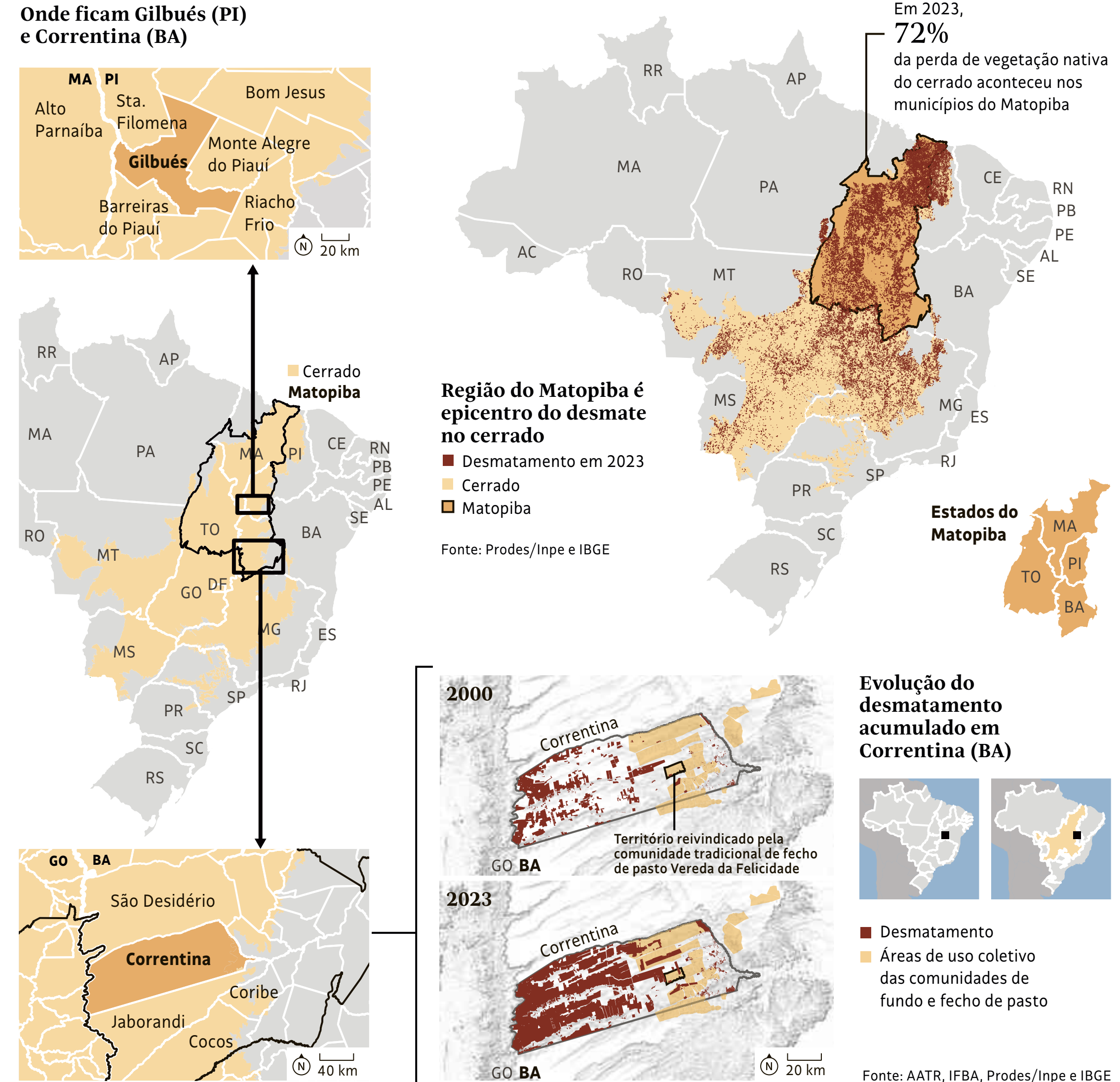
Chegando ao fecho, eles se dividem em diferentes tarefas, desde pegar madeira para fazer o rancho até preparar a feijoada do almoço. Alguns fecheiros dizem ter perdido as contas de quantas vezes reconstruíram a estrutura.

"Tem pessoas que vivem daqui, da extração de frutas do cerrado", diz Dernevaldo Soares, 53, liderança do fecho Vereda da Felicidade. "Muitos companheiros aqui necessitam [desse espaço] para trazer os animais. O que eu defendo aqui é a água. O que eu defendo aqui é a vegetação do cerrado em pé."

Dentro do território reivindicado na Vereda da Felicidade, uma área de mais de 900 hectares foi desmatada em 2022. A derrubada foi feita pela fazenda Santa Tereza III, uma das que se sobrepõem ao território. O desmate aconteceu com autorização do Inema (Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos), órgão do governo da Bahia.

Continua na pág. B5

Cidades no encontro de Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia lideram desmate no cerrado





1 Fazenda em Correntina (BA); irrigação por pivôs centrais faz com que plantações tenham formato circular; **2** Escoltados pela Polícia Militar, agricultores de comunidades de fecho de pasto vão a território tradicional em Correntina; **3** Policiais e fecheiro atravessam uma vereda utilizando ponte rudimentar
Fotos Lalo de Almeida/ Folhapress



Continuação da pág. B4

O aval foi dado mesmo com um processo administrativo aberto para avaliar a propriedade das terras.

A área de reserva legal da fazenda também está dentro do território requerido pelos fecheiros da Vereda da Felicidade. Ao todo, oito fazendas se sobrepõem ao território de mais de 12 mil hectares do fecho de pasto, segundo dados da Coordenação de Desenvolvimento Agrário da Bahia.

No meio da tarde, com o rancho já em pé, o conflito latente se torna explícito. Em uma caminhonete chegam dois homens com uniforme da empresa Yamaguchi Agropecuária, acompanhados de um segurança armado.

Um deles se identifica como gerente da fazenda Santa Tereza. "A gente não está aqui para tirar nada de ninguém", diz aos policiais, sendo na sequência questionado por Soares sobre por que, então, o rancho centenário tinha sido destruído. "Eu não estou aqui há cem anos", responde.

Afirmando que garantiria a segurança durante a reconstrução, o sargento da PM responsável pela ação medeia a conversa acalorada e os representantes da fazenda partem.

Procurado, Alexandre Yamaguti, um dos três proprietários da Santa Tereza III, afirma em nota que comprou a fazenda em maio de 2022 "com todos os procedimentos legais e registros em cartório impecavelmente cumpridos". Ele diz que, no ato da aquisição, "não havia ocupações de terceiros ou benfeitorias na propriedade, e ela estava livre de quaisquer reivindicações ou tentativas de invasão".

Yamaguti classifica a tentativa de construção do rancho de "ilegal em vários aspectos" e diz que a presença do segurança armado contratado pela fazenda "visa assegurar a integridade física de nossos funcionários". Ele relata, ainda, que a segurança teria sido intensificada após um ataque de 15 homens armados contra a propriedade, em 2022.

A reportagem esteve no local para a reconstrução do rancho no dia 13 de março. Segundo relatos dos fecheiros, a estrutura foi novamente demolida poucos dias depois.

O governo estadual e o Tribunal de Justiça da Bahia foram procurados para comentar os casos, mas não responderam até a publicação.

No extremo sul do Piauí, os ribeirinhos e brejeiros do território de Melancias, no município de Gilbués (766 km de Teresina), também viram suas terras virarem alvo de cobiça.

Em época de chuva, a chegada à comunidade é marcada pela travessia cuidadosa dos cursos d'água que cortam a estrada de terra e deságuam no rio Uruçuí Preto. São poucas casas, a maioria ao lado de pequenas hortas, algumas galinhas e cavalos.

"Lá em cima já tiraram toda a vegetação. Se tirar aqui dentro também, acaba", conta Juarez Celestino de Souza, 66, uma das lideranças da comunidade. "Estamos cercados."

O agronegócio ocupou a maior parte das chapadas que circundam o território. A vegetação e as populações tradicionais ficaram confinadas aos vales, ou baixões, onde o relevo não permite a prática da monocultura intensiva.

Assim como no oeste baiano, ali também se multiplica a chamada grilagem verde. Com a busca por áreas para compensação da reserva legal pelos grandes produtores, hoje 17.989 hectares do território de Melancias têm reservas legais propostas ou já aprovadas, correspondendo a 80% da área requerida pela comunidade, que habita a região há 120 anos.

Em nota, o governo do Piauí diz que o território de Melancias está em processo de regularização fundiária desde 2020, mas o Judiciário ainda não concluiu a convocação dos proprietários e eventuais posseiros estranhos à comunidade. Afirma, ainda, que a regularização fundiária é prioridade da gestão, que tem a meta de finalizar a análise de todos os processos nos próximos três anos.

Terras públicas não destinadas ou que fazem parte de territórios tradicionais com vegetação de pé viram alvo de grilagem verde, quando grileiros se apropriam dessas áreas para registrar ali sua reserva legal

+

Série percorre quase 3.000 km no coração do cerrado

Em março, ao longo de 12 dias, a repórter Jéssica Maes e o repórter fotográfico Lalo de Almeida visitaram seis municípios, rodaram 2.850 km em estradas ladeadas por plantações de soja, milho e algodão e realizaram mais de 30 entrevistas. A série de reportagens "Cerrado Loteado", em quatro capítulos, explicará como o avanço do agronegócio sobre a vegetação nativa encurrala comunidades, influencia o clima e ameaça a segurança hídrica.

Camundongo chega perto de se reconhecer no espelho, diz estudo

Em experimento, roedor de laboratório mostra percepção rudimentar de reflexo

Reinaldo José Lopes
Repórter de ciência e colunista da **Folha**. Autor de "Homo Ferox" e "Darwin sem Frescura", entre outros livros

Acho que nunca principiei esta coluna com uma citação latina, mas, como há uma primeira vez para tudo nesta vida, eis aqui uma que me parece apropriada: "Natura non facit saltus" — "a natureza não dá saltos". (Favor pronunciar "facit" como "fákit" — ao que parece, o C tinha som de K entre os romanos.)

A frase exprime a ideia de que, nos processos naturais, a gradualidade costuma imperar. E isso talvez seja particularmente verdadeiro no caso dos seres vivos. Toda vez que temos a impressão de encontrar um abismo entre certas espécies e outras, o que quase sempre acontece é que não observamos as coisas com o devido cuidado, deixando passar os processos graduais que correspondem a uma ponte por cima daquele abismo.

Pense, por exemplo, na capacidade de se reconhecer no espelho. Ou você sabe que aquela imagem na superfície polida "é você", ou não sabe, certo? O meio-termo aí não faz muito sentido. A menos, é claro, que o sujeito diante do espelho seja um camundongo.

Uma série de experimentos conduzidos por pesquisadores ligados à Universidade do Texas em Dallas (EUA) indica que o pequeno roedor tem alguns dos elementos cognitivos necessários para saber quem está aparecendo diante dele naquele objeto esquisito — mas não na mesma intensidade ou complexidade vista em outros bichos que normalmente passam no "teste do espelho".

Trata-se de mais uma reviravolta numa área de pesquisa que, outrora, parecia mostrar que a natureza dava saltos, sim senhor. O êxito no teste do espelho já chegou a ser retratado como um forte indicativo de que determinada espécie era dona de uma cognição complexa e de um senso relativamente elevado de autoconsciência, quiçá muito similar ao dos seres humanos.

Os primeiros a serem aceitos no clube do reconhecimento no espelho foram os grandes símios, como os chimpanzés. Depois vieram golfinhos e elefantes, notoriamente bichos "sabidos", como dizem as histórias infantis. E as pegas, aves parentas dos corvos. E um peixinho, o bodião-limpador, como já contei por aqui. De repente, o clube estava ficando do meio grande demais.

Em artigo na revista especializada Neuron, a equipe do Texas, formada por Jun Yokose, William Marks e Takashi Kitamura, usou, em camundongos, uma variante do método clássico para induzir o reconhecimento no espelho. A chave da metodologia é usar tinta para fazer uma marca bem visível no corpo do bicho.

Se houver um espelho na frente do animal e ele o usar para inspecionar aquela "pinta" que não estava ali antes, é sinal de que conseguiu ligar os pontos para perceber que a imagem que está vendo é a de seu próprio corpo. No caso do novo estudo, o trio de pesquisadores aplicou tinta branca na testa dos roedores depois de anestesiá-los, já que a linhagem de camundongos de laboratório com a qual trabalharam tem pelagem escura.

Em outro grupo dos bichos, porém, eles usaram tinta escura como controle — para checar se apenas a aplicação da tinta, e não a visão dela no espelho, poderia ter algum efeito também. E eles também variaram a quantidade de tinta aplicada na testa das cobaias.

Os resultados foram um bocado interessantes e complicados. Em suma, o que acontece é que há uma combinação entre estímulo tátil da presença da tinta e a visão no espelho. Os camundongos com mais tinta na testa tendiam a ficar se limpando mais com as patinhas, ao ver seu reflexo no espelho. Mas só a presença da tinta, se ela não fosse vista, não era suficiente, porque os bichos com a testa pintada de preto só começavam a se limpar quando uma pinta branca era colocada em cima da tinta escura!

Além disso, a coisa só funcionava quando os animais tinham passado algum tempo se familiarizando com o espelho previamente, e se eles não tinham sido criados em isolamento social. A vida em grupo e o contato anterior com o espelho parecem ser essenciais para que algum nível de percepção de si próprio a partir da imagem possa emergir.

Por outro lado, os bichos não parecem ser capazes de usar o espelho para inspecionar de forma ativa partes do corpo que não ficariam visíveis normalmente, como as ancas ou os dentes — algo que nós e os grandes símios fazemos com facilidade. Seu autorreconhecimento visual, dizem os pesquisadores, seria "implícito", e não explícito, como o nosso.

Ainda assim, é um indício de que, no caso do espelho, como em tantos outros, o abismo entre as formas de vida tem muito de ilusório.

DOM. Reinaldo José Lopes, **Marcelo Leite**

saúde



Os quatro pods comprados pela reportagem nos aplicativos de entrega iFood e Rappi para testar a fiscalização Raíssa Basílio/Folhapress

Vapes são vendidos no iFood e no Rappi, apesar de proibição da vigilância sanitária

Plataformas dizem que lojas são bloqueadas quando identificadas; Anvisa afirma que cigarros eletrônicos no país são oriundos de contrabando

Geovana Oliveira

SÃO PAULO A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) decidiu, no último dia 19, manter a proibição da comercialização de cigarros eletrônicos no país. Na quinta-feira (25), no entanto, comprei quatro deles em aplicativos de entrega.

Segundo resolução publicada na quarta-feira (24) pela agência, é vedada a propaganda, fabricação, importação, comercialização, distribuição, armazenamento e transporte dos dispositivos eletrônicos para fumar (DEFs).

A norma, que atualiza a proibição em vigor desde 2009, porém, é facilmente burlada. É só digitar "pod", "vape" ou suas marcas mais famosas (Ignite e Elfbar) na busca de aplicativos como iFood e Rappi para ter acesso fácil.

E isso o que fazem alguns usuários ouvidos em anonimato pela **Folha**. Para testar, a reportagem pediu dois dispositivos em cada plataforma.

No iFood, aplicativo em que a regulamentação explícita que "além da proibição da Anvisa, os cigarros eletrônicos não podem ser vendidos por enquadrar-se como produto composto por nicotina", os vendedores fingem que os DEFs são bebidas e até perfumes.

"Batida Mk Econômica Gelada" e "Batida Lm Econômica Gelada" na verdade são pods —versão menor e mais simples do vape— da marca Maskking e da marca Lost Mary.

Lojas chamadas Pod 24h e Pod S 24h no Rappi exibem com fotos uma vasta variedade de dispositivos —Ignite, Elfbar, Lost Mary, Vapesoul, Pynepod, entre outros, separados em setores do aplicativo que vão de "Áudio e som" a "Cabos e carregadores".

Para comprar, é necessário confirmar ter mais de 18 anos, o que pode ser feito apenas clicando em um botão.

O iFood diz fiscalizar constantemente os estabelecimentos para impedir que produtos não autorizados sejam comercializados. "Sempre que identificada qualquer irregularidade, os estabelecimentos são automaticamente bloqueados", diz a empresa, em nota.

O Rappi respondeu à **Folha** que a comercialização de cigarros eletrônicos é proibida na plataforma, sendo expressamente vedada pelos Termos e Condições. "Para coibir a prática, realizamos monitoramentos constantes, que excluem qualquer anúncio de produtos ilícitos na plataforma. Em caso de recorrência dos parceiros, é realizada uma notificação judicial, podendo, até mesmo, levar ao banimento daquele comércio da plataforma", afirma a nota.

Em uma tarde, porém, recebi os quatro pods no centro de São Paulo, nos sabores Pina Colada, Cappuccino, Banana e Mirtilo. Todos com caixas que diziam, em inglês, "AVISO: Este produto contém nicotina. Nicotina é um aditivo químico."

Evidências científicas comprovam que os DEFs, assim como os cigarros convencionais, causam danos cardíacos, respiratórios e neurológicos no usuário, além de dependência devido à presença elevada de nicotina.

A fiscalização do comércio dos cigarros eletrônicos é feita pela Anvisa, além de Polícia Federal, polícias rodoviárias, Polícias Civil e Receita Federal.

Segundo a Anvisa, todos os produtos disponibilizados para a venda no Brasil são "oriundos de contrabando", além de constituírem infração sanitária.

Quem vende a mercadoria, portanto, pode sofrer penalidades que incluem advertência, interdição, recolhimento e multa como resultado da infração sanitária. Adicionalmente, pode ser denunciado pelo crime de contrabando, com pena que vai de 2 a 5 anos de reclusão.

O consumo do dispositivo, porém, não é penalizado. É possível, inclusive, levar uma unidade em viagens aéreas nacionais. Em viagens internacionais, segundo a Receita Federal, a importação é absolutamente proibida, seja para fins pessoais, seja para comercializar e obter renda.

Conforme o órgão, foram apreendidas 357.961 unidades de cigarros eletrônicos entre janeiro e março deste ano, no valor de R$ 18 milhões.

Os usuários ouvidos pela **Folha** dizem que, além dos aplicativos de entrega, costumam comprar os dispositivos em bancas de revista, tabacarias, lojas de importados na rua 25 de Março (região central de São Paulo) e páginas nas redes sociais, além de vendedores específicos em aplicativos de mensagem e em serviço de delivery de tabacarias.

DISPOSITIVOS PARA FUMAR

A Anvisa considera dispositivo eletrônico para fumar (DEF) todo "produto fumígeno cuja geração de emissões é feita com auxílio de um sistema alimentado por bateria, eletricidade ou outra fonte não combustível, que mimetiza o ato de fumar", entre eles os produtos conhecidos como e-cigs, e-pod, "pendrive", pod, vapes e produto de tabaco aquecido, entre outros

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Fotojornalista fez história em Brasília

ELZA MARIA P. FIUZA D. PINTO (1949 - 2024)

Mauren Luc

CURITIBA Elza Fiuza chegou a Brasília na década de 1970 e, com seu olhar apurado e sensível, conquistou espaço na redação do Correio Braziliense em 1978, inicialmente como laboratorista. Na época, mulheres eram raras na profissão. Em 1983, passou a integrar a equipe da Radiobras, onde foi a primeira fotojornalista mulher.

"Ela era a única mulher na Agência Brasil. Foi pioneira no fotojornalismo de Brasília", diz a amiga Ana Nascimento, que começou a trabalhar com Elza em 1992. "Até 2005, fomos só eu, ela e a Rose Brasil de mulheres na fotografia da agência."

Elza capturou momentos importantes da história do Brasil e da política nacional. Entre eles a campanha das Diretas Já, a promulgação da Constituição de 1988, o impeachment de Fernando Collor de Mello e o discurso de despedida de Dilma Rousseff da Presidência.

Com formação em belas artes pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), a inspiração de Elza também se mostrava na forma de desenhos que criava durante as pautas.

"Fazia caricatura de todo mundo na sala. A identificação dela era em desenho", lembra a amiga. "Era extremamente humanista, com posicionamentos muito firmes, defensora das causas indígenas, das mulheres e da liberdade de expressão. Todos a respeitavam muito", diz.

A casa de Elza com o marido, o jornalista Chico Dias, estava sempre cheia de amigos, música e comida boa. "A casa dela era de todo mundo. Promovia as festas juninas mais alegres da cidade. Muitos jornalistas, músicos, gente culta, passavam por lá", conta Ana.

Entre eles Ziraldo, Grande Otelo, Naná Vasconcelos, Hermeto Pascoal e muitos indígenas, como recorda a filha Joana Praia. "Nossa casa não tinha chave. Era como uma grande oca, vinham muitos indígenas nos visitar. Quando as festas na cidade terminavam, iam todos para lá. Era como um espaço cultural."

Nascida em Manaus, Elza chegou a São Paulo ainda menina, para morar com a tia. Viveu um amor quase proibido com o primo, hoje marido, com quem teve quatro filhos. Testemunhou a ditadura e a combateu, e viu o irmão e a cunhada serem presos e torturados.

Nas poucas horas vagas, gostava de desenhar e fazer miniaturas em papel e outros trabalhos manuais. Também adorava jogos eletrônicos. "Era viciada em Nintendo e fotografia. Tinha um laboratório onde nos mostrava como revelava as fotos", diz a filha.

Elza morreu aos 74 anos em 10 de abril, em decorrência de câncer no pulmão. Deixa o marido, quatro filhos e seis netos.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

ilustrada



O comediante Jerry Seinfeld Reprodução

Jerry Seinfeld culpa extrema esquerda e politicamente correto pelo fim da comédia

SÃO PAULO Em um novo episódio do podcast The New Yorker Radio Hour, da revista americana The New Yorker, o comediante Jerry Seinfeld deu declarações a respeito do que ele vê como os novos rumos que a comédia estaria tomando.

A princípio, Seinfeld diz que "nada afeta a comédia", e que as pessoas sempre precisaram dela. No entanto, logo em seguida, aponta alguns problemas que estariam impondo barreiras ao gênero.

"Antigamente, você ia para casa e esperava que houvesse algo engraçado para ver na TV. E agora, adivinha só? Onde isso foi parar? Esse é o resultado da extrema esquerda e do lixo do politicamente correto, e das pessoas se preocupando demais em não ofender os outros", reclamou o humorista.

"Quando você escreve um roteiro e ele passa por quatro ou cinco mãos diferentes, comitês, grupos, [alguém diz] 'Eis o que pensamos sobre essa piada', bem, esse é o fim da sua comédia", disse Seinfeld.

O programa, comandado pelo editor da revista The New Yorker, David Remnick, recebeu Seinfeld para falar sobre seu novo filme, "Descongelado: a História do Pop-Tart", que ele escreveu, dirigiu e estrelou, e que estreia em 3 de maio na Netflix

O longa, que tem Hugh Grant e Melissa McCarthy, vai contar a história da invenção do biscoito Pop-Tart, da marca Kellogg's. Essa é a primeira vez que Seinfeld trabalha como diretor de um longa-metragem.

Na entrevista com Remnick, Seinfeld afirmou que, a princípio, não enxergava um filme na proposta, mas a ideia acabou se desenvolvendo.

Na entrevista ao podcast, Seinfeld também conversou sobre a proximidade de completar 70 anos —o ator faz aniversário na próxima segunda-feira, 29 de abril.

O criador da série "Seinfeld", lançada em 1989 e que leva seu nome, entrou para a lista de bilionários da Bloomberg em março. Foi a primeira vez que a empresa criadora do ranking avaliou sua riqueza.

Ainda hoje, boa parte da sua fortuna vem da série, que durou nove temporadas lançadas ao longo de nove anos. Com o último episódio veiculado em 1998, a série segue gerando retorno financeiro com a comercialização dos direitos de transmissão.

Em 2019, a Netflix comprou todas as temporadas da série por mais do que os US$ 500 milhões que a NBC desembolsou pelos direitos de "The Office" ou os US$ 425 milhões que a Warner pagou por "Friends", reportou na época o jornal Los Angeles Times.

A série foi um sucesso de audiência nos anos 1990 e segue aclamada pela crítica até hoje. O programa de TV, criado também pelo produtor Larry David e estrelado por Seinfeld, ficou famoso por falar "sobre o nada" e pelo senso de humor ácido.

Palma de Ouro de curtas tem brasileiro entre concorrentes

SÃO PAULO O curta brasileiro "Amarela" foi selecionado nesta semana para a competição de curtas-metragens na 77ª edição do Festival de Cannes. O filme de 15 minutos, dirigido por André Hayato Sato, conta a história de uma adolescente brasileira descendente de japoneses que rejeita suas origens e tradições nipônicas e se passa durante a final da Copa do Mundo de 1998.

Entre os produtores associados, está a cantora Fernanda Takai, da banda Pato Fu.

"Amarela" foi um dos onze curtas selecionados entre 4420 filmes inscritos. O trabalho brasileiro concorre com títulos vindos do Azerbaijão, Bulgária, Canadá, China, Croácia, França, Kosovo, Lituânia, Portugal e Estados Unidos.

A Palma de Ouro de curta-metragem será entregue no dia 25 de maio, num sábado.

O Festival de Cannes, mais importante mostra de cinema do mundo, anunciou ainda que vai exibir o documentário sobre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva dirigido por Oliver Stone como parte de suas sessões especiais.

Cineasta afeito à política, com obras como "Entrevistas com Putin" e "Mi Amigo Hugo", sobre Hugo Chávez, em sua filmografia, tem gerado furor desde que anunciou que retrataria Lula num filme.

Karim Aïnouz, que esteve presente no ano passado com "Firebrand" e venceu a mostra Um Certo Olhar com "A Vida Invisível", fará no evento a estreia de seu novo longa, "Motel Destino", um thriller erótico gravado no Ceará .

"Baby", segundo longa de Marcelo Caetano, mesmo diretor de "Corpo Elétrico", foi selecionado para a 63ª Semana da Crítica, mostra paralela do Festival de Cannes.

Já o documentário brasileiro "A Queda do Céu", Eryk Rocha e Gabriela Carneiro da Cunha, baseado em livro de mesmo nome de Davi Kopenawa, será apresentado na Quinzena dos Realizadores, mostra paralela ao Festival de Cannes, que acontece entre os dias 14 e 25 do próximo mês, voltada a diretores independentes e contemporâneos.

ESPORTE AO VIVO
10h Tottenham x Arsenal — Inglês, ESPN/STAR+
11h Flamengo x Botafogo — Brasileiro, PREMIERE
16h Corinthians x Fluminense — Brasileiro, GLOBO (SP/RJ)/PREMIERE



Área ao lado da pista de Ímola, com vista para o muro do acidente fatal, virou ponto de homenagens Michele Oliveira/Folhapress

Senna é presença forte em Ímola 30 anos após morte

Imagem do brasileiro integra cenário urbano e imaginário coletivo da cidade

30 ANOS SEM SENNA

Michele Oliveira

ÍMOLA E MILÃO Sua imagem e seu nome dele fazem parte da sinalização urbana, com indicações para uma das áreas mais visitadas da cidade. Sua assinatura está em luminosos pendurados sobre o centro histórico. Seu rosto está na sala do prefeito, em um retrato na estante, e prestes a virar um mural de quatro metros de altura na periferia. A maioria ali o chama pelo primeiro nome, Ayrton.

Trinta anos após a morte de Ayrton Senna, em um choque com o muro da curva Tamburello, em 1º de maio de 1994, a cidade de Ímola, no norte da Itália, convive com a imagem do piloto brasileiro como parte da paisagem e da memória coletiva, compartilhada mesmo por quem não lhe assistiu nas pistas nem viu o acidente.

"Sempre vi e ouvi sobre Ayrton. Quando tinha dez anos, nos jogos de computador, escolhia correr com a máquina dele", disse à **Folha** o prefeito de Ímola, Marco Panieri, 33, que tinha menos de quatro anos quando Senna morreu.

A sua geração e as seguintes se acostumaram com a figura de Senna entre os personagens locais históricos. A cidade, com 70 mil habitantes, é marcada pelo autódromo Enzo e Dino Ferrari, inaugurado há 70 anos, dentro da área urbana. "Aqui, cada um tem um amigo, um irmão ou uma tia que já fez alguma coisa no autódromo: controlava o acesso à tribuna, trabalhava no estacionamento... Difícil não ser contagiado por isso", afirmou Panieri.

Desde a morte de Senna, uma área vizinha à pista, com vista para o muro do acidente, tornou-se ponto de homenagens ao brasileiro, com flores e bandeiras. O local, dentro do Parco delle Acque Minerali, com acesso gratuito 24 horas por dia, ganhou em 1997 uma estátua do piloto, feita por Stefano Pierotti.

"Se você é uma criança e passa pelo parque, vê o monumento e todas aquelas bandeiras do mundo inteiro, não tem como não perguntar quem foi ele", disse o prefeito.

A reportagem visitou o local em uma sexta-feira de abril, pela manhã, um dia sem eventos no autódromo ou na cidade. Na grade que separa o parque da pista estão penduradas centenas de itens, a maioria bandeiras. Muitas são brasileiras, mas há várias de outros países. Há fotos, camisetas e recados.



Estátua feita por Stefano Pierotti é ponto turístico no Parco delle Acque Minerali, vizinho ao circuito Michele Oliveira/Folhapress

Entre os poucos visitantes naquele horário, menos de uma dezena, havia um casal de brasileiros. "A gente vinha para a Itália a passeio e arrumou um jeito de vir até aqui. Eu via muito Fórmula 1 na infância e me lembro da minha família toda reunida no domingo", contou, emocionado, Tiago André Gonçalves, 39, de São José do Rio Preto (SP). "Depois dele, mudou tudo. Acompanho bem menos."

"Foi um movimento espontâneo e sempre constante. Todas aquelas bandeiras e saudações vieram de forma natural", disse Gian Carlo Minardi, 76, fundador da escuderia que levou seu sobrenome e hoje presidente da empresa que administra o autódromo, cujo imóvel pertence à prefeitura.

Minardi e Senna se conheceram no início dos anos 1980 e mantiveram amizade até a véspera do acidente. "A última vez que o vi foi no sábado à noite, antes da corrida, depois da morte de Roland Ratzenberger [piloto austríaco]. Estávamos aqui [no autódromo], perto do centro médico, falando sobre segurança", recordou Minardi.

Em março, o autódromo e a cidade abriram a programação ligada aos 30 anos da morte de Senna. Uma das principais atrações é a mostra "Magic", em cartaz até 2 de junho no museu San Domenico, com 94 fotografias do brasileiro, tiradas pelos italianos Mirco Lazzari e Angelo Orsi.

Muitas das cenas são informais, como a que mostra o brasileiro rindo com Minardi e o então piloto Pierluigi Martini. "Foi no Japão, na última corrida antes de Ímola, em 1994. Ele estava tirando sarro dos problemas que tinha no carro", lembrou Minardi.

Como nos anos anteriores, as principais homenagens estão marcadas para 1º de maio. O autódromo será aberto ao público e, com a presença de autoridades italianas e brasileiras, será realizado um minuto de silêncio às 14h17 (9h17 no Brasil), horário do acidente. Mais lembranças devem ser feitas quando a F1 passar por Ímola, no GP do dia 19.

"De um lado, sabemos que para a vida do Ayrton representamos um momento triste, mas, de outro, somos um testemunho do que ele representou", disse o prefeito Panieri.

As homenagens a Senna na Itália não se restringem a Ímola. Em Turim, no Museu Nacional do Automóvel (Mauto), será possível ver, até 13 de outubro, máquinas pilotadas por ele, como o Fórmula Ford do início e a Williams do final, além de objetos pessoais e registros em filmes e fotos.

Nos últimos meses, em todo o país, foram lançados livros e programas especiais na TV.

Autor de "Senna e Prost, La Sfida Infinita" (em italiano, o duelo sem fim), publicado em janeiro, o jornalista Umberto Zapelloni afirmou que a idolatria dos italianos por Senna começou bem antes do acidente. Nos anos 1980, a F1 contava com grande cobertura na Itália, com transmissão em canais abertos, e repórteres que viajavam para acompanhar as corridas.

"Mas eram anos em que a Ferrari não ia muito bem. Então, foi preciso se encantar por outros heróis. O torcedor se afeiçoou mais por Senna do que por Prost [Alain, piloto francês]", disse Zapelloni.

No âmbito esportivo, o brasileiro havia conquistado fãs com desempenhos espetaculares. Mas sua fama extrapolou o automobilismo. "O fato de ele falar italiano ajudou que se tornasse popular. Isso facilitou o relacionamento com a TV, onde Senna falava sem precisar de tradução. Entrava na casa de todos", declarou o jornalista.

Para Minardi, a passagem de Ayrton pela Itália no fim dos anos 1970, quando correu de kart por uma equipe de Milão, fez diferença. "Isso o levou a ter hábitos e gostos um pouco italianos, como o pela comida. Ele criou afeto pelos italianos, que lhe retribuíram depois."

Senna era também visto como religioso, o que contou a seu favor no país que envolve o Vaticano. "O fato de que ele falasse de sua ligação com Deus impressionava muito os italianos, como quando disse ter tido uma visão no GP do Japão [em 1988]. Naquela época, não havia outros esportistas que falassem assim de religião", observou Zapelloni.

Outro ponto que causou boa impressão foram as ações de caridade de Senna. Após sua morte, foi revelado que ele visitava com frequência, em Ímola, um jovem vítima de acidente que tinha ficado paraplégico. "Ele ia escondido", assegurou Minardi.

Em 1994, quando se especulava que ele poderia finalmente correr pela Ferrari no ano seguinte, ocorreu o acidente, seguido de uma onda de comoção nacional. Logo depois, um dos maiores músicos italianos da época, Lucio Dalla (1943-2012), lançou "Ayrton", canção em homenagem ao brasileiro.

"A morte em pista, na Itália, contribuiu para amplificar ainda mais esse conceito de mito, que ainda hoje é transmitido. Muitos jovens pilotos italianos dizem que se inspiram nele, mesmo que o tenham visto correr só no YouTube", disse Zapelloni.

Tostão
O colunista está em férias

As duas faces da Libertadores

Três clubes brasileiros vão bem, dois, mais ou menos, e outros dois estão mal

Juca Kfouri
Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

A rara leitora e o raro leitor de boa memória talvez se lembrem do aqui escrito quando o sorteio determinou os grupos da Libertadores.

Era quase unânime a projeção de que os sete times brasileiros se classificariam para a fase de mata-mata.

Terminado, por assim dizer, o primeiro turno, três rodadas depois, folgamos em saber que Fluminense, Palmeiras e Atlético Mineiro lideram seus grupos, contentamo-nos com São Paulo e Flamengo em segundo lugar e nos preocupamos com Botafogo e Grêmio, nos últimos lugares.

Cem por cento só o Galo, cinco pontos à frente do segundo.

O Palmeiras também parece em situação confortável, com três pontos de dianteira, liderança mais folgada que a do Fluminense, com apenas um ponto a separá-lo dos segundo e terceiro colocados.

Mesma diferença entre o vice-líder São Paulo e o líder Talleres, para permitir projetar que o tricolor termine na frente caso siga adiante o otimismo reinante no Morumbi com a estreia do técnico Luis Zubeldía, de 43 anos.

O segundo lugar do Flamengo é bem mais incômodo e surpreendente, porque cinco pontos atrás do Bolívar e só um adiante do chileno Palestino.

Por curioso que seja, os dois brasileiros lanterninhas, limitados a uma vitória e na terceira rodada, Grêmio e Botafogo, têm poucos dois pontos de distância para os líderes.

Resumo da ópera: sim, dá para classificar os sete, mas, como se vê, a facilidade até agora se restringe à campanha do alvinegro mineiro, também de treinador novo, também argentino, Gabriel Milito, mesma idade de Zubeldía.

Parece que até a nova safra de treinadores no Brasil será feita por estrangeiros, e nada contra.

A derradeira rodada do turno soou generosa, com cinco vitórias nacionais, um empate e uma derrota.

Entre os vitoriosos, dois destaques: para o Grêmio, que, com um jogador a menos, venceu o Estudiantes na Argentina.

O outro vai para a virada do Palmeiras, com segundo tempo épico na altitude de Quito, ao transformar 0 a 2 em 3 a 2 no minuto final, graças às mexidas certeiras de Abel Ferreira, 45, para perplexidade do algoz de brasileiros Independiente del Valle.

A dupla Fla-Flu decepcionou.

O Fluminense, porque deixou de ganhar mais dois pontos ao se contentar com sonolento 0 a 0, no Paraguai, diante do Cerro Porteño.

E o Flamengo, porque fez tudo errado, desde a saída da Gávea, ao viajar para as agruras de La Paz repleto de más explicações e constrangedoras incoerências. A derrota por 2 a 1 para o Bolívar e o fim da invencibilidade em 2024 foram o castigo merecido para quem acabou por fazer mal à ciência do esporte ao meter os pés pelas mãos e tentar explicar o inexplicável.

Choques de realidade costumam fazer bem.

Até mesmo para o Galo, que enfiou três gols de cara no tradicional Peñarol e, por uma bola na trave, deixou de sofrer o empate.

Libertadores à parte, é na Copa Sul-Americana que dois dos sete brasileiros brilham, ao terminar o primeiro turno 100%. Um é o Athletico Paranaense, que marcha para tricampeonato com campanha impecável, embora alguém possa dizer que ainda não teve adversários no paraguaio Sportivo Ameliano, no uruguaio Danubio e no venezuelano Rayo Zuliano. OK!

Mas o Fortaleza teve, no Boca Juniors, e lhe enfiou 4 a 2.

Reservas xeneizes? Não é o que ficará na História.

E o Corinthians? Ora, o Corinthians... Melhor esquecer.



Charly Triballeau - 22.abr.24/AFP

IMAGEM DA SEMANA

Estudantes acampam na segunda (22) no campus da Universidade Columbia, em Nova York, em protesto a favor dos palestinos e contra a escalada da guerra Israel-Hamas. Os atos se espalharam por diversas instituições pelo país, e mais de 250 pessoas foram detidas. Chegaram também em Paris, onde alunos bloquearam, na quinta (25), o acesso à universidade Sciences Po para exigir que a instituição condene as ações de Israel no território palestino.

COMBO

Tiago Ribas
folha.com/hqdtgz47



Cena de 'Fallout 4', que lidera em vendas na Europa Divulgação

Conheça a franquia de games que inspirou a série 'Fallout'

SÃO PAULO A franquia de jogos "Fallout" ganhou fôlego com o sucesso da série de TV homônima da Amazon Prime Video, que estreou no último dia 10.

Não à toa, os quatro últimos jogos da série apareceram no top 10 mais vendidos da Europa na última semana, sendo que "Fallout 4" —lançado em 2015— ficou no topo da lista.

Um jogo lançado há nove anos liderar listas de mais vendidos atesta uma mudança na forma como os consumidores se comportam no mercado de games. Também reforça como videogames podem ser catapultados por iniciativas em outras plataformas (e um bom descontinho).

O aumento de interesse dos jogadores por games que ganharam as telonas do cinema e as telinhas das TVs já havia sido detectado por títulos como "Cyberpunk 2077" (após a série "Cyberpunk: Mercenários", da Netflix), pelos jogos do Mario após "Super Mario Bros. - O Filme" e, em especial, pela franquia "The Last of Us" depois do lançamento da série da HBO (atual Max).

A Bethesda, desenvolvedora dos últimos jogos da série "Fallout", turbinou esse movimento dando descontos de até 80% em títulos da franquia em diversas plataformas. Além disso, lançou na última quinta (25) uma atualização gratuita de "Fallout 4" para a nova geração de consoles e PCs.

O primeiro "Fallout" foi lançado pela extinta Interplay em 1997 e desenvolvido pelo também finado estúdio Black Isle. Criada por Tim Cain e Leonard Boyarsky, a série de RPGs se passa em uma realidade paralela em que a Guerra Fria tomou uma direção trágica, que resultou em um apocalipse nuclear no ano de 2077.

Para se salvar das bombas atômicas, alguns poucos habitantes se esconderam em abrigos subterrâneos desenvolvidos pela Vault-Tec Corporation em parceria com o governo dos EUA. Quem não teve a mesma sorte acabou morto ou transformado em ghouls, raça mutante de aspecto grotesco.

Mas não foram só os humanos que sofreram. O planeta como um todo passou por bruscas mudanças devido à radiação, que transformou a Terra em um lugar inóspito, repleto de seres mutantes e milícias fortemente armadas.

Apesar do cenário tétrico e violento, a série conta com enredos e personagens criativos e, por vezes, bem humorados. Além disso, o fato de a humanidade ter parado culturalmente nos anos 1950 na história do game ajuda a criar uma atmosfera retrofuturista única e muito interessante.

Os games da série principal costumam colocar o jogador no papel de um habitante de um dos vários abrigos subterrâneos espalhados pelos EUA, que, por um motivo ou outro, precisa se aventurar no exterior selvagem.

Os primeiros dois jogos da série ("Fallout" e "Fallout 2") se passam no sul da Califórnia —mesmo cenário escolhido para a série da Amazon.

Já "Fallout 3", primeiro jogo da série desenvolvido pela Bethesda —que ressuscitou a franquia em 2008 após dez anos sem nenhum lançamento—, se passa na região de Washington DC. O spin-off "Fallout: New Vegas", desenvolvido pela Obsidian, é ambientado em Las Vegas, como o nome do jogo indica. Já "Fallout 4" tem como cenário a Costa Leste americana, mais especificamente no estado de Massachusetts.

Esses últimos jogos são todos boas sugestões para quem se animou com a série de TV e ainda não jogou nenhum dos títulos da franquia, mas a história de "Fallout" não deve parar por aqui.

A série foi renovada para mais uma temporada, e Todd Howard, diretor da Bethesda, afirmou que a produção de "Fallout 5" deve começar em um futuro próximo. Ou seja, a "Fallout Mania" promete continuar viva por um bom tempo.



PLAY
Dica de game, novo ou antigo, para você testar

Fallout 3
(PC, PS 3 e Xbox 360)
Os tradicionalistas que me perdoem, mas "Fallout 3" é o ponto alto da série. O game lançado em 2008 introduziu o sistema V.A.T.S., que permite parar o jogo momentaneamente para mirar determinadas partes do corpo dos inimigos gastando "pontos de ação". A mecânica possibilita um combate que fica entre o tradicional tiro em primeira pessoa e as batalhas por turnos comuns em RPGs. O sistema deu tão certo que foi repetido em todos os outros jogos principais da série.

DOWNLOAD
Principais lançamentos dos próximos dias

28.ABR
El Shaddai: Ascension of the Metatron HD Remaster
R$ 55 (Switch)

30.ABR
Front Mission 2: Remake
preço não disponível (PC, PS 4/5, Xbox One/X/S)

Sea of Thieves*
R$ 214,90 (PS 5)

*Disponível no Xbox Game Pass

FRASES DA SEMANA



Isso significa que o Alckmin tem que ser mais ágil, tem que conversar mais. O Haddad, ao invés de ler um livro, tem que perder algumas horas conversando no Senado e na Câmara. O Wellington [Dias, ministro do Desenvolvimento e Assistência Social], o Rui Costa [ministro da Casa Civil], passar maior parte do tempo conversando com bancada A, com bancada B

Lula
presidente, ao cobrar na segunda (22) de seus ministros maior articulação com o Congresso Nacional



Só faço isso da vida

Fernando Haddad
ministro da Fazenda, em resposta à Lula no mesmo dia



Fiquem tranquilos, não vamos a lugar algum. Os fatos e a Constituição estão do nosso lado e esperamos prevalecer novamente

Shou Zi Chew
presidente-executivo do TikTok, na quarta (24), após o presidente dos EUA, Joe Biden, sancionar lei que proíbe a rede social



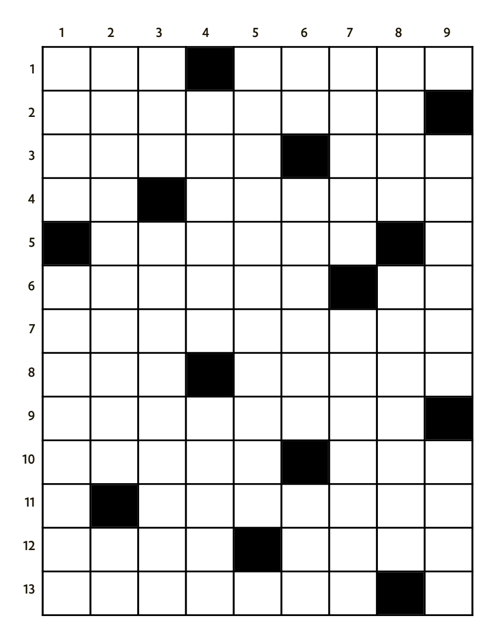
[Antigamente] As pessoas esperavam: 'Vai ter alguma coisa engraçada para a gente ver na TV hoje à noite'. Bom, adivinha só: cadê? Isso é o resultado da extrema esquerda, da besteira do politicamente correto e das pessoas se preocupando tanto com ofender outras pessoas"

Jerry Seinfeld
humorista, em entrevista ao programa The New Yorker Radio Hour na sexta-feira (26)

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. (Bioq.) Molécula que participa dos processos de transformação de energia nos seres vivos / Cria de animal **2.** Indício **3.** Unidade de medida em fisioquímica / O personagem infantil de desenhos animados Esponja **4.** San Francisco / (Pop.) Meio embriagado **5.** O Franco (1930-2011) presidente da República **6.** O músico popular argentino Carlos (1890-1935), do tango / Abreviatura de estibordo **7.** Pago com antecipação **8.** O ator italiano Spencer, de "Trinity" / O Art (1910-1956) pianista de jazz **9.** Arte de falar em público **10.** Certos roedores comuns / As consoantes de virado **11.** Aspirado **12.** Em + ela / Cheiro agradável ou desagradável **13.** Um estudioso da natureza e suas relações.

VERTICAIS
1. (Matem.) Uma palavra usada em frações (pl.) / A capital de Botsuana, país africano **2.** Redução de substância a filamentos / Erasmo Carlos, o "Tremendão" **3.** Pronto-Socorro Municipal / (Zool.) Com três dedos **4.** A da Bastilha foi um evento crucial na Revolução Francesa (1789) / (Mús.) Relativo ao tom **5.** Que tem estrutura longa e fina (fem.) **6.** Instituto de Geologia / Converter (a cevada) em malte / Em matemática, o símbolo do logaritmo **7.** Beber / Que se tornou acelerado, intensificado **8.** O lendário herói inglês da Idade Média Robin / O humorista e ator Sterblitch **9.** Doce confeitado de chocolate / Um clássico da MPB.



HORIZONTAIS: 1. ADP, Filho, **2.** Vestígio, **3.** Osmol, Bob, **4.** SF, Mamado, **5.** Itamar, **6.** Gardel, Eb, **7.** Adiantado, **8.** Bud, Tatum, **9.** Oratória, **10.** Ratos, Vrd, **11.** Inalado, **12.** Nela, Odor, **13.** Ecólogo.
VERTICAIS: 1. Avos, Gaborone, **2.** Desfiadura, EC, **3.** PSM, Tridátilo, **4.** Tomada, Tonal, **5.** Filamentosa, **6.** IG, Maltar, Log, **7.** Libar, Ativado, **8.** Hood, Eduardo, **9.** Bombom, Dora.

SUDOKU

texto.art.br/fsp
DIFÍCIL

			3			2		9
	8			2	9		3	
						4		
	5		1		2		6	7
		1				9		
8	6		7		3		2	
		7						
	9		6	7			4	
5		3			4			

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

4	7	5	3	6	8	2	1	9
1	8	6	4	2	9	7	3	5
9	3	2	5	1	7	4	8	6
3	5	4	1	9	2	8	6	7
7	2	1	8	4	6	9	5	3
8	6	9	7	5	3	1	2	4
6	4	7	2	3	1	5	9	8
2	9	8	6	7	5	3	4	1
5	1	3	9	8	4	6	7	2

ACERVO FOLHA

Há 100 anos 28.abr.1924

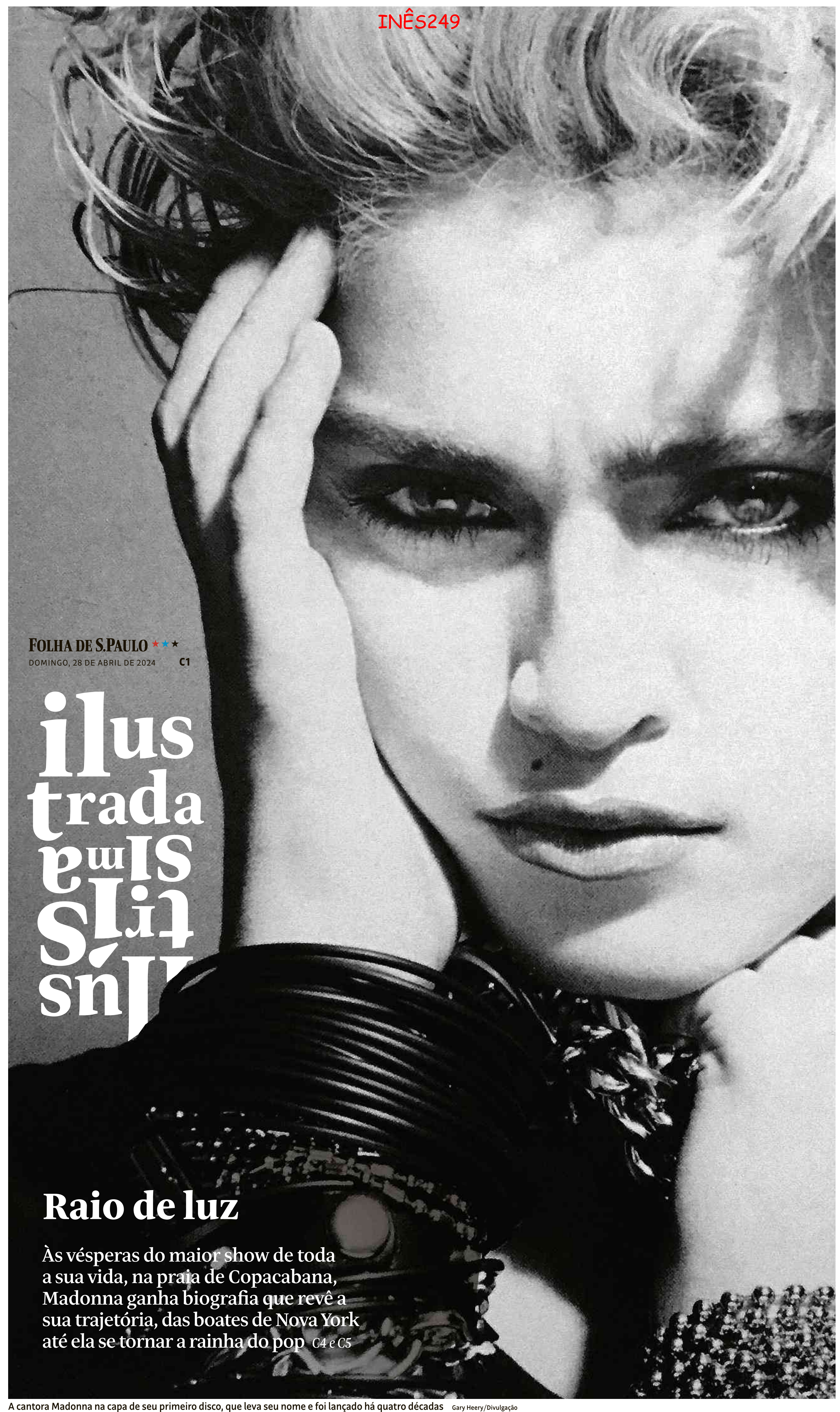
Em fim de gestão, governador de SP visita Mogi das Cruzes

Prestes a deixar o cargo de governador de São Paulo, Washington Luís visitou Mogi das Cruzes neste domingo (27). Ele chegou de automóvel e foi recebido por uma grande salva de palmas da multidão que se aglomerava na rua. O político será substituído no poder estadual em 1º de maio por Carlos de Campos.

O governador paulista passeou pela cidade, assistiu na Câmara Municipal à sessão em sua homenagem e dirigiu-se ao Theatro Vasques, onde a municipalidade lhe ofereceu um banquete.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br


Folha da Noite
COLBERTS DE PAPELAO
DA ITALIA



FOLHA DE S.PAULO ★★★
DOMINGO, 28 DE ABRIL DE 2024 C1

Raio de luz

Às vésperas do maior show de toda a sua vida, na praia de Copacabana, Madonna ganha biografia que revê a sua trajetória, das boates de Nova York até ela se tornar a rainha do pop C4 e C5

A cantora Madonna na capa de seu primeiro disco, que leva seu nome e foi lançado há quatro décadas Gary Heery/Divulgação

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Alice Braga
Estou querendo olhar para quem eu sou

[RESUMO] Atriz compartilha bastidores de 'Matéria Escura', nova série da Apple TV, diz sonhar com mais produções conjuntas entre países latino-americanos e fala sobre término com Bianca Comparato: 'O relacionamento mais importante que já tive na minha vida'

Por ***Bianka Vieira***

Se pudesse experimentar uma vida diferente daquela que escolheu ao se tornar atriz, qual versão de Alice Braga o mundo conheceria? A dúvida, de natureza tão comum à experiência humana quanto irresolúvel, passou a ocupar a cabeça e a rotina da artista há cerca de dois anos. Crise existencial? Não, apenas uma proposta de trabalho que recebeu.

*

Ao lado de estrelas como Joel Edgerton e Jennifer Connelly, Alice compõe o elenco de "Matéria Escura", nova aposta da Apple TV que se baseia no best-seller homônimo de Blake Crouch e estreia em 8 de maio.

*

Assim como no livro, a série de ficção científica se enveredа pelo multiverso e explora as múltiplas possibilidades de vida de seus personagens. "Ela fala de um tema muito comum, que é o 'e se?'. É o arrependimento, são as possibilidades na vida, o 'e se eu tivesse feito isso ou aquilo?'."

*

Uma notificação surgida no celular da atriz nesta semana, inclusive, trouxe uma foto dela junto ao ator Jimmi Simpson, outro integrante do elenco, e a lembrança de que faz exatamente um ano que as gravações da produção norte-americana foram encerradas.

*

Ao relembrar os tempos de set, Alice diz que a série a presenteou com a realização de um sonho antigo, o de contracenar com Edgerton, e também com uma das piores sensações térmicas de sua vida.

*

"É impossível esquecer o dia em que eu filmei em Chicago, era uma [gravação] noturna. Estava nada mais, nada menos, do que 22 graus negativos, e a gente com um casaquinho dessa espessura", diz, aproximando o seu polegar do indicador.

*

"O Joel virou para mim e falou: 'A gente devia ter lido melhor esse roteiro'", segue, gargalhando. "A gente estava fazendo uma cena que demandava esse frio todo, então não tinha que fingir que não estava com frio. Mas, como brasileira e sul-americana que sou, foi um grande desafio físico e emocional. A sensação era de quase menos 30 [graus]."

*

Embora já tenha atuado em longas que nasceram a partir de obras literárias, como "Ensaio sobre a Cegueira" e "On the Road", e até mesmo em "Eduardo e Mônica", inspirado no hit da Legião Urbana, ela diz aguardar com ansiedade a reação do público ao lançamento da série. "Tem esse friozinho na barriga, porque é uma história que já vem com fã."

*

Reconhecida na indústria e pelo grande público por seus trabalhos internacionais, Alice mantém uma ligação contínua com o Brasil e também esquadrinha projetos por aqui. Um deles, ainda sem data de lançamento, é a animação "Arca de Noé", dirigida por Sérgio Machado e inspirada na coletânea de Vinicius de Moraes.

*

"Eu faço uma ratinha brava pra caramba", brinca ela, que participou da dublagem do longa ao lado de artistas como Adriana Calcanhotto, Chico César, Rodrigo Santoro e Marcelo Adnet. A produção é assinada por Walter Salles.

*

"É uma história extremamente brasileira, que tem uma potência de ir para o mundo inteiro", afirma Alice. Um projeto com os diretores Andrucha Waddington e Mini Kerti também já está sendo esboçado e em fase de captação de recursos.

*

O lançamento de "Matéria Escura", nos próximos dias, chega após um ano em que Alice ficou mais distante de Los Angeles (EUA), onde mora, por causa da greve dos atores e roteiristas, dedicando mais de seu tempo ao Brasil.

*

"O período mais em casa foi uma loucura, porque eu estava há sete anos filmando sem parar. De repente, quando você para, parece que está faltando uma parte do corpo", brinca.

*

"Mas foi um processo muito importante, porque é uma luta sobre direitos", acrescenta, ao falar sobre a greve. "O mundo mudou, a forma de a gente consumir entretenimento mudou, os streamings existem. E existe essa uberização de tudo. Os contratos não podiam seguir como antes."

*

O 2023 de Alice também ficou marcado pelo fim de seu relacionamento com a atriz Bianca Comparato, após sete anos juntas. Sem rodeios, ela reconhece que o término, decidido em comum acordo, foi um processo acompanhado de muita dor, mas faz questão de escolher as palavras com esmero ao falar sobre a ex.

*

"Meu amor pela Bianca nasceu através de uma grande admiração por ela, como atriz, antes de conhecê-la. É, para mim, o relacionamento mais importante que já tive na minha vida, e continua sendo. Ele tem esse espaço no meu coração, essa grandeza."

*

"Foi um término muito doloroso, porque tem muito amor. Mas o amor pode se transformar, e acho que é nesse lugar em que a gente está. Que é o mais importante, de estar junto para o resto da vida", acrescenta, ao afirmar que as duas seguem muito amigas, além de sócias na produtora South.

*

Alice conversou com a coluna por videoconferência desde o México, para onde viajou para apresentar o Prêmio Platino de Cinema Ibero-Americano, no fim de semana passado, e fazer uma série de reuniões para discutir novos projetos. A atriz diz ter o desejo de cada vez mais ver produções conjuntas sendo realizadas entre países latino-americanos.

*

"A gente tem, claro, um desafio da língua, porque falamos português. Mas eu senti, vindo aqui para o Prêmio Platino, o quanto eles também olham pra gente e nos veem como um país autossuficiente nesse lugar do entretenimento, que faz conteúdo pra gente mesmo", afirma. "Acho muito importante abrir, dialogar, fazer coproduções, se fazer presente e ver projetos e criações de países latinos para que a gente também possa se integrar."

*

Como atriz brasileira que há anos mantém residência nos Estados Unidos, Alice afirma que há cada vez menos espaço para personagens latinos estereotipados no entretenimento, ao passo em que eles ganham mais protagonismo nas tramas. "Isso já é uma conquista muito grande, que talvez não existisse 15 anos atrás", diz.

*

Ela afirma ter sido, entre 2016 e 2021, a única atriz latina a estrelar uma série no horário nobre da TV a cabo americana com "Rainha do Sul", atualmente disponível na Netflix. Alice atuou também como produtora-executiva da obra, que foi gravada e exibida durante a gestão Donald


A atriz Alice Braga Gil Inoue/Divulgação

Trump, que tinha no discurso anti-imigração uma de suas plataformas de governo.

*

"A gente tomava muito cuidado para não botar no roteiro algo que pudesse dar força a esse diálogo de ódio que ele tinha. E que, infelizmente, está voltando", afirma, em referência à força eleitoral do político do partido Republicano para o pleito deste ano.

*

Alice diz ver uma eventual vitória de Trump como uma mensagem ruim para todo o mundo. E afirma que, apesar de o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) ter se tornado inelegível após ataques ao sistema eleitoral, os brasileiros também devem ter atenção em relação a discursos antidemocráticos.

*

"Esse discurso de ódio não reside só em Bolsonaro. Reside em seus aliados e em seus apoiadores também. Se não queremos que isso volte, temos que prestar atenção em que tipo de diálogo e que tipo de política a gente pode fazer para que esse tipo de governo não volte a comandar o país."

*

Sobre o Brasil governado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), a atriz diz acreditar que o país ainda passa por um processo de reconstrução após a gestão de seu antecessor. Mas afirma que gostaria de ver mais avanços em relação à questão indígena.

*

"Infelizmente, é uma causa que a gente tem que ficar em cima. Os indígenas são as pessoas que estão na comissão de frente da batalha pelo clima, e são as pessoas que mais estão sofrendo, tanto com a violência quanto com o desmatamento, com a mudança climática, com a falta de peixe nos rios, que estão morrendo com metal no corpo. A crise dos yanomamis mostrou isso."

*

"O meu sonho é que essa se torne a causa de todo mundo, não só de artistas, de políticos ou de jornalistas, mas de qualquer pessoa. Ter consciência sobre essa causa é ter uma consciência cívica, porque são essas pessoas que, como diz o Davi Kopenawa, estão segurando o céu."

*

"Demarcação de terra indígena significa o futuro do planeta. Um não anda separado do outro. A demarcação é sobre direitos indígenas, mas também sobre a possibilidade de futuro. A política nunca pode passar por cima disso."

*

Recém-chegada aos 41 anos de idade, Alice afirma estar se voltando mais para si e desfrutando das transformações vindas com a passagem do tempo. "Acho que tudo sobre idade é relativo, sobre o que é melhor ou pior. Mas acho que os 20 têm o frescor, a primeira prova de tudo, o primeiro olhar. Nos 30, acho que você está se formando ainda, e os 40, para mim, estão chegando de uma forma muito bonita, muito verdadeira", diz.

*

"Estou querendo olhar para quem eu sou, para os meus desafios como pessoa, como mulher, como ser humano, de querer enfrentar eles, de querer aprender com as pessoas que estão em volta, de aceitar coisas em mim — às vezes, quando a gente é jovem, a gente se julga demais. Acho que, para mim, está vindo num lugar de maturidade também artística, de olhar e falar: 'Nossa, já fiz tudo isso'. Está sendo bonito."

A perigosíssima liberdade

Há quem não goste e a queira limitar, um desejo que não é muito poético

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Portugal esteve em festa esta semana. Celebrou-se meio século de liberdade. Há 50 anos, no dia 25 de abril, um grupo de militares derrubou a ditadura e o povo saiu imediatamente à rua, apoiando a revolução.

Os portugueses devem a liberdade ao Movimento das Forças Armadas e ao povo. Ora, acontece que eu não gosto de militares. Não gosto da ética militar, nem da brutalidade, nem daquele fanatismo patriótico que é, com muita frequência, trágico.

E, aqui para nós, também não gosto do povo. Não gosto da irresponsabilidade da multidão, nem daqueles que parecem ser os dois principais fatores de interesse da massa popular: aglomerar-se em torno de acidentes rodoviários e insultar os carros que levam os suspeitos para o tribunal.

No entanto, foram os militares e o povo que fizeram o 25 de Abril. Às vezes, dá-se o caso de um casal muito feio ter um filho muito bonito. Parece-me que foi o que aconteceu, embora nem toda a gente esteja convencida da beleza da criança. É quase milagroso que o 25 de Abril celebre 50 anos, dado o reduzido número de apreciadores da liberdade. Somos tão poucos que às vezes parece que estamos impondo abusivamente a nossa vontade aos outros.

Não existe propriamente unanimidade em torno da liberdade. Há quem não goste, o que se compreende. A liberdade é perigosa e desagradável. Implica que os outros digam o que querem e vivam como querem. E há coisas que umas pessoas não gostam de ouvir e maneiras de viver que outras pessoas condenam.

Mulheres votam e trabalham, pessoas do mesmo sexo se casam, gente com convicções bizarras diz o que lhe apetece. Há quem não goste deste estado de coisas e pretenda limitar a liberdade. Não é um desejo muito poético.

Talvez não seja por acaso que Paul Éluard, naquele célebre poema sobre a liberdade, não tenha refletido sobre esse problema específico. Entreteve-se a dizer que tinha nascido para a conhecer, e para a nomear —e com isso provavelmente esqueceu-se da importância de a limitar. Não seriam versos especialmente inspiradores: Je suis né pour te limiter: liberté.

O Brasil esteve envolvido no 25 de Abril. As grandes figuras da nossa ditadura exilaram-se aí. O último ditador acabou os seus dias a viver em Copacabana. A pior coisa que lhe aconteceu talvez seja ter ouvido antes dos outros portugueses a canção de Chico Buarque, "Tanto Mar". Digamos que há destinos mais trágicos.



Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Hmmfalemais | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com (interina)

Ficção científica sul-coreana sobre o fim do mundo está no streaming

Adeus, Terra
Netflix, 16 anos
Em 200 dias, a península da Coreia deve ser atingida por um asteroide que eliminará a vida naquela parte do planeta. Com o alarme vem o caos, uma lei marcial entra em vigor, seitas explodem por todo o lugar e alguns tentam migrar para locais seguros. Mas outros não acreditam na colisão catastrófica e continuam vivendo como se não houvesse amanhã. Série de ficção científica sul-coreana.

O Segredo dos Polvos
Disney+, livre
Do diretor James Cameron, com narração do ator Paul Rudd, a série documental sobre polvos mostra como esses animais marinhos são parecidos com os humanos —inteligentes, sensíveis e curiosos que constroem cidades para viver.

A Cor Púrpura
Max, 14 anos
Nova adaptação para o cinema do romance de Alice Walker, agora um drama musical sobre a dura vida de uma mulher negra do sul dos Estados Unidos na primeira metade do século 20. Fantasia Barrino reprisa sua atuação na Broadway no papel de Celie.

Histórias que Contamos
Filmicca, 14 anos
A roteirista Sarah Polley dirige este documentário profundamente pessoal sobre os segredos de sua família, que inclui a revelação de que ela foi produto de um caso extraconjugal entre sua mãe Diane Polley e o produtor teatral canadense Harry Gulkin.

Estômago
Canal Brasil, Globoplay e Netflix, 19h30, 16 anos
Raimundo Nonato vai para a cidade grande para melhorar de vida. Com talento para a culinária, começa fazendo coxinhas em um boteco e logo cresce virando cozinheiro de um restaurante italiano. Até que uma traição o leva preso. Dirigido por Marcos Jorge e estrelado por João Miguel.

Canal Livre
Band, 23h30, livre
O ministro das Comunicações, Juscelino Filho, fala sobre temas polêmicos, como regulamentação da inteligência artificial e taxação de big techs. Na entrevista, o cientista político Fernando Schüler e os jornalistas Fernando Mitre e Eduardo Oinegue.

QUADRÃO | *Angeli*















| DOM. Jan Limpens, Luiz Gê, Ricardo Coimbra, Angeli, **Laerte**

Folha faz pré-estreia de 'Transe', filme da Mostra de São Paulo

SÃO PAULO A **Folha** promove, no próximo dia 29, em São Paulo, a pré-estreia do filme "Transe", das diretoras Anne Pinheiro Guimarães e Carolina Jabor, exibido no Festival do Rio e na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo.

Algumas das cenas do longa foram gravadas durante atos convocados por mulheres em 2018, sob o mote #EleNão.

O evento acontece às 20h, no Espaço Itaú de Cinema - Augusta, no centro da capital paulista. Após a exibição, as diretoras conversam com Luisa Arraes e Johnny Massaro. O debate será mediado por Leonardo Sanchez, repórter da **Folha** especialista em cinema.

Os ingressos estarão disponíveis na bilheteira do espaço uma hora antes da sessão.

Projeto 7 Leituras leva 'Hamlet' para o Sesc Bom Retiro

SÃO PAULO A popular história de intriga familiar e palaciana do príncipe da Dinamarca, "Hamlet" é o texto escolhido para o segundo encontro desta edição do 7 Leituras.

A apresentação gratuita acontece no dia 30 de abril, às 19h, no teatro do Sesc Bom Retiro, no centro da capital paulista, com retirada de ingressos 30 minutos antes.

O projeto completa 18 anos de existência e celebra também os 460 anos do de nascimento de Shakespeare, com suas peças mais populares.

As leituras acontecem no teatro do Sesc Bom Retiro até junho, sempre na última terça-feira do mês. Os encontros continuam com "As Alegres Comadres de Windsor", em maio, e "A Tempestade", em junho.

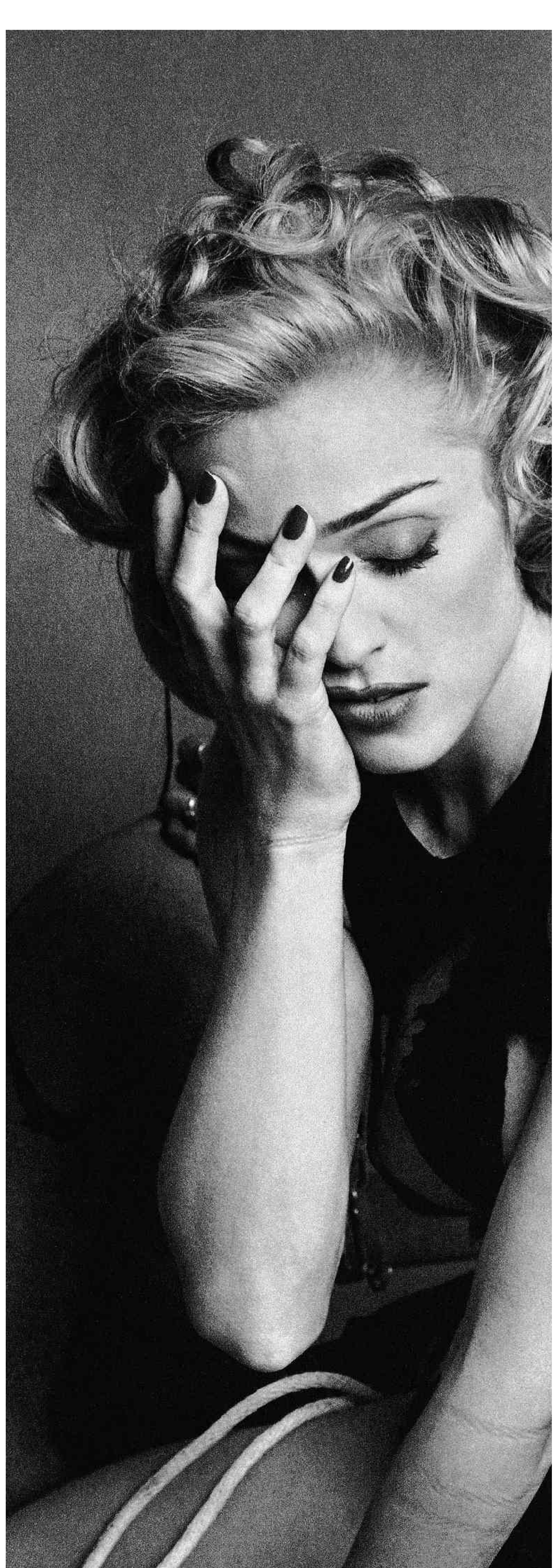
Murilo Couto troca The Noite e o SBT por projeto online

ARACAJU Principal parceiro de Danilo Gentili no programa The Noite, do SBT, o humorista Murilo Couto deixou a emissora e a atração na última quinta. Ele foi homenageado em um programa especial.

A saída não foi por brigas ou mágoas. Couto queria se dedicar mais ao seu projeto na internet, que conta com mais de 2 milhões de seguidores, e ao seu atual espetáculo de stand-up, que é sucesso de público.

"Estou chorando até agora", disse Couto, sobre a saída. Em sua despedida, o programa relembrou alguns dos grandes momentos do artista ao longo de dez anos no SBT. A emissora ainda não informou se vai substituir o humorista. **Gabriel Vaquer**

INÊS249



Ambição loira

[RESUMO] Biografia que antecipa show de Madonna na praia de Copacabana mostra como sua trajetória sofrida, vasculhando por comida nos lixos de uma Nova York caótica, moldou a sua carreira estrelada

Por **Lucas Brêda**
Jornalista da Folha, escreve sobre música

Fotos **Steven Meisel**
Fotógrafo que retratou Madonna no livro 'Sex'

Durante um show em Nova York no último mês de janeiro, Madonna discutiu sua relação com a cidade. Disse que sempre sonhou em morar lá, mas chegou à metrópole americana ingênua, sem conexões, emprego, dinheiro e teto —"uma idiota com US$ 35 no bolso", em suas palavras.

De 1978, quando deixou a faculdade de dança no estado americano de Michigan para buscar o sonho de ser uma estrela, a 1982, quando lançou o primeiro single, "Everybody", Madonna viveu o melhor e o pior daquela Nova York. Roubou, comeu comida do lixo, dormiu com baratas e viveu de favores. Também teve uma banda punk, dançou hip-hop nas boates e conviveu com gente do calibre de Jean-Michel Basquiat.

Foi quando ela trocou a dança pela música e, segundo a biógrafa Mary Gabriel, formou as bases do que viriam a ser as quatro décadas de uma das carreiras mais importantes da cultura pop, celebradas no show que chega ao Brasil no próximo sábado, na praia de Copacabana, onde a organização espera receber cerca de 1,5 milhão de pessoas.

"Se você quer entender Madonna, tem de voltar ao período em Nova York na virada para os anos 1980. Foi lá que ela nasceu", diz Gabriel. O retrato dessa época está em seu livro, "Uma Vida Rebelde", lançado no ano passado nos Estados Unidos e que nesta semana chega às livrarias brasileiras traduzido pela BestSeller.

Madonna sempre foi alvo de uma cobertura intensa da imprensa. Mas, antes de seu primeiro álbum, não era ninguém. São poucos os registros dos anos iniciais de sua vida adulta.

"Consegui relatos de gente desse período em Nova York que nunca falou sobre Madonna", diz a biógrafa. "A história de como ela emergiu daquela cena das boates é contada por gente que não a conhecia direito, que a viram num clube e tiveram algumas impressões. Encontrei gente realmente próxima de Madonna e de seu melhor amigo, Martin Burgoyne, que morreu aos 23 anos."

Entre elas está Marcus Leatherdale, fotógrafo que tinha bom trânsito na cena cultural da cidade e apresentou Madonna a Andy Warhol. Também Catherine Underhill, a outra melhor amiga de Burgoyne, e que morava com Haoui Montaug, mestre de cerimônias do clube Danceteria —epicentro da juventude mais artística e descolada da época. A biógrafa ainda teve acesso à íntegra das entrevistas que a cantora deu a jornalistas de publicações menores.

Madonna tinha 19 anos quando pegou o primeiro táxi em Nova York e pediu que a deixassem "no centro de tudo". Desceu na Times Square e teve ajuda de um homem desconhecido, que a abrigou por alguns dias. Iniciou então um período de quatro anos em que a cada um ou dois meses trocava de teto —na maioria das vezes, ocupava um quarto ou colchão na casa de um amigo ou conhecido, ou um apartamento invadido.

No livro de Gabriel, não são poucos os relatos de gente que a visitou notando o cheiro de mofo, móveis quebrados e sujos ou a quantidade de baratas nos locais em que ela dormia. Certa vez, Madonna se mudou porque o colega de quarto a estava pressionando para transar. Em outra ocasião, sobre um apartamento insalubre em Hell's Kitchen, chegou a afirmar que era sempre "confundida com uma prostituta".

Não é como se a então futura estrela pop se importasse muito. "Ela tinha um desejo ardente de se tornar a Madonna que conhecemos", diz Gabriel. "Foram dadas a ela muitas oportunidades de relaxar e aceitar ajuda, pegar o caminho fácil, mas ela sempre dizia 'não é quem eu sou'."

Uma dessas oportunidades aconteceu quando um grupo de empresários a levou a Paris para a treinar e depois a lançar como cantora. Ela viveu meses de luxo na capital francesa, mas não gostou nem do comportamento blasé dos intelectuais com quem conviveu nem do caminho que queriam dar à sua carreira. Preferiu a pobreza em Nova York.

Segundo a biógrafa, tem a ver com a infância de Madonna no interior de Michigan. "Ela perdeu a mãe quando tinha cinco anos", diz. "Nessa idade, as pessoas sucumbem ou buscam dentro de si forças para lidar e se tornam duras. Ela era uma pessoa forte desde cedo e via sua música e performance como válvula de escape. Queria fugir da família, de Michigan, e nunca olhou para trás."

No palco em Nova York neste ano, Madonna se lembrou de quando, há mais de 40 anos, encontrou um desconhecido na metrópole. "Não era exatamente o meu tipo, mas transei com ele mesmo assim, e a razão é que ele tinha uma banda e ia me ensinar a tocar guitarra." Depois, disse que acabou namorando o rapaz. "Não me pergunte o porquê."

Aquele cara é Dan Gilroy, com quem Madonna namorou e morou numa velha sinagoga no Queen's com um estúdio no porão. Ela posava para que ele a pintasse, e ele a ensinou a tocar guitarra, bateria e teclado.

A biógrafa teve acesso a uma fita íntima dos dois conversando. "Eles estão na cama, é de manhã e conversam de um jeito fofo", diz. "Ela fala com essa vozinha de garota dizendo 'vamos levantar e sair para correr'."

Além de tocar, Madonna começou a compor —fez "I Love New York", lançada em 2005, nessa época— e entrou para a banda de Gilroy, chamada Breakfast Club. Tocava bateria, teclado e cantava. "Tinha muita energia acumulada de tanto ficar em Paris sendo uma francesa mimada", ela diz, em fala recuperada no livro.

O estilo deles era algo entre o punk e a new wave, que estavam em ebulição no fim dos anos 1970 em Nova York. O grupo chegou a se apresentar no CBGB, meca do punk americano e palco frequente para gente como Blondie, Ramones e Talking Heads naquela década. No meio do show, diz o livro, Madonna se estranhou com alguém na plateia que assoviou para a baixista de sua banda.

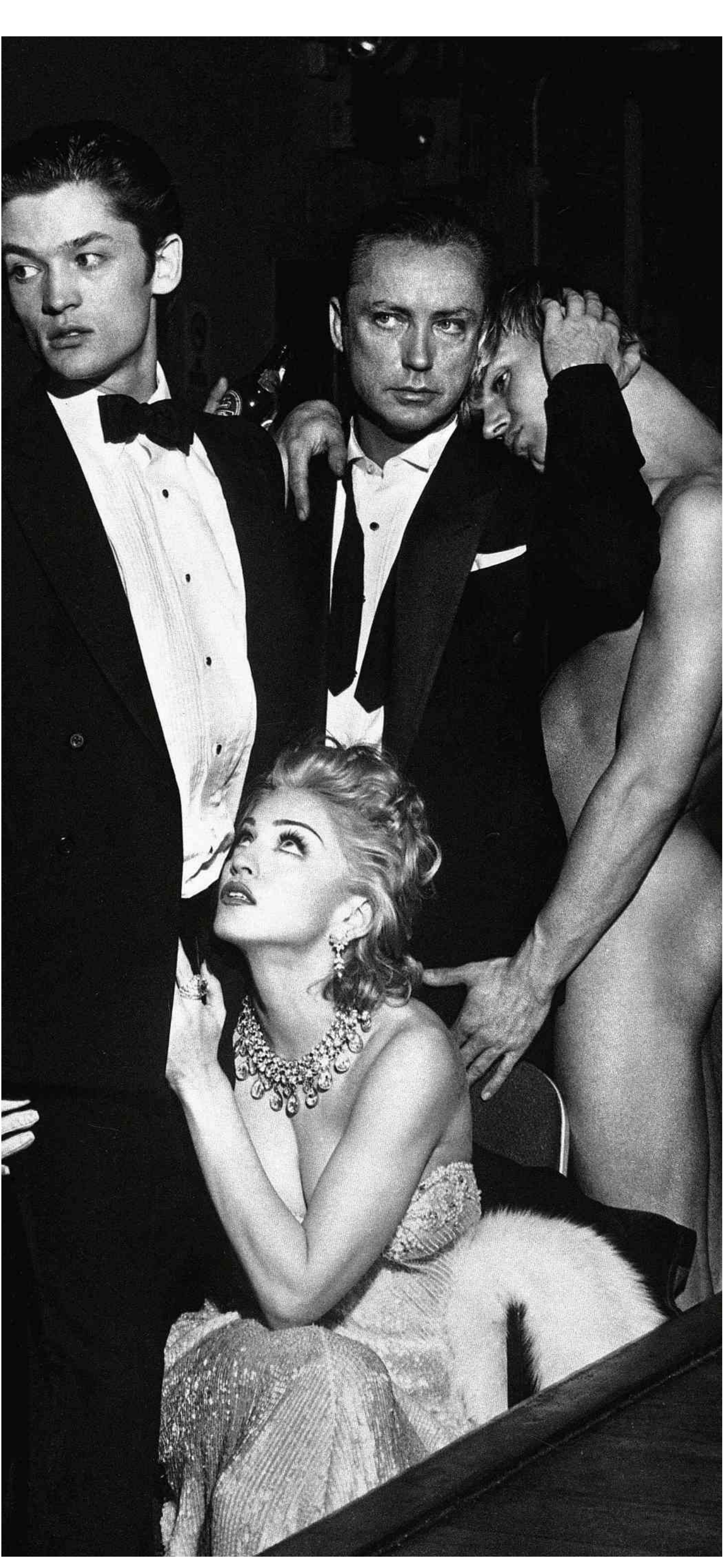
Naqueles anos, durante ou depois do Breakfast Club, a mulher que se tornaria a rainha do pop tinha visual andrógino, cantava gritando, quebrava coisas e se banhava com champanhe no palco. "Ela pegou a liberdade do punk", diz a biógrafa. "Ninguém precisava saber tocar um instrumento para estar numa banda. A música podia ser qualquer coisa e você podia ser bem maluco no palco. Se fosse uma cena mais cheia de regras, ela jamais se encaixaria. Acho que ela é uma garota punk até hoje."

Depois de sair da banda e deixar Gilroy, ela reencontrou Stephen Bray, ex-namorado e amigo músico com quem viria a trabalhar ao longo da carreira. Madonna estava sem teto porque um aquecedor elétrico havia queimado o carpete onde ela dormia num apartamento invadido.

Eles passaram a ficar no Music Building, prédio com 69 estúdios. Dormiam sobre espumas de borracha e acordavam com o barulho dos ensaios. Bray diz que costumavam revirar o lixo atrás de um saco de fast food. Tomavam banho na pia e usavam a mesma roupa todo dia.

Madonna conseguia comida e dinheiro roubando lojas de conveniência, posando nua para pintores ou enganando homens. "Deixava um idiota me chamar para jantar e pedia uns US$ 100", ela diz em trecho do livro.

Continua na pág. C5



Continuação da pág. C4

Madonna conseguia as coisas por meio de troca de favores —ou da sedução. Flertava com sua primeira empresária para a convencer a fazer o que queria e a deixou quando a mulher a quis vender como roqueira.

"Ela enganou empresários, namorados, enfim, mas não 'transou seu caminho até o sucesso'", afirma Mary Gabriel, a biógrafa. "Ela usava a sedução, mas as pessoas a queriam ajudar. Tinha um talento natural e, claro, era muito bonita."

Em 1981 e 1982, Madonna já se apresentava sozinha e tinha gravado fitas demo com Stephen Bray. Executivos de gravadoras queriam sexo em troca de contratos, e ela negava. Nessa época, a cantora já havia descoberto as boates e a cena do hip-hop e da dança urbana. Passou a achar que, em vez dos engravatados, deveria popularizar suas fitas pelos DJs.

Madonna encontrou um universo encantador nas boates. Frequentava três delas —a Paradise Garage, a Danceteria e a Roxy. Nessa última, ficou amiga de grafiteiros e artistas lendários como Fab 5 Freddy e Futura 2000, este último um de seus namorados.

O Roxy, disse Freddy a Gabriel, unia o hip-hop do Bronx com o punk do centro, e "os caras de moicano ficavam lado a lado com os b-boys". O rap crescia com "The Message", de Grandmaster Flash, e "Planet Rock", de Afrika Bambaataa, seus primeiros hits.

Madonna era sensação no "webo", um passo de dança, e ela e suas amigas ficaram conhecidas como as "'webo' girls". Eram "as únicas brancas que podiam dançar 'webo' na Roxy", segundo a cantora. Freddy diz que ela não era "uma mulher branca qualquer que dormia com qualquer cara, era mais inteligente que isso".

É algo que acabou na estética de Madonna. Em 1982, a gravadora não sabia se "Everybody", seu primeiro single, deveria ser divulgado a negros ou brancos —o que era importante na época. Saiu com uma capa ambígua, sem mostrar o rosto da artista.

"Ela amadureceu artisticamente nessa época, e sua música tinha muito mais a ver com Afrika Bambaataa do que com rock", diz Gabriel. "Não só na Roxy, ela vivia no meio de caras durões —brancos ou negros, héteros ou gays, latinos ou americanos. Era gente da rua."

Se a Roxy absorvia a cultura underground de Nova York, a Danceteria era onde estavam os executivos de gravadora e artistas mais estabelecidos. Madonna frequentava o espaço com Martin Burgoyne —seu "duplo", segundo a biógrafa. Eles trabalhavam de bartender num bar sem alvará chamado Lucky Star, de onde roubavam dinheiro do caixa para financiar suas aventuras.

Madonna já estava com "Everybody" em rotação no rádio, mas não tinha dinheiro. Morava numa rua caótica, que, segundo o irmão, Christopher Ciccone, parecia "Blade Runner", com ratos em todo canto, traficantes nas ruas e gente arrombando casas. Eles viviam comendo atum com biscoitos. "Não olhe ninguém nos olhos e, mais importante, ande como se fosse daqui." Foi o conselho que ele recebeu da irmã.

No fim de 1982, Madonna passou a namorar Jean-Michel Basquiat e, durante uma viagem dele a Los Angeles, usou seu apartamento em Nova York para criar as músicas de seu primeiro álbum, lançado em julho do ano seguinte. Foi ali onde ela finalizou canções como "Burning Up", "Borderline" e "Physical Attraction", entre outras. Àquela altura, Madonna era, na percepção de jornalistas britânicos da época, "uma branca que soava como negra e exalava sexo, mas se vestia como homem".

É desse caldo que nasceu a estrela que chacoalhou o mundo nos anos seguintes e que vai cantar no Rio de Janeiro para uma multidão no próximo sábado. Segundo Gabriel, mais do que uma mera influência cultural ou estética, aquela Nova York efervescente ofereceu à cantora um sentimento que ela continuou buscando durante toda a sua carreira. Nas palavras da jornalista, como "a primeira dose de uma droga muito boa".

"Ela pode estar fazendo residência em Las Vegas ou ganhando milhões de dólares, mas vai continuar querendo encontrar esse lugar experimental no limite da arte para descobrir algo novo", afirma a biógrafa. "De certa forma, está sempre atrás daquela primeira comunidade, daquele caos. E ela acaba encontrando esse sentimento —só que, agora, acha em outros lugares." ←

Madonna tem público fiel no Brasil e abraça novas gerações

[RESUMO] Com expectativa de show eufórico e dançante, cantora se apresentará no segundo país que mais consome suas músicas na internet, por meio da qual conseguiu renovar o seu público, ao longo de trajetória que atravessa quatro décadas, seduzindo quem ainda nascia na época do seu auge

Por ***Vitor Antonio, Nicholas Pretto e Paula Soprana***
Antonio é repórter, Pretto é infografista e Soprana é editora do DeltaFolha

DELTAFOLHA

Há cerca de dois anos, "Material Girl" se tornou a música mais ouvida por jovens em vídeos do TikTok, rede social que tem seu principal público nascido por volta dos anos 2000, isto é, a geração Z.

O hit embalou uma trend, como são chamadas as tendências virais, em que os usuários filmavam parentes desprevenidos, como pai, mãe e avó, e adicionavam ao vídeo uma sequência de fotos antigas onde todos apareciam jovens e sensuais nos mesmos anos 1980 em que Madonna lançou a faixa, como parte do álbum "Like a Virgin".

Isso poderia ser só uma aleatoriedade nostálgica, mas sinaliza que Madonna expandiu seu séquito de fãs para as novas gerações no mesmo ritmo em que envelheceu e consolidou a carreira de 40 anos.

Agora, a cantora se prepara para reviver essa trajetória em um show gratuito na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, no próximo sábado, 12 anos após sua última apresentação no país, no estádio do Morumbi, em São Paulo.

No YouTube, a geração Z, nascida quando Madonna lançava "Ray of Light", de 1998, ou "Music", de 2000, responde por mais de 43% dos inscritos do canal da cantora, com pouca disparidade de gênero. Quem vem em seguida, com 32,7% do montante, é o público que tem de 25 a 34 anos. Os mais velhos, de 35 a 44 anos, compõem apenas 13,8% dos seguidores da artista na plataforma de streaming de vídeo.

Os dados analisados pela reportagem são da Chartmetric, start-up americana que capta dados musicais das principais plataformas digitais e vende serviços para a indústria fonográfica. Eles foram coletados no dia 24 de abril, a cerca de duas semanas do show da artista marcado no Rio de Janeiro.

As métricas estudadas apontam que Madonna, símbolo da libertação sexual feminina e considerada uma das "mães" dos homens gays, conseguiu manter a relevância entre as novas gerações. É um feito conquistado não somente por sua flexibilidade em adotar estilos que acompanharam diferentes tendências da moda e da indústria musical nos anos 2000, mas também por seu legado.

Não é preciso ser fã assíduo da artista para reconhecer sua importância na defesa da comunidade LGBTQIA+ quando pouco se falava de representatividade de minorias, que hoje se tornou uma das principais apostas do mercado de cultura e entretenimento. Essa foi uma máxima que a cantora expressou como ninguém havia feito em faixas como "Vogue" e "Express Yourself", tidos pelo público como hinos de autoafirmação, que talvez não por acaso seja um dos principais valores dos jovens.

Os dados também mostram que, em termos absolutos, o Brasil é o segundo mercado para Madonna no YouTube. O país concentra 15% de seus inscritos, equivalentes a cerca de 1 milhão de pessoas, atrás apenas dos Estados Unidos.

Os fãs brasileiros são ainda seu principal público no Instagram, e São Paulo é a terceira cidade do mundo que mais consome a obra da diva pop americana. Já no Spotify, a principal plataforma de streaming de música hoje, mais de meio milhão de pessoas escutaram suas músicas no último mês.

E a capital paulista não está muito atrás das primeiras cidades do ranking. Londres, a principal ouvinte, tem apenas cerca de 70 mil ouvintes a mais, e Santiago, a segunda, tem 36 mil. O Rio de Janeiro está na 17ª posição neste ranking, com 250 mil fãs que a escutam mensalmente no serviço.

Com a dimensão do Brasil e os hábitos intensos de consumo de internet da população, a liderança em audiência é até esperada para artistas dessa magnitude. O país também aparece como principal mercado de outras divas pop com shows recentes ou previstos no Brasil, como Beyoncé, que fez aparição surpresa em Salvador no ano passado, Taylor Swift e Billie Eilish, que também se apresentaram nos últimos anos, ou Katy Perry e SZA, com shows neste ano.

Considerando o universo aproximado de usuários de YouTube no Brasil —segundo projeção da Statista, um número próximo dos 144 milhões—, o país se manteria no topo, com cerca de 730 ouvintes a cada 100 mil. Vale ressaltar que não é necessário ter uma conta para utilizar a plataforma, mas sim para se inscrever no canal da cantora.

A setlist prevista para o show em Copacabana, com base em apresentações anteriores em outros países, abarca várias eras da diva pop, de seu primeiro álbum, que lançou hits como "Holiday" e "Borderline", em 1980, até suas produções recentes, como "Living for Love", do álbum "Rebel Heart", de 2015, sem deixar de fora clássicos como "Like a Prayer", "Open Your Heart", "Live to Tell", "Like a Virgin" ou "La Isla Bonita".

Em uma análise feita a partir de dados e métricas do Spotify, a escolha de músicas da turnê sugere que o público pode esperar por um show altamente enérgico. Também é esperado que seja um espetáculo muito dançante, com músicas mais felizes do que de tom depressivo.

A uma semana do show no Rio de Janeiro, a faixa mais tocada de Madonna no Spotify é o single "Popular", lançado há cerca de três anos com The Weeknd e Playboi Carti, que acumula por volta de 737 milhões de reproduções no Spotify. Já "Frozen", de 2003, e "Back that Up to the Beat", de 2022, estão na terceira e na quarta posição, respectivamente.

Considerando as dez faixas mais populares hoje na plataforma de streaming, a mais antiga da lista, por motivos não muito secretos, é "Material Girl" —que, por ora, não é esperada na apresentação brasileira.

O show será transmitido ao vivo pela Globo. Na televisão aberta, vai ao ar após a novela das nove. Será transmitido ainda no Multishow, que fará um esquenta com a exibição de clipes, e pelo Globoplay, que terá sinal aberto para não assinantes da plataforma.

A transmissão contará com cerca de 30 câmeras, sob a direção de Pedro Secchin em parceria com Jonas Akerlund, um diretor de videoclipes suecos que é parceiro de longa data da artista americana. ←

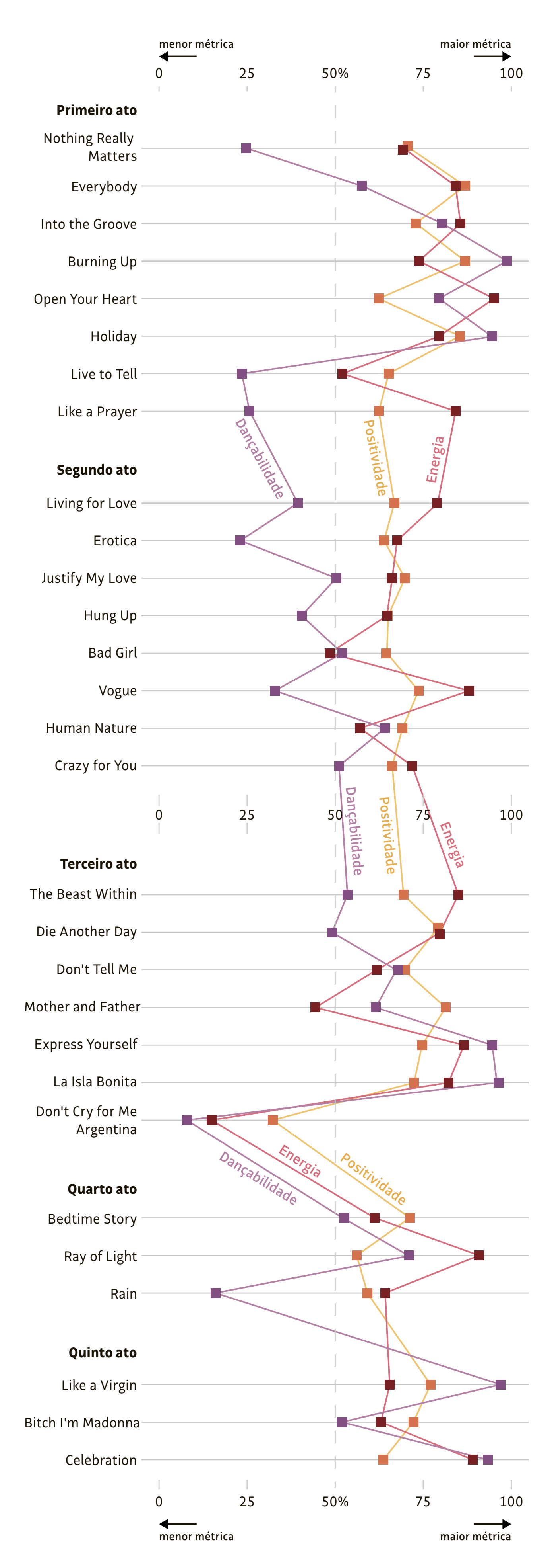
Cinco atos em Copacabana

Provável setlist da 'Celebration Tour', de acordo com as métricas do Spotify
Quanto maior o %, maior a métrica

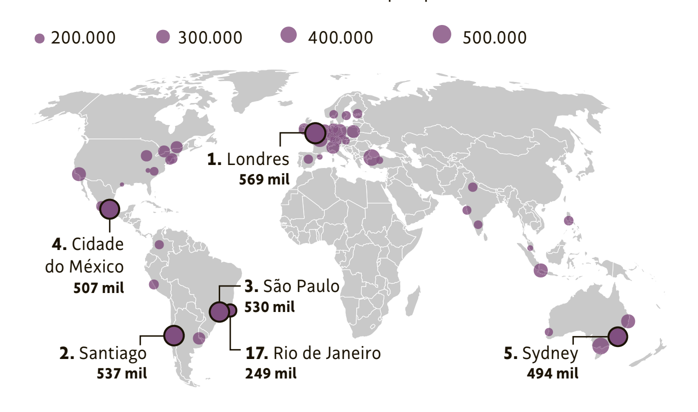
Dançabilidade Mede quão dançante é a música, avaliando andamento, dinâmica e estabilidade do ritmo

Energia Mede a intensidade da música. Canções enérgicas costumam ser rápidas, altas e pesadas

Positividade Canções com percentual alto são entendidas pelo algoritmo como mais alegres e eufóricas



Cidades com mais ouvintes da Madonna no Spotify
Número de ouvintes entre 24.mar e 23.abr.2024 nas 50 principais cidades



Observação: A setlist é presumida com base em apresentações anteriores da mesma turnê e pode não corresponder à lista do dia 4 de maio de 2024.
Fonte: Análise do DeltaFolha com base em dados do Spotify

Como chegar a Copacabana para uma noite de megaevento

Por ***Yuri Eiras***
Jornalista

A Prefeitura do Rio de Janeiro anunciou na quinta-feira passada as mudanças na infraestrutura da cidade para o show da cantora Madonna, na praia de Copacabana, marcado para o próximo sábado.

A apresentação, produzida pela empresa Bonus Track, encerra a "The Celebration Tour", que comemora os 40 anos de carreira de Madonna. É sua 12ª turnê e a primeira que não está atrelada a um disco.

A apresentação de Madonna está prevista para começar às 21h45, no palco montado na praia, na altura do hotel Copacabana Palace, e deve ir até as 23h45. DJs, como o americano Diplo, se apresentam a partir das 19h e após o show dela.

A prefeitura espera que mais de 1,5 milhão de pessoas assistam à apresentação, o que superaria o recorde da própria Madonna, que em 1990 levou 126 mil pessoas para o estádio de Wembley, no Reino Unido, com a "Blond Ambition Tour".

A Prefeitura do Rio de Janeiro dará R$ 10 milhões em patrocínio para o show, que será transmitido por Globo, Globoplay e Multishow.

Como chegar? A prefeitura montou um esquema semelhante ao do Réveillon, em que apenas táxis e transporte público conseguem acessar Copacabana até as 19h30.

O metrô terá trens extras até 4h. A Linha 1, que vai da estação Uruguai, na Tijuca, até o Jardim Oceânico, na Barra da Tijuca, terá funcionamento normal. A Linha 1 passa por Copacabana.

A Linha 2 vai funcionar direto da Pavuna, na zona norte, até a estação General Osório, em Ipanema, passando por Copacabana.

A recomendação para quem vai ao show é desembarcar na estação Siqueira Campos. Copacabana tem três estações de metrô. Uma delas, a Cardeal Arcoverde, vai funcionar apenas para desembarque a partir das 16h de sábado.

A tarifa do metrô é R$ 7,50, e a recomendação é adquirir as passagens com antecedência, mas o modal também funciona com pagamento por aproximação.

Ônibus municipais poderão entrar em Copacabana até 19h30 de sábado, duas horas antes do show. A partir deste horário, os ônibus, cuja tarifa é R$ 4,30, ficarão estacionados na enseada de Botafogo —quem quiser voltar para casa de ônibus precisará caminhar até lá.

Como sair? O metrô é o principal meio de transporte. A três estações de Copacabana, Cardeal Arcoverde, Siqueira Campos e Cantagalo, estarão abertas para embarque até 4h de domingo.

Já os ônibus municipais ficarão estacionados na enseada de Botafogo —as linhas 492 (ilha do Governador); 474 (Jacaré); 415 (Usina); 483 (Penha); 167 (Terminal Gentileza); 100 (Central do Brasil).

O trânsito de Copacabana será reaberto só às 4h de domingo.

Os trens da SuperVia e o BRT, que não passam por Copacabana, terão circulação reforçada para atender quem mora nas zonas norte, oeste e na Baixada Fluminense.

Haverá esquemas especiais para aeroportos e rodoviária. A recomendação é ir para o terminal Gentileza, na zona portuária, e de lá até Copacabana. O Gentileza fica ao lado da rodoviária do Rio.

Do aeroporto Santos Dumont é possível chegar ao Gentileza com o VLT (Veículo Leve sobre Trilhos), que funcionará 24 horas. Do aeroporto do Galeão é possível usar o BRT.

O terminal Gentileza terá uma linha de ônibus direta até Copacabana. O valor da tarifa é de R$ 8,60 (válido para ida e volta e sem direito a gratuidade). O pagamento da tarifa é exclusivo pelo site jae.com.br. Este ônibus especial começa a circular a partir de 13h de sábado no sentido Copacabana, e circula no sentido contrário a partir de meia-noite.

Táxis e ônibus fretados terão horário restritos. Os táxis e ônibus municipais poderão acessar o bairro somente até 19h30. ←



1

Fotos Edward Burtynsky/EB Photography/Divulgação

Ameaça existencial

[RESUMO] O fotógrafo canadense Edward Burtynsky afirma em entrevista à Folha que o debate sobre o meio ambiente precisa passar do âmbito da política para o domínio da sobrevivência em razão do aquecimento acelerado da Terra. 'Extração/Abstração', exposição em Londres, apresenta retrospectiva de sua carreira, que retratou em obras de grande formato alterações brutais da natureza pela sociedade

Por ***Leão Serva***
Doutor em comunicação e semiótica pela PUC-SP e diretor internacional de Jornalismo da TV Cultura, em Londres

ENTREVISTA
EDWARD BURTYNSKY

O canadense Edward Burtynsky é um dos mais importantes fotógrafos em ação no mundo —e quem diz isso são seus companheiros de "dream team" da fotografia internacional. Em mais de 40 anos como profissional, ele se tornou um cronista da transformação do planeta.

Suas fotos de grande formato, feitas com câmeras de tecnologia de ponta, produzem um paradoxo angustiante: são esplêndidas, notáveis e hipnotizantes, como define o jornal The New York Times, "refinados retratos do bruto" (The Washington Post), "retrato de um lindo mundo em perigo" (The Guardian), "simultaneamente alarmantes e sublimes" (The Times, de Londres).

A importância da sua obra pode ser medida tanto pelo valor, dos mais elevados do mercado de arte, quanto pelos prêmios que recebeu, como a inclusão no Hall da Fama da Fotografia Internacional (St. Louis, EUA) entre 70 nomes do cânone da arte —Roger Fenton, Graciela Iturbide, Cartier Bresson, Edward Curtis, James Nachtwey e Sebastião Salgado são alguns deles. Em 2022, Burtynsky ganhou o Prêmio Sony Internacional pela Contribuição à Fotografia, que agraciou Salgado neste ano.

Seu trabalho, que recentemente passou a incluir documentários, é reconhecido como arte e documento científico. Por isso, Burtynsky recebeu títulos de doutor de universidades e uma medalha de honra da sociedade de geologia dos Estados Unidos. Ele não tem dúvida de que estamos na era da transformação geológica do mundo pelo homem, o que o levou a chamar seu filme mais recente de "Antropoceno" (2018).

Aos 69 anos, ele abriu em fevereiro uma grande retrospectiva na galeria Saatchi, em Londres, intitulada "Extração/Abstração", com trabalhos produzidos desde o início da sua carreira —como a imagem de uma mina de cobre em Utah, nos EUA, de 1984, que ele considera uma das suas obras mais representativas— até outros mais recentes, como a fotografia de uma mina de diamante na África do Sul, de 2018.

Desde 2003, Burtynsky dedica 100% do seu trabalho fotográfico e mais um sem-número de palestras à questão ambiental. À época, atribuiu a decisão ao temor com o futuro de suas filhas, então pequenas.

Nesses anos, a questão climática só se agravou: "Falamos de 1,5ºC como o limite do aquecimento a que podíamos chegar. Pois já chegamos! Neste ano, atingimos a marca de 1,5ºC"; "Estamos vivendo a metáfora da rã na panela, que fica mais quente, mas não sentimos o calor à nossa volta, por isso pensamos que está tudo bem", diz nesta entrevista concedida na sala de exposição da Saatchi.

*

Em um premiado TED Talk de 2005, o sr. fez uma crítica ao ambientalismo, considerando-o demasiado apocalíptico e pouco convincente. Algumas das suas fotografias atuais, porém, são muito fortes, quase depressivas. Sua visão mudou desde então? Tentei mostrar que os industriais diziam que os ambientalistas não compreendiam realisticamente como o mundo funciona, que precisávamos ter recursos, "somos criaturas que precisam extrair coisas da natureza para sobreviver", de alimentos provenientes da agricultura a materiais para construir edifícios, metais para fazer carros, sílica para o vidro ou chips de computador...

Acho necessário passar de uma retórica de interrupção, que não me parece realista, para uma retórica sobre como podemos obter esses materiais sem destruir a natureza. Essa é a questão número um.

O que eu quis dizer e continuo a acreditar é que precisamos realmente mudar a conversa do domínio da política para o domínio da sobrevivência humana e planetária. Isso inclui a esquerda e a direita, religiosos e não religiosos, ricos e pobres. Todos são afetados quando a tempestade chega, todos sofremos os danos.

No meu último filme, "Antropoceno: a Era Humana" (2018), e em alguns dos trabalhos que faço hoje, há uma urgência muito simples: falamos de 1,5ºC como o limite do aquecimento a que podíamos chegar. Pois já chegamos! Neste ano, atingimos a marca de 1,5ºC, que é o que não queríamos ultrapassar porque, se ultrapassássemos, seria difícil imaginar o que iria acontecer.

Há 250 anos, a força do vento ou da tempestade conduzia um navio pelo mar; naquela época, estávamos submetidos ao medo e ao esplendor do poder da natureza, que era o sublime. Passados 250 anos, olhamos para uma mina como aquela e agora nós, humanos, somos jogadores anões na nossa própria criação. A escala em que essas máquinas podem colher esses materiais da natureza nos torna pequenos jogadores no nosso próprio mundo tecnológico, que defino como sublime tecnológico

Estamos nesse ponto em que é difícil imaginar o que vai acontecer. Por isso, a urgência hoje é maior que nunca. Estamos no ponto em que o alarme está tocando, mas ainda estamos movendo as cadeiras do convés enquanto o Titanic já está afundando.

Nos últimos anos, aconteceram tragédias climáticas em todo o mundo. O Canadá, por exemplo, sofreu grandes incêndios florestais. Os líderes mundiais, no entanto, continuam a agir como se ainda tivéssemos tempo para corrigir o rumo. Acha que a opinião pública mundial, desde logo do Canadá, tem o sentido de urgência que a natureza exige? O governo liberal canadense tentou fazer avançar a agenda, introduziu um imposto sobre o carbono na gasolina, o que penso ser a coisa certa. Se falarmos com ambientalistas e economistas, é a forma mais rápida de fazer a transição.

O grande problema é a vontade política e o eleitorado. Se os eleitores querem gratificação imediata e não estão dispostos a suportar qualquer dor para o futuro, se só querem ter a certeza de que nada fica mais caro mesmo que seja melhor para o ambiente, os políticos têm medo porque querem ser reeleitos. O problema dos humanos é só acordar quando o fogo arde à sua porta.

Nesta exposição, "Extração/Abstração", algumas fotografias parecem imagens completamente abstratas, mas encontramos sempre algo de concreto que nos remete à realidade. Com quanto de abstracionismo trabalha? No meu trabalho, tenho sido fluido entre diferentes abordagens. Sempre gostei de preencher o quadro quase completamente com os objetos do chão. Uso o céu com muita parcimônia, porque me interessa a superfície altamente texturada da imagem.

Quando trabalhava com a câmera com chapas 8x10, nos primeiros tempos, ou quando comecei com a 4x5, que é uma câmera grande, sempre pensei nessa folha de filme em branco como um pintor pensaria em uma tela em branco. Por isso, passava horas, até dias sem tirar fotografias, pensando apenas como preencher isso, como tornar algo rico e cheio. Cada centímetro da minha fotografia é de alguma forma pensado.

Quando era jovem, fui exposto ao expressionismo abstrato. Adoro o trabalho de Jean Dubuffet (1901-1985), Richard Diebenkorn (1922-1993), Jackson Pollock (1912-1956). Olhava esse tipo de superfície emotiva, a forma como tentavam criar uma espécie de ligação emocional através de gestos e da cor e comecei a pensar também nesses termos.

Acho que treinei meu olhar na natureza tentando descobrir como fazer aquilo. Depois, comecei a aplicar às minas, pedreiras, indústrias e comecei realmente a ver através disso.

Continua na pág. C9







1 'Nickel Tailings #34', Sudburry, Ontário, Canadá (1996) 2 'Salinas #2', Cádiz, Espanha (2013) 3 'Tailings Pond #2', Mina de diamantes Wesselton, Kimberley, Cabo Setentrional, África do Sul (2018) 2 'Uralkali Potash Mine #1', Berezniki, Rússia (2017)



Edward Burtynsky, 69
Fotógrafo nascido em Ontário, no Canadá, documenta há mais de 40 anos a transformação de paisagens naturais de todo o mundo pela sociedade. Fotografias aéreas de grande formato, que registram com linguagem abstrata marcas do desmatamento, da mineração e da urbanização no planeta, se tornaram a marca da sua obra, presente no acervo de mais de 60 museus, incluindo o Guggenheim, em Nova York, o Tate, em Londres, e o Reina Sofía, em Madri. Recebeu o Prêmio Sony Internacional pela Contribuição à Fotografia, entre outras láureas. Cocriador dos longas-metragens 'Manufactured Landscapes' (2006), 'Marcas da Água' (2013) e 'Antropoceno: a Era Humana' (2018)

Continuação da pág. C8
Senti que dialogava mais com a pintura que com a fotografia.

Quem são os fotógrafos que te influenciaram? Tem muitos fotógrafos de que gosto, como Emmet Gowin (1941-) e Edward Weston (1886-1952). Havia algo em Weston que me fascinava: o fato de ele fotografar o vulgar, como um pimentão ou uma couve. Ele passava um longo tempo no estúdio, refletindo sobre a luz, observando esses objetos comuns do cotidiano e os elevava ao extraordinário.

Para mim, é muito interessante a forma como o ato de ver pode transformar o vulgar em extraordinário. Penso muitas vezes nisso. Por isso, provavelmente sou um dos primeiros fotógrafos a dizer: "Quero ir a uma mina ou a uma pedreira". Acho que a maioria das pessoas não pensaria nisso como tema para a câmera, a estética, a arte, mas eu trabalhei nisso até conseguir colher algo fora do comum.

Até passava por alguma coisa e pensava "não há nada ali", mas dizia sempre: "Espera aí, vamos lá ver outra vez; talvez sob outra luz isso pode ser interessante". Voltava e, até mesmo em diferentes estações do ano, como no caso dos rejeitos de níquel [na famosa foto que parece um rio vermelho]. Estive lá no verão e o terreno em volta, as margens, estavam multicoloridas, porque as superfícies estavam oxidadas, uma experiência completamente diferente.

Assim, a época do ano, a cor, todas essas coisas começaram a ser muito importantes na minha investigação e na elevação do vulgar ao extraordinário. Essa foi uma lição que aprendi com Edward Weston.

Também tive a oportunidade de fazer um workshop com Garry Winogrand (1928-1984). Passei um fim de semana inteiro com ele, andando nas ruas e ouvindo-o. Ele me ensinou uma lição sobre forma e conteúdo: "Se nos dedicarmos demais à forma, torna-se uma espécie de formalismo, torna-se mais simplificado. Se formos demasiado longe no conteúdo, acabamos no mundo do jornalismo, que é apenas contar histórias". Por isso, disse ele, tente manter o trabalho nessa linha muito tênue em que nem a forma nem o conteúdo reinam supremos.

Então, a obra tem tanto um mérito artístico quanto um mérito narrativo, de conteúdo. Se conseguirmos manter o trabalho dentro dessa linha estreita, há maior possibilidade de elevação do vulgar ao extraordinário.

O sr. é muito atento às novas tecnologias na fotografia. Como é o equipamento que utiliza no seu trabalho atual? O principal aspecto da fotografia é que ela passa por uma transição. Em 1985, abri um laboratório fotográfico em Toronto. Era completamente analógico, não havia digital. Em apenas três anos, em 1988, comecei a ouvir falar de scanners de tambor e digitalização de negativos ou transparências. Era o início do digital.

Percebi imediatamente que isso teria um enorme impacto. Comecei a pesquisar sobre o digital e o impacto que teria e, em 1991, comecei um plano de negócios. Em 1992, abri um departamento digital. Falei com a Kodak e ela me ajudou, me emprestou dinheiro. Consegui fazer a transição do analógico para o digital, e a Kodak não conseguiu. Olhava para eles e dizia: "Vocês não vão conseguir".

Eles ainda pensavam que as pessoas continuariam a usar o sistema analógico e copiariam as fotografias prontas para CDs da Kodak, que continuariam pagando US$ 32 por rolo de filme. Não previram a câmera digital direta e o impacto que teria no negócio porque eram, em grande parte, uma empresa de produtos químicos. No digital, não há química: tinham que se tornar uma empresa de bens duráveis.

Hoje, meu laboratório é completamente digital. Ainda tenho scanners de tambor, um processador de papel, que é químico, mas não tenho um ampliador. Foi uma conversão completa.

Se tivesse que escolher apenas três fotografias para levar para uma ilha deserta, quais seriam? Já tirei muitas fotografias. É muito marcante uma que fiz nos estaleiros de demolição de navios em Bangladesh, um trabalho tradicional que eu não sabia que existia. Fiz um retrato maravilhoso de um jovem trabalhador solitário, descalço, encostado na parede de um petroleiro, com cores radiantes, azuis e pretos, que saem do fundo. É um dos meus retratos mais impressionantes e faz parte do audiovisual "In the Wake of Progress".

Levaria também uma das paisagens que produzi durante a pandemia. Fiz uma série inteira com a câmera Phase One, de 150 megapixels. Pela primeira vez, consegui fazer imagens de alta densidade, como queria fazer nos anos 1980, utilizando essa câmera de última geração, que trabalha com "empilhamento de foco". Com essa tecnologia, consegui imagens que antes eram impossíveis de produzir.

Na série "Natural Order", há uma, de número 13, que para mim é uma imagem revolucionária em termos de complexidade, porque, no meu repertório, me movo muito entre a natureza em sua forma pura e a forma como nós, enquanto humanos, a alteramos.

Depois, levaria uma foto das séries sobre minas, porque minas são um dos meus temas mais duradouros. Comecei em 1981 e continuo a fotografar minas. Levaria a minha "Minas #22", de 1985, que mostra a mina de cobre de Bingham Valley (Utah, EUA) e tem uma forma espiral, que são terraços que descem. Para mim, essa foi uma espécie de imagem revolucionária porque, com ela, percebi que captava a noção de sublime da natureza dominada.

Pensemos que, há 250 anos, a força do vento ou da tempestade conduzia um navio pelo mar; naquela época, estávamos submetidos ao medo e ao esplendor do poder da natureza, que era o sublime. Passados 250 anos, olhamos para uma mina como aquela e agora nós, humanos, somos jogadores anões na nossa própria criação. A escala em que essas máquinas podem colher esses materiais da natureza nos torna pequenos jogadores no nosso próprio mundo tecnológico, que defino como sublime tecnológico.

O sr. faz poucos retratos, mas ao descrever o de uma senhora na China, vestida de azul, com algumas placas de computador ao lado, pareceu emocionado. Foi interessante ver aquela senhora chinesa de 95 anos com um traje azul ao estilo de Mao em uma varanda com placas de computador de lixo eletrônico ao lado. Ela viveu sob Mao Tse-tung, viveu os quatro grandes momentos da história chinesa recente e agora vive uma espécie de transição para o capitalismo, esse tipo de capitalismo chinês, de controle central, mas que é capitalismo.

Quando Deng Xiaoping disse: "Temos de permitir que alguns de nós enriqueçam" e enriquecer é glorioso, isso foi, naturalmente, um sinal verde para que todos se tornassem empresários. Os chineses são muito empreendedores e trabalhadores. Não foi preciso muito para que eles decolassem e se tornassem os fabricantes do mundo —e eu estava lá para fotografar isso.

Mas, quando vi essa mulher diante dos computadores que usamos no Ocidente e que seus filhos e netos reciclam à mão, havia algo de pungente nisso. O mundo avança, mas algumas coisas permanecem. É possível ver essa transição, multigeracional, da economia e dos valores. Aquilo que ela viveu durante a Revolução Cultural e o Grande Salto para a Frente foram momentos traumáticos para o país, em que os criativos, os intelectuais foram perseguidos até à morte e a ideologia foi totalmente levada em uma direção em que ninguém estava seguro e as pessoas não confiavam nas outras.

O Grande Salto para a Frente foi uma espécie de momento insano em que todos os utensílios e ferramentas agrícolas foram derretidos, porque Mao queria ter fábricas de aço. Mas, como não tinham matéria-prima, decidiram tirar todo o aço das ferramentas dos agricultores. No ano seguinte, não tinham nada com que plantar.

Trinta milhões de pessoas morreram porque não podiam se alimentar. Isso é uma loucura a aprender sobre autocracias. Ao percorrer a China, ainda se sentem os vestígios desse período. É triste de ver.

O sr. fotografou na China em diferentes épocas e estados de espírito, desde aquela senhora até as indústrias de ponta. A China é uma espécie de cápsula da essência do mundo atual? Acho que a Índia, a China, o Brasil e a Indonésia são histórias que estão se desenrolando, suas economias são uma boa pista para proporcionar a próxima geração de riqueza e oportunidades.

No Ocidente, parece que atingimos uma espécie de limiar onde há uma separação muito distinta entre os que têm e os que não têm —e os que não têm estão abandonados. Esse é sempre um lugar muito perigoso para a sociedade, quando as pessoas lutam para se afirmar. Não deixa de ser uma jornada esperançosa em direção a algo melhor ou novo.

Mas, se tivermos uma situação em que as pessoas tiveram uma vida de classe média e agora sentem que estão regredindo... Acho que foi esse o eleitor que Donald Trump encontrou, esse grupo que está sem direitos e desencantado com a situação.

Anos atrás, o sr. disse que temia o futuro das suas filhas neste mundo. Ainda tem medo ou está mais otimista? Tenho duas filhas, de 30 e 26 anos. Em 2003, disse pela primeira vez que ia me dedicar a ser um defensor da sustentabilidade, para que meu trabalho pudesse ajudar na discussão sobre a forma como estamos usando o planeta.

Creio que são duas grandes ameaças: a guerra nuclear, que pode arrasar o planeta em um dia, e as mudanças climáticas. Estamos vivendo a metáfora da rã na panela, que fica mais quente, mas não sentimos o calor à nossa volta, por isso pensamos que está tudo bem. Essa é a outra ameaça existencial.

Se estou mais otimista ou pessimista em relação às minhas filhas? O otimista precisa ter cuidado. A esperança é encontrar um machado quando a nossa casa estiver pegando fogo para quebrar a porta. Precisamos da esperança e da ação. Isso porque ainda podemos e devemos fazer todo o possível para evitar o pior.

Quando Donald Trump ganhou a eleição, em 2016, percebi que a agenda ambiental ia ser anulada. Se Hillary Clinton tivesse entrado, a agenda seria provavelmente irreversível a esta altura e teria sido a coisa certa a fazer, porque havia um ímpeto nessa direção. Trump chegou ao poder antes dessa solidificação e quase destruiu o Acordo de Paris. Se ele ganhar novamente e tivermos um político de extrema direita no Canadá...

Os governos autoritários parecem todos ter uma agenda em que o ambiente não é importante. Veja o caso de Bolsonaro no Brasil e o que aconteceu à Amazônia durante seu governo. O perigo é esses políticos de extrema direita chegarem e dizerem: "Não me interessa o ambiente, o que interessa é a economia" e acelerarem o mais depressa possível para ganhar dinheiro. Essa não é a solução para os nossos problemas atuais.

Temos de ter cuidado, temos de ser capazes de retirar da natureza apenas aquilo de que precisamos, não destruir o planeta. ←



Prateleiras vazias na Livraria Cultura da av. Paulista, em São Paulo, unidade fechada após processo judicial de falência Zanone Fraissat - 10.fev.23/Folhapress

Muito artista pra pouca obra

[RESUMO] Escritora argentina Ariana Harwicz comenta em livro os embustes da arte contemporânea, como a prevalência da imagem do artista sobre a obra. Contra isso, defende o paradoxo e a desobediência na criação

Por ***Dirce Waltrick do Amarante***
Tradutora e professora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Autora, entre outros livros, de 'Para Ler Finnegans Wake de James Joyce' e 'James Joyce e Seus Tradutores'. Organizou e cotraduziu 'Finnegans Rivolta', de Joyce

"O Ruído de Uma Época: Aforismos, Correspondências e Ensaios", da escritora argentina Ariana Harwicz, acaba de ser publicado no Brasil, pela editora Instante. O livro propõe discussão sobre literatura e arte contemporâneas a partir da necessidade de afirmar o paradoxo e a desobediência.

"Não estou sendo nada original, o paradoxo é ir contra a opinião geral, contra a lógica, é celebrar a contradição", afirma a autora. Quanto à desobediência, ela destaca que houve um tempo em que qualquer pensador, qualquer crítico, qualquer artista afirmava a "sua poética na desobediência [...], na resistência a pensar de uma única maneira. Pensar é pôr em tensão, ao mesmo tempo, duas coisas opostas". Todavia, conclui Harwicz, o que hoje se vê é o enfraquecimento da "necessidade de desobedecer".

Celebrar a contradição implica, diria, manter o diálogo aberto, e esse seria o grande problema, já que não é o diálogo, mas a conclusão que ganha prioridade em nosso tempo.

Os leitores brasileiros que já conhecem Harwicz por seus romances breves e "desobedientes", como "Morra, Amor", "A Débil Mental" e "Precoce", os quais compõem uma "trilogia involuntária" sobre o amor e a maternidade, agora vão descobrir uma crítica e ensaísta senhora de si, em textos que ressaltam, com desembaraço, alguns aspectos do círculo artístico e literário contemporâneos.

Para o artista, diz Harwicz, o que deveria importar 'é a fé na obra, não a recepção da época'. Porém, reitera, hoje o que mais importa é a figura do artista, do escritor, que, em um festival literário, sobe ao palco e assume uma posição política, que lhe dá verniz especial

"Esta época nos presenteia com um novo modelo de artista consagrado e amado. É o artista com seguidores que lotam estádios, que o levam a super recordes, que veem tudo o que ele faz, mas não gostam de sua música, não se emocionam com suas canções. E, então, o que eles celebram? Eles celebram a pessoa", escreve ela.

Com os autores de sucesso a situação seria a mesma, pois "este século nos presenteia com escritores que odeiam escrever e cantores que odeiam cantar, com fãs que odeiam seus livros e suas músicas".

No Brasil, para me situar em um cenário que conheço melhor, os lançamentos de livros parecem estar mais em alta, em razão, obviamente, das redes sociais, que lhes dão visibilidade. Os mais comentados e os que "lotam" são aqueles financiados por editoras que podem cobrir os custos de um evento que atrai celebridades de diversas áreas.

É possível que uma parcela dos livros comprados nesses eventos nem venha a ser lida. Talvez o conteúdo deles não seja tão importante quanto a foto com o escritor do momento. Nesse caso, parte daqueles que comparecem aos lançamentos seriam como os "fãs" descritos por Harwicz.

O papel do debatedor e do crítico, nessas ocasiões, merece um pouco de atenção. Em "O Manuscrito", conto do húngaro Dezsö Kosztolányi que integra o livro "O Tradutor Cleptomaníaco", temos a história de um crítico que recebe um texto volumoso, "escrito por uma distinta e elegante senhora de idade, muito culta, amável, espirituosa, até mesmo inteligente, mas que, quando pegava a caneta, imediatamente perdia essas excelentes qualidades, e escrevia pior que uma escrevinhadora de diários".

De fato, a autora era medíocre, mas o crítico precisava falar sobre a obra dela, pressionado pela projeção social de quem a assinava. Um dia, o crítico é pego de surpresa pela escritora. Pensou em recorrer a um estratagema, mesmo sem ter lido o livro, que consistia em "simplesmente dizer que seu novo romance é excelente e, de longe, sobrepuja os anteriores. Contra isso, pela minha experiência, os que escrevem não costumam protestar".

Mas, no último momento, optou por outra saída e fez algumas restrições à obra. A análise improvisada foi fácil, bastou que usasse os lugares-comuns que calham a qualquer livro insignificante. O crítico estava ciente de que "atrás de seu tema escondia-se um tamanho aborrecimento que atordoava não só aos seus leitores, como à própria autora. Mais de meia hora e fez com que batesse em retirada. Afoguei-a no seu próprio melado, na sua própria limonada quente".

Talvez os críticos ou os debatedores, em lançamentos de livros banais, se sintam às vezes como a personagem do conto de Kosztolányi, que se vê obrigado a comentar com aparente seriedade um livro medíocre de um autor amável, simpático, inteligente e publicado por uma grande editora.

Para o artista, diz Harwicz, o que deveria importar "é a fé na obra, não a recepção da época". No entanto, como também reitera a escritora argentina, parece que hoje o que mais importa é a figura do artista, do escritor, que, em um festival literário, sobe ao palco e assume também uma posição política, ideológica, a qual lhe dá um verniz especial. Desse modo, a autora de "Precoce" conclui, apontando mais um problema: "esta época lê mal porque lê a partir da identidade".

Hélio Oiticica denominava, nos anos 1970, de "artista-status" aqueles que buscavam na carreira, acima de tudo, alguma espécie de compensação.

No século 19, o poeta e ensaísta italiano Giacomo Leopardi já pensava assim, ao citar em um de seus ensaios, publicado postumamente, o pensador francês Jean La Bruyère, o qual, na segunda metade dos anos 1600, teria afirmado "algo muito verdadeiro: que é mais fácil um livro medíocre adquirir fama em virtude de uma reputação já obtida pelo autor do que um autor ganhar reputação por conta de um livro excelente. A isso se pode acrescentar que, talvez, a via mais direta para adquirir fama é afirmar, com segurança e pertinácia, de todos os modos possíveis, tê-la conquistado".

Obviamente, os lançamentos são importantes, pois ajudam a dar visibilidade à obra, fazendo-a circular e encontrar seu leitor. Nenhum escritor escreve só para si.

Em "A Dádiva", Lewis Hyde afirma que "um dom (que pertence ao mundo interior de quem o tem) mantém-se vivo através da constante doação, ou seja, da transformação de algo doado ao mundo exterior. Quando uma produção artística não tem público que a reconheça e que dela se aproprie espiritualmente, essa transição não se dá. É por meio da doação que o artista nutre seu dom. Visto por esse ângulo, quando o comércio é exclusivamente um tráfico de mercadoria, aqueles que criam não podem participar dessa troca que mantém viva sua criação".

Se os lançamentos transformarem os livros apenas em commodities, chegará o dia em que primeiro se fará o lançamento e só depois se escreverá o livro. Reformulo aqui uma ideia do escritor argentino Macedonio Fernández, que dizia muito humoradamente: "Poder-se-iam primeiro dar as conferências e só depois anunciá-las". ←

O Ruído de Uma Época: Aforismos, Correspondências e Ensaios
Autora: Ariana Harwicz. Editora: Instante. Tradução: Silvia Massimini Felix. R$ 69,90 (144 págs.)



Fachada do prédio da Previdência Social, em Brasília Antonio Molina - 4.jan.22/Folhapress

Envelhecimento e salário mínimo pioram cenário futuro do INSS

Alta das despesas eleva desafio de como financiar o déficit; iniciativas do Congresso fragilizam arrecadação

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O envelhecimento da população e a política de valorização permanente do salário mínimo devem tornar o cenário futuro da Previdência Social mais desafiador nos próximos anos, embora as projeções do governo Lula (PT) indiquem uma trajetória mais benevolente a curto prazo.

As estimativas mais recentes do Poder Executivo mostram uma queda nos gastos previdenciários como proporção do PIB (Produto Interno Bruto) até 2028, algo considerado improvável na avaliação de especialistas.

Os dados estão apresentadas no PLDO (projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias) de 2025.

A médio prazo, por sua vez, a despesa sai de 7,92% do PIB neste ano para 8,45% do PIB em 2040. Um patamar mais elevado do que o indicado na LDO de 2023, que era de 8,20% do PIB.

O cenário não chega a anular os ganhos da reforma da Previdência aprovada em 2019, durante o governo Jair Bolsonaro (PL). Sem ela, o gasto do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) ultrapassaria os 12% do PIB em 2040.

No entanto, decisões políticas do atual governo preocupam especialistas pelo risco de aprofundar os desequilíbrios no futuro.

De um lado, o Executivo incorporou às estimativas oficiais cenários de economia de despesas com revisão de benefícios e digitalização de processos.

Nos próximos quatro anos, a expectativa é poupar R$ 28,6 bilhões, mas os números são vistos com ceticismo.

De outro, a gestão petista tornou permanente a política de valorização do salário mínimo, com aumento real de acordo com o crescimento do PIB de dois anos antes.

Cerca de dois terços dos benefícios da Previdência equivalem a um salário mínimo (hoje em R$ 1.412). Isso faz com que cada real adicional no piso tenha um custo extra de R$ 391,8 milhões para a União.

Na avaliação de apoiadores do governo petista, a ampliação dos benefícios do INSS é uma ferramenta potente para impulsionar o consumo e a economia como um todo.

Especialistas fazem ressalvas e avaliam que as despesas não só estão subestimadas mas seu ritmo de crescimento pode gerar problemas no futuro.

Os economistas Marcos Mendes, colunista da **Folha**, e Rogério Nagamine, ex-secretário do RGPS (Regime Geral de Previdência Social), calculam que o gasto efetivo do INSS será R$ 16,5 bilhões maior do que o previsto para 2024.

Em 2028, a diferença chegará a R$ 30,5 bilhões. Os dados constam em relatório elaborado para a XP Investimentos.

Um dos motivos são as inovações no INSS, como a implementação do Atestmed para substituir a perícia médica presencial.

O governo diz que elas poupam recursos, pois evitam o desembolso de valores retroativos, engordados por juros e correção monetária, mas elas estão, na verdade, impulsionando ainda mais a despesa.

No primeiro bimestre, foram concedidos 906,2 mil novos benefícios, um salto de 43,2% em relação a igual período do ano passado (632,7 mil). Os dados incluem aposentadorias, pensões, salário-maternidade e auxílio-doença.



> O governo está falando em controlar, que vai ter uma redução [da despesa] por conta desses ajustes, mas nos últimos meses está acontecendo exatamente o contrário. O auxílio-doença está explodindo
>
> **Fabio Giambiagi**
> pesquisador do FGV Ibre



> Não dá para ficar, de um lado, reduzindo contribuição sobre a folha e, de outro, aumentando despesa ou resistindo à redução da despesa
>
> **Rogério Nagamine**
> ex-secretário do RGPS (Regime Geral de Previdência Social)

O Executivo argumenta que o soluço no gasto é temporário, por regularizar benefícios que estavam artificialmente represados, na fila do INSS. Entre economistas, porém, há o temor de que parte dessa tendência de concessão seja permanente.

"O governo está falando em controlar, que vai ter uma redução [da despesa] em razão desses ajustes, mas nos últimos meses está acontecendo exatamente o contrário. O auxílio-doença está explodindo", diz o economista Fabio Giambiagi, pesquisador do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas) e especialista em contas públicas.

Além disso, mesmo no quadro traçado pelo próprio Executivo, o crescimento do gasto da Previdência Social se dá em ritmo mais veloz do que o limite do arcabouço fiscal desenhado pelo ministro Fernando Haddad (Fazenda), alimentado pela valorização do salário mínimo —que chegará a R$ 1.502 no ano que vem e a R$ 1.772 em 2028.

A consequência é um achatamento das demais despesas, como custeio e investimentos, repetindo um roteiro já percorrido sob o teto de gastos criado na gestão de Michel Temer (MDB). Elas caem de 2,1% do PIB neste ano para 1% do PIB em 2028, segundo o governo.

"Eu definiria a peça [do projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2025] como tecnicamente constrangedora. O sistema político vai reagir diante disso", afirma Giambiagi.

Para ele, há uma contradição intrínseca entre a regra geral do arcabouço fiscal, que permite aumento real do limite entre 0,6% e 2,5% ao ano, e as regras do salário mínimo (atrelado ao PIB) e de aplicação mínima em Saúde e Educação (vinculada à arrecadação).

"Ou você cumpre com essas políticas específicas, e a regra [do arcabouço] não vai valer para o futuro, ou em algum momento será necessário mudar as regras específicas. Não há solução para as duas coisas ao mesmo tempo", alerta o economista.

Interlocutores do governo federal reconhecem que a indexação da economia brasileira representa um desafio e será necessário tomar cuidado para que isso não comprometa a estratégia de ajuste fiscal.

No entanto, não há hoje nenhuma discussão sobre desvincular as aposentadorias do salário mínimo no país.

A expansão das despesas com Previdência Social gera também um desafio pelo lado das receitas, já que é necessário manter uma fonte viável para financiar o déficit.

Neste ano, o rombo do INSS deve alcançar R$ 268,2 bilhões (equivalente a 2,32% do PIB).

A projeção do governo é que o déficit deva cair a 1,82% do PIB até 2028, algo também visto como improvável pelos especialistas. Até 2040, porém, o rombo pode alcançar 2,64% do PIB.

O Congresso Nacional tem aprovado iniciativas que reduzem receitas da Previdência, como a desoneração dos municípios e de empresas de 17 setores —entre os quais o de comunicação, no qual se insere o Grupo Folha, empresa que edita a **Folha**. O benefício está suspenso por liminar no Supremo.

Há ainda uma pressão mais ampla para que o governo reveja a tributação sobre a folha de pagamento, sob o argumento de que o encargo afeta negativamente a criação de empregos no Brasil.

Sobre esse ponto, um estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada) mostra que, em 81 países da Europa e das Américas, a contribuição sobre a folha de pagamento é a principal fonte de financiamento da Previdência.

Além disso, quanto maior a despesa com benefícios, maior a alíquota paga por trabalhadores e empregadores.

A cobrança fica em 24,09% na média dos países, já considerando as duas parcelas (patronal e do segurado).

O Brasil está acima desse patamar, com uma alíquota total de pelo menos 28,5% (21% do empregador e ao menos 7,5% do trabalhador, percentual que aumenta conforme a faixa salarial).

"Não dá para ficar, de um lado, reduzindo contribuição sobre a folha e, de outro, aumentando despesa ou resistindo à redução da despesa", alerta Nagamine, um dos autores do estudo, junto com Mário Magalhães, especialista em políticas públicas.

Defensores da redução dos encargos sobre a folha de pagamento argumentam que o tributo coíbe a maior geração de empregos —tese semelhante é defendida pelo ex-ministro da Economia Paulo Guedes.

Nagamine contesta e diz que a informalidade elevada no Brasil não é resultado único e exclusivo de uma alíquota alta de contribuição sobre a folha, mas também da baixa qualificação e escolaridade de parte dos trabalhadores.

"Quando altera a alíquota sobre a folha, isso pode afetar também os salários e o lucro das empresas. Tem que ter clareza de que não afeta só o emprego formal", diz o pesquisador.

Ele destaca que uma das preocupações em relação ao equilíbrio da Previdência no futuro reside no MEI (microempreendedor individual).

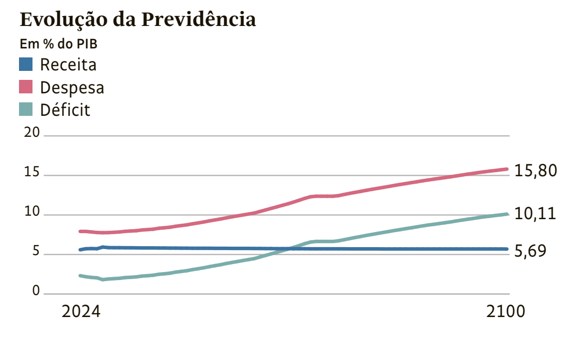
A modalidade já representa 10% dos contribuintes da Previdência no país, que terão direito a uma aposentadoria de um salário mínimo. Suas contribuições, porém, respondem por apenas 1% da arrecadação do regime geral.

A avaliação de Nagamine é que o regime tributário simplificado ficou grande demais e fragilizou a base de arrecadação do INSS.

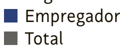
"O Congresso tem projetos que só ampliam o MEI, seja no faturamento, seja nas ocupações [habilitadas]. Tem um [projeto] agora que deixa qualquer ocupação, exceto de alto risco. Ele precisa ser reestruturado e ter algum critério, alguma forma de restringir para trabalhadores que realmente sejam de baixa renda", alerta.

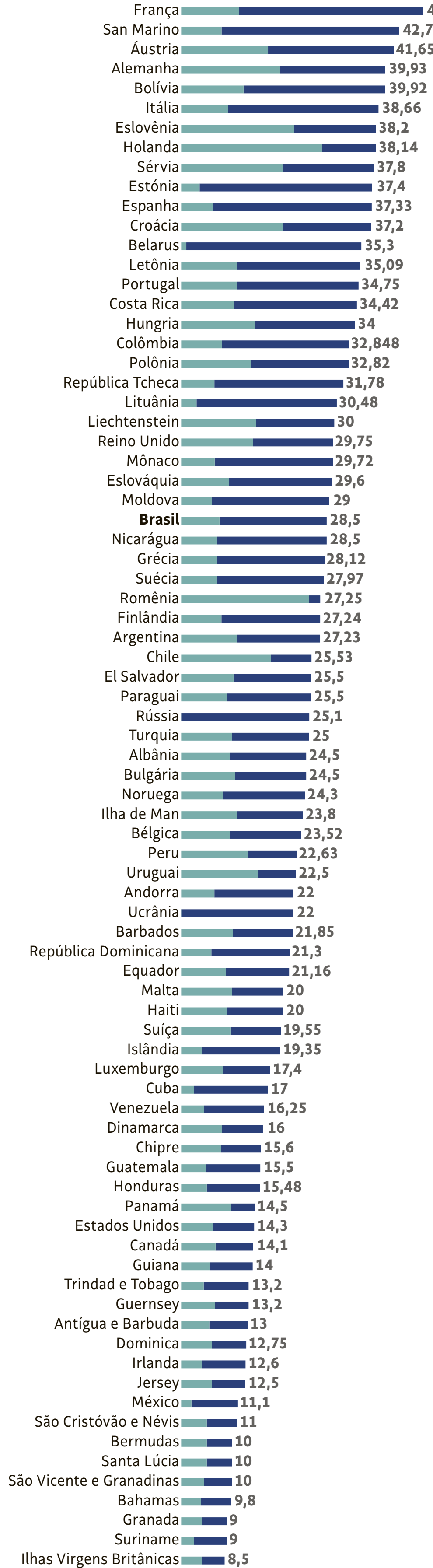
Cenário da Previdência

Evolução da Previdência



Alíquotas por país





Quantidade de países por faixa de contribuição*

Faixa	Europa	Américas	Total de países	Participação no total, em %
Menor que 10%	0	5	5	6,20
De 10% a 19,99%	7	16	23	28,40
De 20% a 29,99%	18	13	31	38,30
De 30% a 29,99%	16	3	19	23,50
40% ou mais	3	0	3	3,70

Média das alíquotas de contribuição



*Soma de empregado mais empregador | Fontes: PLDO 2025, Ipea

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

João Dornellas

Se imposto elevado resolvesse o problema, o Brasil seria magro

Junto com cigarro e produtos alcoólicos, as bebidas açucaradas e ultraprocessadas entraram na lista do imposto seletivo. Conhecido como "tributo do pecado", ele será alto para coibir as vendas. É o que consta no projeto de lei que define as regras da regulamentação da reforma tributária. Para João Dornellas, presidente da Abia, a associação da indústria alimentícia, isso só vai piorar a situação.

Adianta sobretaxar ultraprocessados? Em 2014, o México, mudou seu sistema tributário. Lá, a alíquota para bebidas açucaradas saiu de 17% para 28%. Naquele momento, a taxa de obesidade dos mexicanos era de 72,5%, segundo a OCDE. Em 2022, ela foi para 74,1% e o consumo em litros de açucarados cresceu 33%.

Por quê? Como os produtos de primeira linha ficaram muito caros, os consumidores mexicanos passaram a comprar o dobro da quantidade de produtos similares mais baratos.

Mas o ultraprocessado não faz mal à saúde? A qualidade é definida pela composição nutricional. Ultraprocessado significa, simplesmente, que contém mais de cinco ingredientes e presença de aditivos, que seguem um padrão global submetido às agências reguladoras de cada país. Margarinas, biscoitos, pães de forma em geral, cereais matinais, requeijão, achocolatados, todos esses alimentos entram como ultraprocessados.



Raio-X
Formação: Graduado em administração com especialização pela London Business School
Carreira: Fez carreira na Nestlé (1984 a 2015), chegando aos conselhos de administração e deliberativo. Foi conselheiro na InvestSP, Fiesp, Ministério da Indústria, comanda a Abia desde 2018

Mesmo assim, a carga tributária sobre esses produtos é elevada. A alíquota média de alimentos industrializados é de 24,4%. É a segunda mais alta do planeta. Um achocolatado, por exemplo, vai a 43%. Se imposto resolvesse o problema, o Brasil seria magro.

Mas os brasileiros estão cada vez mais gordos... Não é por culpa dos alimentos industrializados. A obesidade e doenças crônicas se combatem com informação e educação nutricional. Ou as pessoas acham que podem comer muita batata frita e tudo bem? Por outro lado, o Instituto de Tecnologia de Alimentos comparou pães industrializados com os caseiros e o resultado mostrou que os da indústria não ficam devendo em nada e, em muitos casos, são até mais nutritivos.

Qual a carga média de alimentos no mundo? Nas discussões da reforma tributária, a indústria defendeu que o Brasil seguisse os países da OCDE, que têm carga tributária média de 7%. Seria uma oportunidade para combater a fome, a insegurança alimentar e promover justiça.

Estados querem negociar pontos da reforma tributária

Lista revela divergências na regulamentação em temas como 'cashback' e Simples

Adriana Fernandes e Idiana Tomazelli

BRASÍLIA Os estados apresentaram uma lista de nove pontos da regulamentação da reforma tributária em que não há consenso no projeto de lei complementar apresentado pelo governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT), na semana passada, ao Congresso. Os governadores vão buscar mudanças na tramitação do projeto.

O posicionamento foi feito no mesmo horário em que Fernando Haddad (Fazenda) entregava o projeto ao presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), na noite de quarta (24).

O movimento, que foi ofuscado no dia do envio do projeto, gerou um mal-estar na área econômica.

Embora convidados para acompanhar Haddad na entrega oficial da proposta a Lira e depois ao presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), representantes dos governadores preferiram não comparecer ao ato para não transmitir a ideia de que os estados estariam validando todo o conteúdo do projeto.

A nota foi divulgada pelo Comsefaz (Comitê Nacional de Secretários de Fazenda) dos estados e acabou explicitando que há muitos pontos divergentes, contrariando a posição sinalizada pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, de que haveria um grande consenso com os governos regionais em torno do projeto.

O primeiro dos três projetos que o Ministério da Fazenda elaborou para regular a reforma trata das normas de funcionamento do IVA (Imposto sobre Valor Agregado) dual: o IBS, dos estados e municípios, e a CBS, do governo federal.

Para elaborar as propostas, a estratégia do secretário extraordinário da Reforma Tributária, Bernard Appy, foi montar 19 grupos de trabalho com a participação de representantes dos estados e municípios para que os projetos chegassem redondos ao Congresso.

A atuação dos estados gerou uma saia justa no Ministério da Fazenda, que esperava apoio na reta final após dois meses de trabalho, 330 reuniões para elaborar os projetos e 309 profissionais envolvidos.

Todos os envolvidos assinaram compromisso de confidencialidade para silenciar sobre os temas tratados nos grupos de trabalho. A restrição terminou com o envio do projeto, o que permitiu a divulgação da nota do Comsefaz.

Há entre os técnicos do Ministério da Fazenda uma frustração com o posicionamento dos estados, segundo confirmaram pessoas a par do assunto, na condição de anonimato.

Em tom único, Haddad, Appy e o número 2 da Fazenda, Dario Durigan, tentaram, no entanto, reforçar nos últimos dias que o projeto enviado não era só do governo federal mas também dos estados e municípios. Esse ponto é considerado importante para o governo, que não quer abrir brechas nas negociações no Congresso que retardem a votação.

Lira quer votar o projeto na Câmara até o recesso parlamentar, em julho. Mas as divergências apontam que as negociações podem demorar mais.

Como revelou a **Folha**, há um impasse também em torno do segundo projeto a ser encaminhado ao Congresso e que trata das regras de governança e funcionamento do Comitê Gestor do IBS. Sem acordo, o governo mudou de estratégia e voltou atrás na decisão de entregar os projetos em conjunto. Haddad prometeu enviar o segundo projeto nos próximos dias.

Novas reuniões técnicas estão previstas para esta semana.

Grupos de governadores divididos por regiões participaram de reuniões para acertar os ponteiros em torno dos pleitos. Ao final, listaram os principais pontos em que vão buscar alteração no Parlamento na nota oficial do Comsefaz.

"Ainda que existam outros pontos que, pela brevidade da nota, deixaremos de expor, reiteramos o compromisso em participar ativamente do processo de discussão e construção da regulamentação da reforma tributária, contribuindo com propostas e sugestões que visem a aperfeiçoar o texto em tramitação", diz a nota.

"Colocamos nessa nota questões que a gente quer discutir dentro do Congresso, que não foram no texto, mas que a gente considera importantes para os estados", disse o presidente do Comsefaz, Carlos Eduardo Xavier, à **Folha** neste sábado (27).

Quando lhe foi perguntado sobre o motivo da ausência na entrega do projeto, Xavier, que também é secretário de Fazenda do Rio Grande do Norte, respondeu: "Temos muita convergência, valorizamos muito a aprovação da reforma. Mas ainda há partes do texto que a gente quer discutir. A gente não avaliza o texto integralmente como foi enviado. Tem partes, tem questões que a gente quer discutir dentro do Congresso, de forma democrática".

Entre as nove principais demandas listadas pelos estados na nota, estão pontos técnicos como o prazo de referência que será utilizado para a repartição proporcional do ICMS, maior autonomia para definir as regras do "cashback", repartição de informações prestadas pelo sistema financeiro e temas ligados ao Simples, o sistema simplificado de impostos para micro e pequenas empresas.

O diretor institucional do Comsefaz, André Horta, disse que os estados querem manter o fundo de combate à pobreza com algum percentual de cobrança para manter os gastos vinculados a esses recursos. O dinheiro não é compartilhado com os municípios.

"Não queremos jogar as despesas que existem hoje do fundo de combate à pobreza numa espécie de conta geral. A gente quer que isso fique mantido como fundo de combate à pobreza", afirmou Horta.

A lista divulgada agora não trata de pontos divergentes que serão objeto do segundo projeto, como a proposta que transforma o Comitê Gestor numa autarquia federal para administrar o IBS, o imposto cobrado pelos estados e municípios e que substituirá os atuais ICMS e ISS.

Há o temor de governadores e prefeitos de perder ainda mais autonomia sobre os seus tributos, caso o comitê fique juridicamente embaixo do guarda-chuva federal.

+ Algumas das demandas dos estados

Transição federativa
Definição do período de 2020 a 2027 a ser considerado para cálculo da receita média dos entes, para fins da distribuição dos recursos que garantem a manutenção dos patamares atuais de arrecadação

Fundo de combate à pobreza
Fixação de percentual para destinação de parcela da arrecadação do IBS, com a finalidade de garantir a continuidade operacional e financeira desses fundos estaduais

Fundo de ressarcimento de benefícios fiscais
Estados querem segurança jurídica aos contribuintes beneficiários de incentivos fiscais onerosos que tenham sido convalidados

"Cashback"
Desenho da política precisa compreender a execução dos programas com participação e iniciativas locais

Simples Nacional
Como a tributação ocorre pelo faturamento, os estados querem o ajuste legislativo para aplicar integralmente o princípio do destino em relação às operações interestaduais promovidas por empresas do Simples, remetendo ao ente federativo onde ocorrer o consumo o imposto pago nas aquisições feitas por essas empresas

Abras sugere 'imposto do pecado' para empresas de aposta

BRASÍLIA O presidente da Abras (Associação Brasileira de Supermercados), João Galassi, propôs ao Ministério da Fazenda a taxação das bets com o IS (Imposto Seletivo) na regulamentação da reforma tributária para garantir a ampliação da lista de produtos da cesta básica nacional com zero de imposto.

A proposta foi apresentada ao secretário Extraordinário de Reforma Tributária, Bernard Appy, após o projeto de regulamentação ser enviado ao Congresso, na quarta-feira (24), com uma lista muito enxuta de alimentos e sem nenhum tipo de proteína animal, como carnes e peixes.

Apelidado de "imposto do pecado", o IS foi criado na reforma tributária para coibir comportamentos prejudiciais à saúde e ao ambiente.

A regulamentação também estabelece uma lista dos produtos que poderão ser taxados pelo Imposto Seletivo. Entre eles, veículos, bebidas, cigarros, minérios, bebidas alcoólicas e açucaradas.

"Perguntei ao Appy: o novo mercado de apostas bet não poderia sofrer a incidência de Imposto Seletivo considerando o vício em jogos aliado à questão da saúde?", contou à **Folha** o presidente da Abras.

Segundo ele, Appy respondeu que o IBS e a CBS (dois tributos criados pela reforma) já irão incidir sobre os jogos e acenou que avaliaria a sugestão.

"O texto constitucional é muito claro. A cesta tem que atender os preceitos da Constituição para combater a insegurança alimentar, ser saudável, nutritiva e com produtos regionais", disse Galassi.

Para o presidente da Abras, a cesta básica nacional do projeto do governo traz um viés discriminatório, porque distancia ainda mais a população de baixa renda do consumo ideal.

Na entrevista para explicar o projeto, o diretor de programa da secretaria Extraordinária de Reforma Tributária, Rodrigo Orair, defendeu a lista sem a proteína animal e ponderou que a medida provocaria um choque de 0,7 ponto percentual na alíquota média de referência de 26,5%. A alíquota média chegaria a 27,2%.

A reforma previu a possibilidade de redução em 60% da alíquota cheia para alimentos. As carnes entraram nessa lista. **Adriana Fernandes e Idiana Tomazelli**

INÊS249

O preço da carne e os impostos de Lula 3

Para o governo, Congresso é ruim quando veta imposto e bom quando deixa aumentar gasto

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Quanto se vai cobrar de imposto sobre venda de carros? De carne e outras comidas? O que vai ser de planos de saúde? Cada empresa ou ramo de negócios tenta puxar a brasa para sua sardinha enquanto o Congresso discute a lei que vai definir os detalhes que darão sentido prático à reforma dos tributos sobre o consumo, que por enquanto é uma mudança mais genérica inscrita na Constituição.

Essa disputa já está clara. Deve ficar mais complicada porque se expande a guerra dos impostos e sobre outros dinheiros públicos. São dezenas de setores empresariais, com apoio do Congresso, versus Lula 3; é STF versus Congresso; são estados e municípios versus governo federal. Etc.

Quanto menor a alíquota do imposto sobre o consumo de um produto ou serviço, maior será a de outros. O conflito em parte é normal. Em parte, é resultado de velhos vícios, a tentativa de cavar favores estatais para beneficiar o próprio negócio, o que ajudou a criar o monstro tributário brasileiro.

A reforma tributária do consumo não tem relação direta com a guerra geral dos impostos, que ficou mais quente. Mas, para empresas e pessoas físicas, a despesa com o pacote de impostos é uma só. No fim das contas, quem pode vai tentar pagar menos ou não pagar mais, não importa por meio de qual tipo de tributo.

O confronto era previsível, havia anos. Afora um soluço artificial em 2022, a despesa federal não cabe na receita faz uma década. Desde 2014, pelo menos, era tanto preciso aumentar a carga tributária quanto conter despesa.

O governo tem promovido enorme aumento de gasto, em parte inevitável, pois a miséria andava mais horrível do que de costume. Bateu palmas para o Congresso quando conseguiu aprovar a emenda constitucional da transição e outros gastos, umas três centenas de bilhões desde o início de Lula 3. Tinha também o plano de aumentar impostos, que desde o início não cobririam o gasto extra, porém. Já havia aí um embrião de besteira, mas Lula 3 recriou sistemas de reajustes automáticos de despesa que agravam o problema. Agora, o governo reclama do Congresso, que não aprovou o pacote inteiro de impostos e, pior, quer mais despesa ou fazer mais favores com dinheiro público. Mas está tudo errado.

O assunto não é interessante como o vídeo da cantora Ludmila, que causou comoção e guerra cultural. Mas convém prestar atenção à guerra dos impostos, causada por crise fiscal. A gente trata das intrigas políticas desse conflito, "bastidores", mas não nota o rinoceronte na sala. O nome do bicho é conflito distributivo aberto e agudo, guerra por dinheiros públicos e privados.

Desde o ano passado, Lula 3 tenta fazer com que empresas de 17 setores voltem a pagar, na íntegra, imposto sobre folha de salário (herança de Dilma Rousseff, aliás). Perdeu as batalhas. Foi ao Supremo para reaver esse dinheiro, assim como aquele da redução da contribuição para o INSS de mais de 5.300 prefeituras, dádiva do Congresso. Quer de volta o dinheiro do abatimento de imposto para empresas de eventos, turismo, esporte, cultura etc., concedido na pandemia (Perse) e prorrogado pelo Congresso.

Estados querem perdão de dívida com a União (menos receita para o governo federal), com apoio do Senado em especial, que também pretende dar mais dinheiro para ricos servidores Judiciário e Ministério Público. O Rio de Janeiro foi ao STF para deixar de pagar dívida com a União. Etc.

O governo prevê de modo otimista que a dívida pública crescerá até 2027. Outras contas não preveem estabilização da dívida antes de 2030, em perto de 80% do PIB.

Como se não bastasse, o já pouco rigoroso arcabouço fiscal, o teto móvel de gastos de Lula 3, vai implodir em 2026 ou 2027 se não se fizer ao menos remanejamento de despesas previsíveis (em Previdência, saúde, educação).

A dívida vai aumentar, pois, mesmo em anos de crescimento da economia, aqueles em que é preciso conter o aumento do passivo. Se o crescimento do PIB vier a ser menor do que a mediocridade prevista (uns 2,5% ao ano) e/ou as taxas de juros voltarem a subir, o caldo engrossa. É fácil perceber que, para uma mesma taxa de juros, o pagamento de juros é maior se a dívida é maior. Se também a taxa subir, pior.

Com dívida maior, mesmo sem crise aguda imediata, a redução das taxas de juros será menor do que a prevista, prejudicando o crescimento. É tudo autodestrutivo.

vinicius.torres@grupofolha.com.br



O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, em seu gabinete, em Brasília Fotos Pedro Ladeira/Folhapress

Fernando Haddad, 61
Ministro da Fazenda, foi prefeito de São Paulo (2013-2016) e ministro da Educação (2005-2012) nos primeiros governos de Lula e também na gestão de Dilma Rousseff. É advogado, mestre em economia e doutor em filosofia pela USP (Universidade de São Paulo)

Fernando Haddad

Congresso também tem que respeitar Lei de Responsabilidade Fiscal

Ministro afirma que governo recorreu ao STF contra desoneração da folha de pagamentos porque Legislativo deve ter as mesmas obrigações que o Executivo, ou equilíbrio fiscal nunca será alcançado

ENTREVISTA

Mônica Bergamo

BRASÍLIA O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, afirma que o esforço para que o país equilibre suas contas não chegará a uma vitória "por nocaute". "Cada seis meses é um round. Vai ser sempre por pontos", afirmou o petista em entrevista à **Folha**, em seu gabinete, na quinta-feira (25).

Questionado sobre a alteração das metas fiscais estabelecidas para 2024 e 2025, ele afirmou que o "Executivo não consegue impor sua agenda ao Legislativo" e elencou propostas de ajustes que foram "desidratadas" pelo Congresso.

Entre elas, está a que prevê a prorrogação da desoneração da folha de pagamentos de empresas e prefeituras.

A medida foi questionada pelo governo no STF (Supremo Tribunal Federal). Cinco magistrados já votaram para que ela seja suspensa por não indicar o "impacto financeiro" sobre as contas públicas. Luiz Fux pediu vista.

O ministro justifica a iniciativa afirmando que o Legislativo, que tem hoje a mesma prerrogativa do Executivo de criar despesas, deve também indicar as receitas para fazer frente a elas.

"Virou um parlamentarismo que, se der errado, não dissolve o Parlamento, e sim a Presidência da República", afirma.

Questionado se o descumprimento não leva ao descrédito da meta fiscal, ele afirma que o mais importante é o compromisso do governo de persegui-la. E admite cortes de despesas se não houver alternativas.

"Ninguém teve a coragem de fazer o que estamos fazendo", afirma. "Nós estamos avançando."

*

Que livro o senhor está lendo? Ou melhor, que livro o senhor estava lendo? [Risos] Eu estou lendo as obras do historiador alemão Reinhart Koselleck. Terminei o segundo dos quatro livros que comprei dele, "Estratos do Tempo".

O senhor vai seguir lendo, mesmo depois das declarações do presidente Lula de que, em vez disso, tem que perder algumas horas conversando no Senado e na Câmara? O presidente fez uma brincadeira de superbom gosto, descontraída, que não merecia essa discussão toda.

Bem, sobre economia: a revelação de que a meta fiscal estabelecida pelo governo para 2025 será alterada gerou ruído e descrédito. Por que, afinal, devemos acreditar que as metas são para valer, e não que serão alteradas dezenas de vezes? Não é a primeira vez que isso acontece. No governo [de Michel] Temer, por exemplo, também houve mudança de meta fiscal, sem maior questionamento.

Agora, uma coisa é você deixar de ter uma meta exigente, que indique uma trajetória consistente para a [redução da] dívida pública. Isso seria um problema. Outra coisa é você reconhecer que as condições políticas retardaram o cumprimento, mas seguir estabelecendo uma meta fiscal exigente para os anos seguintes. Não deixá-la frouxa. Foi o que nós fizemos.

> O presidente é um homem religioso. Mas tem uma cultura democrática. Ele não bota a religião no palanque. Ele acha de mau gosto, e péssimo do ponto de vista político, usar isso em proveito próprio

> Nós estamos muito analógicos nas redes sociais. O combate às fake news é um problema ainda para nós

A meta definida em março do ano passado, de zerar [o déficit] neste ano [de 2024], sofreu alguns reveses —políticos, e naturais em uma democracia. O Executivo não consegue impor a sua agenda ao Legislativo.

Quais foram os principais reveses, na sua opinião? Todos os projetos e medidas corretivas que propusemos foram negociados e desidratados [no Congresso], à luz das considerações que os parlamentares legitimamente podem fazer.

Agora mesmo eu tive que renegociar o Perse [Programa Emergencial para Setores de Eventos, criado em 2021 e que prevê isenções tributárias para empresas paralisadas na pandemia de Covid-19].

No meu entendimento, ele tinha que acabar. Mas tive que postergar, diluindo seus efeitos no tempo.

A desoneração da folha de pagamento de 17 setores da economia é outro caso.

Há mais de dez anos eles são beneficiados, com um total de mais de R$ 150 bilhões, sem nenhuma vantagem para o país. Isso é demonstrado por diversos estudos acadêmicos.

A desoneração da folha de pagamentos dos municípios [de até 156,2 mil habitantes] nem estava na pauta.

No entanto, uma emenda de última hora [apresentada por parlamentares], que representa R$ 10 bilhões em custos tributários, foi aprovada. E tivemos que recorrer ao Poder Judiciário [STF] para reverter [o ministro Cristiano Zanin deu liminar a favor do governo em ação que sustenta que o Congresso não pode prorrogar a desoneração das folhas de pagamentos sem demonstrar o seu impacto financeiro. Quatro magistrados já seguiram o seu voto].

É importante, então, esclarecer: uma coisa é a meta, onde se quer chegar. Outra coisa é o resultado que você consegue, politicamente, atingir, respeitando os Poderes.

E a terceira coisa importante é saber se o governo está ou não comprometido com a trajetória [das contas públicas]. O nosso compromisso é o de botar ordem em dez anos de déficits públicos que acumulam quase R$ 2 trilhões.

Um líder do PT me disse que a diferença entre o Lula de 2002 e o de 2024 é que antes ele era rico, e agora ele é pobre. Ou seja, perdeu poder sobre o Orçamento, que hoje tem que dividir com o Congresso. O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), afirma que a briga para ver quem manda nos recursos será permanente. Há não muito tempo, criar despesas e renunciar a receitas eram atos exclusivos do Poder Executivo.

O Supremo Tribunal Federal disse que o Parlamento também tem o direito de fazer o mesmo.

Mas qual é o desequilíbrio? É que o Executivo tem que respeitar a Lei de Responsabilidade Fiscal. E o Parlamento, não.

É por isso que nós recorremos agora ao STF [na ação que discute a desoneração da folha de pagamentos para 17 setores da economia e para prefeituras].

É preciso dizer que o Congresso também tem que respeitar a mesma lei. E que atos que não a respeitem precisam ser suspensos.

Se o Parlamento tem as mesmas prerrogativas do Executivo, ele deve ter também as mesmas obrigações.

Nós temos o Orçamento fechado, com meta estabelecida, tudo bonitinho.

Aí vamos [referindo-se ao Congresso] dar benefício para prefeituras, para governos, para entidades assistenciais, para taxista. Tudo bem. Mas de onde vêm as receitas?

Virou um parlamentarismo que, se der errado, não dissolve o Parlamento, e sim a Presidência da República, e chama o vice.

Ninguém quer retirar a prerrogativa de ninguém. Mas não pode um Poder [o Executivo] ficar submetido a regras rígidas, e o outro [o Parlamento], não.

Se a exigência de equilíbrio fiscal valer só para o Executivo, ele não será alcançado nunca.

Ainda sobre os desafios de cumprir a meta fiscal, ouvi no próprio governo que o senhor tem o mesmo comportamento do filho que promete à mãe que vai tirar 10 na prova. Volta com boa, mas menor, e fica parecendo um fracassado. Estabelecer uma meta ambiciosa que, sabe-se, não será cumprida, não gera o efeito inverso, de perda de credibilidade? Eu tenho certeza absoluta de que, se a meta não for exigente, as medidas [de aumento de arrecadação e contenção de gastos] não passam no Congresso. Se eu baixar a guarda e disser que a meta é de 1% de déficit, ele vai para 2%. É difícil. Mas a meta é factível.

O mercado não acredita nela e prevê déficit de 0,7% para este ano e 0,6% para 2025. As projeções são diferentes. O mercado coloca na conta os eventuais reveses que o governo vai ter.

E por que o próprio governo não coloca? Porque eu não posso reconhecer que um projeto não vai ser aprovado antes de lutar por ele.

Nós estamos agindo junto ao Judiciário, ao Legislativo e ao Executivo para que a disciplina das contas públicas volte à ordem do dia.

Desde 2015 estamos com mais de 19% do PIB de despesa primária e, em média, 17,5% do PIB de receita primária. É estruturalmente inviável.

Se não compreendermos que temos que reverter esse quadro e voltar ao patamar [de receita] de 18,7% do PIB, como era em 2011, 2013, não haverá ajuste.

E é absolutamente possível voltarmos a esse patamar só combatendo os gastos tri-

Continua na pág. 5

Continuação da pág. 4
butários [perda de arrecadação provocada por benefícios e isenções] criados neste período, como o da desoneração da folha.

O gasto tributário no Brasil, que já foi de 2%, chegou a 6%. Ou seja, os lobbies atuaram firmemente para diminuir a base fiscal em proveito próprio, não em proveito do Brasil.

Estamos eliminando gastos tributários absolutamente ineficazes. Já conseguimos fazer muita coisa. A arrecadação, neste ano, está aumentando 8,5% acima da inflação.

Como o senhor mesmo admite, não é fácil. É por isso que nós fomos ao Legislativo e estamos indo agora ao Judiciário.

Ninguém teve coragem de fazer o que nós estamos fazendo. Muitos ministros respeitáveis passaram por aqui e não enfrentaram esse debate. Não estou criticando ninguém. Tudo é difícil.

O negócio é não desistir de buscar o certo. Nenhum economista critica o mérito do que estamos fazendo.

O limite de 2,5% de crescimento da despesa estabelecido no arcabouço fiscal é outro número colocado em dúvida. Há pressão de gastos estruturais como o da Previdência, atrelado à política do governo de reajustes do salário mínimo acima da inflação. Há aumento de despesas com emendas parlamentares, há pautas-bomba como a volta do quinquênio para juízes, promotores e outras categorias. Estou trabalhando. Tive uma reunião com 15 senadores anteontem [terça, 23] para segurar a PEC do Quinquênio, que considero um retrocesso. Estamos agindo para evitar que esse tipo de coisa aconteça. Mas aqui é apenas um ministério. O país precisa se entender.

Há duas alternativas caso não se consiga evitar o aumento exponencial de despesas: ou altera o teto de 2,5% do arcabouço fiscal ou o governo corta gastos. Me parece que o presidente Lula não está disposto a usar a tesoura. Qual será a escolha? Cada dia com a sua agonia. Estamos avançando.

Agora, não adianta imaginar que vamos voltar aos bons tempos de crescimento de 3,5%, 4,5%, cometendo os mesmos erros que nos trouxeram para 1,5%.

Estamos fazendo as coisas corretas. Aceitei ser ministro da Fazenda para implementar o ajuste sobre quem não paga imposto. E sem penalizar os mais pobres. Porque todo ajuste neste país é feito no lombo do trabalhador.

Congela o salário mínimo por sete anos, congela tabela do Imposto de Renda. Uma pessoa que ganha R$ 1.500 estava pagando imposto, e o sujeito [que tem dinheiro] no fundo exclusivo dos super-ricos não pagava nada?

São coisas inaceitáveis para mim. Prefiro não participar de um trato como esse.

Quando o senhor não diz claramente que o teto de despesas de 2,5% do arcabouço é sagrado, podemos concluir que cortes de despesas estão descartados e que, no fim, esse percentual será, sim, alterado. Eu nunca tratei do marco fiscal desde que ele foi aprovado. Para mim, aquilo ali [os 2,5% de limite de crescimento de despesas] é o que tem que ser.

Podemos concluir então que pode haver cortes de despesas. Veja bem: amanhã tem outra eleição, outro presidente, as condições econômicas melhoraram, conseguimos arrumar as contas? Então esses parâmetros podem ser revistos.

Eu sempre disse isso.

Mas, hoje, acredito que eles devem ser mantidos, até que consigamos demonstrar que estamos em uma trajetória consistente [de ajuste fiscal e redução da dívida pública].









O senhor preferiria então, se necessário, defender cortes a alterar esses 2,5%? Se necessário, sim.

Por outro lado, se cortes forem necessários, o senhor não vai acabar botando a conta em cima dos mais fracos novamente? Qual é a saída? Não. Tem várias formas de cortar [despesas]. Supersalários, por exemplo, tem que cortar. O Proagro [programa voltado para agricultores] gastava R$ 1 bilhão e passou para R$ 10 bilhões. Tem alguma coisa errada.

A Fazenda está cuidando dos gastos tributários. O [Ministério do] Planejamento está cuidando dos gastos primários.

Que outras medidas estão sendo pensadas para, diante das previsíveis dificuldades, alcançar de fato as metas propostas? Não posso te antecipar. São medidas ainda em estudo. O Ministério da Fazenda enfrenta rounds. Cada seis meses é um round. No ano passado ganhamos o primeiro e o segundo rounds. Estamos agora no terceiro round, no Legislativo e no Judiciário. Se a gente for ganhando, avançando, vai ser sempre por pontos. Não vai ter um nocaute.

Lula tem já um ano e quatro meses na Presidência, sob o slogan oficial "União e Reconstrução", o que diz algo sobre o presente, mas não aponta para o futuro. Para onde caminha o governo Lula? Ou sua missão, como disse o ex-presidente do Uruguai José Mujica a Gabriel Boric quando ele foi eleito presidente do Chile, é apenas a de segurar o barranco para ele não despencar? O que é pouco, apesar de exigir um grande esforço? O presidente Lula está reconstruindo muita coisa que estava em decomposição. Há um esforço de reorganização do Estado e de políticas públicas que é notável. O Ministério do Meio Ambiente estava liquidado, o da Saúde era negacionista, a Ciência e Tecnologia vivia um descalabro.

Há também as instituições. Eu não quero viver em uma ditadura.

Talvez tudo isso que estamos fazendo não apareça em um primeiro momento. Mas não é pouco.

Não houve propriamente um governo Bolsonaro que nos antecedeu. Ele terceirizou para o Legislativo e não governou.

A reforma da Previdência foi feita à revelia dele. Falavam coisas fantasiosas, que ela geraria uma economia de R$ 1 trilhão. Que mais R$ 1 trilhão seria arrecadado em privatizações. Que haveria ajuste fiscal no primeiro ano de governo.

E o que aconteceu? Nada. O déficit em 2020 foi de quase R$ 1 trilhão.

Agora, conversávamos muito sobre bobagens. Vacina versus jacaré. Imposto do jet-ski.

Eu estou discutindo uma reforma tributária depois de 40 anos [de expectativas].

Qual é o termo de comparação? Pelo amor de Deus.

O governo tem problema de comunicação, como se repete, ou político e de coordenação? Eu concordo com os críticos que dizem que nós ainda estamos muito analógicos nas redes sociais. O combate às fake news é um problema ainda para nós.

Eu às vezes recebo relatório de [publicações em] redes. O grau de desinformação é muito grande.

O Lula não viveu isso nos oito anos de seus governos anteriores. Ele próprio fala: "Nós não temos engajamento? Mas como é que é isso?".

[Explicam ao presidente] "É que isso é patrocinado, tem dinheiro de fora, tem dinheiro daqui, tem dinheiro de lá".

O mundo inteiro está enfrentando esse fenômeno.

E o governo está perdido, sem saber como lidar com isso? Nós queremos uma saída democrática para o problema. Não queremos uma saída autoritária. Tem países que adotam saídas autoritárias. Proíbe [o funcionamento das plataformas] e acabou.

Nós queremos proteger o indivíduo de uma avalanche de desinformação que ofende a sua reputação e contra a qual ele não tem proteção.

Nós temos também que calibrar melhor a nossa comunicação, os nossos discursos. Precisamos aprender a lidar com essa ascensão da extrema direita.

Será um ciclo longo, um inverno longo. A extrema direita não é episódica. Ela pode até durar pouco no curso da história. Mas à custa de muita destruição às vezes.

A Segunda Guerra Mundial é fruto da ascensão da extrema direita. E foram 60 milhões de vidas perdidas.

E qual é a dificuldade para fazer esse enfrentamento? Quando você tem um partido de centro-esquerda de um lado e um de centro-direita de outro, há paridade de armas.

Com a extrema direita, não há paridade. Essa que é a verdade. Não tem proteção. Ela usa ferramentas que não são da nossa cultura.

O senhor convive intensamente com o presidente há 20 anos. Qual é a diferença entre o Lula de 2002 e o de 2024? Ele está menos entusiasmado, com menos paciência para conversar? No começo deste governo, eu o sentia mais ansioso por entregas. Porque uma coisa é um jovem de 50 e poucos anos que chega pela primeira vez à Presidência. Outra coisa é um senhor que já viveu tudo o que ele viveu.

Não vai ser fácil arrumar tudo o que precisa ser arrumado [no país]. Dá trabalho mesmo, vai levar tempo.

Mas penso que essa ansiedade dele foi refluindo ao longo dos meses. E Lula hoje está mais na vibração dos governos anteriores do que estava no começo.

Outra coisa que eu sentia, e que não vejo mais, é que ele tinha uma certa mágoa, sabe? Dos amigos que sumiram no momento difícil. Mas isso também foi se diluindo. Ele foi reconectando, voltando a conversar com as pessoas.

Às vezes as pessoas exigem do Lula uma coisa que ninguém está disposto a oferecer por si próprio, entendeu? Uma inumanidade, como se ele fosse... ele é um ser humano. Ele sofreu, passou agruras e enfrentou desafios que pouca gente teria condições de superar.

Pô, o cara é um gigante. Passou o que passou, disputou e ganhou a eleição, naquele aperto, fez a transição.

E a questão de ele não dialogar mais com tanta gente com a mesma frequência? Lula está mais fechado, mais caseiro, também por causa de sua nova fase pessoal, de recém-casado? Sinceramente, eu acredito que não. E eu acredito piamente que a Janja faz bem para o Lula, quer o bem do Lula, quer participar, como qualquer pessoa no lugar dela gostaria [de participar]. Respeita o trabalho dos ministros. Os dois estão sempre juntos, bem. É um clima bom.

O governo Lula, afinal, é de centro ou de centro-direita, como disse o ex-ministro José Dirceu? O PT é um partido de centro-esquerda, não tem dúvida. Mas fez em 2022 uma aliança com a direita para ganhar a eleição e governar. Então eu diria que ele está no ponto médio entre essas duas forças.

É uma coalizão para evitar o mal maior. Enquanto a extrema direita estiver com essa força e com esses instrumentos de ataque, essa aliança será uma proteção para o país. Isso ocorre também em Portugal, na Espanha, mundo afora.

A repolarização em torno de perspectivas mais saudáveis e democráticas exigirá, antes, o refluxo da extrema direita no Brasil e no mundo.

E eu lamento dizer que considero o Bolsonaro uma boa tradução do que muita gente pensa no Brasil. Eu lamento porque me choca que isso [organização da extrema direita] tenha se dado em torno dessa figura que tem uma mentalidade muito arcaica, quase medieval.

O fenômeno é mundial, mas aqui tem essa idiossincrasia. Eu lamento. Porque até a extrema direita no mundo come de garfo e faca às vezes.

Lula tem sido aconselhado a falar mais com o segmento evangélico para recuperar terreno nesse público. Como isso vai acontecer? O Estado laico está perdendo terreno no mundo inteiro para o uso malicioso da religião no embate político. A separação clássica e recomendável da teoria democrática, de não se usar a religião em proveito próprio, está se perdendo. É um elemento que faz diferença.

Foi o Lula que sancionou a Lei da Liberdade Religiosa. Ele recebe [líderes religiosos], eu recebo.

O presidente é um homem religioso. Mas tem uma cultura democrática. Ele não bota a religião no palanque. Ele acha de mau gosto, e péssimo do ponto de vista político, usar isso em proveito próprio.

Essa família que governou o país [Bolsonaro], pelo amor de Deus, né? Está muito longe de qualquer valor religioso. E, no entanto, usam a torto e a direito esse tipo de coisa.

Esperar que o Lula também faça isso? Ele não vai fazer.

O Lula é um produto da modernidade. Estamos falando de um combate a forças obscurantistas, e o Lula não vai entrar nessa.

+

Críticas são injustas e desnecessárias, responde Pacheco

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), disse que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, fez críticas desnecessárias e injustas ao Congresso na entrevista à **Folha** e que responsabilidade fiscal não significa aderir às ideias do governo. Segundo Pacheco, "o progresso se assenta na geração de riquezas, tecnologia, crédito, oportunidades e empregos, não na oneração do empresariado, da produção e da mão de obra". "Uma coisa é ter responsabilidade fiscal, outra bem diferente é exigir do Parlamento adesão integral ao que pensa o Executivo sobre o desenvolvimento do Brasil", disse o senador, por meio de nota enviada à imprensa neste sábado (27). O político mineiro acrescenta que, do ponto de vista das despesas, a aprovação de medidas como o teto de gastos, a reforma da Previdência e de marcos legislativos, como o do saneamento básico, são obras do Congresso. "Sem contar a pauta de 2023 que cumprimos em favor de uma arrecadação recorde do Estado brasileiro. Portanto, a admoestação do ministro Haddad, por quem tenho respeito, é desnecessária, para não dizer injusta com o Congresso", concluiu o presidente do Senado.

Haddad lê historiador alemão após bronca de Lula

Intelectual do pós-Guerra morto em 2006 é considerado um dos expoentes da história dos conceitos

Douglas Gavras

SÃO PAULO Na semana passada, durante um evento no Palácio do Planalto, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, deveria conversar mais com congressistas em vez de ler um livro.

Contornando a bronca, Haddad disse que continuará lendo, e seu atual livro de cabeceira, "Estratos do Tempo", compõe parte da obra publicada no Brasil do alemão Reinhart Koselleck.

O livro reúne diferentes textos de ensaios e apresentações produzidos ao longo de sua carreira, e nele o historiador lança mão de uma metáfora da geologia para refletir sobre as divisões do tempo que formam a experiência humana.

"Situo-me no campo das metáforas: a expressão estratos do tempo remete a formações geológicas que remontam a tempos e profundidades diferentes, que se transformaram e se diferenciaram umas das outras em velocidades distintas no decurso da chamada história geológica", escreve.

Esse conceito, quando transportado para a história humana, política ou social possibilita, na visão do autor alemão, separar os diversos planos temporais em que os acontecimentos se desenrolam.

"Koselleck argumenta que apenas a partir da constatação da complexidade e da multiplicidade da experiência temporal, através de sua percepção em estratos, e de suas características, o processo histórico pode ser compreendido", analisou o historiador Thiago Reisdorfer, em uma resenha publicada em 2016 pela revista Diálogos, da UEM (Universidade Estadual de Maringá).

O autor alemão foi um intelectual do pós-Guerra, sendo considerado um expoente da chamada história dos conceitos e tendo dedicado seus estudos, em especial, aos séculos 18 e 19.

"Koselleck denomina história dos conceitos o procedimento que permite apreender o complexo processo de ressignificações de alguns conceitos ao longo do tempo", descreve um artigo de 2007, da professora Tereza Kirschner, da UnB (Universidade de Brasília).

Ele propõe uma reflexão sobre a temporalidade, com críticas à visão de progresso.

Autor de "History in the Plural", em que analisa a obra de Koselleck, Niklas Olsen avalia que ele "ofereceu algo como uma caixa de ferramentas de suposições compatíveis do que é a escrita histórica e o que é feito com ela".

Nascido em Gorlitz, em 1923, ele foi professor nas universidades de Bochum, Heidelberg e Bielefeld.

O historiador também participou de "Geschichtliche Grundbegriffe", dicionário histórico dos conceitos político-sociais fundamentais da língua alemã, uma obra publicada em nove volumes, entre 1972 e 1997.

O objetivo dos autores era discutir "a dissolução do mundo antigo e o surgimento do moderno por meio de sua apreensão conceitual".

Além de "Estratos do Tempo", a editora Contraponto também publicou no Brasil "Crítica e Crise" (1999), "Futuro Passado" (2006) e "Histórias de Conceitos: Estudos sobre a Semântica e a Pragmática da Linguagem Política e Social" (2021).

"Crítica e Crise", sua tese de doutorado, foi apresentada em seu país em 1954 e é uma espécie de porta de entrada para uma obra dedicada a investigar a teoria da história, a partir de uma visão filosófica do tempo.

Koselleck morreu em 2006 em Bad Oeynhausen, na Alemanha, aos 82 anos. Ele é tido por seus pares como um erudito historiador.



Estratos do Tempo: Estudos sobre História
Reinhart Koselleck. Editora Contraponto (352 págs.), R$ 102

BIASI leilões — **LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE**

1º Leilão: dia 06/05/2024 às 14h — 2º Leilão: dia 15/05/2024 às 14h

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP n° 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**), com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob n° 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, n° 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação e Outras Avenças de nº 10179998209, firmado em 15/12/2022, no qual figuram como Fiduciantes **CRISLAINE MARTINS SOBRINHO OLIVEIRA**, brasileira, do lar, portadora do RG nº 46.134.837-8-SSP/SP e inscrita no CPF-MF nº 373.085.228--06, casada com **ALEX ANTONIO DE OLIVEIRA**, brasileiro, funcionário público municipal, portador do RG nº 33.513.187-6-SSP/SP e inscrito no CPF nº 344.120.388-74, sob o regime da comunhão parcial de bens, na vigência da Lei nº 6.515/77, residentes e domiciliados em General Salgado/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 06 de maio de 2024, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 148.132,93 (Cento e quarenta e oito mil, cento e trinta e dois reais e noventa e três centavos)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário, constituído por **UM TERRENO URBANO, constituído pelo Lote 15, da Quadra C, do loteamento residencial "Parque das Palmeiras", com área de 200,00 m², com a seguinte descrição: com frente para a Rua Projetada A (atual Rua João Pedro Serafim), medindo 10,00m de frente, para a mencionada via pública; 20,00m do lado direito de quem da Rua olha para o terreno, na divisa com o lote 14; 10,00m nos fundos, na divisa com a CDHU SP, do lado esquerdo no mesmo sentido na divisa com o lote 16. Foi edificada uma CONSTRUÇÃO RESIDENCIAL, com área de 123,00 m². Matrícula nº 7.377 Registro de Imóveis da Comarca de General Salgado/SP**. Obs: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 15 de maio de 2024, às 14:00 horas**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 74.684,73 (Setenta e quatro mil, seiscentos e oitenta e quatro reais e setenta e três centavos).** Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.biasileiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.biasileiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.biasileiloes.com.br, e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto n° 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto n° 22.427 de 1° de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — **LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE**

1º Leilão: dia 08/05/2024 às 14h — 2º Leilão: dia 17/05/2024 às 14h

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP n° 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**), com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob n° 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, n° 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação e Outras Avenças de nº 10161327706, firmado em 19/07/2021, no qual figuram como Fiduciantes na proporção de 50% cada um, **RAMON HENRIQUE MONTALVÃO SILVA**, RG nº 54.809.704-5-SSP-SP, CPF nº 459940.158-73, brasileiro, prenseiro, solteiro, maior, e **ARIANY CRISTINA SILVA**, RG nº 55.828.300-7-SSP-SP, CPF nº 447.625.158-76, brasileira, ecommerce master 1, solteira, maior, residentes e domiciliados em Franca/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line,** nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 08 de maio de 2024, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 186.375,85 (Cento e oitenta e seis mil, trezentos e setenta e cinco reais e oitenta e cinco centavos)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário, constituído por um **APARTAMENTO nº 02, localizado no pavimento térreo, do "CONDOMINIO RESIDENCIAL PRIMOM", situado nesta cidade de Franca -SP, com frente para a Rua Vitório Ferraro nº 681, edificado sobre um terreno com a área de 220,00 m², identificado com o lote nº 03 da quadra nº 05, do loteamento PROLONGAMENTO DO PARQUE DAS ESMERALDAS, encerrando a área útil privativa de 70,2100 m², área comum de 7,6550 m², perfazendo uma área total construída de 77,8650 m², uma área privativa livre não construída, localizada do lado direito do próprio apartamento com 6,7750 m² e mais uma área livre comum não construída designada área de circulação de pedestre e direito de uso indeterminado de uma vaga de garagem no estacionamento coletivo descoberto para utilização de 01 veículo tipo passeio de pequeno porte, localizada no pavimento térreo, com 11,6125 m², totalizando 96,2525 m². Matrícula nº 86.310 2º oficial de Registro de Imóveis da Comarca de Franca/SP.** Obs: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 17 de maio de 2024, às 14:00 horas**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 167.017,19 (Cento e sessenta e sete mil, dezessete reais e dezenove centavos).** Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.biasileiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.biasileiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.biasileiloes.com.br, e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto n° 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto n° 22.427 de 1° de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — **LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE**

1º Leilão: dia 08/05/2024 às 14h — 2º Leilão: dia 17/05/2024 às 14h

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP n° 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**), com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob n° 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, n° 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação e Outras Avenças de nº 10150748300, firmado em 16/09/2020, no qual figuram como Fiduciantes **EDER APARECIDO FERNANDES**, brasileiro, solteiro, maior, líder ferramenteira, portador da carteira de identidade RG nº 20.620.621-5-SSP/SP, inscrito no CPF/MF sob nº 161.492.798-71, e **LETICIA LOPES MONTEIRO**, brasileira, solteira, maior, comerciante, portadora da carteira de identidade RG nº 54.252.216-0-SSP/SP, inscrita no CPF/MF sob nº 100.013.004-58, residentes e domiciliados em Santo André/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 08 de maio de 2024, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.284.713,18 (Um milhão, duzentos e oitenta e quatro mil, setecentos e treze reais e dezoito centavos)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário, constituído por **APARTAMENTO nº 42, localizado no 4º andar do "EDIFÍCIO AMARANTO", situado na Av. Dr. Erasmo, nº 383, contendo sala de estar e jantar com varanda, lavabo, sala de televisão, 03 dormitórios, sendo 01 deste suíte com varanda, local para vestir e banheiro privativos, e os outros dois do tipo comum, 01 banheiro completo, cozinha, lavanderia, dormitório e WC de empregada; possuindo o apartamento a área útil de 221,8400 m², área comum de 134,9475 m²)estando nesta incluída as áreas correspondentes a 01 vaga simples e 01 dupla de garagens e, 01 depósito, localizados no subsolo do edifício, com lugares certos e determinados, os quais obedecem a designação de grupo nº 09, perfazendo a unidade a área total construída de 356,7875 m², correspondendo-lhe uma fração ideal e nas demais coisas de uso comum do condomínio igual a 0,0625 ou 6,25%, ou ainda 94,2838 m² do todo do terreno descrito e caracterizado na matrícula nº 63.389. Matrícula 76.580 do 1º Oficial de Registro de Imóveis de Santo André/SP**. Obs: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 17 de maio de 2024, às 14:00 horas**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 764.308,02 (Setecentos e sessenta e quatro mil, trezentos e oito reais e dois centavos).** Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.biasileiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.biasileiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.biasileiloes.com.br, e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto n° 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto n° 22.427 de 1° de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 93/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO INTENSIVISTA ADULTO PARA O HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE BAURU (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 29/04/2024 às 14h do dia 03/05/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **MEDICINA**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **MEDICINA INTENSIVA, CLÍNICA MÉDICA, CIRURGIA GERAL, CIRURGIA CARDIOVASCULAR, INFECTOLOGIA, MEDICINA DE EMERGÊNCIA ou ANESTESIOLOGIA** credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) ou, ainda, Título de Especialista em **Medicina Intensiva, Clínica Médica, Cirurgia Geral, Cirurgia Cardiovascular, Infectologia, Medicina de Emergência ou Anestesiologia** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 24h/semanais.
Salário: **R$ 9.737,22**
(nove mil, setecentos e trinta e sete reais e vinte e dois centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO *ON LINE*
(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 08/05/2024 até as 17h do dia 09/05/2024 no site www.faepa.br
Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados o que consta do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

---

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 94/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO PARA A ÁREA DE NEUROLOGIA PEDIÁTRICA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE BAURU (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 29/04/2024 às 14h do dia 03/05/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **MEDICINA**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **NEUROLOGIA** ou **PEDIATRIA** emitido por entidade credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), ou Título de Especialista em **Neurologia** ou **Pediatria** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir
-Comprovação de treinamento especializado na área de **Neurologia Pediátrica** (Residência Médica, Complementação Especializada ou Fellowship) de, no mínimo, 1.920 (um mil, novecentos e vinte) horas; **OU**
-Certificado de atuação na área de **Neurologia Pediátrica** emitido pela Associação Médica Brasileira (AMB);
e) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 12h/semanais.
Salário: **R$ 4.868,62**
(quatro mil, oitocentos e sessenta e oito reais e sessenta e dois centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO *ON LINE*
(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 08/05/2024 até as 17h do dia 09/05/2024 no site www.faepa.br
Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados o que consta do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

---

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 95/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO PARA A ÁREA DE INFECTOLOGIA PEDIÁTRICA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE BAURU (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 29/04/2024 às 14h do dia 03/05/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **MEDICINA**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **INFECTOLOGIA** ou **PEDIATRIA** emitido por entidade credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), ou Título de Especialista em **Infectologia** ou **Pediatria** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir:
-Comprovação de treinamento especializado na área de **Infectologia Pediátrica** (Residência Médica, Complementação Especializada ou Fellowship) de, no mínimo, 1920 (um mil, novecentos e vinte) horas; **OU**
-Certificado de atuação na área de **Infectologia Pediátrica** emitido pela Associação Médica Brasileira (AMB);
e) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 12h/semanais.
Salário: **R$ 4.868,62**
(quatro mil, oitocentos e sessenta e oito reais e sessenta e dois centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO *ON LINE*
(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 08/05/2024 até as 17h do dia 09/05/2024 no site www.faepa.br
Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados o que consta do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

---

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 90/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO PARA A ÁREA DE HEMODINÂMICA E CARDIOLOGIA INTERVENCIONISTA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 29/04/2024 às 14h do dia 03/05/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **MEDICINA**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **CARDIOLOGIA** emitido por entidade credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), ou Título de Especialista em **Cardiologia** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Comprovação de treinamento especializado na área de **Hemodinâmica e Cardiologia Intervencionista** (Residência Médica, Complementação Especializada ou Fellowship) de, no mínimo, 1.920 (um mil, novecentos e vinte) horas;
e) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 24h/semanais.
Salário: **R$ 9.118,97 (nove mil, cento e dezoito reais e noventa e sete centavos)**

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

---

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 91/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO RADIOLOGISTA PARA SERRANA (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 29/04/2024 às 14h do dia 03/05/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **MEDICINA**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **RADIOLOGIA** emitido por instituição credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) ou, ainda, Título de Especialista em **Radiologia** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 12h/semanais.
Salário: **R$ 4.559,49**
(quatro mil, quinhentos e cinquenta e nove reais e quarenta e nove centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO *ON LINE*
(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 08/05/2024 até as 17h do dia 09/05/2024 no site www.faepa.br
Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados o que consta do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

---

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 92/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

FISIOTERAPEUTA PARA O HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE BAURU (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 29/04/2024 às 14h do dia 03/05/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação de **FISIOTERAPEUTA**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 30h/semanais.
Salário: **R$ 4,720,00 (quatro mil, setecentos e vinte reais)**

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

---

BIASI leilões — **LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE**

1º Leilão: dia 06/05/2024 às 14h — 2º Leilão: dia 15/05/2024 às 14h

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP n° 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**), com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob n° 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, n° 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação e Outras Avenças de nº 10177954808, firmado em 28/09/2022, no qual figuram como Fiduciantes **ESPÓLIO DE JOSÉ VALMI BRITO**, advogado, RG nº 22.783.078-7-SSP/SP, CPF/MF nº 120.320.478-70; **LILIANE DE MELO BRITO**, empresária, RG nº 45.576.922-9-SSP/SP, CPF/MF nº 381.645.488-71; inventariante **REBECA MATIAS BRITO**; **PERSONA LIFE GESTÃO PATRIMONIAL LTDA**, CNPJ/MF sob o nº 26.347.703/0001-84; **ONE LIFE GESTÃO PATRIMONIAL LTDA**, CNPJ/MF sob o nº 44.539.593/0001-34, residentes e domiciliados em Barueri/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 06 de maio de 2024, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 10.760.000,00 (Dez milhões, setecentos e sessenta mil reais)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário, constituído por **UM TERRENO URBANO, situado na Alameda Nice, constituído pelo lote 11, da quadra nº 28, do loteamento denominado "ALPHAVILLE RESIDENCIAL - ETAPA II", no Distrito e Município de Santana de Parnaíba, comarca de Barueri, deste Estado, medindo 28,85m de frente para a Alameda Nice; 40,00m da frente aos fundos, do lado direito, de quem da citada Alameda olha para o imóvel, confrontando com o lote nº 12; 42,02 do lado esquerdo, confrontando com o Sistema de Lazer; e, 16,00m nos fundos, confrontando com parte do lote nº 10; encerrando a área de 897,08 m². No terreno foi edificada uma CASA RESIDENCIAL, a qual recebeu o nº 199, com frente para a Alameda Nice, possuindo 771,39 m² de área total construída (sendo 735,39 m² para a residência, e 36,00 m² para a piscina). Gerência Regional, sob o R.P.I nº 7047.0001689-68. Matrícula nº 135.053 do Registro de Imóveis da Comarca de Barueri/SP**. Obs: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 15 de maio de 2024, às 14:00 horas**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 6.243.684,25 (Seis milhões, duzentos e quarenta e três mil, seiscentos e oitenta e quatro reais e vinte e cinco centavos).** Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.biasileiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.biasileiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.biasileiloes.com.br, e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto n° 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto n° 22.427 de 1° de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

O Brasil está descontado

Levando em conta os fundamentos do comércio exterior, câmbio está desvalorizado

Samuel Pessôa
Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

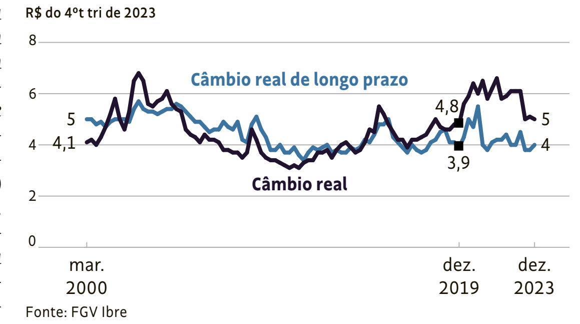
O câmbio representa o valor do país relativamente aos demais. Uma maneira de acompanhar como estamos é comparar o câmbio observado com o câmbio obtido a partir dos fundamentos de comércio internacional de longo prazo, que são aqueles dados pelos indicadores da competitividade externa da economia brasileira.

A linha roxa na figura acima é a cotação do real a preços do quarto trimestre de 2023. O indexador é a diferença da inflação entre o Brasil e a inflação média dos nossos parceiros comerciais. A média é ponderada, com os pesos dados pela participação de cada parceiro na corrente de comércio com o Brasil.

A linha azul é o resultado da correlação da linha roxa com duas variáveis que descrevem a competitividade da economia brasileira: os termos de troca (o preço médio da pauta exportadora relativamente ao da pauta importadora) e a produtividade do trabalho. Ambas as variáveis foram consideradas em relação à média dos parceiros comerciais. Novamente, a média é ponderada, com o peso de cada parceiro dado pela sua participação na corrente de comércio.

A linha azul é o câmbio dado pelos fundamentos do comércio internacional. Desvios entre a linha azul e a roxa se explicam por dinâmicas de curto e médio prazo, que precificam retorno financeiro, diferencial de juros, percepção de riscos etc.

Câmbio real x câmbio real de longo prazo
R$ do 4º tri de 2023



Fonte: FGV Ibre

Chama a atenção como o câmbio observado na média do quarto trimestre de 2023, R$ 5 por US$ 1, é 23% mais desvalorizado do que nossa estimativa do câmbio dado pelos fundamentos de comércio internacional, de R$ 4 por US$ 1. Esse desconto da economia brasileira ocorria antes da epidemia. No quarto trimestre de 2019, tínhamos R$ 4,8 por US$ 1, ante R$ 3,9 para a estimativa de câmbio de longo prazo. A desvalorização adicional ocorrida com a pandemia já refluiu.

Houve um longo período, de 2004 até o início de 2013, em que o câmbio observado —a linha roxa— correu abaixo, isto é, mais valorizado, do que a linha azul, indicando sobrevalorização do real. E, desde meados de 2016, ocorre o oposto: o câmbio observado é mais desvalorizado do que nossa estimativa de longo prazo.

A IFI (Instituição Fiscal Independente), órgão de assessoria do Senado de acompanhamento das contas públicas, divulga a série de superávit fiscal estrutural do governo central. Entre 1999 e 2012 inclusive, havia superávit primário estrutural. Isto é, o gasto não financeiro do Tesouro Nacional era estruturalmente inferior às receitas.

Em 2013, entramos em terreno deficitário. Houve crise econômica profunda, crise política e perdemos o grau de investimento em 2015. Nunca mais conseguimos construir uma posição superavitária estrutural (segundo a IFI, em 2021 e 2022 houve pequeno superávit primário estrutural, revertido em 2023).

O forte desconto dos ativos brasileiros, da ordem de 20%, deve-se, no meu entender, à nossa incapacidade de construir uma posição fiscal sólida. Pode ser por meio de mais receita de impostos ou por meio de corte de gastos, ou uma combinação de ambos. Mas, enquanto o Congresso Nacional, com a liderança da Presidência da República, não conseguir estruturar uma posição fiscal que garanta a solvência da dívida pública, será muito difícil criarmos as condições para um ciclo sustentável de crescimento econômico.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Bernardo Guimarães | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. André Roncaglia | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Temu nem estreou no país e já acumula downloads

Gigante chinês de marketplace passa Marisa e Zara; concorrência fica mais acirrada enquanto nacionais patinam

Daniele Madureira e Marcelo Pessini

SÃO PAULO Os estrangeiros estão dominando as vendas online no Brasil. Com a derrocada da Americanas, em recuperação judicial depois da fraude contábil de R$ 25 bilhões, os últimos meses têm sido de rearranjo no mapa do varejo.

Houve mudanças significativas em três grandes métricas que indicam o sucesso dos sites de compras: vendas brutas (GMV, na sigla em inglês), número de downloads do aplicativo e total de visitas à página (tráfego), segundo levantamento feito pela **Folha**.

A disputa ocorre no momento em que as vendas online das varejistas brasileiras estagnaram: alta de 0,7% em 2023 em comparação ao ano anterior, para R$ 286,5 bilhões, segundo cálculos da consultoria Varese Retail, com base em dados da NielsenIQ Ebit.

O mercado espera para breve a entrada da Temu no país. Chamado de "Amazon com esteroides", o marketplace chinês ultrapassou a Shein e a Amazon e desde maio do ano passado tem sido o aplicativo de compras mais baixado do mundo.

Antes mesmo de estrear no Brasil, a chinesa já passou à frente de outros varejistas consolidados no país: o app "Temu: compre como um bilionário" ocupa hoje o 65º lugar no ranking dos aplicativos de compras mais baixados, à frente da Marisa (66º), Mobly (68º), Zara (70º) e Pernambucanas (71º), de acordo com a ferramenta de pesquisas de mercado App Magic.

"Os dados já mostram esse interesse dos brasileiros em conhecer o novo marketplace", diz Erich Casagrande, líder de Marketing no Brasil da Semrush, plataforma de marketing digital.

A Temu pertence ao gigante chinês PDD Holdings, que em 2023 faturou US$ 34,8 bilhões (R$ 180 bilhões).

A disputa entre os marketplaces asiáticos se acirra. Nos últimos 12 meses, a singapurense Shopee ultrapassou a chinesa Shein em número de downloads, tornando-se o segundo aplicativo mais baixado do país, só atrás do argentino Mercado Livre, segundo o AppMagic.

Em abril do ano passado, a Shein estava liderando o número de downloads, mas perdeu o posto em novembro. Entre abril de 2022 e março de 2023, o tráfego da Shein no Brasil triplicou. Mas, nos 12 meses seguintes, houve uma queda de 20% nas visitas ao site, conforme levantamento da Semrush para a **Folha**.

Segundo Casagrande, a adesão em setembro ao programa do governo federal Remessa Conforme —que determinou Imposto de Importação de 60% para compras internacionais acima de US$ 50 (R$ 262) e 17% de ICMS— causou impacto nas vendas da Shein.

"Mesmo com a empresa absorvendo parte da alta dos custos, o consumidor sentiu a alta de preços", diz.

Procurada, a Shein não quis comentar, mas divulgou nota em que critica o possível aumento da alíquota de ICMS de 17% para 25%, que incide sobre as compras feitas nos sites que aderiram ao Remessa Conforme.

A medida estava sendo discutida pelos estados, mas a decisão foi adiada.

A Shein está em um processo de nacionalização das suas operações, com a meta de atingir 85% das suas vendas a partir de sellers (lojistas que vendem seus produtos no marketplace) locais até o final de 2026, com a contratação de 2.000 fábricas.

O Mercado Livre —que acaba de anunciar o aporte de R$ 23 bilhões no Brasil neste ano, onde também vai contratar 6.500 pessoas— continua como líder em vendas e retomou o primeiro lugar em downloads.

Mas em tráfego seu crescimento foi de apenas 1% entre março de 2023 e março deste ano, segundo a Semrush. No período, o indicador da Amazon avançou 3,2%, e o da Shopee, 26,3%.

Em 2023, o site brasileiro da americana Amazon, que estava em quinto lugar entre os maiores marketplaces do país, passou ao terceiro lugar, com vendas estimadas em R$ 25 bilhões, segundo a consultoria Varese Retail.

No dia 17, a Amazon divulgou pela primeira vez os seus investimentos no país desde que chegou, em 2011: R$ 33 bilhões, em infraestrutura e salários.

Já a Shopee passou à frente das brasileiras Casas Bahia e Americanas, para ocupar o quarto lugar em vendas online, segundo a Varese Retail.

"O nosso Dia do Consumidor, em 15 de março, ultrapassou em vendas a Black Friday", disse à **Folha** Felipe Piringer, diretor de Marketing e Estratégia da empresa no país.

O processo de "nacionalização" do gigante de Singapura já está mais adiantado que o da Shein: segundo a Shopee, 90% das suas vendas hoje são de sellers locais.

A empresa não abre investimentos ou receita, mas afirma ter um terço dos consumidores brasileiros logados em seu site ou aplicativo todo mês. A companhia acaba de inaugurar o seu 11º centro de distribuição (CD), na região metropolitana de Porto Alegre. Em hubs logísticos (que só fazem a separação da mercadoria) são 110 no Brasil até agora, com uma cobertura em 22 estados.

"Depois que a gente entra com uma operação logística com o nosso hub, conseguimos melhorar muito a experiência do consumidor, com uma entrega mais rápida, e a partir daí aumentar a demanda na região", diz Rafael Flores, diretor de Expansão e Malha Logística da Shopee Brasil.

As categorias de eletroeletrônicos e moda têm sido as mais buscadas da Shopee nos últimos meses. No caso do vestuário, é um indicativo do aumento da concorrência com a Shein, que ainda mantém o posto de aplicativo de moda mais baixado do país.

"Todo o mundo olha mais para moda, um segmento do comércio online no qual há mais chances de crescer, porque ainda é pouco explorado", diz Luiz Guanais, analista de consumo e varejo do BTG Pactual.

Também o líder Mercado Livre vem se movimentando nesta direção. Neste mês, lançou o curso "Você Vendeu", focado no segmento de moda, na tentativa de aumentar os resultados dos vendedores da plataforma.

Guanais, no entanto, lembra que a Shein, cujas vendas no país são estimadas em mais de R$ 15 bilhões, é um marketplace vertical, ou seja, especializado.

"Já concorrentes como Shopee e a Temu são mais generalistas", afirma Guanais, que destaca o poder de fogo da Temu, criada há menos de dois anos.

Eles têm recursos como compras em grupo e um forte time de influencers, os criadores de conteúdo. "São conhecidos por atingir principalmente consumidores mais jovens, com uma estratégia de preços baixos e ferramentas de gamificação, que podem ter efeito viciante", diz Guanais.

A Temu foi uma das principais anunciantes do Super Bowl, final da principal liga de futebol americano dos Estados Unidos. A **Folha** questionou a Temu sobre a sua chegada ao país, mas não obteve resposta.

A empresa já está fazendo um trabalho de captação de base, em busca de potenciais consumidores, diz Alberto Serrentino, sócio da consultoria Varese Retail.

A reportagem confirmou o envio de email de marketing a quem visita a versão em português da página, que já oferece a opção brasileira para tamanhos de sapatos e roupas, por exemplo, embora o envio para o Brasil ainda não aconteça.

Na América Latina, a Temu já opera no Chile, na Colômbia, no México, no Peru, na República Dominicana e no Uruguai.

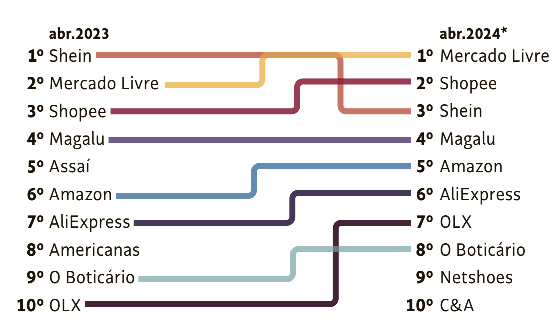
Segundo o banco Goldman Sachs, o comércio eletrônico deve crescer 15% no país neste ano, um avanço ante a alta de 7% no ano passado. Com isso, as vendas online vão representar 14% do varejo brasileiro.



Todo o mundo olha mais para moda, um segmento do comércio online no qual há mais chances de crescer, porque ainda é pouco explorado

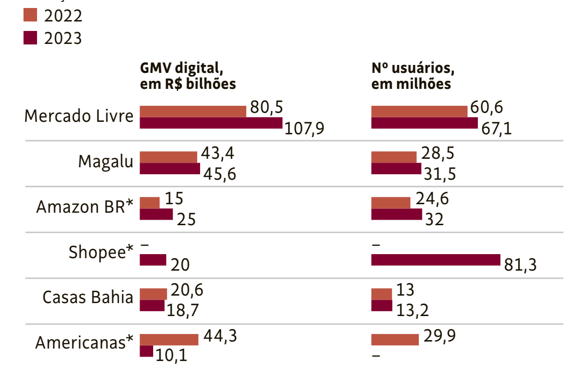
Luiz Guanais
analista de consumo e varejo do BTG Pactual

Ranking dos maiores aplicativos de compras do Brasil
Evolução da posição dos 10 primeiros colocados, em downloads



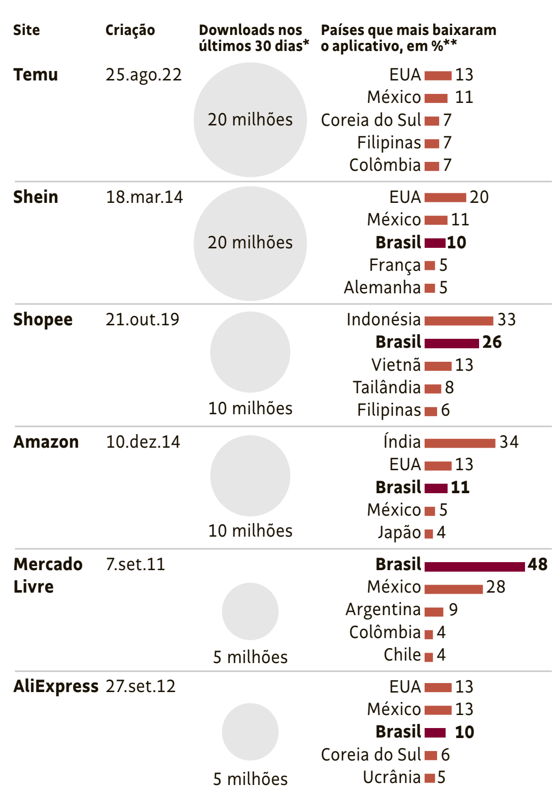
*Acumulado entre os dias 1º e 18

Os maiores varejistas online em faturamento
Evolução dos indicadores nos últimos dois anos
2022
2023



*Estimativas
**Número de usuários ativos mensais, em dezembro

Os maiores sites de compras estrangeiros



* Downloads nos últimos 30 dias, a contar de 18.abr.2024
** Nos últimos 30 dias; % sobre o total de downloads baixados no período

Fontes: AppMagic e Varese Retail

INÊS249

Hotéis operam com energia limpa e renovável no Brasil

Migração proporciona economia na conta de luz e contribui para imagem

Flávia G. Pinho

SÃO PAULO Faz algum tempo que os hotéis brasileiros apostam na energia solar. No entanto, os pioneiros precisaram construir usinas próprias, já que somente grandes indústrias se enquadravam no chamado mercado livre de energia.

Hoje, o cenário é outro. Em setembro de 2022, outros consumidores de alta-tensão foram autorizados a cancelar seus contratos com as distribuidoras convencionais e escolher seus fornecedores. Em janeiro de 2024, a medida foi ampliada às pequenas e médias empresas.

Com a mudança mais recente, até pousadas vão poder optar pela migração, desde que elas não fiquem em áreas rurais e façam parte do grupo A (negócios que precisam de voltagem acima de 2,3 quilovolts).

Segundo Claudio Ribeiro, presidente da 2W Ecobank, uma das 400 empresas comercializadoras de energia em operação no país, a economia na conta de luz pode chegar a 40%. Mas essa não tem sido a única motivação dos hoteleiros.

"É possível escolher fontes de energia limpas e renováveis, como a eólica e a solar, uma decisão que as empresas podem usar em suas estratégias de marketing."

Em junho de 2023, a rede Iberostar Hotels & Resorts anunciou que 100% de energia consumida pelo Complexo Praia do Forte, na Bahia, já vinha de fontes eólica e solar, com origem comprovada pelo i-REC (Certificado de Energia Renovável). A iniciativa faz parte do compromisso global de tornar o grupo neutro em carbono até 2030.

No dia a dia, os hóspedes não sentem nenhuma diferença, por isso são informados da novidade por meio do site de reservas, de material informativo interno e de atividades recreativas dirigidas a crianças e adultos.

Segundo Camila Paulini, gerente de sustentabilidade da Iberostar, saber que o hotel colabora para a preservação do planeta contribui positivamente para a imagem da marca.

Ísis Batista, gerente de ESG do Grupo Tauá, faz coro. Desde 2022, 100% da energia consumida pelos hotéis do grupo é proveniente de fontes limpas e renováveis. "Para aqueles que são conscientes, essas mudanças fazem diferença e influenciam sua experiência de hospedagem", diz.

Também há fontes fontes renováveis como biogás e biomassa.



Hotel e Vinícola Família Davo, em Ribeirão Branco, a 290 km de São Paulo Divulgação

Conheça hotéis que investem em fontes limpas

ACCOR IBIS SINOP (MT)
Com 114 quartos, o hotel de categoria econômica usa energia solar desde 2022
- **Tarifa:** diárias para quarto duplo a partir de R$ 329,90 (sem café da manhã)
- **Reservas:** all.accor.com/hotel/8644/index.pt-br.shtml

BOURBON CATARATAS DO IGUAÇU THERMAS ECO RESORT (PR)
Com 311 acomodações, a unidade terá metade de toda a energia consumida proveniente de fontes limpas e renováveis até 2026
- **Tarifa:** diárias a partir de R$ 535,50 por pessoa, com café da manhã
- **Reservas:** bourbon.com.br

COMPLEXO IBEROSTAR PRAIA DO FORTE (BA)
Desde 2023, 100% da energia consumida pelos dois hotéis do complexo é proveniente de energia limpa certificada
- **Tarifa:** diárias a partir de R$ 695 por pessoa no sistema all inclusive
- **Reservas:** iberostar.com/br/hoteis/praia-do-forte/iberostar-praia-do-forte

HOTEL FAZENDA MORROS VERDES ECOLODGE (SP)
Usina fotovoltaica própria, com 160 placas, foi inaugurada em 2014
- **Tarifa:** diárias para casal a partir de R$ 1.606, com pensão completa
- **Reservas:** fazendamorrosverdes.com.br

HOTEL VINÍCOLA DAVO (SP)
Ganhou a própria usina fotovoltaica em 2023
- **Tarifa:** diárias de casal a partir de R$ 1.950, com café da manhã, almoço, chá da tarde e degustação de três vinhos
- **Reservas:** hotelevinicoladavo.com.br

LE CANTON (RJ)
Em 2022, o complexo localizado em Teresópolis migrou para o mercado livre
- **Tarifa:** diárias para casal, com uma criança até 12 anos, a partir de R$ 750, com pensão completa
- **Reservas:** lecanton.com.br

RIO QUENTE RESORTS (GO)
Desde 2021, usina de energia fotovoltaica supre 25% do consumo do complexo
- **Tarifa:** diárias para casal a partir de R$ 2.867,10 (com café da manhã e jantar)
- **Reservas:** rioquente.com.br

ROSEWOOD (SP)
O hotel tem 100% da energia de fontes renováveis e limpas
- **Tarifa:** diárias para casal a partir de R$ 3.450, com café da manhã
- **Reservas:** rosewoodhotels.com/pt/sao-paulo

TAUÁ ATIBAIA (SP)
Resort consome 100% da energia oriunda de fontes limpas e renováveis
- **Tarifa:** diárias para casal a partir de R$ 1.737, com pensão completa
- **Reservas:** tauaresorts.com.br/atibaia

TORIBA (SP)
O antigo sistema de calefação e aquecimento de água, a gás, foi trocado pela biomassa
- **Tarifa:** diárias de casal a partir de R$ 1.380, com café da manhã
- **Reservas:** toribacamposdojordao.com.br

EstúdioFOLHA APRESENTA









Ciclista trafega na ciclovia da USP

Butantã: tranquilo e conectado

Marcos Santos/USP Imagens/Divulgação

Bairro que abriga a USP reúne as vantagens de ser residencial e contar com a conveniência dos serviços que estão em seu entorno

Este é um exemplar cortesia da Folha de S.Paulo – caderno especial Mercado Imobiliário. Distribuição autorizada pelo Artigo 26, parágrafo 2º da Lei 14.517/2007, com nova redação dada pela Lei nº 14.583/2007.
Projeto de Marketing realizado pelo Departamento Comercial da Folha de S.Paulo. Diagramação: Filipe Rocha. Jornalista responsável: Vaguinaldo Marinheiro.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Marcos Santos/USP Imagens

Bem-estar ao ar livre



Ciclovia da Cidade Universitária

Com praças, parques e diversas áreas arborizadas, Butantã é referência de qualidade de vida

Morar em uma região arborizada é sinônimo de qualidade de vida. Próximo a parques e ao lado da Cidade Universitária, então, melhor ainda. É o caso de quem mora no Butantã.

O bairro abriga o CEPEUSP, o centro de práticas esportivas da USP. Voltado para os estudantes e funcionários da universidade, ali é possível frequentar aulas de alongamento, de capoeira, de canoagem, de futebol, de hidroginástica e centenas de outras modalidades.

O Butantã tem também diversas praças e espaços para crianças brincarem, para adultos se exercitarem ou para um piquenique com a família no final de semana.

Um dos mais famosos da região, o parque do Instituto Butantan, possui uma área de 750 mil m², com uma extensa área verde e diversas árvores consideradas raras. O parque abriga prédios históricos, laboratórios de pesquisa e museus, além de um grande complexo industrial responsável pela produção de vacinas e soros. Dentro do parque os visitantes podem contemplar a natureza, com os remanescentes da fauna e da flora da mata atlântica, além de desfrutar de atividades recreativas e lazer com a família.

Também no bairro está o parque Luís Carlos Prestes, que conta com churrasqueira, quadras, playgrounds, comedouro de pássaros, entre outras instalações. O projeto paisagístico preservou a mata atlântica do local que atrai uma fauna particular, sendo um ótimo lugar para quem gosta de ver aves e borboletas.

O Butantã também está a cinco quilômetros do parque Villa Lobos e do parque do Povo. Ambos podem ser acessados pela ciclovia da marginal Pinheiros que, com 30 quilômetros de extensão, tem saída para a Cidade Universitária e é uma ótima rota para quem treina ou mesmo para quem apenas passeia de bicicleta.

Quem for para o Villa Lobos tem a opção de tomar um coco gelado, alugar uma bicicleta e visitar a biblioteca que traz programações culturais com atividades para todos os públicos.

Ao lado do estacionamento principal há também o parque Cândido Portinari, com uma ciclovia de 1.300 metros, uma pista de caminhada de 940 metros e uma nova pista de skate com obstáculos, além de quatro quadras esportivas, um mini campo de futebol e duas quadras de vôlei de areia.

No parque do Povo também é possível praticar diversos tipos de esporte, uma vez que conta com um campo de futebol, uma pista de ciclismo e de skate, uma área para caminhada, pistas de corrida e até um tabuleiro de xadrez em tamanho real. Também possui um Jardim Sensitivo com ervas aromáticas como coentro, mostarda, cheiro-verde e babosa, sendo uma boa opção para passear com crianças.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Ideias para decorar

Shutterstock

Casa nova, tudo novo: veja onde adquirir móveis e plantas para repaginar a sua casa dos sonhos

Comprar um apartamento ou mudar de imóvel sempre pede renovação. Seja trocar de móveis, ou pensar em um novo arranjo da casa, seja para se livrar de algumas coisas que não queremos mais. Às vezes comprar uma planta, ou até mesmo flores, já satisfaz a vontade de repaginar. É quase como adquirir uma tela em branco, em que iluminação, mobília, quadros e novos aparatos domésticos podem fazer toda a diferença.

Um dos melhores lugares para procurar, comparar preços e se jogar no design é a avenida Gabriel Monteiro da Silva. As lojas e showroom servem diferentes estilos, variedades e preços. Confira ao lado um roteiro de lojas e outros locais para decorar a sua nova casa:


Alameda Gabriel Monteiro da Silva

Alberto Rocha/Estúdio Folha

KOHLER

Com opções elegantes para banheiro e cozinha, a Kohler também é um Experience Center, um espaço conceito que conta com um SPA funcional para vivenciar o universo do banho.
Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 663; Tel:. (11) 3703-6040

LÍDER

Para design de alto padrão e design funcional, a Líder trabalha com móveis, colchões e sofás de alta qualidade com um belo toque de brasilidade. Faça um tour pela fábrica através do app de realidade aumentada.
Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 813; Tel:. (11) 2368-7371

FEIRA DE FLORES

Se a ideia for comprar plantas e flores, não há melhor lugar do que a Feira de Flores da Ceagesp, a Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo. Localizada na Vila Leopoldina e próxima ao Butantã, a feira é a maior do país e recebe entre 5 e 8 mil pessoas a cada dia em que opera. Aberta às segundas e quintas, das 22h30 da noite às 9h30 da manhã.
Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo R. Aroaba, 273; Tel:. 3834-0415

ORNARE

Luxo e competência artesanal: essa é a filosofia da Ornare, que desde 1986 produz armários e móveis de alto padrão para cozinha, sala de banho, home theater e closets. Localizada na Meca do design, é já tradição entre decoradores e designers.
Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 1101; Tel:. 3065-6622

LATTOOG

Com uma pegada mais moderninha, a Lattoog oferece uma experiência inovadora no que diz respeito ao design e à arquitetura. As peças funcionais têm um quê orgânico, uma estética harmônica com elementos próprios do Brasil.
Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 248; Tel:. (11) 3062-3542

EstúdioFOLHA APRESENTA

Mobilidade privilegiada

Região do Butantã fica em meio a vias importantes da cidade e ainda oferece transporte público para quem não quer andar de carro

Fibra/Divulgação



Viver nas maiores megalópoles do mundo tem muitas vantagens, mas também alguns desafios. Talvez o maior deles seja a mobilidade urbana: horas no trânsito, a hora do rush e a logística urbana são inimigos da locomoção.

É por isso uma vantagem morar em lugares como o Butantã, onde não só é possível acessar vias importantes de São Paulo, como se locomover através do transporte público e da malha cicloviária, chegando rapidamente a centros comerciais e universitários da cidade. Essa mobilidade privilegiada facilita a vida de estudantes que precisam chegar à USP, ao Mackenzie e à PUC.

Cercada pela marginal Pinheiros, pela avenida Rebouças, próxima à rua dos Pinheiros, e da avenida Faria Lima, a região também está a alguns quilômetros da avenida das Nações Unidas e da avenida Eusébio Matoso.

Perto de vias vicinais de São Paulo, conta ainda com as avenidas Vital Brasil, a Corifeu de Azevedo Marques, a Francisco Morato, além de ser do lado da marginal Pinheiros.

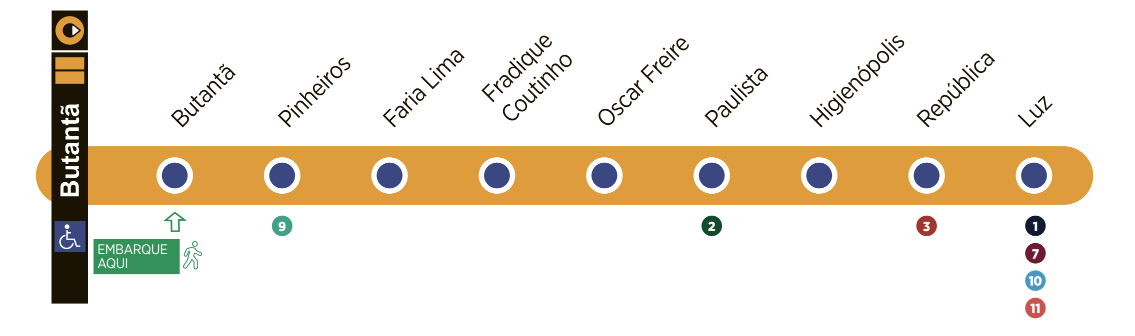
Morar no Butantã também é viver em uma área com grande oferta de transporte público. Duas estações da linha amarela do metrô percorrem a região, conectando o Morumbi com centros de compras a escritórios e startups que ficam em Pinheiros, na Faria Lima e na Vila Olímpia. A região da Faria Lima, principal centro financeiro do país, é o endereço das principais empresas de tecnologia e economia,como Google, Facebook e XP. A região reúne mais de 10 mil empresas e mais de 320 mil trabalhadores formais, segundo dados do Anuário Estatístico da USP.

O metrô também facilita o acesso para a região central e para a avenida Paulista.

Próximo também das estações de trem CPTM Cidade Universitária e Pinheiros, quem mora no bairro consegue acessar outras zonas da cidade andando somente sobre trilhos.

BUTANTÃ CONECTADO

Ligação com os principais centros de compras e negócios



Corredores de ônibus não faltam, e conectam o Butantã a diversas regiões dentro e fora de São Paulo, possibilitando uma locomoção ágil e muitas vezes pontual. Por abrigar a Cidade Universitária, o bairro é servido por diversas linhas de transporte público, uma vez que é casa para uma média de 30 mil alunos que frequentam os seus cursos.

A topografia da região e a malha cicloviária facilitam para quem prefere optar pelo transporte alternativo. A alguns quilômetros da ciclovia da marginal Pinheiros, o ciclista que morar no Butantã tem o privilégio de estar próximo de seus 30 quilômetros de extensão, podendo chegar a lugares como a Berrini, um dos centros financeiros mais importantes do país, com segurança.

Dentro do bairro também não faltam opções, sendo possível praticar um deslocamento intermodal, usando as ciclovias para chegar às estações de trem ou metrô e vice-versa.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Para todos os gostos

Confira o melhor que o bairro do Butantã e seus vizinhos, Pinheiros e Vila Madalena, podem oferecer para um bom passeio no fim de semana

Não há nada melhor do que morar em um bairro residencial que oferece serviços, bares e restaurantes. Poder sentar na calçada, tomar uma cerveja gelada, ou passear com a família em um domingo no bairro e nos arredores é um privilégio. Não importa a ocasião, o Butantã oferece opções variadas para quem quer comer fora, tomar um drink ou então um sorvete em um domingo de sol. Além disso, é cercado pelos bairros da Vila Madalena e de Pinheiros, também conhecidos pela vasta opção gastronômica e de lazer. Confira, abaixo, um roteiro para a família, um date, ou um almoço despretensioso no fim de semana.

Bar Vizin/Divulgação



BAR VIZIN

Cadeirinhas de praia na calçada e ambiente descontraído para quem quer tomar uma cerveja gelada no Butantã: esse é o Bar Vizin, um boteco pet friendly e agradável para curtir um happy hour a preços acessíveis. O bar também serve porções, burgers e kebabs, além de coquetéis, vinhos e docinhos. **Av. Corifeu de Azevedo Marques, 1401l; tel.: (11) 94538-0035**

MANEQUINHO

Mandioca, costela, chuleta e salmão grelhado são atrativos do cardápio do Manequinho, um restaurante despretensioso que reúne jovens e famílias no Butantã. O ambiente é descontraído e o beirute é implacável. **Av. Corifeu de Azevedo Marques, 1790; tel.: (11) 3805-0036**

MERCADO MUNICIPAL DE PINHEIROS

Localizado no Largo de Pinheiros, o Mercado Municipal oferece imensa variedade de restaurantes, do ceviche peruano à pizzaria passando pelo famoso e tradicional Mocotó, de comida sertaneja. O espaço tem vasta seleção de hortifrúti e outras lojas como o Instituto Atá, projeto do chef Alex Atala. Vale conferir. **R. Pedro Cristi, 89; tel.: 3032-3551**



Alberto Rocha/Divulgação

LE JAZZ BRASSERIE

Comida de bistrô com ambiente parisiense: perfeito para um encontro a dois. A franquia em Pinheiros oferece o tradicional cardápio francês e coquetéis clássicos ou da casa. Conta também com uma carta de vinhos elegante e extensa. **Tel.: R. dos Pinheiros, 254; tel.: (11) 2359-8141**

BOTANIKAFÉ

A casa tem um menu de brunch que é servido o dia inteiro. Entre os itens de café da manhã, destacam-se as torradas (como a que leva mix de cogumelos e queijo de ovelha sobre uma fatia de pão levain) e os bowls (caso do de pitaia com banana). Além de cafés, a seção de bebidas conta com drinques e sucos, como o Vitamina C, com laranja, cenoura e acerola. **Av. Magalhães de Castro, 286; Tel.: 93431-5660**

DAPÁVIRADA

Com mais de 10 lojas no estado de São Paulo, a DaPáVirada começou no Butantã com sorvetes 100% artesanais e hoje conta com mais de 200 sabores. A sorveteria ainda tem serviço delivery para quem não quer sair de casa. **R. Antônio Mariani, 240; tel.: (11) 2157-8800**

Botanikafé/Divulgação







APRESENTAM

Fotos Fibra/Divulgação



Perspectiva Ilustrada do rooftop do Ári Butantã

Refúgio urbano

Empreendimento no Butantã une design moderno com espaço aconchegante

É muito difícil, ou quase impossível achar um apartamento com vista em São Paulo. O horizonte é permeado por prédios. É a quinta cidade do mundo com o maior número de edifícios. No Ári Butantã, no entanto, é diferente.

Com um rooftop de vista panorâmica e uma piscina de borda infinita, ele une o melhor dos mundos: arquitetura contemporânea com um visual de tirar o fôlego.

O início das obras marca esse passo importante para a concretização desse empreendimento que atenderá famílias que buscam conforto, mas também aqueles que prezam pela praticidade e comodidade de viver com tudo ao lado.

Um verdadeiro refúgio urbano, as áreas externas do Ári contam não só com o rooftop, mas também com sky bar com churrasqueira e a vista panorâmica.

Os apartamentos, com duas metragens, trazem amplitude, comodidade e sofisticação. É possível escolher entre a opção de 120 m² com três suítes, ou a de 80 m² com duas. As duas opções de planta dispõem de lavabo.

Com design moderno, e com possibilidade de integrar living, cozinha e varanda, os apartamentos têm arquitetura inovadora sem deixar de ser aconchegante. É ideal para quem preza por conforto e estética.

Localizado em uma rua tranquila e arborizada no Butantã, a Estevão Lopes, o Ári também alia sossego com conveniência. A 450 metros do metrô, a 1 quilômetro da USP, a 3 quilômetros do shopping Eldorado e a menos de 5 quilômetros do parque Villa Lobos, o empreendimento é a epítome da praticidade e de um lifestyle superior, com tudo ao redor: cultura, educação, gastronomia, compras, lazer e natureza.



Perspectiva Ilustrada do living decorado de 80 m²

As unidades do Ári serão entregues com vagas demarcadas, água quente nos banheiros e na cozinha, terraço nivelado com o living, ponto para previsão para ar-condicionado na sala, nas suítes e no terraço, ponto de churrasqueira a gás com bancada e cuba entregues nos terraços, amplos caixilhos e um ponto de tomada USB na sala e nas suítes.

As áreas comuns serão entregues decoradas e equipadas com ar-condicionado, além de carregador para carro elétrico. O empreendimento também trará uma piscina com raia de 25m no rooftop, além de gerador atendendo a iluminação das áreas comuns, bombas, acessos e um elevador por bloco.

O empreendimento também trará opções de studios de 25m² e 26m², com lazer no rooftop. Ideal para quem estuda na USP, centro de educação de referência, com mais de 30 mil alunos e reconhecida como a melhor universidade do país.

EstúdioFOLHA APRESENTA



Oásis
Parques na região convidam à diversão
Pág. 3



Tesouros
Museus e restaurantes encantam toda a família
Pág. 4





Vista aérea do parque Augusta

Eduardo Knapp/ Folhapress

Diversão
Confira dicas para receber os amigos em casa
Pág. 6



Onde São Paulo acontece

Além do Parque Augusta, avenida Paulista e região oferecem o que há de melhor na cidade: mobilidade, gastronomia, natureza, lazer, cultura e serviços de qualidade

Este é um exemplar cortesia da Folha de S.Paulo – caderno especial Mercado Imobiliário. Distribuição autorizada pelo Artigo 26, parágrafo 2º da Lei 14.517/2007, com nova redação dada pela Lei nº 14.583/2007.
Projeto de Marketing realizado pelo Departamento Comercial da Folha de S.Paulo. Diagramação: Filipe Rocha. Jornalista responsável: Vaguinaldo Marinheiro.

Onde tudo acontece



Edu Castello/Fibra/Divulgação

Região da Paulista reúne algumas das melhores atrações de cultura e lazer da cidade, além de oferecer mobilidade e ampla oferta de serviços

A região da cidade onde tudo acontece. Um pedaço da cidade de São Paulo com um pouco de tudo que a capital tem para oferecer.

A área que compreende os arredores da avenida Paulista é uma das mais valorizadas da metrópole e assiste à chegada de diversos empreendimentos imobiliários abrindo espaço para pessoas que desejam morar perto de tudo e aproveitar toda a oferta de serviços, cultura e lazer da região.

MOBILIDADE

Essa área delimitada pelas avenidas Paulista e Nove de Julho e pela rua da Consolação permite acesso fácil e com comodidade a diversas regiões da metrópole.

Além das vias para carros, a região engloba várias estações de metrô como Trianon-Masp e Consolação (linha 2-verde), Paulista e Higienópolis-Mackenzie (linha 4-amarela) e a futura 14 Bis (linha 6-laranja).

Outras boas alternativas de transporte público são os corredores de ônibus das avenidas Rebouças e Nove de Julho.

Já os ciclistas podem pedalar com tranquilidade pelas ciclovias e ciclofaixas das avenidas Paulista e Rebouças e da rua da Consolação.

COMPRAS

A região dos Jardins é notória pela ampla oferta de lojas. De acessórios e roupas a móveis e peças de decoração, é possível encontrar os mais diversos produtos em suas ruas e avenidas. Nas últimas décadas, os shoppings também ganharam espaço de destaque. Novos centros comerciais surgiram, e os mais tradicionais passaram por renovações.

Entre as principais opções estão os shoppings Frei Caneca (147 lojas), Center 3 (mais de 100 lojas), Cidade São Paulo (160 lojas) e Higienópolis (245 lojas), que oferecem ótimo mix de produtos, salas de cinema e alimentação, entre outras atrações.

Próximo à avenida Paulista, em um terreno de cerca de 30 mil metros quadrados, o complexo Cidade Matarazzo reúne dez edifícios preservados pelo Patrimônio Histórico que abrigam hotel de luxo, restaurantes e bares.

EDUCAÇÃO E SAÚDE

Alguns dos melhores hospitais da cidade têm unidades na região da Paulista e oferecem atendimento de qualidade aos pacientes.

O Sírio Libanês, por exemplo, conta com uma estrutura de alta tecnologia, atendimento de diversas especialidades e serviços de diagnóstico.

O Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, por sua vez, é o maior complexo hospitalar da América Latina, com 2.400 leitos e oito institutos especializados, sendo referência em atendimento público em saúde.

Outras instituições de qualidade na região são os hospitais Nove de Julho, Bela Vista, Pro Matre, Incor-Instituto do Coração, Beneficência Portuguesa e Santa Catarina.

A região também abriga instituições que são referência em ensino, como os campi das faculdades Fundação Getulio Vargas, Mackenzie e Faap.





EstúdioFOLHA APRESENTA



Alberto Rocha/Folhapress



Parque Trianon

Keiny Andrade/Folhapress



Shopping Frei Caneca

Leco Viana/TheNews2/Folhapress



Parque Augusta

REGIÃO COMPLETA

Atrações no entorno da rua Herculano de Freitas

COMPRAS

1. Shopping Frei Caneca
2. Shopping Center 3
3. Shopping Cidade São Paulo

MOBILIDADE

Ciclovias:

4. Rua da Consolação
5. Av. Paulista
6. Av. Rebouças

Vias:

7. Av. 9 de Julho
8. Rua Augusta
9. Av. Dr. Arnaldo

Metrôs:

10. Futura Estação 14 BIS
11. Estação Trianon-MASP
12. Estação Consolação
13. Estação Paulista

EDUCAÇÃO

14. FGV
15. Mackenzie
16. FAAP

LAZER E CULTURA

17. Conjunto Nacional
18. MASP
19. Cine Bela Artes
20. Instituto Moreira Salles

PARQUE

21. Parque Augusta
22. Parque Trianon

SAÚDE

23. Hospital Sírio Libanês
24. Hospital 9 de Julho
25. Hospital Municipal Bela Vista
26. Hospital das clínicas
27. Incor-Instituto do Coração

Natureza floresce em meio aos prédios

Os arredores da avenida Paulista têm como característica a presença de muitos prédios. São eles que marcam a paisagem.

Mas em meio ao concreto, São Paulo guarda alguns oásis. O mais novo deles nessa área da cidade é o parque Augusta.

Criado após mobilização da sociedade civil, esse espaço se tornou uma das principais opções de lazer para quem mora em seu entorno e uma nova atração para toda a cidade.

O parque de 23 mil m² é totalmente acessível e apresenta uma bela cobertura vegetal, caminhos, passeios e trilha para caminhada e corrida. Além disso, tem playground inclusivo para as crianças se divertirem, cachorródromo, equipamentos de ginástica, deck elevado para apresentações e eventos e slackline, entre outras atrações.

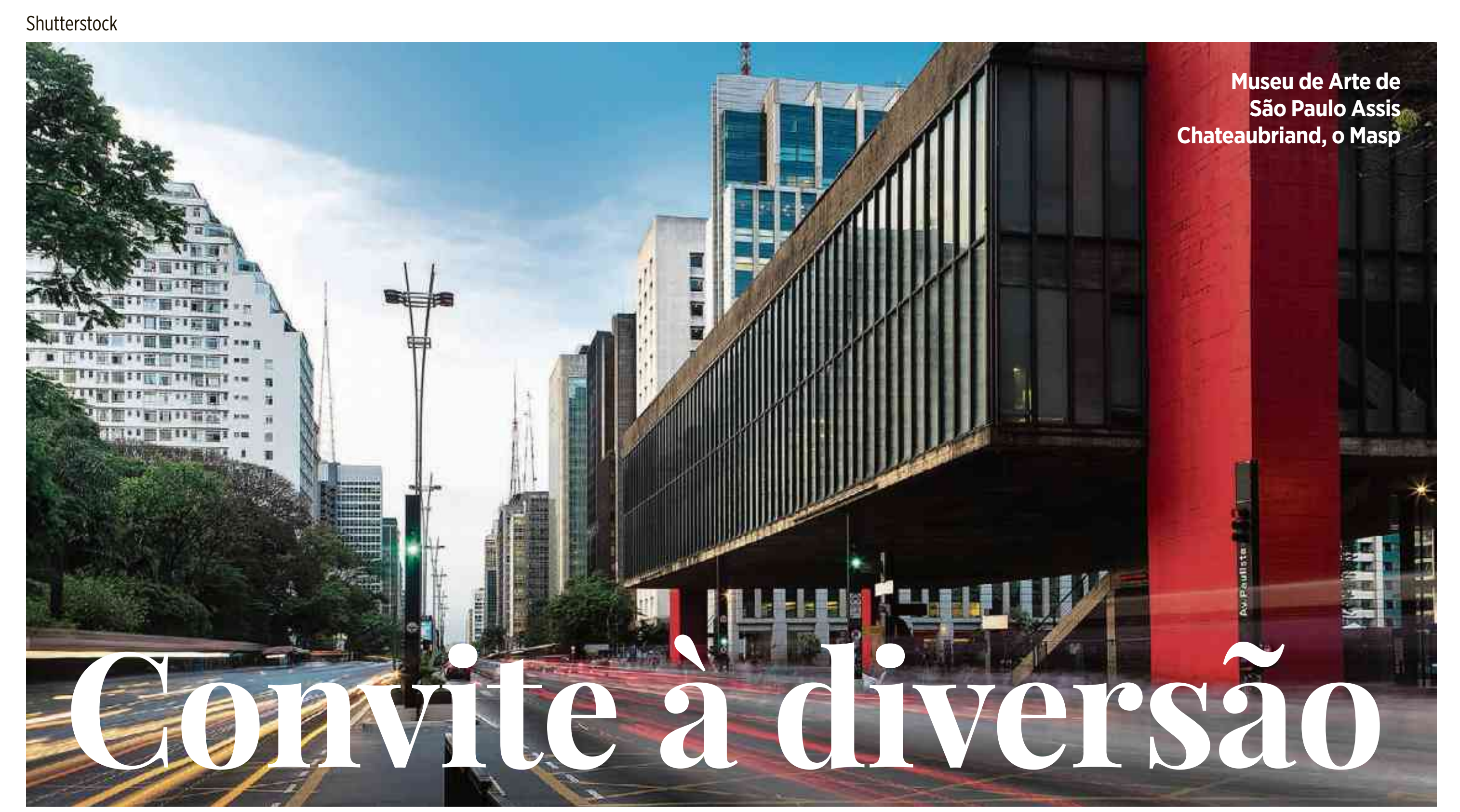
Outro parque da região é o Tenente Siqueira Campos, mais conhecido como Trianon, na avenida Paulista.

Esse ícone da cidade foi inaugurado em 1892. Ele tem 48,6 mil m² de área verde, com vasta vegetação composta por espécies da Mata Atlântica.

O parque também oferece playgrounds, aparelhos de ginástica, trilhas para caminhada e corrida. Outra atração são as esculturas, como o "Fauno", de Victor Brecheret, "Aretusa", de Francisco Leopoldo Silva, e uma obra em bronze e mármore de Luigi Brizzolara, representando Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Shutterstock



Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, o Masp

Convite à diversão

Região abriga algumas das melhores atrações culturais e de lazer da cidade, além de ótimos bares e restaurantes

A imagem icônica do projeto da arquiteta Lina Bo Bardi que mistura concreto e vidro e flutua sobre um vão livre percorre o mundo como símbolo de cultura há mais de cinco décadas.

O Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, o Masp, é um dos mais importantes do país. Seu projeto arquitetônico é emblemático, e o acervo guarda obras importantes da arte brasileira e mundial.

O Masp é uma das grandes atrações culturais e de lazer de São Paulo.

Na mesma avenida Paulista, o Conjunto Nacional apresenta diversas exposições e abriga uma das mais tradicionais salas de cinema do circuito de rua da capital.

A poucos metros dali está o Cine Belas Artes, outro símbolo de resistência das salas de rua.

Ainda na avenida Paulista, o belo edifício de vidro do Instituto Moreira Salles (IMS) é mais um endereço para quem gosta de assistir a bons filmes e exposições. No outro extremo da avenida, a Japan House celebra o Japão a partir de diferentes perspectivas. A instituição promove os mais diversos eventos e exposições gratuitos em áreas como arquitetura, tecnologia, gastronomia, moda e arte.

Tem também o Itaú Cultural, que realiza exposições, mostras de cinema, espetáculos de artes cênicas, atividades literárias, shows de música, programas educativos, cursos para professores, presenciais e a distância, entre outras iniciativas com foco no desenvolvimento da arte e da cultura brasileiras.

O Sesc Consolação, por sua vez, oferece shows musicais, espetáculos, exposições, filmes, workshops e aulas de esportes, entre outras atrações. Já o novo Sesc 14 Bis, na rua Plínio Barreto, se desenha como uma praça, um espaço para trocas, encontros e convivências.

Bakebun Bakery/Divulgação



Bakebun Bakery

Balaio/Divulgação





Balaio

GASTRONOMIA

Cultura atrelada à gastronomia. Nessa região da cidade, estão ótimas opções para quem busca boa comida, das mais elaboradas ao pãozinho quente do dia a dia.

Um dos destaques é o Baianeira, da chef Manuelle Ferraz. Em 2019, ela abriu a segunda unidade de seu consagrado restaurante no Masp.

A história da Baianeira começou com o pão de queijo de polvilho e queijo mineiros e hoje apresenta uma série de pratos que ressaltam sabores regionais como frango de rolo orgânico, picadinho de carne de panela, baião de dois e outros.

No Masp, durante o almoço, há também os pratos do dia, como estrogonofe, feijoada, parmegiana e moqueca de peixe. Todos os dias, há opções de pratos vegetarianos ou veganos.

No Instituto Moreira Salles, o chef Rodrigo Oliveira, do consagrado Mocotó, abriu o Balaio.

O cardápio guarda semelhanças com a casa mãe. Além de manter os dadinhos de tapioca no cardápio, o Balaio também é inclusivo e foca em comida saudável e natural, feita com produtos de excelência e rastreabilidade garantida.

O cardápio mistura culturas culinárias do país em pratos como arroz de linguiça bragantina e moqueca de caju.

Para um dia mais saboroso, a região da Paulista guarda tesouros como a Caritó Padaria Artesanal, com deliciosos pães italianos e focaccias, entre outros produtos.

Já a Bakebun Bakery é especializada em cinnamon roll, aqueles doces feitos de finas camadas de massa enroladas com camadas de canela, açúcar mascavo e manteiga. Os rolls ali ganham coberturas diversas como doce de leite, goiabada, Nutella, noz pecan, caramelo com flor de sal, paçoca e pistache, entre outras.

Do café da manhã, passando pelo almoço, o cafezinho da tarde, a happy hour até o jantar, a Bella Paulista é outra boa opção da região. O local é um exemplo típico das grandes padarias paulistanas, repleta de delícias.



LEN.COM.BR

FAÇA PARTE DA **ESSÊNCIA DA CIDADE** E VIVA TODAS AS **POSSIBILIDADES**

PISO INFERIOR



PISO SUPERIOR



As informações constantes do futuro memorial de incorporação e dos instrumentos de venda e compra prevalecerão. Os eletrônicos e os elementos de decoração não fazem parte do contrato de compra e venda da unidade. Equipamentos e utensílios são mera sugestão de decoração. Os móveis, os eletrodomésticos, os eletrônicos e os elementos de decoração não fazem parte do contrato de compra e venda da unidade. Louças, metais e revestimentos cerâmicos serão entregues conforme o memorial descritivo.

27 M² | STUDIOS

PÉ-DIREITO DE 3,70 M

DIFERENCIAIS

- PONTO DE ÁGUA QUENTE/FRIA NA PIA DA COZINHA, NO CHUVEIRO E NA PIA DO BANHEIRO
- PREVISÃO PARA INSTALAÇÃO DE AR-CONDICIONADO
- TERRAÇO TÉCNICO ISOLADO PARA AS CONDENSADORAS



RUA HERCULANO DE FREITAS, 185 - A POUCOS PASSOS DO **SHOPPING FREI CANECA**



11 **4306-3293**

VOGAPAULISTA.COM.BR

LANÇAMENTO



REALIZAÇÃO



A incorporação do empreendimento Voga Paulista foi registrada sob R.2 da matrícula 112650 do 13º oficial de registro de imóveis de São Paulo. Todas as imagens são ilustrativas e sujeitas a alterações. A vegetação que compõe o paisagismo retratado nas perspectivas é meramente ilustrativa e apresenta porte adulto de referência. Na entrega do empreendimento, essa vegetação poderá apresentar diferenças de tamanho e porte, mas estará de acordo com o projeto paisagístico do empreendimento. Lançamento: LPS São Paulo Consultoria de Imóveis Ltda. - Creci: 24073-J. FVENDAS CORRETAGEM LTDA. - ME - CRECI: 044852-J.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Shutterstock



Encontro

Receber amigos é uma ótima maneira de estreitar laços e se divertir; confira dica para organizar um evento inesquecível

Receber amigos é uma ótima forma de celebrar a amizade, estreitar laços, compartilhar momentos importantes e divertidos e relaxar. Estar atento aos detalhes e preparar uma bela recepção é uma forma de tornar o evento mais agradável e destacar sua importância.

Independentemente do tamanho do evento, alguns detalhes ajudam a facilitar a organização e assegurar uma recepção agradável.

1. FAÇA UMA LISTA
Manter as tarefas organizadas e à mão é uma ótima forma de assegurar o sucesso do evento e mais tranquilidade para prepará-lo. Anote tudo que precisa ser feito e comprado. Se possível, organize uma ordem para as tarefas serem cumpridas durante os dias que antecedem a chegada dos amigos.

2. CAPRICHE NA LIMPEZA
Deixar a casa organizada e limpa é essencial. Preste atenção nos banheiros e assegure que tenham ao menos papel higiênico, sabonete para as mãos e toalhas limpas. Toques como aromatizador, velas aromáticas, arranjos de flores e sabonetes bem cheirosos incrementam o ambiente. E uma cestinha com itens como fio dental, absorvente, álcool gel e outros itens dá um toque de gentileza. Dobre a atenção para isso se for receber amigos nas áreas de festas do condomínio.

3. ORGANIZE OS AMBIENTES
Pense nos ambientes que serão usados e organize os móveis de forma a facilitar a circulação. Coloque mesinhas ou bancos de apoio para bebidas ficarem próximas aos convidados.

4. CAPRICHE NA DECORAÇÃO
Um ambiente bem decorado gera uma ótima impressão. Flores são sempre bem-vindas e fáceis de dispor tanto em casa quanto no salão de festas. Flores como orquídeas, tulipas e rosas criam um clima mais tradicional e elegante. Girassóis, bromélias, flores do campo e margaridas funcionam para quem busca um estilo mais despojado e rústico. Velas também são uma boa alternativa para criar um clima de intimidade e incrementar a iluminação. Luminárias no chão, próximas ao sofá ou em mesas de centro, também são boa opção para criar diferentes pontos de luz.

5. O CARDÁPIO É ESSENCIAL
Primeiro é preciso decidir qual será o tipo da recepção: um papo descontraído, um jantar formal, churrasco etc.

Se o tom é informal, ter petiscos pode ser uma boa opção. Eles podem ficar na mesa principal ou espalhados por mesinhas e aparadores em diferentes ambientes. Se o evento for na hora do almoço ou jantar, é importante acrescentar também algo mais nutridor como uma salada caprichada, macarrão com acompanhamentos frios, ceviche e até sopas para serem servidas em bowls.

Um jantar tem de prever pelo menos uma entrada, prato principal e sobremesa. Se for um evento mais formal, é interessante pensar em um primeiro prato à base de carboidrato e um segundo com carne. Em geral o cálculo é de 200 gramas de proteína por pessoa, 150 gramas de carboidrato e 120 gramas de salada.

Deixe as bebidas à mão dos convidados. Escolha opções alcoólicas que combinem com o cardápio, além de sucos ou refrigerantes e água –águas saborizadas com frutas e especiarias também são uma boa opção.

Após a refeição, é simpático oferecer café e chá. Biscoitinhos ou pequenos doces darão um toque especial ao fim do evento.

EstúdioFOLHA  APRESENTAM

Fotos Fibra/Divulgação

Inovador

Lançamento Voga Paulista oferece moradias confortáveis, lazer completo e rooftop


Perspectiva ilustrada da fachada do Voga Paulista


Voga Family & Friends


Perspectiva ilustrada do coliving do Voga Paulista

Na rua Herculano de Freitas, no coração de São Paulo, um novo empreendimento chega para agregar qualidade de vida a quem quer estar perto de onde tudo acontece.

O Voga Paulista apresenta apartamentos para diferentes perfis de compradores, com ambientes confortáveis e lazer único.

São apartamentos de um, dois e três dormitórios, de 42m² a 85m², todos com suíte, além de studios.

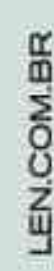
As unidades de 85m² e 64m² têm ambientes amplos e confortáveis, com terraço social e previsão de churrasqueira a gás no terraço, área de serviço separada da cozinha, previsão para instalação de ar-condicionado nos dormitórios e sala, ponto de água quente/fria nos chuveiros e nas pias dos banheiros (exceto lavabo), entre outros detalhes.

Os studios, com pé direito de 3,70m –que possibilita instalação de mezanino– terão áreas de lazer e comodidade próprias como fitness e piscina no primeiro pavimento, além de bicicletário.

As áreas comuns a todas as unidades incluem, no térreo, lavanderia, delivery room, mini market, podcast space e sala de projeção e espaço gourmet. E as unidades residenciais contam ainda com espaços como salão de festas, brinquedoteca, coworking, pet care, pet place, playground e churrasqueira.

Outras áreas de lazer estão no rooftop, a 76 metros do térreo. A piscina tem raia de 20m e deck molhado. Os moradores também podem usufruir de solarium, sala de massagem, fitness, salão de jogos e Voga Family & Friends –um espaço dedicado para o morador receber seus convidados.

O Voga está em uma localização privilegiada, a poucos passos do shopping Frei Caneca e a 3 minutos da avenida Paulista. Um empreendimento completo, perto de tudo.





PERSPECTIVA ILUSTRADA DO LIVING DO APARTAMENTO DECORADO DE 64 M²



FAÇA PARTE DA **ESSÊNCIA DA CIDADE** E VIVA TODAS AS **POSSIBILIDADES**

64 M² | 2 DORMS.

1 SUÍTE | 1 VAGA

DIFERENCIAIS

- PONTO DE ÁGUA QUENTE/FRIA NA PIA DA COZINHA, NOS CHUVEIROS E NAS PIAS DOS BANHEIROS
- PREVISÃO PARA CHURRASQUEIRA A GÁS NO TERRAÇO
- PREVISÃO PARA INSTALAÇÃO DE AR-CONDICIONADO NOS DORMITÓRIOS E NA SALA
- TERRAÇO TÉCNICO ISOLADO PARA AS CONDENSADORAS
- TERRAÇO NA SUÍTE



As informações constantes do futuro memorial de incorporação e dos instrumentos de venda e compra prevalecerão. Os eletrônicos e os elementos de decoração não fazem parte do contrato de compra e venda da unidade. Equipamentos e utensílios são mera sugestão de decoração. Os móveis, os eletrodomésticos, os eletrônicos e os elementos de decoração não fazem parte do contrato de compra e venda da unidade. Louças, metais e revestimentos cerâmicos serão entregues conforme o memorial descritivo.

VISITE OS DECORADOS: **RUA HERCULANO DE FREITAS, 185**

A POUCOS PASSOS DO **SHOPPING FREI CANECA**



11 **4306-3293**

VOGAPAULISTA.COM.BR

LANÇAMENTO



Lopes

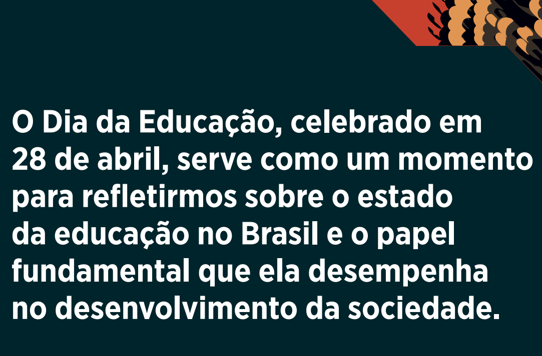
REALIZAÇÃO



A incorporação do empreendimento Voga Paulista foi registrada sob R.2 da matrícula 112650 do 13º oficial de registro de imóveis de São Paulo. Todas as imagens são ilustrativas e sujeitas a alterações. A vegetação que compõe o paisagismo retratado nas perspectivas é meramente ilustrativa e apresenta porte adulto de referência. Na entrega do empreendimento, essa vegetação poderá apresentar diferenças de tamanho e porte, mas estará de acordo com o projeto paisagístico do empreendimento. Lançamento: LPS São Paulo Consultoria de Imóveis Ltda. - Creci: 24073-J. FVENDAS CORRETAGEM LTDA. - ME - CRECI: 044852-J.



DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA O FUTURO



O Dia da Educação, celebrado em 28 de abril, serve como um momento para refletirmos sobre o estado da educação no Brasil e o papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento da sociedade.

Instituído em 2000, durante o Fórum Mundial de Educação, em Dacar, no Senegal, esse dia convida a reconhecer a educação como um direito básico e como a chave para a construção de um futuro mais próspero e justo para todos. A educação no Brasil enfrenta diversos desafios, como a falta de professores, a evasão escolar e a baixa qualidade do ensino. É preciso que o governo e a sociedade civil se unam para encontrar soluções para esses problemas.

Confira também neste caderno por que os vestibulares de inverno são uma boa opção para estudantes que buscam vaga no ensino superior.

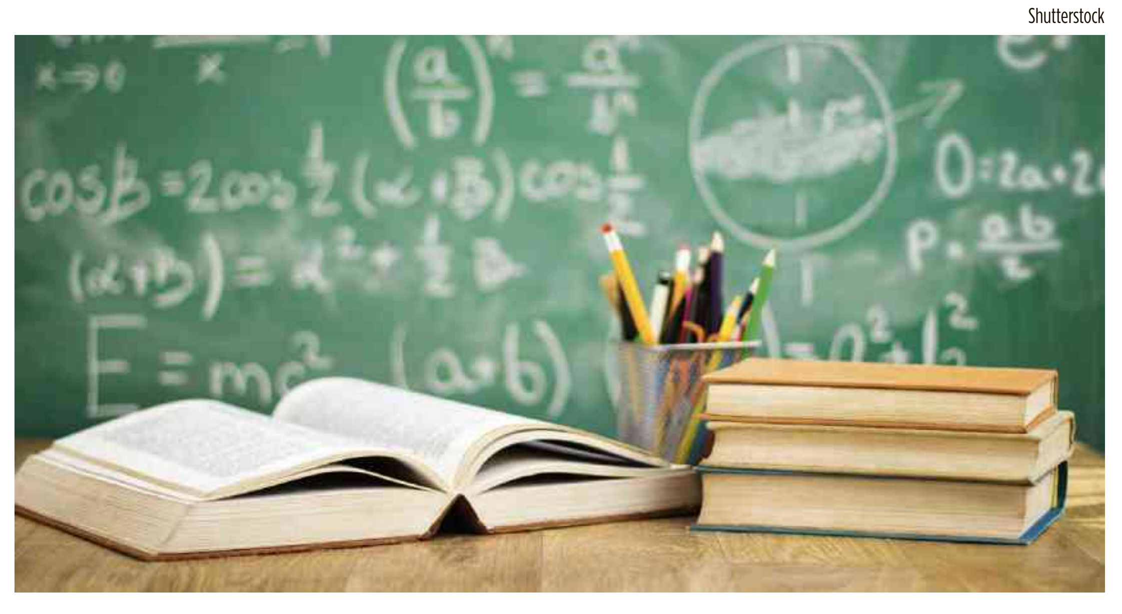




Dia da Educação: quem dará aula para nossos estudantes?

Além dos já conhecidos desafios da repetência e da evasão escolar, agora o país está sob risco, se nada for feito, de não ter professores suficientes para lecionar na Educação Básica até 2040

Shutterstock



Em 28 de abril de 2000, no Fórum Mundial de Educação, em Dacar, no Senegal, líderes de 164 países, entre eles o Brasil, assinaram o compromisso de garantir a educação para todos. Cumprir esse compromisso é urgente, uma vez que a educação de qualidade é um dos aspectos reconhecidos pela Organização das Nações Unidas como fundamentais para o desenvolvimento humano e para o combate das desigualdades. No entanto, no Brasil, que tem como patrono da educação Paulo Freire (1921-1997), educador pernambucano e autor da terceira obra mais citada em trabalhos de ciências humanas do mundo, "Pedagogia do Oprimido", a educação pede socorro.

O Censo da Educação, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), divulgado em fevereiro deste ano, com dados levantados em 2020/2021, revela que o futuro da Educação Básica está ameaçado pela falta de professores. Pelo menos 58% dos alunos de licenciatura, destinada à formação de docentes, abandonam o curso antes de obter o diploma. É a maior taxa de abandono da última década.

"Essa alta taxa de abandono é alarmante. Isso reflete a desvalorização da carreira docente, da profissão de professor, sem contar as condições de trabalho que são desafiadoras", afirma Fernanda Aparecida Yamamoto, coordenadora de Projetos Educacionais do Senac São Paulo. De fato, se a tendência de abandono persistir até 2040, o país não terá professores suficientes para lecionar na Educação Básica.

Além disso, outros desafios já conhecidos permanecem. O Brasil tem mais de 68 milhões de pessoas acima de 18 anos que não concluíram a Educação Básica. Entre 18 e 24 anos, são mais de 4 milhões. A maior taxa de repetência e evasão escolar acontece no Ensino Médio, respectivamente 3,9% e 5,9%.

Para a reitora da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), Amalia Andery, o cenário é preocupante. "Sem uma educação formal de qualidade não há possibilidade de um país, uma estrutura social, se manter como tal, e mais do que isso, avançar." Para a reitora, em relação a universalização do ensino, apesar de ainda haver desafios, o país deu passos importantes. "Na década de 1950, o brasileiro médio tinha três ou quatro anos de educação formal. Hoje esse indicador chega perto de 11 anos", diz.



> Sem uma educação formal de qualidade não há possibilidade de um país, uma estrutura social, se manter como tal, e mais do que isso, avançar
>
> **Amalia Andery,** reitora da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

Apesar da evasão escolar ainda presente houve avanços, na opinião de Amália, que ressalta que é preciso olhar também para a qualidade.

Para muitos especialistas, o ensino técnico, como parte do Ensino Médio, é uma solução que merece atenção no Brasil. Nesse aspecto, o censo mostrou evolução, com o crescimento das matrículas. De 1,9 milhão em 2019 para 2,37 milhões em 2023. Desse total, 1,3 milhão foram na rede pública e 1,07 milhão na rede privada.

Gerente executivo de Educação do SESI-SP, Roberto Xavier Augusto Filho acredita que a formação técnica e profissional é um aspecto importante que não deve ser deixado de lado, especialmente no Ensino Médio. "Países desenvolvidos, como Alemanha e Áustria, têm nessa modalidade de ensino um propulsor de suas economias", afirma.

Expansão e sucesso do modelo de ensino marcam 25 anos do Insper

Instituição sem fins lucrativos destaca-se pela inovação, qualidade e alto índice de empregabilidade de seus alunos

Neste ano, o Insper celebra 25 anos desde a criação de seus primeiros cursos de graduação - Administração e Economia. Agora é um novo cenário: no vestibular de meio de ano, alunos de todo o Brasil podem se candidatar a vagas nas carreiras de Administração, Economia, Direito, Ciência da Computação e Engenharias (Computação, Mecânica e Mecatrônica). O número de alunos saltou de 700 nos primeiros seis anos para os atuais 3.500.

A qualidade da formação do Insper é evidenciada pelo índice de empregabilidade de seus alunos. No ano passado, 93% dos formandos estavam trabalhando na iniciativa privada e 6%, empreendendo. Os demais optaram pela atuação no campo das pesquisas acadêmicas ou pela pós-graduação. Além disso, muitas startups tiveram início nas salas de aula da instituição ou foram criadas por integrantes da comunidade Alumni do Insper (ex-alunos). Entre elas, a Alice, a Ótica VerBem e a Shopper. Os alunos empreendedores do Insper já captaram, em conjunto, cerca de R$ 7 bilhões em recursos, entre 2021 e 2023.

Fundado por Claudio Haddad, em 1999, o Insper já trazia valores muito à frente do pensamento da época, conta a diretora de graduação, Priscila Claro. "Ser uma organização sem fins lucrativos era inegociável para nosso fundador. Uma instituição educacional não poderia seguir a mesma lógica de uma empresa que precisa distribuir dividendos. Em educação, a prioridade deve ser investir em profissionais de excelência, em tecnologia e na produção de conhecimento", afirma.

Assim, o Insper apostou em um modelo inovador de ensino. "Os cursos de Administração e Economia foram estruturados para formar pessoas com pensamento analítico, voltadas a solucionar problemas reais e liderar", afirma Tadeu da Ponte, coordenador de vestibular. Ao longo do tempo, essa estratégia foi intensificada e aplicada em todos os cursos da instituição, resultando em um ambiente de integração entre as carreiras e interação com empresas.

Já em 2004, ampliar o acesso a alunos de baixa renda tornou-se uma política da instituição com a criação do programa de bolsas de estudo. Atualmente, 10% dos alunos de graduação do Insper são bolsistas. Só no ano passado foram 340 bolsas de estudo (255 integrais e 85 parciais).

Em 2015, os cursos de Engenharia foram um marco importante. Com um currículo inovador, com disciplinas como Grandes Problemas da Engenharia ou Dispositivos que Movem o Mundo, o Insper passou a ofertar um curso singular na área, totalmente conectado às necessidades do mercado.

Já em 2021, foram criados os cursos de Direito - que concilia sólida formação teórica e humanista com desenvolvimento de habilidades práticas- e Ciência da Computação, que além de qualidade técnica também oferece intensa imersão do aluno no mundo real.

Sempre atento às mudanças do mercado de trabalho, o Insper acredita na educação para promover transformação no país. Para isso, trabalha na formação de líderes inovadores, com visão integrada de conhecimento e capacidade de aplicação na solução de problemas.

EstúdioFolha
projetos patrocinados
educação

Shutterstock



Professor: o protagonista da educação

Reverter a precarização da profissão de professor é um dos desafios importantes para elevar os patamares de qualidade do ensino no país

O desafio de elevar a qualidade da educação no Brasil passa obrigatoriamente pelo investimento no professor. Essa é uma afirmação, praticamente, unânime entre todos os especialistas que se debruçam sobre essa questão. E a situação nunca esteve tão crítica. De acordo com o último Censo Escolar 2023, mais da metade dos professores das escolas estaduais brasileiras (51,6%) trabalham sob regime de contratação temporária. Ou seja, não são concursados.

Apesar desse tipo de contratação estar prevista em legislação, essa relação de trabalho torna a carreira do professor, que já sofre com uma série de dificuldades, ainda mais precarizada. A contratação temporária foi liberada para que as escolas pudessem contratar profissionais para substituir professores efetivos em situações de afastamento, durante uma licença médica, por exemplo. No entanto, acabou tornando-se rotina diante da falta de profissionais concursados.

Baixos salários, carga horária excessiva, muitas vezes, com aulas em mais de uma escola, falta de infraestrutura mínima de trabalho, impossibilidade de investir na atualização de sua formação, problemas de segurança, esgotamento físico e mental são apenas alguns dos desafios cotidianos de quem é professor no Brasil.

A coordenadora de Projetos Educacionais do Senac-SP, Fernanda Aparecida Yamamoto, lamenta que a profissão de professor no Brasil seja desvalorizada. "Para reverter esse cenário, é essencial oferecer remuneração competitiva, oportunidades de desenvolvimento profissional e atuar na melhoria do ambiente de trabalho desses profissionais", afirma. Além disso, Yamamoto considera importante incorporar inovações pedagógicas que preparem melhor os estudantes para um mundo em rápida mudança.

Além de dar melhores condições de trabalho, também é preciso reverter o cenário de desinteresse dos jovens pela carreira. Os cursos de licenciatura que formam professores apresentam evasão de 58%, de acordo com o Censo de Educação do Inep. A Faculdade Sesi-SP de Educação oferece formação de professores na graduação. A formação dos futuros professores é realizada por áreas de conhecimento: Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática.

Com objetivo de reverter a taxa de evasão, a Faculdade Sesi-SP implementou um conjunto de políticas envolvendo inovação, inserção imediata na prática da sala de aula com mentoria, professores qualificados, gratuidade do curso e incentivo financeiro para despesas pessoais. "Essas medidas contribuíram para que reduzíssemos significativamente as taxas de evasão em nossos cursos", diz Roberto Xavier Augusto Filho, gerente executivo de Educação do Sesi-SP.



Para reverter esse cenário, é essencial oferecer remuneração competitiva, oportunidades de desenvolvimento profissional e atuar na melhoria do ambiente de trabalho desses profissionais

Fernanda Aparecida Yamamoto, coordenadora de Projetos Educacionais do Senac-SP



APRESENTA



Sesi-SP amplia programas para atender escolas públicas

Sesi para Todos já está presente em 536 municípios de SP e impacta mais de um milhão de alunos



Ayrton Vignola

Aula de formação com analistas técnicos educacionais do Sesi-SP

Uma iniciativa que atende professores e gestores de escolas públicas e impacta mais de um milhão de alunos. Este é o Sesi para Todos, que começou a ser implementado em 2022 e está em expansão: atualmente, está presente em 536 municípios de São Paulo (o equivalente a cerca de 80% das cidades do estado).

A ação teve início, segundo Laor Fernandes de Oliveira, gerente de Projetos Educacionais do Sesi-SP, porque a instituição percebeu que havia um abismo educacional que apareceu durante a pandemia. "O aprendizado das crianças caiu muito tanto no processo de alfabetização quanto em disciplinas como matemática e português."

Dentro do Sesi para Todos, há diferentes programas, que foram criados para atender necessidades específicas. O Recompondo Saberes foi o primeiro deles. Por meio de parcerias com prefeituras do estado, ele é voltado para diminuir a defasagem de alfabetização de estudantes do primeiro ao quinto ano do fundamental e para auxiliar na elevação do índice de proficiência de matemática e português para alunos do sexto ao nono ano do fundamental.

"Fornecemos material para ajudar os professores a fazer as crianças melhorarem em relação a essas defasagens", conta Laor. "Além disso, conseguimos realizar avaliações dos alunos no início e no final de cada semestre. E vimos que realmente há uma progressão no aprendizado. Os professores compraram a ideia, e as crianças gostaram dos materiais de estudo."

Outro programa do Sesi para Todos é o Novo Olhar, que oferece novas metodologias para os professores aplicarem aos estudantes.

Para a disciplina de matemática, os estudantes têm contato com o pensamento computacional e do modelo STEAM (com conhecimentos de ciências, tecnologia, engenharia, artes e matemática).

"Levamos propostas de atividades para os professores e vivenciamos as situações com eles. É uma abordagem que se apoia não apenas na teoria mas também na prática", diz Laor.

"O professor propõe aos alunos a resolução de problemas a partir do pensamento computacional. Eles decompõem números, percebem padrões, reconhecem algoritmos. Estamos tendo ótimos resultados."

Ainda dentro do Novo Olhar, para o ensino de língua portuguesa há o incentivo do uso da linguagem teatral, como forma de conectar o conhecimento.

"Desenvolvemos esse modelo como uma forma de ensinar língua portuguesa de maneira mais agradável para as crianças. Chamamos de Palavra Em Cena", afirma Laor.

Outro programa do Sesi para Todos é a Alfabetização Responsável, voltado para impulsionar o processo de aprendizagem de escrita e leitura dos alunos da educação infantil até os primeiros anos do fundamental.

"Está sendo um sucesso, pois ajuda os professores a verem a alfabetização com outras perspectivas, eles têm contato com maneiras para efetivamente alfabetizar as crianças. Oferecemos nova formação para esses profissionais. Para estimular a oralidade e incentivar a leitura", diz Laor.

O gerente do Sesi-SP chama a atenção para a importância da formação continuada dos professores.

"Não basta a formação inicial. Segundo dados do Inep de 2021, 79,4% dos professores da rede pública não foram atendidos com formação continuada no estado de São Paulo. É uma realidade que precisa ser encarada."

Nesse sentido, a Faculdade Sesi de Educação oferece cursos de aperfeiçoamento de gestores e especialização de professores nas quatro áreas do conhecimento (linguagens, matemática, ciências humanas e ciências da natureza), já com 39 parcerias fechadas.


SESI
Educação Forte » País Forte

EstúdioFolha
projetos patrocinados
educação

Vestibulares de inverno: no meio do ano, mais uma chance de entrar na faculdade

Oferta de carreiras é um pouco menor comparada ao vestibular do fim do ano, mas há boas opções e vale a pena pesquisar se o curso desejado está sendo oferecido

Shutterstock



Os vestibulares de inverno, que acontecem no meio do ano, em geral nos meses de junho e julho, são mais uma opção para os estudantes que buscam uma vaga no ensino superior. Nesse grupo de vestibulandos podem estar aqueles que não conseguiram entrar no vestibular do final do ano passado; estudantes que passaram no vestibular, começaram o curso, mas decidiram mudar de carreira; ou mesmo aqueles que precisaram de um tempinho a mais para escolher o curso.

"O vestibular de inverno também atende estudantes que cursam currículos internacionais, aqui ou fora do país, e acabam optando pelo ingresso no meio do ano, para compatibilizar calendários", explica Luciane Tudda, assessora de concursos da Reitoria da PUC-SP.

A oferta de carreiras no vestibular de inverno em algumas instituições pode ser um pouco menor quando comparada ao vestibular de verão (realizado no final do ano). Mesmo assim há uma boa oferta de vagas em instituições privadas e nas universidades federais e vale pesquisar se o curso desejado está sendo oferecido.

No Centro Universitário Senac, por exemplo, a maioria dos cursos que fazem parte do vestibular de verão também está no vestibular de inverno. "Adotamos essa prática pois há candidatos que se encontram durante o primeiro semestre em processo de definição de qual carreira pretende seguir", explica Daniel Garcia Correa, diretor acadêmico da instituição.

Já na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) é diferente. "No Processo Seletivo de Verão são oferecidas vagas para todos os cursos de graduação da universidade, enquanto no de inverno apenas para os cursos cujo Projeto Pedagógico prevê esse ingresso", afirma Luciane. São nove cursos de graduação/bacharelado: Administração; Ciências Econômicas; Design - Linha de Formação: Design de Interação; Direito; Engenharia Biomédica; Engenharia Civil; Engenharia de Sistemas Ciber Físicos; Jornalismo; e Relações Internacionais.

Em relação à concorrência nos vestibulares de inverno, em algumas carreiras pode ser um pouco menor. Talvez porque muitos estudantes optam por não participar desse processo seletivo, dirigindo seu foco para os vestibulares do fim do ano. No entanto, isso não se aplica a cursos tradicionalmente muito concorridos, como Medicina.

As formas de ingresso nos vestibulares de inverno, em linhas gerais, são realizadas pelo processo seletivo da instituição ou por meio da nota do Enem. No entanto, é muito importante consultar o edital do vestibular porque há diferenças entre as instituições.



> O vestibular de inverno também atende estudantes que cursam currículos internacionais, aqui ou fora do país, e acabam optando pelo ingresso no meio do ano, para compatibilizar calendários
>
> **Luciane Tudda,** assessora de concursos da Reitoria da PUC-SP


B80
BAND 80 ANOS
ESPANHOL FLUENTES · É BAND ·
DELE · Diploma de Español como Lengua Extranjera
80 anos aprovando nas melhores universidades do mundo.
É mais que bilíngue.
É Band.
colband.net.br
/colband
Colégio Bandeirantes

EstúdioFolha
projetos patrocinados
educação

Shutterstock

Uma boa estratégia de estudo é essencial no vestibular

Cada instituição tem especificidades no processo seletivo e muitas informações que ajudam a montar seu plano de estudo estão no edital

Estar bem preparado para o vestibular é a primeira orientação indicada pelos especialistas. E não importa se o vestibular é de inverno ou de verão, as exigências em relação ao conteúdo costumam ser as mesmas, de acordo com cada instituição. O ideal é montar uma estratégia de estudo e, para isso, o primeiro passo é ler o edital do vestibular que vai prestar para ter clareza quanto à forma de acesso; como serão as provas; e saber quais são as matérias que têm mais peso.

"Conhecer o estilo da prova contribui para possíveis revisões de conteúdos e administração do tempo, bem como aumenta a segurança em relação ao processo seletivo", afirma Luciane Tudda, assessora de concursos da Reitoria da PUC-SP.

Outra recomendação importante diz respeito aos vestibulares que contam com prova de redação. Para ir bem nesse tipo de prova, além da boa escrita, é importante estar atualizado sobre os principais temas em destaque no mundo. Não raro, a redação está relacionada a assuntos da atualidade. Se o vestibulando não souber nada sobre o tema terá dificuldades para desenvolver a redação. Fontes de informações é que não faltam, inclusive, com acesso facilitado pela internet. Mas é preciso ser criterioso em relação à qualidade do que se busca na internet. Vale ler, assistir documentários e ouvir podcasts.

Cuidar da saúde mental também é importante para o bom desempenho no vestibular. Para Luciane, é recomendável que o estudante descanse no dia anterior à prova. "Manter a tranquilidade e confiança na aprendizagem que adquiriu durante a vida acadêmica é mais importante do que estudar na última hora", diz.

Outra dica importante que contribui para a tranquilidade no dia da prova é verificar com antecedência os aspectos operacionais e burocráticos em relação ao vestibular. Por exemplo, conferir com atenção os documentos necessários e, se a prova for presencial, checar o endereço onde será realizada. Nesse caso, vale inclusive, antes do dia do exame, ir até o local e avaliar o itinerário e o meio de transporte. No dia do vestibular, sair com a antecedência necessária, considerando um tempo a mais para o caso de algum imprevisto de trânsito.

No caso da PUC-SP, que adota o vestibular presencial, Luciane recomenda vestir roupa confortável e providenciar água e o lanche que pretende consumir no decorrer da prova.

Já no caso de provas aplicadas online, como acontecem no Centro Universitário Senac, Daniel Garcia Correa, diretor acadêmico, ressalta ser importante que o candidato esteja em um local tranquilo, em que ele possa se concentrar nos enunciados e textos que são exigidos no processo.



Conhecer o estilo da prova contribui para possíveis revisões de conteúdos e administração do tempo, bem como aumenta a segurança em relação ao processo seletivo

Luciane Tudda, assessora de concursos da Reitoria da PUC-SP



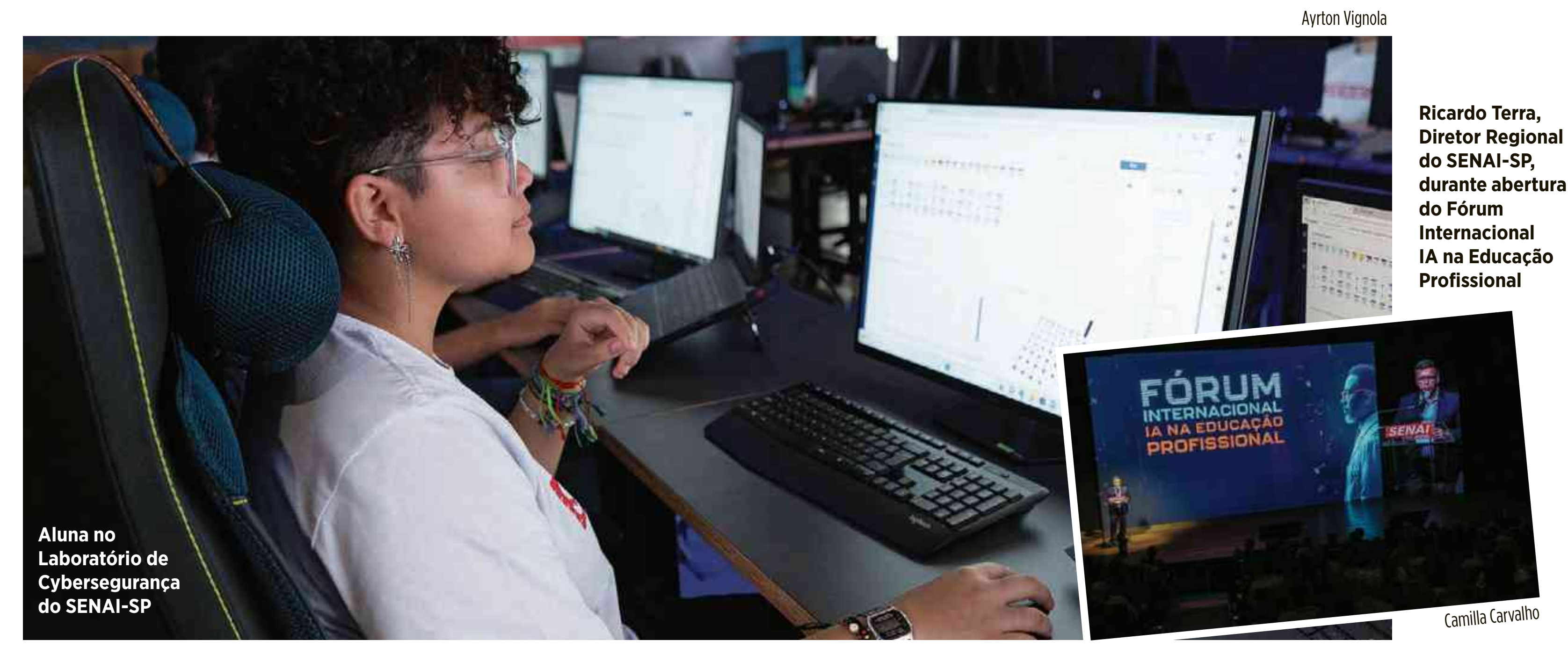
APRESENTA

Estúdio Folha
projetos patrocinados
educação

Inteligência artificial impacta educação e mercado de trabalho

Para o Senai-SP, o debate sobre essa tecnologia precisa estar baseado em evidências

Ayrton Vignola



Aluna no Laboratório de Cybersegurança do SENAI-SP

Ricardo Terra, Diretor Regional do SENAI-SP, durante abertura do Fórum Internacional IA na Educação Profissional

Camilla Carvalho

Para muita gente, a inteligência artificial é uma ameaça que vai acabar com os empregos e até com a civilização como a conhecemos. Para outras pessoas, ela é a tecnologia que vai ajudar na cura de diversas doenças, aumentar a produtividade no trabalho e expandir o conhecimento a níveis não imaginados.

Para o SENAI-SP, a abordagem não é escolher um lado, mas sim compreender a dualidade da IA e posicionar-se na aplicação dessa tecnologia de maneira que beneficie o desenvolvimento socioeconômico de forma sustentável.

"É importante que abordemos as novas tecnologias de maneira equilibrada, evitando tanto o pessimismo catastrófico quanto o otimismo exagerado. Ao falar de inteligência artificial, precisamos assegurar que sejamos nós a direcionar e dominar a tecnologia, e não o inverso", afirma Guilherme de Souza Dias, líder de Tecnologias Educacionais do Senai-SP.

"Um exemplo de como a IA pode ser útil é na melhoria da produtividade. Com o envelhecimento populacional, é crucial aumentar a produtividade para compensar a diminuição da força de trabalho, que terá de sustentar um número crescente de consumidores. Nesse contexto, as IAs podem desempenhar um papel vital", diz.

O tema inteligência artificial é um dos mais discutidos pela sociedade. Muito por causa da popularização de ferramentas como o Chat-GPT, que veio a público no final de 2022.

Há décadas que se trabalha com IA. Mas o Chat-GPT é uma IA generativa, ou seja, gera conteúdos a partir de uma grande base de dados, e pode ser usada de maneira fácil e prática por qualquer pessoa.

Seja na educação, seja no mercado de trabalho, as IAs vão causar impactos que ainda não estão definidos. Por isso, segundo Guilherme, temos alguns desafios e oportunidades na aplicação dessas tecnologias. "Um desses desafios é a qualidade e a coerência dos dados utilizados. Outra preocupação crucial é o viés, que não se apresenta apenas como um desafio técnico, mas também reflete as escolhas sociais e políticas sobre quais dados coletar e como, trazendo à tona questões éticas significativas. Além disso, a privacidade é uma questão fundamental. É essencial que essas tecnologias respeitem a confidencialidade e a inviolabilidade dos dados pessoais."

Mas, para Guilherme, os benefícios são claros: "As IAs generativas incluem personalização do aprendizado, aumento da eficiência, e melhoria no acesso a recursos educacionais".

Em relação ao impacto no mercado de trabalho, Guilherme afirma, "entendemos estar categorizado em três aspectos principais: complementaridade, substituição e neutralidade. A IA tem o potencial de complementar funções existentes, adicionando ou modificando habilidades; substituir completamente certas profissões, dando lugar a novas áreas de atuação; e ser neutra, sem impactar significativamente algumas carreiras". Por isso, os profissionais terão de aperfeiçoar suas habilidades e seus conhecimentos. "Existe um caminho a ser trilhado, e isso traz responsabilidade para as instituições de ensino e para o poder público. Quanto mais rapidamente conseguirmos entender e aplicar a IA, de forma responsável e inovadora, mais rapidamente o Brasil vai aumentar seus níveis de produtividade."

Para a atualização contínua de seus profissionais, o Senai-SP mantém, desde 2012, o programa Proeducador, sendo que dentro do tema IA foram criadas trilhas de formação para os docentes.

Além disso, a instituição promoveu em 26 de março o Fórum Internacional de Inteligência Artificial na Educação Profissional, em que palestrantes debateram os impactos da IA no mercado de trabalho, como ela pode auxiliar professores dentro da sala de aula e, também, ética e regulação dessa tecnologia.